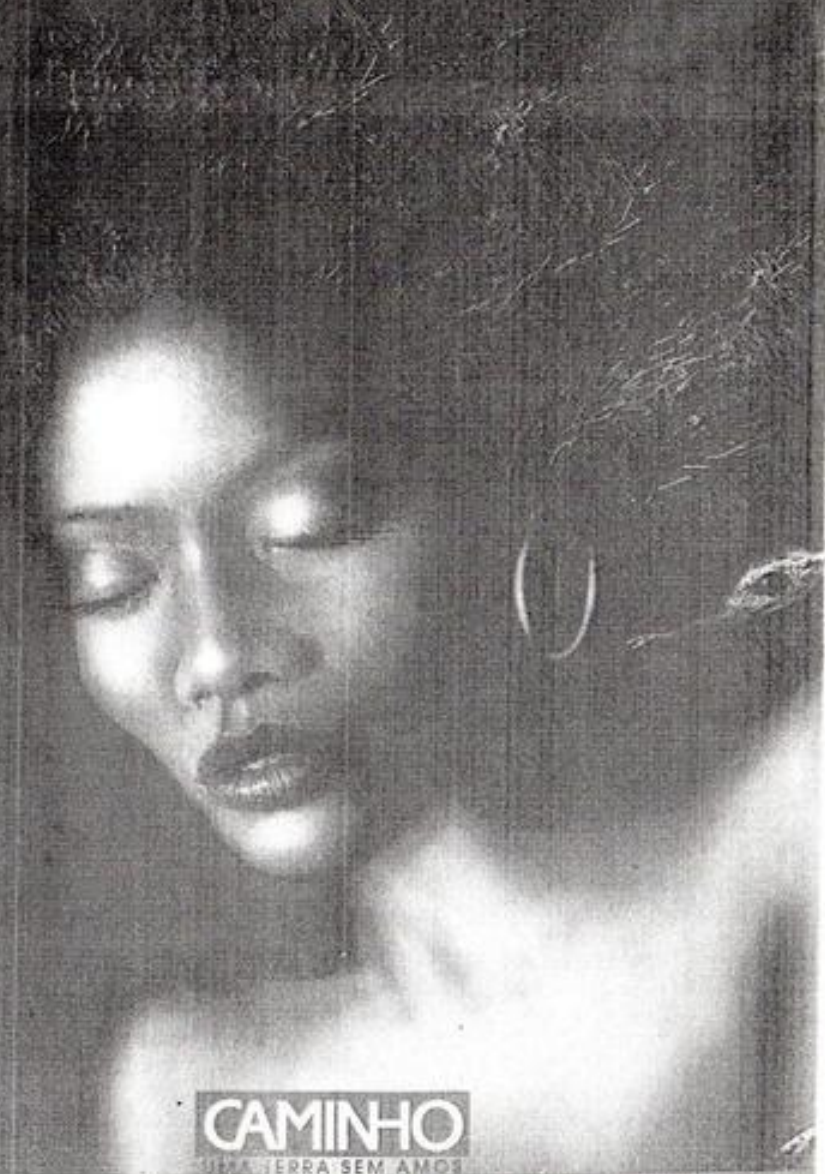


Paulina Chiziane

O Sétimo Juramento

ROMANCE



CAMINHO
A TERRA SEM AMOS

CAMINHO

PAULINA CHIZIANE — O Sétimo Juramento



Paulina Chiziane

◆
O Sétimo Juramento

R O M A N C E

CAMINHO

UMA TERRA SEM AMOS

Com
AMADEU ESPÍRITO SANTO
Posso caminhar, até aos mais profundos
mistérios do destino

O SÉTIMO JURAMENTO
Autor: Paulina Chiziane
Design gráfico e ilustração da capa: José Serrão
© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 2000
Tiragem: 2000 exemplares
Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense, L.^{da}
Data de impressão: Maio de 2000
Depósito legal n.º 151 654/00
ISBN 972-21-1329-1

www.editorial-caminho.pt

*Hlula mine
U hlula tingonyamo
U ta teka tiko, i dzaco!*

*(Vence-me
Vence também os leões
e a terra será tua)*

Fani Mpumo

A handwritten signature in cursive script, possibly reading 'J. L. L.', located above the chapter title.

I

A ilusão de um amanhã melhor há muito murchou, por isso o msaho morreu em Zavala. Por todo o lado impera a força das armas e a pirataria das armas. Evaporou-se a água que refresca os destinos da humanidade, tudo é fogo.

Mulher e homem, forte e fraco, fogo e água, desfilam em círculo como as estações do ano. Morre um e vem outro, nunca caminhando juntos para a harmonia da natureza. As palavras fome, guerra, greve, fuga, massacre, roubo, desgraça, fazem hoje o discurso da maioria. Os passos dos homens já não são desfiles serenos, mas marchas de protesto. As palavras poder, revolução, soam como maldição, nos ouvidos ensurdecidos pela violência das explosões em nome da democracia.

O derramamento de sangue é premeditado, planejado, com uma intenção benéfica e um projecto de nobreza. Vidas são cabelos, dizem os guerreiros. Cor-

tam-se poucos e nascem muitos, mais fortes e mais saudáveis. Há cada dia menos escolas, menos emprego, menos chuva, mais fogo, mais sol, mais armas. Há mais mortos do que vivos, mas ainda não é chegado o fim do mundo, a vida triunfará, para a glória do vencedor. O campeão desta guerra construirá o majestoso palácio imperial com ossadas humanas que andam às toneladas nas matas.

Chove. Em todos os abrigos os seres vivos repousam e se renovam. Lá fora, o frio corta e gela como uma lâmina aguçada. É Inverno, é Junho. No bairro alto a energia eléctrica é consumida a todo o vapor e aquece as casas dos ricos. Os pobres, esses confortam-se nos braços das amantes. Não ter manta nem amante para se aquecer é ser o mais miserável dos pobres no mês de Junho.

O céu clareia timidamente e as pessoas ensaiam o despertar. O tempo convida para o calor da cama, mas o conforto é privilégio dos ricos. Os operários despertam. Mesmo sem lavar o rosto e os dentes, abandonam a casa e engrossam a marcha da multidão na estrada grande, porque as sirenes das fábricas tocarão dentro de pouco tempo.

No meio da multidão os operários não olham para o céu nem para o lado, muito menos para os rostos dos que caminham na mesma direcção. Olham para o chão, para o asfalto negro, tão negro como os seus destinos, seus sonhos e suas vidas. Olham para trás, para buscar consolo nos bons momentos do antigamente.

Na marcha silenciosa, alguém se lembra de sintonizar o rádio na esperança de ouvir a música do amanhecer. A rádio não dá os bons-dias ao povo, nem um despertar suave para reanimar as esperanças. Nos dias que correm, as emissoras radiofónicas pactuam com a morte. O locutor da rádio anuncia a morte de ho-

mens em combates, assaltos e massacres. Fala de gente morta de fome, de sede, de desespero em todos os cantos do país. O locutor da rádio é um mensageiro da morte e executa a tarefa com competência e ingenuidade. O conteúdo do seu noticiário pretende apenas dizer: sou a morte! Sou o rei das trevas! Onde quer que estejas, desperta, escuta-me, prepara-te, que eu te virei buscar mesmo a ti que ainda dormes e roncas.

Hoje o locutor diz que a guerra vai acabar. Fala com convicção, talvez alguém lhe tenha dado garantias. A multidão de homens não lhe escuta, caminha, porque mesmo terminando a guerra das armas, continuará a guerra do pão e dos direitos do homem.

Agora o locutor fala de uma greve. O operário aumenta o volume. Os homens interrompem a marcha e escutam. «Na Companhia Nacional Indústria Açucareira morreram quatro homens em confrontos com a polícia. O director-adjunto da empresa foi gravemente ferido pelos grevistas. O diferendo já foi ultrapassado com vitória para os grevistas, que receberão cinquenta por cento de aumento salarial.» Os homens retomam a marcha entristecidos porque todas as greves têm o mesmo balanço: humilhação, luta e morte. Os cinquenta por cento de aumento são uma falsa conquista, porque serão novamente arrebatados pela subida do preço do pão.

Sob o chão negro de asfalto a terra compadece-se dos homens que a pisam. O último a rir é que ri melhor. Na hora H, ela abrirá as goelas ávidas de carne e engolirá esses insensatos de músculo e água num sorriso macabro.

Reina o espectro da morte sobre os homens que caminham apressados nas estradas da cidade grande, mas estes a ignoram. Sonham. Desejam casar mais esposas e ter mais filhos para que as gerações continuem por toda a eternidade. As mulheres pensam nos

filhos, operários de amanhã. Nos jovens o sonho de futuro desperta raivas escondidas. Para conquistar o amanhã é preciso arregaçar as mangas para vencer a batalha de hoje.

II

David acende a luz e olha para o relógio. São quatro e meia da manhã. Liga o rádio para ouvir as notícias da madrugada. A greve dos trabalhadores da indústria açucareira soa-lhe como o silvar de espadas.

— Meu Deus, o que vem a ser isto?

O desespero apossa-se da sua alma como um condenado a um passo da morte. Sinais dos tempos — enerva-se —, sinais de mudanças. O passado volta a reflectir-se com novas roupagens. Vai à janela e espreita o sol. A madrugada está chuvosa. Triste. O vento arrasta nuvens densas que trazem à alma medos inimagináveis. Pensamentos maus transbordam como uma fonte de águas turvas, o corpo gordo fica abatido em segundos.

As faces dos operários da empresa estatal que dirige ganham contornos precisos. Pensa no seu desempenho. A sua actuação é digna de censura. Faz o balanço. Os operários do açúcar não recebem há vinte e quatro meses. Os seus não recebem há apenas seis meses. Muito pouco tempo. Comparado com outros directores ele é um santo. Os motivos destes atrasos têm a sua razão de ser. Tirou alguns fundos para adquirir uma viatura nova e celebrar condignamente os quarenta anos de Vera, sua esposa. Tomou outros fundos para comprar acções de um grande empreendimento. Não se trata de fraude, nem de roubo. Foi

uma transferência de fundos, uma espécie de empréstimo para criar capital, cuja reposição será feita na devida hora. Um director que se preza deve ter capital próprio, uma representação compatível com o cargo.

Pensa com mais frieza. Neste mundo ninguém é bom para ninguém. Enganamo-nos uns aos outros. Tiranos brancos substituídos por tiranos negros, é a moral da história. Tirania é filha legítima do poder. Justiça e igualdade é negócio de Deus e não preocupação dos homens.

Imagens de um passado de glória correm na mente como fotografias. Treinos militares e guerra contra o colonialismo, marchas, combates. Sabotagem. Comícios. Discursos. Palavras de ordem. Euforia, sonhos, convicções. Vitória final sobre o colonialismo. Delírio colectivo no dia da celebração da independência. Recorda com saudade as sessões de estudo em grupo das políticas revolucionárias. Recorda a linguagem antiga. Camarada comandante, camarada pai, camarada esposa, camarada chefe. Muita amizade, solidariedade, camaradagem verdadeira. Naquele tempo tinha o coração do tamanho de um povo, mas hoje está tão pequeno que só alberga a si próprio. Agora, a palavra povo é um simples número, sem idade nem sexo. Sem sonhos nem desejos. Apenas estatística.

— No tempo da revolução investi. Agora estou na fase de egoísmo. Quero colher tudo o que semeiei. Este estatuto de director não foi dádiva, foi conquista. Lutei para a liberdade deste povo.

Volta para a cama. Enterra a cabeça na almofada disposto a esquecer os maus pensamentos. Adormece.

III

Vera desperta. Levanta-se calmamente e dirige-se à varanda, a respirar o cheiro do mundo, porque cada amanhecer é uma nova ressurreição. Bandos de mulheres marcham em cada despertar, eternas escravas da estrada grande. Uma mãe arrasta os filhos que a seguem, contrariados. O mais novo recusa-se a caminhar. Vera observa melhor e descobre que não se trata de recusa nenhuma. De tão encharcada que está, a criança treme, convulsiva. Esta criança ficará doente e o enfermeiro suspeitará de pneumonia e enviará o caso ao médico. O jovem doutor recém-formado receitar-lhe-á aspirina, porque a pobre mãe não terá dinheiro para comprar antibióticos nem pagar a consulta de primeira classe.

Correm-lhe na mente memórias da infância. Uma palhota fria. A panela vazia. Os lamentos da mãe e o choro das crianças que não suportavam a fome e o frio. Do seu pedestal solta o espírito e deixa a mente vadiar na pobreza que desfila na estrada grande. Como um anjo da guarda, abraça cada alma que passa e sente o desconforto da desigualdade. Os que trabalham a vida inteira recebem a miséria como prêmio e ela, que nada faz, tudo tem. Encolhe os ombros impotentes, e deixa-se embalar por pensamentos tristes. Levanta os olhos para o horizonte. A chuva espalha sobre a terra um canto de desespero. Emociona-se.

Desperta para a sua realidade e limpa as lágrimas. O que me deu hoje, para me preocupar com os problemas dessa gentilha?, censura-se. Nasci da pobreza, mas não tenho a sina de miséria. Tenho um marido que me dá tudo: um orçamento gordo no fim de cada mês, sexo na hora certa, honra, prestígio social. Cada um tem a sua sina e carrega a sua cruz. Essas mulhe-

res sem trela pululando pela estrada grande e na maior das misérias devem ser uma cambada de divorciadas, prostitutas reformadas, mulheres soltas que desprezaram o casamento para viver com mais liberdade todos os prazeres da vida.

À medida que o céu clareia o bando de mulheres desfila em número crescente. Olham-na. Invejam-na. Ela olha-as de cima e mostra-lhes o traseiro. Despreza-as. Sente em si a nuvem que voa alto e não se mancha, porque os problemas do mundo estão muito abaixo dos seus calcanhares. Regressa à cama e abraça o seu homem. Beijam-se suavemente, no ritual do bom dia. A volúpia invade-os, o beijo cresce e se alonga, acabando por transvazar como as águas furiosas do leito do rio.

IV

Vera vai à cozinha e prepara o pequeno-almoço. Esmera-se. Capricha. Enfeita a mesa. Convida o seu homem a tomá-lo antes que arrefeça. Aconselha-o a comer depressa, falta pouco tempo para o início da reunião da directoria na empresa onde o David ocupa o posto de director. Em silêncio ele come o bife, as batatas fritas, o ovo estrelado e pão torrado com manteiga. Ela come apenas uma laranja para não ganhar gorduras e perder a linha. Olha para o marido e pensa nele. Fala apenas para ele, estimulando-lhe o apetite com palavras carinhosas e chama-lhe de filho, filhinho, filhote, amor, amorzinho, por dá cá aquela palha.

Vera aprecia o marido acariciando a barriga cheia. Que bom que ele come tão bem. Acabou a comida

toda, todinha! Todas as pessoas deviam comer assim. De janela aberta lança olhos para o mar, para o horizonte.

A carícia de David devolve-a à realidade.

— Olhando para o mar?

— Sim, para o mar.

— Sonhando?

— Não. Pensando.

— Posso saber em quê?

— Ouvi o noticiário da meia-noite. A onda de greves. Os operários mortos. Os salários em atraso. O vandalismo contra os directores.

— E da?

— Penso em ti.

— Sofrimento antecipado, para quê?

— Tenho maus pressentimentos.

— Não é nada connosco.

— Por enquanto.

— Anima-te que não há nada a temer. Sou um homem honesto, sabes disso. Os operários gostam de mim. Têm orgulho em mim. Precisam de mim, nada vai acontecer.

— Tenho medo!

— Oh, Vera! Não gosto de te ver a falar de política e muito menos de empresariado, coisa que mal conheces. Fala antes de Deus. Dos nossos filhos. De jardins e de flores, porque o teu lugar é entre as flores.

— Tratas-me sempre como uma criança. Os meus pensamentos para ti não valem?

— Fecha essa boca, Vera!

David faz cara de zangado e levanta-se da mesa. Vera persegue-o, como uma cadela ao seu dono. Ajuda-o a vestir-se e a colocar a gravata.

No quarto dos pequenos há algazarra, um deles chora. Vera corre em socorro do chorão. O marido

diante do espelho chama-a. Larga o menino para cuidar do pai.

— Estás bonito, meu amor.

Vera fala com a voz mais meiga do mundo para acalmar a pequena arrelia provocada pela conversa de há momentos. O marido oferece-lhe o beijo de despedida, está na hora de partir para o trabalho. O beijo é interrompido pelo berro assustador da criança mais nova que, ciumenta, reclama também o seu beijo. Ela corre incansavelmente de um beijo para o outro. O homem marido e o homem filho dão-lhe imenso trabalho, mas também imenso prazer. Mulher bantu é assim. Tem o coração demasiado grande para todos os amores e todas as dores, do marido, dos filhos e de todas as coisas que o mundo tem.

V

Clemente está à janela. Da mãe herdou o hábito de despertar e respirar o cheiro do mundo. Gosta de fazer confidências com o amanhecer e formular os desejos do dia. Fixa os olhos no céu negro. A chuva pára e as nuvens fazem remoinhos assustadores. Vê um bando de corvos medonhos em voo rasante, rápidas e ameaçadoras como caça-bombardeiros em tempo de guerra. Recua. Tapa os olhos com as cortinas, mas a nuvem persegue-o. Assusta-se e lança um grito infernal.

Deitada no seu quarto, Vera procura ausentar-se da vida e do mundo. Faz esforço para identificar o que a deprime. Talvez seja o tempo. A chuva. O frio. Talvez seja a conversa do pequeno-almoço. Ser adulta e ser tratada como atrasada mental por um marido

rico, é deprimente. Consegue dormir uns minutos, mas os ouvidos sonolentos captam um grito. De onde virá? Acalma-se. Quem vive no mais alto do monte está mais próximo de Deus, ouve música e não gritos. Pensa na chuva, nas cheias. Gente engolida e submersa. Deve ser um pedido de socorro de um pobre a ser arrastado pelas águas na estrada grande. A criada desperta a patroa que vai em socorro do filho enlouquecido.

— Clemente, meu Clemente! O que foi? O que há?

O vento traz agora uma rajada fria, enquanto as nuvens se desfazem na chuva dos séculos. Das palavras da mãe Clemente nada escuta, porque o vento levou-lhe a alma na sua marcha. Os olhos abandonam as órbitas e prendem-se no espaço, como se tivessem esbarrado com o incrível, o terrível. Manchas de diversas tonalidades e formas bailam sobre o cinzento e ganham formas de vultos, de serpentes, de pássaros medonhos. Vera esforça-se por trazer o filho à realidade. Segura-o pelos ombros, sacode-o.

— Clemente, o que foi, o que se passa, vamos, diz-me!

Aterrorizados, os olhos de Clemente galgam distâncias, ausências, alcançando e ultrapassando os céus negros. Lê-se no seu semblante uma raiva de fogo, um conflito gigantesco derrubando-o na guerra dos séculos. Imagens incoerentes cegam-lhe a vista como uma cortina de fumo.

Vera acaricia o filho e sente-lhe a pele húmida e fria trazendo a sensação de morte. Entra em pânico. Em silêncio implora, suspira.

— Pode um filho morrer diante da mãe, pode? Isto deve ser obra de um feitiço, de possessão, de loucura.

Vera tenta gritar por socorro, mas sente a garganta apertada por uma angústia profunda. Faz um esforço

e fala numa voz desconcertada e sem ritmo como o eco das cavernas.

— Clemente, o que foi, o que se passa, vamos, diz-me!

Clemente não reage e nem escuta, de atenção presa ao alvo imaginário. Vera ergue o filho nos ombros para levá-lo ao hospital mais próximo, e tenta caminhar com o pesado fardo. Dá dois passos. Pára. Clemente solta-se e corre como um louco por todos os cantos da casa, como se pretendesse agarrar com as mãos os segredos do mundo tenebroso que acaba de descobrir. Corre para a janela, algo de maravilhoso o atrai nas alturas. Levanta os braços e dá um salto de Tarzan em direcção ao cinzento-celeste. Bate com a cabeça no vidro que estala em pequenos estilhaços abrindo-lhe na testa uma enorme ferida e cai, perdendo os sentidos. Vera ajoelha-se. Ergue o filho e o ampara, assistindo ao despertar do pesadelo. Este, já de pé, contempla a sua imagem coberta de sangue, tentando compreender o que se passou. Os olhos contraem-se na reidentificação da realidade.

Vera arrasta o filho para a cama e tenta estancar o fio de sangue que corre pela testa. Interroga-o.

— O que te assusta tanto assim?

— O trovão, mãe.

— O trovão?

— Sim, mãe!

— Que ideia! O trovão faz parte da natureza, é gémeo da chuva, bem sabes disso. Resulta da electricidade do céu, das nuvens, é melodia celeste.

— Não a trovoada em si, mas as imagens que desfilam ao ritmo dos estrondos.

Vera respira fundo, mais tranquila. Afinal de contas não se trata de nada assim tão grave. Simples fobias. A trovoada e o raio provocam medos em muitas pessoas. Esta cabecinha de dezassete anos ainda está

cheia de vento. O cérebro ainda está branco e não cinzento. O desprezo que o pai lhe dedica desde a infância produziu marcas, cicatrizes, traumas.

— Imagens? Vamos, conta-me.

— Nos dias de trovoada, há sempre uma nuvem que se destaca. Um conjunto de manchas em remoinho. Uma gota de água que vai crescendo, crescendo até ganhar o tamanho de um balão. Dentro do balão há algo que se move como um peixinho.

Clemente faz uma pausa para suspirar e reduzir o peso do cansaço. A história que conta penetra na mente de Vera como um conto de fadas. Ri-se de si própria e dos medos de há pouco. Ela também conheceu pesadelos, por causa de histórias de fantasmas, dragões e papões, contados à volta da fogueira.

— Deve ser dos filmes. A televisão rouba às crianças os seus sonhos de paz. Terror e violência no ecrã não são coisa boa, causam pesadelos como estes. Evita-os, está bem?

— Ainda não disse tudo, mãe. No pesadelo de há pouco, vi uma menina feliz voando no espaço. Vem um raio e corta-lhe as mãos que caem sobre o solo, enquanto ela continua a navegar no espaço, e depois vai sangrando, caindo, morrendo. Saltei para salvá-la, mas era tarde de mais.

Vera passa as mãos pelos cabelos que começam a encharcar-se de suor. Não se trata de uma história banal, mas de um enigma que se revela. Será consumo de droga? Loucura? Possessão? Feitiço?

— Os pesadelos acontecem a muita gente — consola —, esquece-os. Toma o teu pequeno-almoço, que isso passa.

— Por vezes vejo coisas difíceis de explicar.

Vera teme o que vai ouvir, mas esforça-se por disfarçar o medo.

— Vamos, conta-me.

— A água, mãe. As imagens reflectem-se em todas as formas da água. No vapor de uma chaleira a ferver. No fundo de uma chávena de chá ou de café. No aquário da sala. No chuveiro. No prato de sopa. Na piscina — faz uma pausa longa para ganhar fôlego. — No princípio julgava que era normal, mas acabei por descobrir que nem todos vêem o que eu vejo.

— Fala-me dessas imagens.

— Vejo paisagens, pessoas, flores e coisas sem forma. Vejo pessoas à noite, voando nuas, como bruxas em vassouras de palha. Oíço vozes, sons. Vejo árvores que florescem e frutificam só à noite.

— Desde quando?

— Desde pequeno. Na piscina da escola infantil via peixes que para os outros não existiam.

— E sempre escondeste as tuas visões. Porquê?

— Não queria que ninguém soubesse. Tinha medo.

— De quê?

— Podiam tratar-me como louco. O que eu passo é difícil de explicar, mãe.

— Vamos, conta-me tudo.

— Nos dias de trovoada, há sempre uma figura humana que aparece entre fogo e fumo, tão mágica como a lâmpada de Aladino. É um velho muito alto, muito magro e muito negro. Diz-me coisas que não consigo entender. Persegue-me. Às vezes aparece no aquário da sala, na bacia de água quando tomo banho todas as manhãs. Cheguei a pensar que esse homem vivia dentro da minha cabeça e seguia o percurso dos meus olhos, mas acho que ele existe e vive numa dimensão que não alcanço.

Depois de acalamar o filho Vera dirige-se para o seu quarto. Puxa uma cadeira. Senta-se. Crava os olhos no vazio, procurando afastar os vestígios do pesadelo vivido há pouco. Lá fora, as nuvens desfa-

zem-se em chuva fria. Faz os possíveis por acreditar que tudo não passa de um pesadelo de adolescência nascido de um filme de terror, mas a parte mais irracional do pensamento insurge-se contra todas as lógicas. Desde o princípio do mundo que a trovoadas traz, nas mentes humanas, imagens de pavor.

X Se os medos de Clemente são pura fantasia, os seus são verdadeiros, com personagens reais e concretos. Basta o céu ficar nublado que ela imagina um raio. E o raio traz a imagem do fogo aceso, do fumo, de gritos histéricos e rituais medonhos. Vera tinha cerca de oito anos. Chapinhava nas lagoas lamacentas dos subúrbios com um grupo de amigas quando viram um saco a flutuar. A curiosidade infantil levou-as a apanhar o saco e a abrir. Estavam lá duas criancinhas recém-nascidas, afogadas. Seguiu-se a gritaria e os movimentos da polícia: A princípio julgou-se que fosse um dos frequentes casos de bebês atirados no lixo, mas a investigação provou o contrário: as crianças tinham sido sacrificadas ao deus trovão por um casal oriundo da região de Matutuine, terra de domadores de trovão. Acreditam que os gémeos são amigos do trovão, atraem os raios que causam desgraças.

O dia de trovoadas é dia de terror. Dia de Domezulu, a serpente do céu. Dia do galo negro vencedor de todos os combates. Dia em que Xango, o terrível deus da guerra e da morte, atira as flechas de Ogun para demonstrar os seus poderes infinitos e castigar todos os que provocam a sua ira. No dia de trovoadas os curandeiros abrem todas as magonas fazem uma prece à trovoadas, gritando: «Domezulu, estas são as minhas magonas. Veja com os teus olhos, não tenho nenhuma alma prisioneira. As minhas acções são benéficas, nunca comi ninguém. Domezulu não me castigue, Domezulu poupa-me, não me castigue, sou seu servo.»

Vera recua a memória e recorda uma mulher jovem que vivia na aldeia materna, que se dizia cabalista e feiticeira. Quando o trovão ribombava, ela ficava apavorada, despiu-se e ia para a praça pública confessar os seus crimes. Gritava como se estivesse a ser açoitada por chicotes invisíveis e confessava terrores inimagináveis: «Fui eu que desenterrei o cadáver de fulano. Eu e as minhas parceiras comemos a criança da vizinha. Não, não, o gado não fui eu que roubei, mas a doença da fulana fomos nós que provocámos, mas não conseguimos matá-la, nem comê-la, tem carne rija e amarga.» Gritava pelo perdão, e ficava num estado tão miserável que fazia dó. Quando a trovoadas terminava ela recolhia à sua palhota envergonhada e escondia a face à comunidade inteira.

Desde os tempos mais antigos que os crentes do misterioso realizavam o sacrifício dos gémeos em homenagem ao deus trovão. Com a mudança dos tempos essas práticas foram condenadas e banidas. Ainda hoje, nos cantos mais distantes do mundo, os gémeos continuam a ser sacrificados pelos próprios pais. Logo ao primeiro sinal do trovão os gémeos são deixados ao relento e as coisas são feitas de modo que tudo pareça um acidente natural a fim de escapar à repressão das autoridades. Normalmente essas crianças são arrastadas pela corrente e morrem afogadas. Quando escapam, apanham doenças graves, que nunca chegam a ser tratadas, porque contraídas em rituais divinos. Estranho costume. Por um gémeo morto não se observa o luto de pelo menos uma hora. Porque são dois numa alma só, dizem. Porque o luto pode atrair a morte do outro.

Vera é percorrida por um arrepio que lhe causa um forte tremor. Agoniada, tenta juntar retalhos da vida. Receios antigos sobem à superfície e ganham forma e o futuro desenha-se nublado.

Deita-se na cama e fecha os olhos procurando evadir-se dos problemas do momento. Nada têm de especial, as fobias do meu Clemente, consola-se, não se trata de presságios, nem profecias, são criancices, reflexos medonhos saídos de um filme de terror. Deixa a mente vaguear entre o céu e a terra. Entre a luz e as trevas. Faz uma profissão de fé e declara: creio apenas nos vivos, nos mortos não. Não creio nos falsos profetas, adivinhos, suspira, todos me sugerem que procure a verdade nos mistérios do oculto, mas eu, Vera, jamais entrarei na casa de um curandeiro por nada deste mundo.

VI

A avó Inês vai ao quarto do Clemente. Desperta-o. Toma-o nos braços com uma força extraordinária, como quem segura a mais preciosa das relíquias. Procura na mente histórias de encantar, mas a memória corre para o passado de mistérios e de verdades ocultas. Diz ditados e fábulas. Embala-o. Diz que a vida é como a água, nunca esquece o seu caminho. A água vai para o céu mas volta a cair na terra. Vai para o subterrâneo mas volta à superfície. A vida é um eterno ir e voltar. O corpo é apenas uma carcaça onde a alma constrói a sua morada. Depois conta as mais belas histórias de encarnação.

Era uma vez um rapazinho que pastava gado. Junto à manada, uma cobra mamba levanta a cabeça para atacar uma das vacas. O jovem pastor, que amava mais o gado que a própria vida, agarrou a cobra mamba com as mãos, esmagou-a contra as rochas e matou-a. O povo inteiro ficou pasmado com a bravu-

ra do rapaz. Cobra mamba é a personificação do diabo. Só quem encarna os poderes dos deuses pode vencer a mamba. Foi uma revelação. O rapaz cresceu, tornou-se poderoso e governou o país.

Num país vizinho, outro rapaz ia para a escola de bicicleta e eis que lhe surge um leão faminto. O menino, destemido que era, empunhou a bicicleta como uma espingarda. Combateu o leão. Venceu-o. Matou-o. Foi elogiado, aclamado, admirado, porque só vence o leão aquele que encarnou o espírito do elefante. Os mais velhos prognosticaram-lhe muito poder e muito saber. O rapaz tornou-se rei e acabou a vida como um grande senhor.

Num país ao lado, outro rapazinho ficou famoso por ter descoberto a fórmula mágica da transformação. Quando entendia transformava-se em peixe, ou em formiga, abelha, leão, búfalo, cobra. O povo, assustado com a magia do jovem, não demorou a concluir que este tinha encarnado o génio do mal. Quando se tornou adulto, liderou multidões que sofreram a mais terrível das repressões.

Havia um rei falecido recentemente. Quando ele nasceu, os anciãos consultaram os ossos e disseram: aqui está o guerreiro que viveu há cem anos, que era bravo, que era vencedor. Enquanto o corpo do menino era alimentado de leite, a alma era alimentada de mitos de encarnação. Tu não és qualquer um, diziam as mulheres. Encarnaste o espírito de grandes guerreiros, não podes chorar, diziam os homens. Tornou-se um homem forte, audacioso e seguro, porque se julgava possuidor de um espírito invulgar. Foi muito ousado. Saltou todos os obstáculos e tornou-se guerreiro. Venceu todas as batalhas e libertou o seu povo de cinco séculos de escravidão colonial.

Clemente diverte-se com estas histórias tão fantásticas. Já tinha ouvido algumas delas, que correm na

boca do mundo, mas nunca conseguiu acreditar em nenhuma.

— A encarnação existe? — pergunta Clemente, com ar gozão.

— Existe, sim. Tu, Clemente, tens um espírito antigo. Viveste há cem anos, foste bravo, foste guerreiro. Partiste para o fundo do mar e estás a ressurgir das águas para trazer paz a este lar. Tu és o prometido, aquele que saldará as dívidas dos antepassados. Tu és o homem que buscará a cura de todos os males. Tu marcharás ao lado das estrelas e lavarás as manchas da lua porque tens mãos de chuva. O teu sorriso de água apagará o fogo em todas as almas.

— Eu?

† — Sim. Tu és Mungoni, o prometido.

— Prometido a quem, porquê?

— É uma história tão antiga como a idade dos antepassados. É o passado reflectindo no presente. Por causa das dívidas. Juramentos não cumpridos. Ódios. Vinganças.

— Dívidas? Que dívidas?

— As guerras antigas foram o pecado original. O mandamento dos antepassados é: não matar. Forçados pelas circunstâncias, os antepassados desobedeceram. Durante as invasões, mataram ngunis, mataram ndaus em defesa do território. Veio o castigo supremo e houve um pacto. Os nossos ancestrais juraram pagar as vidas dos inimigos mortos com as vidas dos seus descendentes. Foi assim que começou a história da submissão. As almas desses déspotas invasores são poderosíssimas, vivem, vingam-se. Eles pfukam. Atraem-nos para o mar, possuem-nos, dominam-nos e fazem de nós eternos servos.

Clemente escuta histórias antigas. Crenças. Adão e Eva comeram a maçã e a humanidade inteira paga pelo crime que não cometeu. Os invasores ngunis e ndaus

deviam ser filhos legítimos das divindades do terror. Por isso pfukam e se vingam contra os tsongas por toda a eternidade. Cristo pfukou, para redimir os pecados do mundo. A alma de Jesus renova-se e multiplica-se continuamente. Faz chamamentos e elege servidores. Afasta pessoas dos prazeres terrestres, tornando-as celibatárias. Jesus é o maior mpfukwa do universo.

— Isso são mitos, avó!

— Que sejam. A vida é um mito. O mito é a vida. O que seria da vida sem o mito?

Clemente recorda os mitos das aulas de história universal. Mitos de bestas e santos. De deuses e demónios. Mitos do amor à lua cheia. Mitos de dragões e papões. Foi o mito do Rómulo e Remo que criou Roma. Hércules. Zeus. Vénus. Foi o mito do nascimento de Shaka que criou o Império Zulu. O mito da criação do mundo, segundo o Génesis, governa metade do planeta Terra e criou a superioridade do branco sobre o preto, do homem sobre a mulher. O mito de mpfukwa torna os ndaus temidos e destemidos. O mito da encarnação governa o universo dos bantus.

Vera volta ao quarto do Clemente vigiar o seu repouso. Encontra bisavó e bisneto em conversa fechada. Interfere.

— Que conversa é essa?

— Falávamos da encarnação.

— Por que contas essas histórias, avó?

— O teu filho tem destino da água. Ele é atraído pela tempestade. É um possesso, Vera.

— Não enche a cabeça do menino com essas fantasias, avó. Não vê que ele está transtornado?

— Deixa-me revelar-te alguns segredos da vida, minha Vera.

— Agora não, avó, estou cansada. Fica para outro dia.

O rosto da velha ganha uma ligeira tristeza. Sem-

pre que tenta comunicar, não encontra espaço. Os jovens dizem que as ideias dos velhos são fábulas, mitos, cantigas de embalar. A vida moderna torna as gerações incomunicáveis. A nova língua afasta as pessoas das suas origens.

— Não faz mal. A vida dar-te-á esta minha lição, mas com sabor a fel. Lembrar-te-ás deste meu desejo com o coração quebrado e maltratado. Aí, revolverás o chão do meu túmulo para encontrar este saber que comigo parte para a eternidade.

A velha recolhe ao seu quarto, entristecida.

VII

David chega à fábrica com o mesmo ritual de sempre: duas horas de atraso. Larga a pesada pasta sobre a mesa e dirige-se ao espelho, para testemunhar o encanto da sua presença. Um bom dirigente deve apresentar-se bem vestido, bem penteado, porque ele é o espelho da sociedade. Olha-se de frente, de trás, de perfil, e sorri: mulher nenhuma me resiste. Este tamanho e este peso são a verdadeira imagem da prosperidade. Este é o perfil de um banqueiro, um parlamentar, um ministro ou chefe de Estado.

Dirige-se ao gabinete, onde a secretária particular o aguarda com uma pasta de documentos. Director e secretária saúdam-se num olhar que sugere voos maravilhosos até aos cantos mais escondidos do universo.

— Podias dar-me um beijo, Cláudia.

— Noutra hora, sim. Agora há coisas mais urgentes. Há uma emergência.

— Calma, mulher. O mundo não vai acabar agora.

— Senhor director!...

A secretária particular está com os nervos à flor da pele. David aproxima-se e tenta abraçá-la. Ela repele-o como quem sacode uma mosca. Levanta-se da cadeira e recua dois passos. David solta um gracejo cheio de malícia.

— Estás azeda, hoje. Deixa que te dê um beijo para adoçar essa alma. Acordaste maldisposta, não foi? É da solidão e da cama fria numa noite de Junho. É dos desejos reprimidos. A tua vida é um barco sem âncora, não é?

Ela sente a dor da humilhação, mas não responde. Com a palma da mão enxuga a testa que transpira. Sobe-lhe à boca o gosto de fel. Explode.

— Senhor director, pára de gracejar e escuta os sons da fábrica. Ouve alguma coisa? Tudo está em silêncio aguardando a sua palavra.

David abre a cortina do gabinete e espreita o pavilhão da produção. As máquinas estão mudas, não movem. Homens e mulheres estão sentados nos cantos, com profundas olheiras no rosto.

— As máquinas têm o direito de repousar de vez em quando, não é?

— É uma emergência, senhor director!

— Já sei. Nesta guerra os rebeldes divertem-se e sabotam centrais eléctricas. Este corte de electricidade é óptimo. Hoje poderei trabalhar em paz sem o maldito ruído das máquinas.

— O silêncio anuncia paz mas também a tormenta. Para além de cego é surdo, senhor director! Se é o super-homem que diz ser, arregace as mangas e enfrente os bravos que lhe aguardam na arena.

David entra na sala de reuniões com a mesma segurança de sempre. Mas hoje os membros da direcção recebem-no com olhares que escondem mistérios. Um arrepio percorre-lhe a coluna. Coloca a pesada mala

sobre a mesa e saúda a todos. Ninguém responde. Enerva-se. Acende um cigarro e fuma. Olha para todos os lados. Senta-se. Os seis que lhe rodeiam são amigos, confidentes, não há nada a temer — consola-se.

Os sete formam um grupo unido. Juntos trabalharam na reconstrução daquela fábrica, destruída pelos portugueses furiosos na hora da partida. Juntos deram-se as mãos e elevaram as suas vidas. Juntos fizeram alguns desfalques para aumentar os números nas contas bancárias. Deve ser um equívoco, não pode haver desarmonia entre eles, não. David vence o medo e fala.

— Está um dia terrível, hoje.

— Terrível, sim — responde o director administrativo. — Há problemas sérios na empresa.

— Problemas?

Não quer acreditar no que ouve. O espectro da greve sobrevoa o espaço. A consciência dos operários explorados estende o seu manto por todo o país, há guerra na capoeira. É a luta secular da escravatura contra a opressão. Dos servos contra os senhores. A história repete-se, passo à frente, passo atrás, como um pêndulo, no relógio da vida. E esta história está a saldar-se em sangue, como se para a sangria colectiva não bastasse a guerra que fustiga o país inteiro.

— E qual é a reivindicação?

— Os seis meses de salário em atraso.

— E vocês não explicaram, não sensibilizaram, não apelaram, não...

Não consegue acabar a frase. Fuma e pensa. Pensa e fuma. O comportamento popular é igual em todos os povos do mundo. Estes operários rebelaram-se contra a administração colonial. Hoje rebelam-se contra os libertadores da pátria, ingratidão típica dos filhos de Israel. O povo é vento que corre para qualquer lado,

uma massa anónima que não sabe o que quer. Dez anos durou a luta da independência para libertar a terra. Hoje, o país tem a sua identidade, liberdade, estatuto, soberania. Alguns operários chegam a afirmar que a vida era melhor com os colonos. Mas a culpa maior cabe a nós, militantes da utopia, que prometemos um mundo pleno de igualdade. De onde fomos buscar semelhante loucura, se a igualdade não existe, nem no reino das formigas? Os operários ficaram à espera da terra prometida e não marcharam. Nada fizeram para elevar o seu nível. Estagnaram.

— Gostaria que me dessem mais informações sobre as reivindicações.

Ninguém diz nada e David mergulha na onda de medo. O lençol de lodo caminha rápido em direcção ao seu nome, ao seu prestígio. Na mente correm-lhe imagens do passado: reuniões clandestinas por ele dirigidas nas fábricas para sabotar o sistema. Activismo de primeira linha. Ódio à classe dominante do antigo sistema. Hoje ele é patrão e sente que vai ser escorraçado do poder tal como fez aos colonos, pelas mesmas razões, pelas mesmas acções. Com os mesmos cantos e gritos. Com os mesmos *slogans* e palavras de ordem. Com a mesma fúria do povo oprimido.

—guardo a vossa palavra, colegas.

— Bem, senhor director — diz timidamente o director administrativo —, o senhor tem negligenciado os problemas da nossa empresa estatal. A administração é péssima e o pouco que se produz não beneficia os operários. Esse é o motivo de fundo.

O rosto de David contorce-se numa dor profunda. As palavras que ouve são uma declaração de guerra, são mau agouro. Tenta resistir, mas não aguenta, explode.

— Todos aqui vieram da ganga e do macacão e não passavam de pobres operários reparando máqui-

nas, respirando miséria. Quando aqui entrei, alguns de vocês tinham apenas a escola primária. Apanhei-vos. Ensinei-vos. Hoje são licenciados e especializados no estrangeiro graças às condições que vos criei. Como ousam falar assim? Pois tenham consciência de uma coisa: a minha queda é a vossa queda. O novo director que aqui for colocado não aceitará laçaios do anterior.

— Mas, senhor director — argumenta o director de produção —, ninguém está a acusar ninguém. Estamos a apontar factos que merecem reflexão, apenas isso.

David ordena a interrupção da reunião para ser continuada mais tarde. Precisa de apanhar ar e coordenar a mente. Regressa ao seu gabinete com ar esgotado e chama a secretária particular porque chegou a hora do despacho. Coloca a tabuleta não incomodar e tranca a porta. Director e secretária sentam-se frente a frente como dois estranhos. David não fala nem pensa. Sofre. A secretária decide quebrar o silêncio.

— Senhor director?

— Sim?

— Acho melhor tomar o seu *whisky* com gelo, para desanuviar um pouco.

Ele não diz nada mas ela prepara a bebida. Oferece-a.

— Prepara outra para ti — ordena David.

— Para mim?

— Sim, para ti.

— Mas!...

— Vai!

A secretária acaricia a mão do director. Sente-a húmida e fria.

— Desafiaram-te, não foi?

— Nada disso...

— Eles morderam-te.

— Eles não podem. Sou o pai deles, sou o criador. Eles são o que são graças ao meu empenho, não me podem trair.

— Podem, sim.

— Falas com tanta certeza! Sabes de alguma coisa?

— Sei das coisas da vida. É ao ventre da mãe que o filho dá o primeiro coice, para experimentar a força dos músculos. No peito da mãe se dá a primeira dentada para experimentar a força dos dentes. Aos ouvidos da mãe se lança o primeiro insulto para ensaiar a força da palavra.

— Não é bem assim...

— Devia ter mais cautela, senhor director. Devia ter mais reserva, o senhor dá demasiada confiança aos subordinados, senhor director. A desconfiança é coisa boa de vez em quando.

— Falas com sensatez, mas por favor, não diz mais nada.

Os olhos embaciados da secretária deixam cair duas lágrimas.

— Cláudia! O que é isso, agora?

— Insegurança. Incerteza. Medo do amanhã. A sua queda é também a minha, senhor director.

O calor da solidariedade invade a alma de David como uma lufada de ar fresco. Sente uma paixão fervorosa por aquele rosto triste. Faz um bom tempo que a aproximação entre ambos é para tratar de assuntos imediatos, pendentes, despachos. Recolhe-a num abraço forte, caloroso. Ela segura-o, beija-o. Delira em segredo. Que bom seria se ele me dissesse amo-te. Mas não dirá. Repetirá as mesmas palavras de sempre, és bela, és boa, és útil. Que bom seria se este meu amor fosse correspondido de verdade. Ela oferece um abraço quente, desesperado. E sente-o demasiado fraco, febril, amoroso. Abre-se e engole-o com todo o seu peso e a sua força e todo ele cabe dentro dela,

porque o corpo de uma mulher é um elástico que incha e desincha como o estômago de uma rã. Ela sente-se realizada porque, como toda a mulher, julga que tem um coração enorme capaz de enxugar todas as lágrimas do mundo. O director tem vontade de chorar mas não chora, delira. Mulher é fruta boa. Mulher é tranquilidade e frescura. Mulher é noite negra que faz a luz ofuscante transformar-se em penumbra. Mulher é mãe, mulher é terra que Deus colocou à disposição do homem como rampa de lançamento no voo da vida.

VIII

No mundo do poder patriarcal dizem que o homem é deus. Iludem-no. Se considerarmos os homens como metade dos habitantes do planeta, a terra seria uma selva de idolatria, divindades, templos e altares. Por incrível que pareça, há homens que caem nesta armadilha com a voracidade de macacos, consumindo a vida inteira na materialização desta filosofia de loucura.

Dizem que o homem é bravo. Brutalizam-no e fazem dele uma besta para a realização dos desejos sociais, inspirando-o a destruir tudo para abrir percursos desconhecidos. Fazem dele um cavaleiro soberbo, errante, solitário, a busca do impossível com as mãos nuas, suor e sangue. A bravura humana inspira-se na filosofia do ódio.

Na mente do homem colocam profecias de tirania e chamam-lhe herói. Facilmente se compreende por que é que a maioria dos heróis da história são tiranos, assassinos, que nunca respeitaram a vida nem a natu-

reza. O cadáver do homem-herói é servido ao mundo inteiro em bandeja de ouro como um manjar. As façanhas do herói alimentam os dentes e estômagos sociais ávidos de vaidade e supremacia.

Dizem que o homem é livre. Filosofia de ilusão. Como pode um homem ser livre se logo à nascença lhe colocam amarras na mente, tornando-o escravo de profecias e destinos já traçados por poderosos invisíveis?

Dizem que o homem não chora. Filosofia de mentira. Como pode não chorar, se todo ele é amor, paixão, sensibilidade, ilusão, vibração, cor, movimento, vitória, derrota, vida e morte?

No mundo do poder masculino a mulher é escrava do homem e o homem escravo da sociedade. A existência da mulher é insulto, insignificância. Mas antes a insignificância do que a existência penosa imposta ao homem pelos arquitectos do pensamento universal.

Em todas as famílias do mundo, marido e mulher se digladiam nas quatro paredes. Não falam a mesma língua, desentendem-se. O que eles não entenderam ainda é que tanto o homem como a mulher são vítimas de um sistema milenar arquitectado por cérebros astutos, tiranos, desumanos, vivendo em esferas inalcançáveis.

A tradição bantu instrumentaliza o homem e faz dele combatente do nada. Trabalha duro e constrói. Na hora em que o infortúnio bate à porta e ele fecha os olhos para todo o sempre, a família mais chegada, invocando a tradição, assalta-lhe e disputa os bens, as casas, os carros, a própria viúva fica com o mais forte. Na tradição bantu mulher é herança, é propriedade porque é lobolada.

Dizem que as mulheres rongas são ladras. Filosofia de machismo. Enquanto o casamento dura, as mulheres rongas roubam um pouco do lar para a casa da

mãe, preparando assim a hora fatal. Muito astutas, aprendem muito cedo a lição da formiga que colhe no Verão o conforto do Inverno. Desde novas que as mães ensinam a fazer o enxoval do infortúnio. Enquanto durar a felicidade e o lar, vai guardando às escondidas e à parte algum dinheiro, alguns bens, para que quando ele te deixar, ou morrer, ou arranjar outra mulher, não teres que recomeçar a vida com uma mão à frente e outra atrás. Podes descer de cavalo para burro, mas nunca de cavalo para nada. Goza a felicidade de hoje mas não esqueças o infortúnio de amanhã. As mulheres rongas não roubam, tiram do seu suor e não do suor alheio. O lar é construído por dois e não há razão para deixar uma das partes na penúria quando a desgraça chega. A atitude ronga é uma forma de resistência à tradição cruel.

IX

Vera caminha entre a cozinha, o corredor e a sala com leveza e beleza porque sente em si personificada a melhor esposa do mundo. David lança um olhar de raiva e avalia-a. Sobre o corpo daquela mulher sua, brilham rendas, sedas, jóias, perfumes caros e raros — enerva-se. O meu dinheiro acaba nos bâtons para os lábios dela. Nas maquilhagens dela. O meu suor acaba no estômago dela e dos filhos dela, sempre a comer, sempre a dormir, sem fazer ideia do sofrimento que é trazer à mesa o pão. O homem enfrenta feras e fogos na busca do conforto. Sofre dentadas e queimaduras apenas para alimentar a ela. E há feministas por todo o lado, reclamando direitos sobre coisas que nunca construíram.

O almoço está pronto e Vera convida à mesa com o sorriso mais bonito de sempre. David responde com desprezo. As mulheres delicadas, bonitas, sensíveis, são aranhas. Oferecem-te o sorriso de gata e prendem-te na sua teia. Escravizam-te. Como bruxas da meia-noite, sugam-te o sangue, o suor e obrigam-te a cometer loucuras por amor a elas.

— Como correu o trabalho? — Vera pergunta com delicadeza. — Pela tua cara se adivinha que o dia foi difícil!

Ele não responde. Furioso, levanta do sofá o pesado corpo, coloca as mãos nos bolsos e em passos nervosos se afasta dela rogando pragas. Vivemos vidas diferentes. Enquanto elas sonham com rendas, nós explodimos pedras e montes para construir a vida. Enquanto procuramos ar fresco para as cabeças preocupadas, elas pensam em comer e dormir. Nós construímos e elas destroem. Produzimos e elas consomem. Esta mulher conhece apenas o luxo. No dia em que ficar na miséria o amor acaba, e ela voará para os braços de um outro com mais dinheiro, abandonando-me a mim que sempre dei tudo por ela. Há pessoas que dizem que a mulher equilibra. Estou aqui explodindo à procura de soluções e ela só fala de comida.

— David, é melhor comer agora antes que arrefeça.

As palavras dela são um chamamento para a violência nunca antes conhecida. David não resiste a esse chamamento. Grita.

— Não interrompa a minha reflexão. Fecha essa boca. Será que um homem não tem direito ao silêncio dentro da sua própria casa?

— Desculpa.

— Desculpa o quê? Não te disse já para fechar a boca?

De repente Vera sente algo a explodir no seu rosto de seda. Corre para a casa de banho e pega numa toalha para estancar o sangue que corre pelo nariz. Diante do espelho olha para a metade do rosto que incha. O rubor sobe-lhe rapidamente pelo rosto claro, que fica com o aspecto de uma maçã vermelha. A incerteza do futuro lançou já a semente de violência que brotou e promete gerar violência em cadeia. O transtorno acende uma luz negra na mente de Vera: trovoadas, violência e sangue. O que virá a seguir?

David surpreende-se consigo próprio e apressa-se a fugir ao seu acto. Leva o casaco e desaparece sem se despedir.

X

David percorre a estrada fria. As gotas de chuva caindo no pára-brisas fazem-no vogar numa vertigem sem fim. Respira o odor da terra molhada, dos lamaçais e das lixeiras nas bermas da estrada. Ondas gigantes correm na sua mente transtornada. Pensa na greve. Nos efeitos dela. Nos braços furiosos dos operários gritando não, como folhas verdes dos canaviais erguendo-se sobre o fogo. Vê imagens de polícias, bombeiros. Sangue. Cheiro de pólvora inundando a fábrica. Vê funerais, lágrimas, desolação, desemprego e prisão. Ós cânticos da dor e da destruição. O choro das crianças. A desgraça.

Uma angústia sem fim apossa-se da sua alma roubando-lhe todas as forças. As lágrimas correm abundantes no rosto desesperado. Um soluço terrível sai-lhe do âmago porque sente que se esvai o sopro de vida. Suspira: Deus do céu, acuda-me!

Fala sozinho em voz alta — preciso desabafar com alguém, senão morro.

Os olhos de David ruborizados pelo medo e lágrimas procuram um espaço para esconder a vergonha. Não encontra. No mundo do poder patriarcal, não há espaços para lágrimas de homem. Por todo o lado há praças e pedestais para o homem subir e celebrar a bravura. Depressa descobre que um bar é tudo o que precisa para queimar as mágoas no fogo de álcool.

Estaciona a viatura no clube dos milionários, por todo o lado gente feliz, bebendo e jogando. No canto do fundo há um bebedor solitário. O rosto de David ilumina-se.

— Lourenço, meu Lourenço dos grandes momentos. Que surpresa mais agradável. Esta chuva e este frio eram, de certeza, o prenúncio deste encontro.

— Engordaste tanto, David! Para onde foi o desportista sempre preocupado com as linhas do corpo?

— Foi para o diabo. Tu é que estás na mesma.

— *Whisky*. Muito *whisky* e bom *whisky*. É uma boa bebida. Emagrece.

— Por que estás sozinho, Lourenço?

— Não estou só. Estou comigo próprio, inspirando-me, planificando os próximos passos. Também estás só. Alguma coisa vai mal, não é?

— Coisas do coração.

— Não me fales dessas coisas, não. Mulheres há tantas como as estrelas do céu, na rua, na igreja, no mercado, em todo o lado e todas aguardando por homens bem sucedidos como nós. Se a Vera te aborrece por que não arranjas outra mais nova e mais bonita? Um homem como tu não fica triste por causa de uma mulher. Deve haver motivos mais fortes.

— Soube que acabaste de sair de uma greve.

— Saí, sim, e saí-me bem.

— Eu acabei de entrar.

— Logo vi pela tua cara que a história de mulher era uma capa, uma justificação descabida. O que se passa de concreto?

— É difícil falar nisso, nem sei como começar.

— Tens razão. Assuntos desses não se falam em bares. Vamos, vem comigo. Em minha casa há um espaço só para nós.

Pouco depois estão diante da magnífica vivenda. David respira fundo para consertar o desalinho nervoso. Aprecia as modificações operadas na residência do amigo. Mesmo à distância o edifício deixa transparecer a prosperidade de quem o habita. Compara-o com a sua. Nem melhor, nem pior. Apenas diferente.

Comparar contas bancárias, carros, esposas, amantes, posições sociais, é a eterna mania dos homens, tal como as mulheres comparam os sapatos, penteados, o charme e o desempenho sexual dos maridos numa competição incessante.

Diante de uma enorme estante tomam a primeira bebida. Do tamanho da parede, a estante está cheia de garrafas, bibelôs e pratos decorativos. Com orgulho no peito, Lourenço explica as origens e trajetória de cada peça. Os vinhos do Porto, Marselha, Bordéus. Os pratos de Beijing, Los Angeles, Sidney. O *vodka* de Moscovo. Os bibelôs de Singapura. O rum de Havana. David faz elogios hipócritas, porque a sua estante é ainda mais apetrechada, com mais pratos e garrafas.

Aquela estante espelha o novo intelectualismo dos filhos da terra, o gosto exacerbado por tudo o que é estrangeiro, sobretudo o que vem do prato e da garrafa. Revela ainda a dimensão dos cérebros dos intelectuais e dos economistas da nova raça. Cérebros que perderam dezenas de anos a estudar para ter bons empregos e não para trabalhar. Cérebros que não se alimentam de sabedoria mas de garrafas e pratos. Que pensam para comer e não comem para pensar. Que

progresso social se pode esperar de uma geração de líderes que vive para comer e não come para viver?

— A minha estante é o mundo inteiro em miniatura. Orgulho-me dela. Tenho sempre o cuidado de comprar uma recordação destas em cada terra que piso.

— Não costumavas comprar livros nas tuas viagens? — pergunta David com ar malicioso.

— Pergunta interessante — responde a rir. — Sabes que nunca me lembrei disso?

— Mas como um bom economista!...

— Acredita se quiseres, mas desde que sou graduado nunca mais abri livro nenhum. Nem pelo menos um Walt Disney. Preocupo-me apenas com o dinheiro, luto pelo dinheiro. Faço tudo para criar capital. Fortalecer-me. Mas deixemos isso para lá e falemos do que nos trouxe aqui.

— Fala-me da greve, Lourenço. Como conseguiste sair desta?

— Somos dois cretinos com o rabo preso, não é?

Os dois amigos olham-se em silêncio. Os problemas que ambos enfrentam são uma sucessão de actos vergonhosos. Tomam mais uma bebida e Lourenço extasia-se:

— Vou dizer-te uma coisa, amigo: não sou órfão. Sou negro! Tenho a minha própria raiz e o meu próprio canto. Sou aquele que encarnou o embondeiro secular. Caminho sobre as águas e não me afundo. Caminho sobre o fogo e não me queimo. Na empresa que dirijo, as minhas mãos banharam-se no lodo mas não se conspurcaram. No confronto com os operários as minhas mãos mergulharam no sangue mas não se mancharam. Sou invulnerável, soberbo. Não gravito, levito.

Lourenço entra num discurso obscuro, delirante. Empolga-se. Fala dos mortos e de seus espíritos. Fala

da sorte e do azar. Fala do destino e das forças invisíveis. Diz que os defuntos protegem, ajudam, purificam, porque são anjos da guarda e verdadeiros filhos de Deus. Que os mortos abrem uma estrada de flores ou de espinhos, porque governam a vida. E diz que as soluções de todos os problemas estão à nossa volta e não transcendem este mundo. Diz que na greve dos operários, todas as forças dos mortos vieram em seu auxílio.

David esvazia o copo para controlar a surpresa e o nervosismo que lhe afloram. Alarga os olhos para ver melhor. A imagem do amigo emerge de uma espessa nuvem de fumo, mágica, misteriosa. O discurso é fantástico, como os contos das mil e uma noites.

— Espantas-me. Estás bêbado, louco. Um homem normal não pode dizer tantas asneiras juntas.

— Sou herói. Aos heróis é permitido matar em nome de qualquer utopia: democracia, liberdade, independência. Eu não matei, roubei em nome de uma realidade muito concreta. O meu bolso. Sou de longe o mais santo dos heróis. Tenho as mãos limpas. Sou a pessoa mais inocente deste mundo.

Lourenço está agora de pé, encostado à estante. David olha-o. Majestoso e elegante como sempre. Nem uma gordura a mais a deformar o corpo. Nem uma ruga na testa ou no canto do olho denunciando a idade. A boca sempre cheia de verdades, doçuras, certezas, hoje vomita o fel sobre a vida. David lamenta: um bom católico, um intelectual transformado em irracional. Toda a majestade transformada em cinzas, em nada. Uma hiena com vestes de cordeiro. A máscara cai revelando-se a vileza, o nojo. É como se um santo despisse o manto em plena missa, mostrando a face do vulgar e do terrível, escondido sob as vestes. Dentro de cada homem há uma sombra oculta, um ser

desconhecido. Ninguém consegue compreender os segredos da alma.

David toma mais uma bebida para controlar a crise nervosa à beira da erupção.

— Não te reconheço, hoje, velho amigo.

— Mas reconheces em mim um homem de sorte, não é verdade?

David rende-se perante a sorte do amigo à sua frente. Nos estudos secundários e superiores, eram os professores que procuravam agradar-lhe e não o contrário. As mulheres batem-se por ele e até se matam. Na multidão sobressai, como se tivesse uma estrela brilhando na testa. A sua presença ofusca todas as presenças. Fez o curso que quis, casou com a mulher que quis, construiu a casa que quis. Tem o emprego que sempre ambicionou e os carros da marca de que gosta. Na greve recém-terminada, ele é o criminoso, mas puseram as culpas nos ombros de outro. Na sua presença todos tremem de medo, de respeito, de qualquer coisa inexplicável. É demasiada sorte para um homem só.

— Assustas-me.

— Tens razão. Revelei a minha face oculta.

David não consegue esconder o seu desagrado por tudo o que escuta e diz numa voz de lamento:

— Dizes-me coisas que não percebo e eu procurei-te para falarmos das soluções deste mundo.

— Tenho sorte porque vivo em harmonia com todas as forças da natureza de tal modo que, em momentos de dificuldades, todas vêm em meu auxílio, afastando de mim todos os males.

— Não quero ouvir mais nada, chega por hoje.

— Na guerra que vais enfrentar, busca reforços no céu e na terra. Segura tudo o que conquistaste dentro da lei e fora dela e lembra-te de que cair de um pedestal público é não levantar nunca. Quero estar do teu lado para tudo o que der e vier.

David dirige-se à saída e, mais solitário do que nunca, abandona aquele amigo embriagado, de ideias turvas, assombrações e pesadelos. Conduz a viatura em direcção ao mar. Quer ver o mar e recobrar a paz. O marulhar das ondas embala os nervos, tranquiliza. Alcança o mar. Abandona a viatura e senta-se na areia molhada. O mar de hoje é solitário e frio como a sua alma. A chuva afastou os casais de adolescentes que gazeteiam às aulas para suspirar de amor ao sopro romântico da brisa com sabor a mar e sol. Até os marinheiros, eternos filhos do vento, abandonaram o mar, deixando-o na solidão do tamanho do mundo.

Transfere para o mar todos os seus dilemas. No país, nas recentes cruzadas pela criação do homem novo, realizou-se a inquisição revolucionária. Ao contrário da Europa, aqui, os templos e os objectos do culto é que conheceram a fogueira, enquanto as bruxas eram presas, humilhadas e maltratadas. Pelos vistos, o esforço não vingou, pelo contrário, estimulou a tal ponto que doutores e intelectuais da nova geração sentem a liberdade de se intitular bruxos, profetas e dominadores do invisível.

A loucura das crenças abala o universo inteiro e Lourenço não é nenhuma excepção. Em plena era atómica, gente de todas as culturas escuta a linguagem dos ossos. Homens de negócios procuram astrólogos e cartomantes para conhecer as flutuações da moeda nos negócios de amanhã. Em pleno casino, gente rica e viciada consulta as profecias dos búzios para saber da sorte na hora do jogo. Os magos do Oriente também consultaram os astros e uma estrela lhes disse: em Belém nasceu Cristo, o que morrerá pelos pecados dos homens.

Gente desesperada clama pelos antepassados em cada canto. Por todo o lado se ajoelham diante da alma dos santos, dos defuntos, das virgens, para ter

sorte na vida, no emprego, no amor. Invocam-se os mortos ao mais pequeno sinal de infortúnio. Invoca-se o passado para que o futuro se realize. Os bantus invocam os defuntos da família e invocam Deus antepassado-mor, criador de todos os antepassados.

David pensa na sorte, no destino. Lourenço diz que os sonhos humanos só se realizam quando os deuses os protegem. Pode ter a sua razão. Os atletas olímpicos preparam a vitória a vida inteira, mas caem a um milímetro da meta. O agricultor percorre todo o ciclo do trigo ao pão, mas este, depois de cozido, cai a um centímetro da boca. A noiva prepara o enxoval a vida inteira mas é rejeitada na hora do sim.

— Sou cristão — David pensa em voz alta —, jurei renunciar a todas as manifestações do diabo.

David cansa-se de pensar e aborrece-se consigo próprio: mas quem sou eu para compreender os segredos do universo?

A chuva intensifica e David se molha como um rato. Penetra na viatura e navega sem rumo. Acidentalmente vai dar ao porto, mercado do sexo. Uma boa dúzia de raparigas de mini-saia congela as pernas e os seios, sua mercadoria exposta. David reduz a marcha e delicia a vista na feira humana. As raparigas precipitam-se sobre o carro e disputam o cliente que afinal só quer ver, não quer comprar. Pára num bar e bebe um *whisky* para aquecer o corpo. Lá dentro, marinheiros e putas entendem-se na linguagem dos gestos. Participa num jogo de bilhar e nas conversas dos bêbados.

O vento estimula a força do fogo. É como o álcool. David embriagou-se para esquecer, mas nada esqueceu. Álcool e vento voam. Volatilizam. Os problemas ficam. E todo o mal que o homem pratica germina nas invisíveis sombras do tempo. David arrasta-se até à viatura e conduz com dificuldade. Hoje não quer voltar para casa não quer ser torturado com conversas inúteis. As mulheres são chatas e fazem muitas perguntas. De certeza que Vera querará saber com quem andou, por onde andou, e por que andou.

Mete as mãos ao volante e guia em direcção ao subúrbio, para a casa de refúgio de todas as dores. Tudo o que quer é beber mais, esquecer e morrer. Chega ao destino e estaciona a viatura diante de uma pequena vivenda, a única com luz eléctrica. Da janela aberta consegue ver uma mulher a aparecer e a desaparecer como uma sereia, mergulhando ora na superfície ora na profundidade rochosa do mar. Sente-se cansado de mais para abrir a porta do carro e sair. Fecha os olhos e adormece.

Três pancadinhas estalam no vidro do carro. Uma voz alegre desperta, saúda. A porta do carro se abre e uma sereia velha oferece um sorriso enorme.

— Boas vindas, senhor director.

A mulher conduz David pela mão. Acaricia-o com carinho de mãe e ele sente-se amado e protegido como um bebé numa alcofa de rendas. Já no interior da casa a mulher oferece-lhe uma bebida.

— Que bom ver-te, tia Lúcia!

— Hoje não está feliz, filho.

— É verdade.

— Os problemas do mundo não acabam, sorria, senhor director.

— Tento, mas não consigo.

— Fez bem em vir. Aqui, nesta casa, cuidamos dos homens com a maior competência do mundo. Preocupamo-nos com a saúde dos nossos clientes.

— Claro, sei disso.

— Todas as meninas são treinadas e prevenidas. O sexo, nesta casa, reveste-se da maior segurança.

— Ai, sim?

— Aqui tudo é de primeira. Quer que eu chame uma das raparigas ou tem uma preferência especial?

— Não quero nada.

— Senhor director, gosto muito de si. Penso muito em si, por isso reservei só para si algo muito especial e não me vai dizer que não. Vamos, apague a tristeza nesses olhos, relaxe. Esqueça os tormentos da vida e veja o que tenho para si. Juro que não se arrepende.

— Está bem, faça o que achar melhor.

— Óptimo!

A tia Lúcia abandona a sala com andar bambolean-te, na esperança de ressuscitar a sensualidade perdida. David espreita-lhe as pernas pelas aberturas da saia: foram boas e apetitosas, isso vê-se pelos vestígios. As carnes estão amolecidas pelo uso. Os olhos são de um rubor crónico, de tantas noites em claro na companhia dos clientes. Os lábios são bem negros de tabaco. A pele de sapo nas maçãs do rosto é uma prova irrefutável de que pertenceu ao mundo de beleza cosmética. Como as flores, ela sorriu e murchou.

David bebe um copo sobre o outro, abre os olhos, fecha-os, sacode a cabeça para afastar maus pensamentos. Não consegue. Hoje vê coisas que antes não via e sente tormentos na consciência. Pensa na tia Lúcia de coração oprimido. Durante a revolução, brigámos com a vida e com a natureza. Avaliámos as plantas pelo tamanho dos frutos, nenhum de nós tinha capacidade de analisar a raiz da miséria. Oprimi-

mos os mais oprimidos. Explorámos os mais explorados. A nossa carreira de tirania não começa hoje. No lugar de erguer, semeámos nas tumbas gente que já tinha a morte na alma. A tia Lúcia sofreu muito. Foi presa e deportada, acusada de ser prostituta. A casa e todos os bens foram confiscados. Regressou do degredo e reconstruiu e aqui está, de corpo velho e cansado mas de alma mais forte do que nunca.

David fecha os olhos e põe a mão na consciência, declamando em silêncio: eu pecador me confesso...

Todas as promessas de um mundo melhor, sem miséria, sem fome nem doenças, de nada valem perante a realidade da tua presença, velha Lúcia. Eu, David da Costa Almeida, militante da criação do homem novo, me pergunto: por que foram presas e deportadas todas as mulheres acusadas de prostitutas? Até Cristo redentor protegeu Maria Madalena no momento da condenação, pedindo aos perfeitos que atirassem a primeira pedra. As palavras de Cristo obrigaram a uma reflexão rápida e todos concluíram: perfeito é apenas Deus!

Prostituição é venda do sexo. Sexo é corpo. E toda a gente vende as aptidões do corpo para ganhar a vida. O futebolista ganha a vida pelo seu pé. A cantora pela sua voz. O carregador pelos seus braços e sua força. E as prostitutas? Será que elas não têm o mesmo direito de ganhar a vida pelo seu corpo?

Trechos da Bíblia correm na mente extralúcida.

Na hora da sentença original, Deus disse:

... produzir-te-á espinhos e abrolhos e comerás a erva dos campos. Comerás o pão com o suor do teu rosto... e ao pó hás-de voltar.

Oferecer o corpo a qualquer um é mais espinhoso e mais amargo que o abrolho. Amor vendido e amor comprado produzem o suor do rosto. Prostituta é barro, erva, qualquer um compra-a, usa-a.

Por que prendemos as prostitutas, então? Por que as deportámos e maltratámos? Queríamos nós ser mais justiceiros, mais importantes que Cristo? Prostituição é desespero. Vender o sexo em troca de pão é miséria extrema, miséria de todas as misérias. No degredo, as prostitutas morreram de fome, saudade, doenças, ataques de animais ferozes e desespero.

Depois da Inquisição, escravatura, campos de concentração nazis, que necessidade havia de manchar a história do mundo com campos de reeducação?

A velha termina os preparativos do quarto. Coloca perfume nos lençóis acabados de engomar como o senhor director gosta. Sobre a cómoda um jarro de rosas para colorir o ambiente. A menina, de camisa de dormir, está sentada na poltrona. A tia Lúcia fala-lhe com carinho de mãe e faz promessas. Diz que a partir do momento em que tudo acontecer, ela terá pão, cama para dormir e roupas mais bonitas do que as que estão nas montras. A menina chora de medo do que vai acontecer e que nem sequer imagina o que é. Chora de felicidade por tudo o que vai ter e que agora não tem. A tia Lúcia liga o rádio que enche o quarto com música alegre. A música, alimento da alma, serve também para abafar os gritos e suspiros dos casais ruidosos. No campo, as mulheres tocam tambores e simulam uma festa para abafar os gritos das parturientes, para que as crianças não percebam o sofrimento da mulher na hora do parto.

Está tudo preparado. A tia Lúcia convida o senhor director a entrar no quarto. Pisca-lhe um olho, maliciosamente:

— Bom apetite, senhor director.

— Muito obrigado.

— Ah, esquecia-me. É uma estreia, divirta-se.

A adolescente treme à aproximação do homem e esconde o rosto com as mãos. David alarga os olhos

de surpresa. A criatura à sua frente é uma criança da mesma idade ou ainda mais pequena que a sua Suzy. De repente fica com a garganta seca. Do estômago sobe-lhe uma náusea e na boca o sabor a vômito. Enjoa-se de si próprio. Reúne coragem e fala.

— Como te chamas, menininha?

— Mimi.

— Por que é que estás aqui?

— Porque quero.

— Não tens medo de mim?

— Não, não tenho.

— Porquê?

— Disseram-me que o senhor vai dar-me chocolate, pão e roupa.

David sente-se mal consigo próprio e fica, por instantes, indeciso. Ir avante ou desistir? Mas se ele desiste, qualquer outro violará aquela menina naquele mesmo dia. Puxa a garrafa de *whisky*.

— Queres um pouco?

— Sim, quero.

— Já alguma vez tomaste isto?

— Não, nunca.

David coloca a menina no colo e dá-lhe de tomar, tal como o bom médico anestesia o seu doente preparando-o para uma operação dolorosa. Ela faz caretas e diz que a garganta lhe arde. David manda a menina levantar-se. Com brusquidão, arranca-lhe a camisa transparente e pesa-a com os olhos. Manga verde, confirma. Com sal e piri-piri, é mesmo excitante. Avança para ela e a derruba sobre a cama. A adolescente assustada pensava que ia gritar, mas não gritou. Dói muito aquilo, mas a fome e o frio doem mais ainda. Quem a virá socorrer, mesmo que grite? Sabe que está só no mundo e há muito perdeu a esperança de ser salva. Aos pais, a guerra matou e enterrou. Durante meses circulou nas ruas da cidade,

sem eira nem beira, até que a tia Lúcia a recolheu ao seu ninho.

A tia Lúcia liga o rádio, é a hora do noticiário. E os noticiários são quase todos iguais, só falam de política, de políticos. Nesta terra política é água, é pão, é caixão. De repente, o locutor faz uma pausa longa, propositada. Quebra a pausa com uma voz mais forte, para dar ênfase a uma notícia de extrema importância e diz: «Última hora!» A guerra está para acabar. Os dois beligerantes aceitaram sentar-se na mesa de conversações e discutem a paz pela primeira vez.

A alma da tia Lúcia se exalta, enquanto os ouvidos escutam os pormenores com toda a atenção. De repente a sua mente habita o futuro, depois da guerra quando os canos das armas vomitarem apenas cravos e rosas. Começa a fazer um rol de actividades que poderá realizar. Ir à África do Sul procurar mercado-ria para vender no mercado negro. Comprar um terreno fértil numa zona distante para criar gado. Recorda que já não tem idade para grandes viagens, a coluna cansada não lhe permite deslocações. O negócio das raparigas é uma mina de diamantes. Com o fim da guerra, não haverá meninas órfãs vagueando pela estrada. As jovens virgens, de onde virão? No tempo da paz, a cidade continuará a ter imigrantes, e as raparigas virão sem virgindade e cheias de doenças. Negócio de virgens é que dá mais dinheiro e atrai boa clientela, porque os homens com dinheiro têm medo das prostitutas experientes, por causa da doença do século.

É melhor que a guerra se prolongue por todo o sempre.

Um grito estala no cérebro de Vera. Desperta. Tenta abrir os olhos e descobre uma dor intensa na face direita. Ah, é da bofetada, lembra-se. Olha para o relógio. São duas horas da manhã. Sente uma fome terrível e descobre que não almoçou nem jantou. Como foi possível dormir tanto, a ponto de esquecer os cuidados da casa e das crianças? Recorda-se: o *whisky*, sim, o *whisky* e a embriaguez repentina. Maldito álcool — pragueja. Olha para o lado. David não está, não regressou ainda. Esquece o grito e preocupa-se com o marido perdido. Por onde estará ele? Talvez num bar, bebendo e dançando. Talvez acidentado e deitado na cama de um hospital, ou mesmo morto. Quer enervar-se, mas depressa se controla, afinal não é a primeira vez que ele dorme fora de casa fugindo da própria consciência.

No seu quarto, Clemente geme e grita, agredindo paredes, janelas, armários, roupas, cortinas. A avó Inês tenta agarrá-lo. Chama. Grita pela tranquilidade. Não consegue. Clemente não vê e não ouve e parece habitar outra dimensão. Entrou na loucura total e defende-se de um inimigo invisível e não responde aos apelos deste mundo. Está em transe.

Vera alcança o quarto do filho em dois passos e depara com o espectáculo macabro. O Clemente correndo e gritando como quem baila no fogo do inferno. Vera abre a boca mas não grita, no pescoço as veias prendem. Sente uma vertigem e verga-se como uma árvore fustigada pelo vento. A avó Inês ampara-a.

— Vamos, desperta, resiste, luta. Se tu caís, quem irá socorrer o Clemente? Mulher é o centro da força. — é pedra firme que constrói pontes, muralhas, momentos que protegem o ninho dos predadores e

dos ventos maus. Tu vives pelos teus filhos, não podes cair, Vera!

Dentro de Vera há um cansaço profundo. Há uma nuvem negra cobrindo o horizonte da alma. Uma mão invisível arrastando-a para a escuridão. Uma prisão sem grades.

As mãos humanas amparam. Confortam. Erguem do fosso para o chão, para o alto. Mesmo as que parecem fracas, impotentes, pequeninas, defendem de muitas sevícias do mundo. As mãos falam e dão carinho. Em movimentos musicados, as mãos constroem, formam, edificam. Moldam o barro, dando-lhe corpo e alma. Através das mãos, a avó Inês faz fluir o melhor do seu ser, para erguer a neta que cai.

Mais segura, Vera amima o filho que chora. Os seus braços de mãe abrem-se como asas de águia e acendem uma vela nos olhos obscurecidos pelo terror. Clemente ganha serenidade.

— Ergue-te e não chores mais, que estou aqui, meu Clemente. Diz, meu filho, o que aconteceu desta vez?

— O pai. Ele...

— Sim, o teu pai, mas ele não está aqui, não voltou ainda!

— Mas vi-o. Rondava o meu quarto. Insultava-me. Batia-me. Queria matar-me. E eu defendia-me com toda a força. Só quando tentei cravar os dedos no seu pescoço é que me apercebi de que tudo não passava de um terrível pesadelo.

A vida começa a mostrar com clareza as marcas do seu trajecto. David sonhava cultivar o Clemente para o brilho e para a maravilha. Enganou-se. Sonhava com um filho genial e eis que a natureza o presenteia com um maluco, possesso ou paranormal. O sonho do homem de nada vale perante a decisão da natureza — conclui Vera com desespero.

— Clemente, tu esgotas a minha paciência. Em cada canto vês monstros, só monstros. De manhã foi a trovoada. Agora é o teu pai. Tu tens um coração monstruoso que semeia monstros por todo o lado. Inventas doenças, fantasias, em cada dia que passa, para prender a minha atenção. Isso é medo de crescer, medo de ser homem.

A avó Inês interfere porque sente que Vera ultrapassa os limites toleráveis. Repreende.

— Não chames monstro ao teu filho. Repreende-o com carinho. Este é quem te dará a manta na hora do frio. Servir-te-á um copo de água para refrescar a alma na hora do tormento.

— Avó, não se meta!

— Este filho para quem gritas, no passado foi homem e foi rei. Ele será a tua redenção, a tua salvação. Respeita-o.

Ela leva o bisneto para a sua cama, dormirá com ela. Chama Vera para um canto.

— Por que não dormes, avó?

— Dormi com um olho. Despertei. O Clemente precisava de mim. Tu também precisas de ajuda.

— Não te sacrifiques tanto assim.

— Não é sacrifício. É minha obrigação velar pela vossa saúde e bem-estar. Estou nas proximidades da morte, não vês? Quando eu morrer, os que estão no além quererão saber como estão os que aqui deixei. Que direi eu, se não vos cuidar? Que não velei pela vossa felicidade? Queres que eu seja castigada?

— Aprecio bastante a tua dedicação. Quando o David regressar, veremos o que fazer.

— Do David regressará apenas o corpo, porque o espírito iniciou uma viagem sem fim.

— Queres dizer que teve algum acidente?

— Nada disso. Ele está vivo e passando bem.

— Então porquê essa afirmação?

A velha abana a cabeça e morde os lábios para forçar o silêncio. Ser velho é possuir capacidade de ler destinos como um livro aberto, baseando-se no saber acumulado ao longo de tantos anos de existência. Mas não diz nada. Segura na mão de Vera e arrasta-a para uma confidência.

— É preciso chamar o espírito que tortura o Clemente. É urgente ouvi-lo, satisfazê-lo, acalmá-lo. Procura um curandeiro, é urgente!

Os olhos de Vera ganham uma expressão dura, repreendem. Tenta usar os gestos para poupar as palavras. Não consegue. Repreende.

— Avó Inês: já mediste as consequências da tua proposta? Sabes muito bem como é, será que já te esqueceste?

A velha coloca no rosto um sorriso materno. Ri-se.

— Foi ao teu umbigo que a dor mordeu. Foi o teu ventre que rompeu e sangrou. Será que não compendeste que estás só nesta guerra? Sempre que o Clemente tem estas crises de nervos, David está ausente e quando regressa não liga a menor importância ao caso.

— Compreendo, avó. Mas tenho medo, muito medo.

— Toda a mulher tem o seu segredo, Vera!

— O David, quando ele souber!...

— Não temas nunca um homem. Nós, mulheres, é que damos luz ao mundo. Todo o homem ganha existência no ventre de uma mulher. Somos poderosas. Transformamos toda a força em nada e toda a tensão em calma e sossego. Somos a água que arrefece o mais ardente dos fogos. Homem e mulher são duas pedras onde Deus tem o seu suporte. Homem é filho, é companheiro. Respeita-o. Não o temas nunca!

— Consultar um adivinho é uma tentação que me devora. Mas também me pergunto sobre a eficácia de

uma consulta de adivinhação. Haverá mesmo necessidade de dar as costas à ciência que até hoje deu respostas a todos os meus problemas?

— Essa tua ciência, que resultados trouxe para o Clemente? As consultas de psiquiatria intoxicam a criança com remédios inúteis, são um fiasco, não resolvem nada. Há coisas que a ciência não explica. Há doenças que os remédios não curam. Há fenômenos da vida simplesmente inexplicáveis. Há coisas que as buscas humanas não alcançarão jamais, verdadeiros segredos dos deuses. Minha filha, quando o desespero bate à porta, toda a loucura é admissível.

— Não posso trair o David, não, não posso.

— Oh, Vera, usa o exemplo de Eva, a traidora. Aprende a subtileza da serpente. Que poderes tinha Eva perante Deus e Adão? nenhuns. Usou a traição e vingou-se. Ela conseguiu provocar a fúria de Deus de tal modo que Adão, filho adorado, acabou condenado. Se nós mulheres não temos poder, que seja a traição a nossa força.

— Tenho medo.

— Uma mãe é perdoada de todas as loucuras.

— Acreditas que possa ser obra de feitiço?

— Não creio que seja. Tento interpretar a linguagem que o Clemente fala no momento de crise. Os movimentos de transe. O comportamento do quotidiano, sempre seleccionando palavras, alimentos, companhias. Tento perceber o conflito que o afasta do pai e da irmã. Tudo isto são manifestações de uma natureza oculta, minha Vera.

— Diz-me, avó, pode o meu filho estar possesso, pode?

— Os espíritos fazem a vítima sofrer. Abrem caminhos, fecham caminhos, transtornam. Dão cabo da cabeça, enlouquecem. Os espíritos são maus, Vera.

— Avó, não me respondeste ainda. Acreditas ou não?

— Estou apenas a rever memórias do tempo antigo. A reprodução de tudo o que vivi e vi. As almas não morrem, Vera, encarnam-se. E este filho nunca foi teu, nunca te pertenceu. Começa por decifrar o mistério do seu nome.

— Nome?

— Sim. No nome está a raiz do problema. Os antepassados sempre disseram A VITO I MPONDO!

XIII

A vito i mpondo. Nome é libra.

Na sociedade moderna só tem valor o que tem preço, daí a comparação do nome com libra esterlina, o dinheiro mais forte do mundo. O que não tem nome é anónimo, e anónimo significa inexistente, ou quase inexistente. Nome é testemunha da existência e delimitação da fronteira de todas as coisas. De que valeria a continuação da espécie se não carregasse consigo a continuação do nome da família, de um grupo, da etnia ou da nação inteira? Existem muitos milionários no mundo, capazes de entregar todo o ouro e todas as libras esterlinas que possuem para produzir um filho varão que perpetue o nome da família. Entre os bantus, quando as raparigas nascem são recebidas sem alegria porque não perpetuam nome de coisa nenhuma.

Vera, no seu canto, procura compreender o ditado dos bantus. Vasculha histórias, memórias, escrituras. Abre as primeiras páginas da Bíblia. Lê.

Na hora do castigo original, Deus sentenciou o homem e a mulher à amargura, sofrimento, efemeridade.

Expulsou-os do paraíso e deu-lhes mãos curtas para que não alcancem o fruto da árvore da vida, comendo do qual viverão eternamente. Que terrível engano, o de Deus! A heroicidade do homem condenado reside no facto de usar o nome como ponte entre os vivos e os mortos. O homem condenado usou o nome e imortalizou-se. Quem não conhece Confúcio, Galileu, Shaka, Sócrates? Se o homem não pudesse chamar ou nomear, teria uma sombra mais leve que a brisa. Usando o nome, tornou-se semente, que se renova e se multiplica de geração em geração, resistindo, adaptando-se, metamorfoseando-se.

Dizem os videntes que o mundo vai acabar. Se isso é verdade, um novo Éden tem que se construir. Um aviso para o Criador: se quiser manter a morte como condenação, terá que retirar ao homem o direito de chamar, para que não se imortalize.

Vera concentra-se na leitura à busca da chave dos mistérios do nome.

No princípio, Deus disse: chamar-te-ás Adão, porque és governador da natureza. O homem viu a mulher e disse: chamar-te-ás Eva, porque és mãe, serva, secundária, traidora. Ainda no princípio Deus disse: não te chamarei Abrão mas Abraão, porque farei de ti pai de imensos povos. A tua mulher não chamarás mais Sarai, mas Sara, será por mim abençoada e mãe das nações. Fez a sua aparição a Zacarias e Isabel, anunciando-lhes que terão um filho varão que deverá chamar-se João e não Zacarias, contrariando assim a tradição do casal. E assim se fez. O menino João nasceu, cresceu, tornou-se robusto. Já adulto, guiou os passos dos homens, iluminou as trevas, espalhou as sementes do bem e baptizou Cristo.

Os bantus colocam a vida humana acima de todas as coisas. Dizem que os filhos valem mais que qualquer fortuna. Que o nome vale mais que a libra, o di-

nheiro mais forte do mundo. Um bantu que se preza tem muitos filhos para nomear os antepassados da família e trazer à luz todos os mortos adormecidos. No mundo dos bantus a pessoa não nasce. Renasce. E recebe o nome de um morto antigo, porque nome é veículo de reencarnação.

Nome é personalidade, destino, religião, sexo. Há nomes que são expressão de felicidade ou de amargura. Nomes de sonhos, de desilusão e desespero. De bravura. De cobardia. De grandeza. De humildade. Maria das Dores, Maria Tristeza, Maria dos Remédios. Victoria. Jorge Guerra. António Bravo. José Pequeno. Nguenha (crocodilo). Chivite (angústia). Thandi (querida). Shaka (rei Zulu). Mundungazi (provocador). Ngungunhane (destruidor). Mundau (espírito ndau). Mungoni (espírito nguni). Valoi (feiticeiro). Nhancuave (noviça).

Vera percorre a estrada do passado e recorda rituais de nascimento. Quando a Suzana nasceu, os ossos falaram: xonguela nsava! Esta dará alegria ao mundo! E deram-lhe o nome de xonguissa, que significa: embeleza! Olha para a Suzy hoje. Mulher bonita. Flor. Borboleta. Brisa. Uma figura que embeleza o mundo. Na primeira gravidez, os mais velhos olharam para a barriga e prognosticaram: será homem. Será o sal da vida, a luz nas trevas. Pagará as promessas e as dívidas antigas. Vencerá as manhas de Dumezulu, a serpente do céu, quando castiga o universo inteiro com o seu ribombar malicioso. Chamar-se-á Mungoni, o guerreiro! David disse logo que não. Queria romper com o passado de espíritos, de mortos, de feitiços e mistérios. O que ele não sabia é que a sua recusa de nada valia perante os desejos dos antepassados. Clemente cresceu saudável e robusto. Na hora do baptismo a vela apagou-se três vezes. Vela apagada na hora do baptismo é mau agoiro, dizem os mais entendidos.

Três vezes afastado do reino dos céus porque ele é da terra, dissera uma vidente. Os defuntos rejeitaram o baptismo e apagaram as velas. O menino terá muitos sofrimento na vida. A ira dos mortos cairá sobre ele, pelas promessas não cumpridas. Crescerá bem até à adolescência, mas depois chegará a hora...

Terá chegado a hora?

Vida humana, sempre dual. Eternamente entre o céu e a terra, entre deuses e demónios. Vida africana, sempre sincrética. Por quanto tempo o homem andará entre a raiz e o tempo, entre os vivos e os mortos? Muitos dizem, creio apenas nos vivos, nos mortos não. Muito menos nos santos e nos milagres. Muito menos ainda nos adivinhos e curandeiros. Mas as crenças vêm de longe, de um passado muito distante.

Vera mergulha no mar de desespero. Sufoca. Afunda. Pela primeira vez conhece o delírio de morte.

— Esta noite, a esta hora, gostaria de consultar um adivinho, mas não posso. Por causa da posição do meu marido. Por causa de compromissos de fé com religiões que nada têm a ver com a minha origem. São mais felizes os que acreditam na força mágica das borboletas porque nunca conhecem o desespero. Benditas sejam todas as religiões que dão liberdade para invocar o deus sol, o deus nuvem e o deus trovão.

Pensa no marido que ainda não regressou. Ambos rejeitaram a vontade dos mortos, chegou o momento da vingança dos espíritos, o machado já se encontra na raiz da árvore. Sente que em breve descerá do pedestal para enviar mensagens ao além nas asas das galinhas. Pedirá perdão e bênção com fumos e incensos. Apaziguará a fúria dos deuses com panos e misangas coloridas.

Coloca-se de joelhos e tenta rezar. Em vão luta contra as imagens de terror que desfilam na mente. Busca pensamentos positivos. Consola-se. Nada têm

de especial os medos do meu Clemente. São pesadelos tão assustadores como a própria tempestade. Não se trata de presságios nem profecias, são reflexos medonhos saídos de um filme de terror. Deixa a mente vaguar no espaço. O futuro distante traz-lhe palavras de imprecação. Delira: dizem que as estrelas, no seu percurso, combatem pelo homem justo. Em vão procura a estrela que combaterá por ela. Mesmo assim, abandona o seu destino à mercê dessa estrela invisível.

XIV

Dizem que as mulheres virgens transmitem juventude e força. É verdade. David ressuscitou em si o gigante adormecido e está pronto para conquistar o mundo. Sente muito ar nos pulmões, muita força nos músculos. Olha para Mimi, dormindo serena. É pequenina, bonitinha, clarinha, e meiguinha. David desperta-a e lhe dá um beijo na testa. Ela sorri e treme, ainda continua assustada. Tranquiliza-a e admira-a. Esta árvore pequenina tem sombra capaz de dar repouso aos mais cansados dos viajantes. Inspira-se. E jura que vai fazer dela uma dama. Levá-la à escola. Ensinar-lhe a falar. A cozinhar. A pôr a mesa, a sentar na mesa, a comer na mesa. Irá fazer dela uma mulher bonita e elegante, uma prostituta de alta sociedade.

De olhos fechados, David pensa nas mulheres. Prostituta, mulher suja aos olhos do mundo, por dentro é toda mel, é toda mar, onde o homem mergulha todas as amarguras e se refresca. Mulher casada, palmeira brava que varre o exterior na sua dança. Limpa e bonita por fora, renovando o guarda-roupa, o pen-

teado, o perfil, mas por dentro cresce veneno e espinhos.

David veste-se e sai do quarto. Chama pela tia Lúcia que lhe atende de imediato. Mete a mão no bolso e tira um maço de notas. Não as conta.

— Tia Lúcia.

A velha olha para o relógio satisfeita. O negócio das virgens dá uma boa receita. O senhor director pagará pela virgindade da rapariga, pelas horas de repouso, pela cama e lençóis, pelo estacionamento da viatura no seu quintal, pelo *whisky*, pelo banho e pelo pequeno-almoço e por todos os prazeres concedidos, por tudo.

— Bons dias, senhor director. Vejo que o senhor dormiu bem.

— Isto aqui é para a menina — entrega-lhe o maço de notas. — Logo que as lojas abrirem, compra-lhe sapatos e roupa decente. Leva-a ao cabeleireiro para fazer desaparecer aquela carapinha de preta.

— O senhor é muito generoso, senhor director.

A tia Lúcia acaricia as notas com amor e David advinha-lhe as intenções.

— Ainda esta manhã telefono para saber como está, e no fim da tarde virei verificar as compras feitas. Deves comprar tudo do bom e do melhor.

— Sim, senhor director.

— E tem outra coisa. Reserva-a exclusivamente para mim. Não quero ouvir dizer que por aqui passaram outros galos.

— Fique sossegado, senhor director.

— Ainda bem.

— Mas... senhor director! ...

— O que há mais?

— A sua conta, senhor director. A desta noite. Como dormiu bem e feliz, vou cobrar-lhe o mesmo preço de um hotel de luxo.

— Tudo bem.

— E tem outra coisa: se quer a reserva garantida, terá que pagar adiantado.

— Quanto?

— Ainda vou fazer as contas. Tenho que verificar o que ela iria render por dia se trabalhasse em pleno. É preciso também calcular o preço de alojamento e alimentação, e os cuidados da saúde dela.

— Está bem. Dás-me isso no fim da tarde quando cá voltar.

— Sim, senhor director.

— Bem, agora vou para casa enfrentar a fera.

— Boa sorte, senhor director.

— Preciso mesmo de sorte.

— E bom trabalho, senhor director!

XV

Uma onda de frescura arrasta David para um mundo de felicidade sem fim. Trabalha e canta. Dirige-se à janela para saborear a frescura do vento, ele ama o Inverno de dias negros. Aspira os cheiros que se cruzam nos céus da zona industrial. Da bolacha a assar. Da copra. Do trigo a moer. Do petróleo a refinar. Do chão humedecido pelas chuvas. Os olhos avançam em redor. Vê tectos, chaminés. Árvores com folhas enegrecidas pelos fumos. Poluição. Gaivotas e andorinhas voando baixo. Gente negra movendo-se, carregando e descarregando fardos.

De um mundo distante escuta uma canção doce, lenta. Uma canção que transcende a vida e a morte. De ressurreição, de sofrimento, de revolta. E deixa-se embalar na doçura do canto e recorda. É a canção dos

prisioneiros no trabalho forçado. Dos condenados partindo para o desterro. É a canção da...

A secretária particular entra de rompante sem se fazer anunciar. E vem desvairada como se tivesse visto o demónio em pessoa.

— É a greve, senhor director.

— A greve?

— Escuta essas vozes e esses cantos. As máquinas estão todas em silêncio. Os braços dos homens estão cansados, caídos, desiludidos.

David escuta. Ouve apenas vozes do passado, dos tempos que o vento levou. Os ouvidos sonâmbulos continuam mergulhados no sonho de ontem. A voz aterrorizada da secretária desperta-o para a realidade.

— Disseste que eclodiu a greve? Mas é ilegal. Eles deram-nos o prazo de três dias a partir de ontem e ainda não completaram sequer vinte e quatro horas. Qual a razão desta insubordinação?

— A fome não espera, senhor director.

— Eles deviam saber que aqui no país há leis e regras. Que nesta empresa há um director responsável.

— Já telefonei à polícia para nos dar protecção caso seja necessário.

— Por ordem de quem?

— Trata-se de emergência, senhor director.

— Insubordinação. E esse acto tem punição.

A secretária enerva-se.

— Demita-me se quiser, que hoje estou do lado dos operários. O senhor não faz falta nenhuma aqui. Nunca resolveu problema nenhum. Chega sempre tarde ou não vem. Não sabe nem o que se produz. Nunca procurou saber dos sentimentos dos operários. Está sempre ausente, sempre distante, não vê e não ouve ninguém. Demita-me na certeza de que em breve também será demitido.

Ouvem-se violentas pancadas na porta, seguidas de gritos e palavrões. Os operários furiosos forçam a porta.

— Senhor director.

— Diz.

— Esqueça a zanga. Estamos juntos neste barco. Chamei a polícia porque a guerra será brava.

— Manda-os entrar antes que o pior aconteça.

Os quatro da comissão reivindicativa sacodem as roupas antes de tomar assento à volta de uma mesa redonda. Três são homens e parecem mais velhos do que provavelmente são. A mulher é gorda, acima dos quarenta e muito tagarela, como são a maior parte das mulheres que pertencem às organizações femininas. Cumprindo a formalidade, a secretária particular apresenta-os um a um e a respectiva função na comissão de reivindicação. David estuda-lhes os rostos: gestos furiosos, olhos rubros. Raiva. A negociação não vai ser fácil.

— Boas tardes, senhor director.

— Boa tarde, sim.

A voz de David é seca, fria, medrosa. Há uma pausa longa, ninguém decide iniciar a conversa, até que David ganha coragem e toma o comando.

— Aguardo a vossa palavra.

— Viemos em paz, senhor director.

— Sim, em paz. Então falemos de paz.

— Queremos a paz para todos nós, senhor director. Queremos a ternura para as nossas crianças. Felicidade para os adultos. Tranquilidade para os idosos.

— Tranquilidade, felicidade, palavras bonitas, sem dúvida. Espero que a vossa presença me traga tranquilidade.

David responde com arrogância.

— E traz, sim, senhor director — diz o mais velho —, não somos egoístas. Na nossa reivindicação não pensamos apenas em nós. Pensamos também em

si. Queremos ser água funda, onde mergulhas, grande tubarão. Queremos ser a brisa que te refresca, quando o calor aperta. O vento que te balança de prazer todas as manhãs, erva gorda. Mas para todo o teu prazer precisamos de energia. Energia que vem do pão. Viemos aqui reclamar os salários em atraso.

— Não vos entendo. Falavam de tranquilidade.

— Sim. Da tranquilidade perdida. Um dos operários foi recolhido à prisão por ter assassinado a esposa numa disputa por um pedaço de alimento. O chefe das máquinas suicidou-se por ter apanhado a esposa em flagrante, numa relação adúltera, para ganhar um pouco de sustento. Nenhuma das nossas crianças estuda, come, brinca, e as nossas mulheres grávidas não têm assistência médica, porque não recebemos salário há mais de seis meses. Viemos aqui reclamar o nosso salário.

David tenta responder, argumentar. A voz falha, tem a garganta seca. Levanta-se. Dá passos nervosos diante dos homens que falam. Pensa. Estes homens vieram declarar-me inimigo público, e atirar-me pedradas, querem expulsar-me daqui. Olha a parede onde pende o seu maravilhoso retrato. Se correrem comigo daqui, a fotografia vai sair dali. Olha para a cadeira fofa. Se isso azeda, meus rins em breve conhecerão a cadeira dura de uma prisão. É melhor conduzir estas negociações a bom termo, para evitar o pior, o mal vem a caminho. O ambiente está trajado de negro, e depressa pode transformar-se em sangue.

David vocifera. A greve é ilegal. Não informaram. Não apresentaram o caderno reivindicativo. Não cumpriram com o decreto não sei o quê, da lei laboral. Não conversaram. Não se queixaram. Não fizeram. Não, não, não... O discurso transforma-se numa sucessão de não's que ofendem, que revoltam, que enjoam, que exaltam os ânimos.

— Não sei por que não conversaram comigo há mais tempo. Afinal foram vocês mesmos que votaram em mim para director desta empresa. Por que razão guardaram preocupações durante tanto tempo? Como foi que nos distanciámos tanto uns dos outros?

Os da comissão reivindicativa esforçam-se por compreender o sentido das palavras do senhor director. Justiça. Lei. Palavras bonitas de que os seres humanos se tornaram eternos apaixonados. Mas a justiça é feita pelos nobres, aqueles a quem nenhum mal alcança. É um jogo de pingue-pongue com que os juizes se divertem, condenando os inocentes e ilibando os mais terríveis criminosos. A lei é executada por quem nem a fome nem o frio torturam.

— És negro — diz a mulher gorda. — Vieste do nosso ventre e amamos-te. Significavas para nós a geração de escravos que se libertou. Eras o nosso orgulho. Com os teus olhos víamos o mundo que nos fora negado ao longo dos séculos. Quando viajavas para o estrangeiro rezávamos por ti porque eras a nossa presença na história do mundo. Eras a cultura que sempre sonhámos ter, mas que a história nos negou. Abandonaste-nos. És tirano.

— Por favor, não exagerem. Sou revolucionário, todos sabem disso. Sou democrata, jamais serei tirano.

— Para nós, hoje, a revolução é a versão proletária da tirania. O capitalismo é a versão burguesa da tirania. Democracia é a versão mais subtil da mesma tirania. Tudo é tirania.

— É isso que pensam de mim? — pergunta David, assustado.

— Tudo mudou, senhor director — diz outro —, a usurpação do direito à vida está em voga, sendo o senhor um dos autores. Hoje és o inimigo da humani-

dade e decidimos enfrentar-te como inimigo. Perdeste a serenidade e sinceridade e por isso te tratamos sem respeito. Queremos os nossos salários.

— Mas a fábrica muito pouco produz.

— Porque és negligente. Porque pensas em ti próprio e não no colectivo, és egoísta. Devias tirar benefício de tudo, mas sem causar danos nem à empresa nem aos operários. Quem se faz ao mar se molha, sabemos disso. Devias distribuir por todos o pouco que se produz, ficando tu com a maior parte. Mas do pouco que há, o senhor consome tudo.

As línguas dos operários silvam como balas incendiárias. E os olhos, espelhos rubros, devolvem-lhe a imagem de maldade. Põe a mão na consciência. Procura no seu rosto a imagem que fazia sorrir. Que alimentava confiança e esperança. Não a encontra. Mas quando é que a perdi? — pergunta-se. Ninguém lhe pode fornecer a resposta senão ele mesmo. A imagem de doçura vinha da solidariedade pela causa humana. A riqueza e o poder deram-lhe uma nova visão da vida afastando-o da maioria.

— Compreendo-vos. Só não sei o que fazer no presente momento. Preciso de tempo para pensar.

— Viemos aqui declarar o início da greve. Damos o prazo de setenta e duas horas para colocar os salários nas nossas mãos.

— Não acham o tempo demasiado curto?

— Esperámos mais de seis meses.

— Perderam a razão, boa gente. Três dias é pouco de mais.

— Somos apenas porta-vozes. A maioria, que decidiu por este prazo, aguarda a resposta, lá fora. Não o podemos modificar.

— Terão eles enlouquecido? Será que não conhecem a situação económica da empresa?

— Se alguém aqui perdeu a razão foi o senhor,

não os trabalhadores. Ora, o senhor, que é o bom na leitura, dê uma olhada nestes papéis.

David perde completamente o controlo. As provas de todos os crimes estão nas mãos dos operários. Cópias de documentos secretos. Talões de depósitos em bancos estrangeiros, facturas de materiais comprados em nome da empresa, mas que nunca foram recebidos, sobre facturação. Sofre uma forte vertigem. Como é que foram parar nas mãos daquela gentilha? Quem lhes terá facilitado o acesso, se o assunto é conhecido apenas pelo director comercial? Chama a secretária particular aos gritos.

— Reúna-me o conselho de direcção com urgência.

— Todos estão ausentes, senhor director.

— Para onde foram?

— Nenhum deles apareceu ainda.

— Devem estar em casa.

— Telefonei há pouco e nenhum deles está em casa.

— Traição. Só pode ser traição.

David fecha os olhos e recorda ditados antigos. Semeia ventos, colherás tempestades. Suor alheio queima rubro como fogo. João ratão, guloso e ladrão, acabando a vida no estômago do gordo gatão. Abre os olhos. O gabinete tem agora dimensões colossais, e os operários são super-homens. A mulher gorda tornou-se monstruosamente gorda, tudo cresceu e ele tornou-se pequeno.

— Aguardamos uma palavra sua, senhor director.

— Os operários lá fora querem ouvir a sua palavra, senhor director.

— Os operários todos?

— Todos. Saia do seu gabinete e fale-lhes. Diga-lhes algo, não tenha medo, eles são pacíficos, senhor director. Vamos.

Diante dos trabalhadores, David diz palavras, numa linguagem desconexa. O silêncio dos operários fá-lo transpirar a todo o vapor como um cavalo cansado. O desespero toma conta de todo o seu ser. Da mente transtornada surgem apenas palavras de prece: meu Deus, faça um milagre.

— Boa gente — grita David —, preciso de organizar ideias, falaremos com calma, mas só amanhã.

— Mas é hoje que morremos de fome — gritam quase todos ao mesmo tempo —, é hoje que a dor é maior, é hoje que queremos os nossos salários. Hoje!

— Boa gente — David esforça-se por tranquilizar a multidão —, compreendo a vossa angústia. Falemos com calma, porque no diálogo está o segredo da harmonia.

Os operários falam. Reclamam. David ouve discursos comoventes e lamenta a sorte dos pobres. Jura para si mesmo que da sua linhagem não nascerá operário nenhum. Da árvore da vida ele quer ser o mais alto dos ramos, para fugir da miséria. E vai colocar o seu ninho ainda mais alto para que as suas crias não sejam molestadas pela poeira. Quer construir e consolidar uma geração de poleiro que poisará os pés na terra apenas para tomar banhos de areia.

Comove-se mais com o discurso das mulheres. Com a mania da emancipação lutam por igualar e até superar os homens. Usam calças de ganga, sobem os andaimes com baldes de cimento e um filho de cinco meses dançando no ventre. No final dos trinta dias de cada mês, o marido ou o chulo está à porta para arrancar à bruta o mísero dinheiro conquistado pelo sacrifício da companheira.

Os operários esgotam as palavras e aguardam a resposta às suas reivindicações. David não diz nada, não sabe o que dizer, ainda.

Um operário furioso grita obscenidades. Bastou este pavio aceso para acender o rastilho que mergulhou os operários em histeria colectiva. Um estalido mais forte que uma bomba fá-lo estremecer. Pedras de todos os tamanhos projectam-se como balas na sua direcção. No mesmo instante, balas verdadeiras ferem o ar, o tecto, as paredes. Cheiro a pólvora. Pânico. Gritos. Dispersão dos operários, cada um procurando o seu refúgio. O ambiente transforma-se num caos.

Um homem é pisado e fractura a perna. Uma mulher apanha uma bala no ombro. David tem uma vertigem e cai, levou uma pedrada na cabeça. No pátio outro homem caído mas que não sangra, o coração deve ter parado de susto. Uma sirene ouve-se forte no ar coberto de pólvora.

David é recolhido pela polícia, que o protege no seu gabinete de director. Examina o corpo. Sofreu ligeiras escoriações, não vale a pena ir ao pronto-socorro.

Aprende a lição da vida. Aquele que se aproxima do teu ouvido e te diz amo-te, mente, porque reflecte em ti apenas o seu amor-próprio. Nunca a pessoa saudável declarou amor a um leproso. Nem um vivo a um cadáver. Muito menos um rico a um mendigo. Apenas no conto de fadas a princesa amou o carpinteiro sozinho e sem nada. O que se diz teu amigo é amigo de si próprio. Desconfia sempre daquele que ao teu ouvido segreda: acautela-te, porque fulano quer matar-te, maltratar-te ou derrubar-te. Porquê este interesse pela tua vida? Por que não se aproxima do vilão preferindo a vítima? Foi o que os membros da direcção fizeram. Prevenindo-o disto e daquilo, aconselhando nisto e naquilo, afastaram-no da realidade, criaram um fosso entre a direcção e os operários. Abriram um campo de manobra e prepararam o golpe.

Olha para a sua cadeira de director. Confortável. Boa. Fofa. Nesta cadeira sentei-me, realizei-me e sen-

ti-me mais eu. Sinto-me bem aqui. Os meus subalternos querem tirar-me e tudo está a postos para o grande acontecimento. Nas américas ou em outros países do primeiro mundo, qualquer dirigente se demite de livre vontade na presença de um escândalo. O que se deu hoje é um escândalo. Será que me devo demitir? Deixar esta cadeira vaga para aconchegar outro traseiro qualquer? Se eu renunciar, volto a ser um empregadinho numa empresa sem o mínimo de projecção e muito mal remunerado. E se eu for expulso, jamais conseguirei erguer-me e alcançar de novo este estatuto. E se for a prisão, adeus, vida!

Não, daqui não saio, daqui ninguém me tira!

Pensa no Lourenço. A conversa que parecia bizarra, hoje revela-se necessária. Nos mortos está a minha esperança. No feitiço está a minha segurança. Preciso de resgatar a minha sombra perdida para me defender da fúria dos operários. Os meus crimes foram descobertos, não tenho protecção na igreja, nem na lei, nem na sociedade, nem na família. Os brancos foram feitos para o céu, para as nuvens e deuses celestes, mas os negros foram feitos para os defuntos, para as raízes e deuses terrestres. A magia negra é o único caminho que me resta.

XVI

Anoitece e o sono não vem. David encosta-se à janela e, desesperado, conta as estrelas do céu.

Quero estar contigo para tudo o que der e vier.

A recordação desta frase traz consigo uma ténue esperança. Mas promessa não é casamento, diz o adágio popular. No altar divino se fazem as mais lindas

promessas de felicidade mas o passo seguinte é a traição. Terá Lourenço uma palavra de ouro?

Pega no telefone e disca o número.

— Lourenço?

— Sim!

— Eu tenho uma sombra leve.

— Hã?

— Eu não quero ter uma sombra leve!

— Ah, David. O que se passa?

— Sou uma pena. Fraco. Vulnerável. Indefeso.

— Então aconteceu. E agora?

— Preciso de protecção. De uma sombra pesada como a tua.

— Estás em apuros.

— Prometeste-me.

— Estou disposto a cumprir. Mas sabes o que pedes?

— Não. E nem me interessa saber.

— Queres uma corda para a tua própria força.

— Não importa.

— Repito. Não sabes o que estás a pedir.

— Sei. Não sei. Apenas quero escapar.

— Do forno para a frigideira.

— Que seja.

— Vais cometer uma loucura.

— A mancha, amigo, a sujeira que me envolve, arrastando a minha honra.

— As manchas lavam-se com detergente. Com o tempo. Com o esquecimento. O mundo em que queres penetrar está cheio de loucuras, mistérios e segredos a esconder. Há juramentos a fazer, mandamentos a cumprir, alguns dos quais difíceis, muito difíceis.

— É difícil a desonra, será que não me entendes?

— Invejo a tua liberdade, sabias? Eu, Lourenço, de bom grado largaria a minha vida de rei, para viver sem

leis nem mandamentos. Gostaria de ser borboleta para voar ao vento e gozar o prazer de uma vida curta.

— Ah, mas como és complicado! Revelaste-me os teus segredos. Fizeste promessas. És contraditório, controverso.

— Cumprirei a minha palavra. Apenas quis prevenir-te. Tens toda a noite para reflectir. E quando tiveres tomado a decisão, telefona-me a qualquer hora da noite. Se queres que te leve a um certo lugar, tem que ser muito cedo antes de nascer o Sol.

— Podes ter a certeza de que te procuro.

Despedem-se. Lourenço entra numa depressão profunda. O novo crente recebeu o chamamento, vem correndo, e será levado ao altar pela sua mão direita.

XVI

Amanhece e David prepara-se para ir consultar o primeiro adivinho da sua vida. Vai ao guarda-roupa e procura vestuário apropriado. Não encontra. Corre para as traseiras da casa e desperta o jardineiro que lhe empresta pedaços da sua roupa. Veste-as. Vai ao espelho e sorri, o disfarce é perfeito: maltrapilho, despenheado e de óculos escuros, em nada se difere dos operários que percorrem a estrada grande.

Olha para o relógio. São quatro horas. Enquanto espera pelo guia, que lhe levará de regresso às raízes, pensa no paraíso do passado. Como era a vida? Vê crianças nuas correndo nas matas. Vê palmeiras. Cabanas. Mulheres de mamas caídas. Canibais. Pretos ferozes, de tanga e azagaia dançando à volta da fogueira. Gente comendo à mão. Floresta densa. Tarzan. Rugidos. Mugidos. Missangas e máscaras. Amantes

fornicando ao luar. Sífilis. Ganha cepticismo. Pode este passado de miséria resolver os problemas de um homem rico?

Um buzinar rouco se ouve na estrada. É o sinal de partida. O baque no coração provoca tremores no corpo fragilizado pela ressaca da noite de insónia. Precipita-se para a estrada onde Lourenço o espera. Suspira aliviado porque se sente perto do princípio do fim. Dentro de instantes estará diante de soluções mágicas que resolverão todos os seus problemas.

— Bom dia!

— Achas o dia bom?

Pela resposta, Lourenço avalia o estado de espírito do amigo e comenta:

— Dormiste mal!

— Eu? Claro. Tive o diabo por companhia. Pesadelos, fantasmas, zumbidos. Maus espíritos, medo, arrepios.

A voz de David é triste, rouca, e só fala de desencanto.

— Compadre. Fica-te bem o disfarce. Pareces outro — diz Lourenço, rindo.

— Fede a esterco de bode, incomoda.

— Ora essa! Quem vai à mina não se perfuma e nem se veste de gala.

— Tomara que fosse à mina!

— Vais sim à busca de um tesouro, um remédio, uma solução. Vais à mina, sim!

— Nunca me imaginei saindo da minha casa como quem foge. Disfarçar-me nas roupas do meu serviçal como um ladrão escondendo o rosto aos olhos do mundo.

— És ladrão, sim. Ambos somos, eu e tu. Todos roubamos um pouco, para poder viver. Nesta sociedade selvagem a honestidade é crime e aquele que não rouba é roubado.

O carro entra em movimento e em poucos minutos penetra na zona suburbana. David sente um forte arrepio percorrendo-lhe a coluna. Por causa do frio. Do escuro. Da cacimba caindo como neve. Da ausência de luzes iluminando o caminho. Acusa-se. Odeia-se nesta madrugada, porque se descobriu inimigo de si próprio, por causa dos seus actos, seus gestos, seus vícios. Deus espiou-o com o seu olho onipotente e prepara-lhe o castigo. Lança os olhos para a terra que clareia. O subúrbio é um quadro pintado de tristeza. Esforça-se por afastar os maus pensamentos. Não consegue. Fios de água correm nos olhos insones, o medo dos operários abala-lhe o espírito. As imagens andam à roda, arrastando a cabeça na dança vertiginosa. Fecha os olhos e viaja como um cego à busca da segurança dos mortos, empurrado pelo desespero.

A viatura reduz a marcha e pára. David abre os olhos e vê-se diante de um enorme quintal. Identifica a paisagem: pomares e hortas. Zona rural. A porta abre-se e uma jovem saúda-os com um sorriso de sol na madrugada fria. Entram. Os olhos de David percorrem os contornos e a sensualidade daquele corpo esculpido. Beleza. Missangas. Capulana colorida. Pés descalços pisando o chão frio. Será filha do adivinho? A avaliar pelos adornos que usa, trata-se de uma estudante a ser preparada para curandeira.

A rapariga leva-os até à palhota no centro do quintal. Diante da porta pára, ajoelha-se e pede licença.

— Hodi!

A voz pesada e forte responde do interior.

— Sim, faça-os entrar.

Os dois amigos descalçam-se e entram de joelhos.

No interior da palhota, o homem de meia-idade aguarda os visitantes. Ondas magnéticas fluem dos olhos do adivinho. David estuda-lhe o perfil: tronco nu apesar do frio. Ventre gordo, típico dos homens de

sucesso. Calvo. Postura de rei. De pai. De patriarca. Olhar sereno de quem domina segredos, certezas, saberes. Trajado de capulana e sentado de cócoras parece um sacerdote de Buda.

— Bem-vindos ao templo de Nguanisse!

A voz do homem é serena. O sorriso é doce, bondoso. David ganha maior confiança: este homem deve ser um bom curandeiro.

O adivinho avalia o estado de espírito do novo cliente. O homem à sua frente é o verdadeiro símbolo do desespero. Olheiras fundas de quem passou a noite chorando. Passos embriagados de quem bebeu taças e taças de fel. Débil. Cabisbaixo. Cansado. Um monumento de desespero. O adivinho fala de si para si: a vida é bela, perfeita. Um dia coloca-te em altas esferas, noutro dia derruba-te do pedestal para o chão, obrigando-te ao diálogo com a consciência.

O adivinho dirige aos recém-chegados palavras banais. David não responde à saudação, a garganta está bloqueada. Respira fundo. Geme. Transpira.

— Estás demasiado nervoso, homem, beba qualquer coisa e conta-me o que se passa.

O adivinho estende uma garrafa de *whisky* de boa marca. Os três fazem um brinde e bebem, apesar do estômago vazio. David sente um calor saudável a subir-lhe ao rosto e se reanima.

— Alguma vez consultou os ossos e as conchas?

— Não, nunca.

— E por que é que me procura?

— Sinto-me desesperado, perdido.

— O senhor está à busca do caminho. Não está perdido. Só se perde quem conhece o trilho.

David entra num discurso delirante e desconexo. Repete palavras soltas como perseguição, inveja, incompreensão. É difícil abrir a alma a um desconhecido logo no primeiro encontro.

— Toda a gente precisa de confiar em alguém — diz o adivinho. — Somos conselheiros espirituais e oferecemos segurança interior àqueles que nos procuram.

David vira os olhos para o amigo em busca de segurança e coragem. Lourenço sorri.

— Diz-me agora: o que te preocupa?

— Sinto-me infeliz.

— Precisas então da fórmula da felicidade.

— Sim.

— É simples. Felicidade é fazer tudo o que te dá na gana. É enfrentar a vida com punhos de ferro sem te cansares nunca. Queres ser feliz? Beba, dance, enlouqueça, mas não enfraqueça. Encarna espíritos de grande poder: Faraó, Salomão, Shaka, inspira-te neles e voa. Protege o corpo com armaduras de chumbo. Mergulha dentro da alma e varre o lixo que te entristece. Sê de novo um feto e goze o prazer de flutuar no ventre materno. Lava o rosto com vinagre e piri-piri. Desperta. Projecta-te durante o sono. Viaja. Sê egoísta de vez em quando. Não partilhe caminhos, nem ideias, nem planos. Liberta-te e voa como os pássaros.

A magia do adivinho começa a fazer o seu efeito. David sorri. Gosta das frases, do sotaque, da forma como as palavras são ditas. O adivinho volta à carga.

— Preservar a felicidade é confiar e desconfiar. É vigiar a lavra e protegê-la das ervas daninhas. É visitar o proibido de vez em quando para saber por que é que o proibido é proibido.

Este adivinho é mágico. Tem poder para retirar a alma do mais profundo dos poços. Este curandeiro sabe muito sobre o comportamento humano. É psicólogo, psiquiatra. David coloca a memória nos tempos da revolução. Como militante do mundo novo, ordenara incêndios de nunca acabar, queimando ndombas, mutundos, magonas e lugares de culto, para libertar a

terra dos adoradores das trevas. Mergulha num remorso sem fim. Pensa em si. Que seria da minha vida agora, se os adivinhos e curandeiros tivessem desaparecido da superfície da terra? Sente necessidade de confessar os crimes antigos. Ganha coragem. Desabafa. O adivinho tranquiliza-o.

— Era a loucura da época — diz o adivinho rindo —, houve curandeiros que queimaram as próprias ndombas. Mas a razão vence e estamos aqui. A perseguição não começa hoje. Fomos desprezados, humilhados, combatidos, mas resistimos. Demos suporte aos regimes políticos que nos perseguiram. Demos força e coragem aos guerreiros antigos e modernos. Elevámos a moral de combatentes durante as guerras contra os regimes coloniais. Hoje, damos suporte espiritual aos políticos que ontem nos perseguiram, aos padres, ministros, banqueiros e até académicos de alto nível. Reabilitamos psicologicamente os criminosos de guerra. Consolamos o povo no momento das grandes crises. Tivemos sempre um papel social de grande utilidade. Enquanto o mundo existir, existiremos, porque o curandeirismo é obra de Deus e não invenção humana.

David sente-se liberto, feliz. Esta sessão de adivinhação é um passo decisivo na descoberta do oculto.

— O senhor é um médico interessante.

— A palavra médico vem das academias e universidades. O nosso saber vem de um sistema particular baseado na tradição africana. O domínio do médico é a luz e a vida, enquanto o nosso é a luz e a sombra, vida e morte. Médico é médico, nyanga é nyanga. Temos posições diferentes, métodos diferentes e clientela diferente. Chama-me advogado, nível que alcancei nas academias europeias.

— Advogado?

— Sim. Formei-me na França e Estados Unidos. Exerci a profissão durante cinco anos mas tive que

Papel Social
comprometido com o povo e vel

abandonar todas as ambições para responder ao chamamento dos espíritos. Se soubesse que o destino me reservava este fim, ter-me-ia preparado desde pequeno e não perderia tempo na perseguição de sonhos.

David oferece um sorriso sardónico, não acredita no que ouve. O adivinho entende a mensagem e pega numa pasta. Mostra certificados, passaportes. O último documento é mais convincente. O adivinho exhibe o cartão de membro da sociedade de advogados onde paga quotas com muita regularidade. David apanha um susto e rende-se às evidências. Se os espíritos existem são de uma crueldade total, capazes de derubar um homem do mais alto dos pedestais. Lamenta a sorte do adivinho.

O vento frio corre. David respira fundo, é chegado o momento esperado. Os olhos desesperados contemplam os gestos rituais, porque vai sair à luz o saber dos mortos. O adivinho prepara as conchas como um baralho de cartas. Pede uma moeda de prata e polvilha-a com um pouco de rapé. É regra. O tabaco afasta os maus espíritos, purifica. Para defuntos todo o dinheiro é impuro, nunca se sabe de onde vem, como vem e nem as mãos que o manejam.

— Vejamos então o que dizem os deuses. Por favor, diz agora o seu nome.

— David da Costa Almeida e Silva.

— Esse nome não te identifica perante os deuses.

— Sou David e nada mais.

— Faz um esforço, vá, não se pode invocar os espíritos com nome alheio. Vamos, diz-me o nome sem o qual esta adivinhação não será possível.

— Os velhos chamavam-me Magagule.

— Chamavam-te e ainda assim te chamam. Diz-me agora o nome do teu pai e o teu apelido.

— Magagule Machaza Cossa. Um nome longo e feio, não acha?

— Nome é herança sagrada. É matéria, espírito, vida e morte. Através dele os mortos se encarnam e os vivos transmigram. Nome é anterioridade e posteridade. Em resumo, é o universo inteiro em poucas palavras. Não sabes, mas compreendo-te, a história foi demasiado cruel para os nossos povos.

O adivinho prepara o primeiro lance. Diz palavras invocativas em gesto de cantigas. Palavras santas. Reina um silêncio pesado, nervoso. O adivinho lança os ossos e conchas que rolam na esteira numa linguagem muda.

Os olhos de David acompanham o lance como se pudesse antecipar a mensagem, os resultados.

O adivinho ergue a voz solene como uma récita.

— Este é o lance da saúde. Há saúde no corpo mas na alma não. Tudo o que aqui se faz, aqui se paga, esta é a sentença de Nguanisse.

David tenta analisar a mensagem. Acusatória e punitiva, como a sentença do tribunal. Será que o adivinho está a condená-lo? Procurava um cúmplice e eis que cai nas mãos de um juiz. A esperança desvanecese. Uma viagem arriscada na fria madrugada, para se deixar julgar e condenar. Aquela visita redundava num desastre. Sente vontade de questionar, de contestar, mas não diz nada. Escuta.

O adivinho faz o lance da sorte e da fortuna e diz um compacto de frases:

— Rei é rei, por destino. Ser feiticeiro é escola e natureza. Ventre de mãe é dádiva, não se escolhe.

O jogo de palavras forma uma barreira tornando a mensagem indecifrável. Estará o homem a falar do presente ou do futuro?

O adivinho sente o cepticismo do cliente e esforça-se por provar a verdade das suas palavras com imagens e factos. Aponta os ossos e explica:

— São seis homens rodeando-te: súbditos prestando vassalagem. São seis homens invejando-te: inimigos. É uma multidão te aclamando: servos, admiradores. És rei! Serás ainda mais rico e terás muitos homens sob o teu comando.

— Difícil de acreditar!

Os olhos de David alargam-se de surpresa e espanto. Esfrega-os com a palma da mão. Parece que não vejo bem. Parece que não oiço bem. Faz um esforço e concentra-se.

— Esta é uma das leituras mais belas e mais claras que já fiz. O feitiço se espalha como estrela-do-mar. Os inimigos fogem em debandada. Há vitória. Poder. Dinheiro.

David sente que está na presença daquele que faz fortuna com desgraça alheia, usando a estratégia mais antiga do mundo. Enganar e convencer para cobrar. Há gente fanática que paga somas avultadíssimas por uma simples mentira, levada pelos traficantes da fé. De repente sente vontade de abandonar aquela casa para não ouvir mais nada. Sente vontade de mergulhar no mar do seu tormento e demitir-se da vida. Afogar-se. Suicidar-se. Sobe-lhe à cabeça uma vertigem de loucura. Descontrola-se. Reage. Protesta.

— O cão é o rei da noite virando latas. O rato é o rei no trono de lixo e o mendigo é rei da miséria em todas as esquinas. Neste momento sou também rei, mas de desespero.

Gera-se um clima de tensão. O adivinho tem um momento de fúria que disfarça. Para os que se julgam conhecedores do universo a sentença dos ossos não passa de conversa de impostor. Mas perdoa. Compreende. O novo cliente é um iniciado. Decide fazer uma sessão de perguntas e respostas, para facilitar o diálogo.

— Senhor, olhe bem para todos os objectos espalhados no chão.

— Estou a olhar.

— Diz tudo o que vê.

— Para quê?

— Vamos, diz!

— Já que assim quer, eu digo. Vejo ossinhos, conchas, pedras, raízes, moedas e missangas.

— Todos os pequenos objectos simbolizam a natureza em todo o seu conjunto, à busca de resposta para os problemas da humanidade. As conchas transmitem segredos do mar e da água. As pedras falam dos montes, do solo, da terra. Ossos e plantas simbolizam a natureza animal e vegetal. Dinheiro é fogo, é força. Cada objecto é uma voz, trazendo mensagens de todos os tempos. Olha para as conchas. Diz-me como estão dispostas.

— Formam um círculo, que o senhor chama de ndomba ou estrela-do-mar. O resto está espalhado ao acaso. Mas por que me pergunta tudo isso?

— Vamos, responde!

— Estão de boca virada para cima.

— Muito bem: Nguanisse vem do mar e fala pela boca das ondas. As conchas são porta-vozes dos deuses e mensageiros da sorte. Agora, para que não tenhas dúvidas, proponho que sejas tu a repetir o lance. Vá, recolhe tudo, embaralhe e lance com as suas mãos.

— Eu?

— Sim! Preciso de confirmar a tua sorte.

David pega nas conchas e ossos. Apalpa-os. Uma onde de frio percorre-lhe o corpo. Deve ser um fenómeno psicológico — pensa. Fecha os olhos. Concentra-se. Mergulha numa sensação estranha, indescritível. Sente as mãos geladas, presas, como se esses pedaços do nada possuíssem poderes magnéticos.

Surge a primeira convicção. As pedrinhas não são vulgares, não — conclui —, têm poderes, segredos, mistérios.

— Vamos, lança-os como um jogador de dados.

Faz o lance e observa: tudo se espalha por todos os lados, mas as conchas fazem um novo círculo. O adivinho obriga a repetir o lance mais três vezes. O círculo surge cada vez mais nítido, mais perfeito. David entra em pânico:

— O que significa tudo isto?

— Círculo pode significar cerco, segurança, centro, movimento.

— De geometria oculta não entendo nada.

— Disse há pouco: é a voz saindo das águas, das ondas. É a voz de Nguanisse na boca das conchas.

— Será verdade?

— Deixemo-nos de divagações e falemos em coisas concretas. Do teu emprego e daqueles que de ti dependem. Quem são?

— Ah, uma multidão. Quase um milhar de trabalhadores.

— E aqueles que na tua mesa se sentam, a quem a tua posição interessa?

David pensa nos operários, técnicos. Nos departamentos. Na secretária da direcção. Pensa nas sete conchas e procura sete homens. Quem serão? Faz um esforço e reconhece: meu Deus! Seis conchas em círculo rodeando uma. São seis directores de departamento à volta do director-geral. Como pôde ser tão cego a ponto de não compreender esta evidência?

O adivinho sente-se satisfeito com o cliente e prepara-se para a nova leitura.

— Ncanhi, três vezes ncanhi. Veja com os teus olhos. Estás aqui, aqui e ali.

— Mas... ncanhi. Eu? Porquê?

— És a árvore de casca carnuda, tão amarga que

ninguém morde. És canhi, fruto doce, perfumado. Bebida espirituosa, afrodisíaca, que faz o homem e a mulher unirem-se no prazer divino. És remédio e feitiço. És a árvore dos antepassados. Reúnes em ti poderes do bem e do mal.

O adivinho recolhe as conchas e faz o lance do futuro. As conchas ultrapassam as noites. Os dias. As estrelas. As estações do ano. Percorrem os caminhos do porvir à busca de respostas para calar os anseios de um homem desesperado. A sentença vem.

— Saúde, dinheiro e amor. Terás quatro esposas, quatro pilares que te erguerão até ao mais alto dos montes. Não irás ao seu encontro, nem elas virão no teu encalço. Envolver-se-ão no cruzamento dos caminhos. Elas darão a vida por ti.

— Quatro esposas?

— Sim, quatro, assim o dizem as conchas do teu destino. Bom número. Quatro membros tem o homem. Quatro patas têm os bichos mais fortes da natureza. Quatro paredes tem um edifício. Quatro rodas tem um carro. Quatro é um número de estabilidade.

Está feito o diagnóstico. Falta a leitura da prescrição e da cura. David respira fundo porque o tormento está próximo do fim. O adivinho recolhe os ossos. Invoca. Questiona. Lança. A posição das conchas muda completamente.

— Mas que poder é este? De onde vem? Da luz ou da sombra? Nguanisse, será verdade o que me dizes?

Os olhos do adivinho ganham uma expressão de intriga, ausência, surpresa, medo. Ausentam-se do mundo, mergulham no fundo do mar e empreendem buscas sem fim para resgatar um tesouro perdido. Repete o lance. Lança. Relança. A mesma resposta, o mesmo enigma. David ganha um desespero de morte. As mãos tremem. O corpo transpira na manhã de frio.

— Incrível! — diz o adivinho.

— Mas o que é incrível?

— Aqui está aquele que fala pela voz do halacavuma, que nunca mente. A questão é demasiado misteriosa, complexa, que nem Nguanisse consegue diagnosticar.

David olha para o adivinho, para o Lourenço, para as conchas, para as paredes, em busca de consolo. As conchas têm o poder de lançar para a luz ou para o abismo o mais poderoso dos homens. Quem as procura acaba na sua teia tal como o peixe no anzol. As conchas acabam de arrastar-lhe a alma para o fundo do mar. O seu desespero é total.

Os adivinhos usam linguagem enigmática para tornarem inacessível o seu mundo. Os médicos fazem o mesmo. Entulham os ouvidos dos seus doentes com palavras latinas que lhes levaram anos de aprendizagem, apenas para exibirem o seu saber e o seu charme. David busca consolo em si próprio. As conchas não falaram de morte, mas de vida. Não falaram de desespero, mas de uma esperança coberta de mistérios.

— E agora o que faço?

— Não sei, não sei.

— Cheguei a acreditar nos seus poderes mágicos. Trazia no peito a esperança de encontrar uma saída e desvendar o meu futuro...

— O mendigo sonha ser rei mas morre mendigo. Todos sonhamos o amor, mas o amor conquistado sempre acaba em dor. Muitos se batem pelo pão, mas vezes sem conta o combate é vão. Os espíritos são donos de todos os caminhos.

O curandeiro diz verdades profundas que, para David, são verdades estêreis, em nada ajudando para a solução do seu dilema.

— O senhor é o primeiro e único adivinho que conheço. Fez-me perder tanto tempo para no fim...

— Lamento. Nguanisse diz que não pode tocar no seu corpo, muito menos voltar a fazer outra leitura para além desta. Nguanisse é do mar calmo, é bondoso. A sua especialidade é cuidar dos desprotegidos, dos perseguidos, dos doentes e dos deserdados da sorte. Aconselha-o a procurar alguém à altura dos seus poderes.

— Mas onde? Os operários deram-me um ultimato lá na fábrica que dirijo. Se até amanhã não apresentar nenhuma solução tudo vai arder, ardendo também a minha reputação e tudo o que construí.

— Calma, homem, calma. Fez bem em procurar-me agora. Hoje à noite estará aqui aquele que desvendará o seu mistério. Vem. Traz dois metros de pano de lençol branco, seis velas e dinheiro suficiente para pagar o animal de sacrifício, caso seja necessário.

— Agradeço a atenção. Mas por que é que tem que ser à noite? Não é fácil atravessar o subúrbio a essa hora.

— Aconselho-o a vir porque vai haver um jubileu espiritual, que reunirá curandeiros de diferentes especialidades.

— Jubileu?

— Sim, hoje irei celebrar o lobolo de espírito da minha terceira esposa.

— Lobolo de espírito?

David abandona a casa do adivinho completamente transtornado. Os acontecimentos precipitam-se num passo tão rápido que ele já não controla as suas emoções. Queria resolver um problema e acabou envolvido noutra maior ainda. Semeei ventos, colho tempestades. Quem sabe se o esclarecimento virá quando a noite chegar?

Abandona o adivinho cheio de segredos e mistérios e corre para o braços da avó Inês, a fim de decifrar os enigmas do lobolo.

Lobolo, do vocabulário bantu, tem uma miríade de significados. Como palavra, inspira calor e luz. Como acto, inspira a dignidade, unidade, aliança e prestígio. Lobolo, como palavra e como acto, foi sempre mal entendido, e por isso combatido. Mas encerra dentro de si a renda e a vida. O perfume e a riqueza. É perfeito e completo. Traz mais graça que desgraça. Enquanto houver acções dignas de louvar, o lobolo persistirá.

Todas as mulheres gostam de lobolo, mesmo as feministas do extremo. Porque dignifica. Dá estatuto. Prestigia. Porque no dia do lobolo-casamento, a mulher sai da invisibilidade, do anonimato, e se torna o centro das atenções, rainha uma vez na vida. Porque a sociedade inteira fica a saber que conta com mais uma mulher adulta, séria, digna, com mais uma família, um lar. O que as extremistas não entendem, neste caso, é que não é só o lobolo que condiciona a prisão da mulher, mas todo o sistema social.

Lobolo é casamento. E como todos os casamentos do mundo é um contrato de desigualdade e injustiça, em que o homem jura dominar a mulher, e a mulher jura subordinar-se e obedecer até ao fim dos seus dias. Nesta cerimónia, as mulheres cantam e choram, porque o lobolo-casamento é um adeus à vida e à alegria. Como em todos os casamentos do mundo, as canções do lobolo são tristes. Falam de dor e de sofrimento. Da saudade da mãe, da avó, do pai, dos irmãos. Falam da partida e da viagem por caminhos desconhecidos. A mulher lobolada também chora, por um desgosto que ainda não conheceu, mas que sabe que há-de conhecer.

Lobolo é adopção, perfilha e busca de companhia.

Lobolam as viúvas ricas, com filhos já casados vivendo em terras distantes, a crianças órfãs e desprotegidas que recebem pão e abrigo em troca de companhia e conforto humano. Lobolam as mulheres estéreis a crianças órfãs e desprotegidas, para garantir a continuidade da linhagem, numa cerimónia que é um processo de adopção. Lobola um homem ao próprio filho, quando a criança é rejeitada na hora do nascimento e muito mais tarde reconhecida como filha.

No mundo dos espíritos, lobolo é uma confirmação de fé ao serviço dos mortos. Um agradecimento pelas benesses recebidas. Uma aliança entre espíritos de diferentes especialidades. Uma chave e uma fórmula de penetração em novos domínios espirituais. Os espíritos ngunis lobolam os ndaus e vice-versa, unindo forças e fraquezas na busca de melhores soluções para os problemas do mundo. Homem casado com mulher espírita lobola duas vezes. Paga pelo corpo e paga pelo espírito, para ganhar o estatuto de marido absoluto, tanto no plano físico como no espiritual.

Lobolo é prémio, é prenda. É a caixinha de surpresas oferecida ao marido no dia dos seus anos. É o anel de noivado. É o ramo de flores oferecido no dia dos namorados.

Lobolo é mhamba, é união entre vivos e mortos, os deuses maiores e menores. O lobolo é uma cerimónia religiosa por excelência.

A transformação do religioso em profano é um processo universal. O Natal dos cristãos é uma festa comercial de pai natal, prendas e festas de loucura, onde as pessoas dão largas à devassidão, bebem, roubam, matam, mergulhando a sociedade inteira numa barbárie absoluta. A festa de baptismo, mesmo de um bebé, é celebrada com orgias e álcool. Nesta sociedade em decadência, tudo se vende: a força humana,

o sexo, os filhos, as filhas. O lobolo não podia escapar à regra. De cerimónia religiosa e social, depressa passou para um pequeno negócio, por vezes selvagem.

XIX

Anoitece. David prepara a mente para ouvir as vozes enigmáticas dos deuses. Prepara-se para receber das mãos invisíveis o banho e as tatuagens potentes que tornam o corpo invulnerável como um blindado. Prepara-se para receber a bênção da longa vida, da imortalidade e da juventude perpétua. Prepara-se para receber mais sorte no amor, maior potência sexual, mais poder e mais dinheiro.

Chega à casa do adivinho por volta das sete da noite. Bate à porta. O adivinho recebe-o e o conduz de novo ao templo de Nguanisse. Há luz eléctrica cobrindo todo o quintal. Mulheres atarefadas cozinhando em grandes potes. Aroma gostoso espalhando-se pelo ar. Hoje haverá festa brava, confirma. No interior da ndomba, David é vencido pelo cansaço e insónias da véspera. Cochila. Vem o sono e a paz ansiada. David sonha com mãos suaves acariciando-lhe o corpo. Relaxa. Escuta vozes falando doçuras. Devaneia e goza os prazeres imaginários. Uma mão sacode-o suavemente.

Ergue-se da esteira assustado com o que vê. Será uma aparição? Uma miragem? Um sonho erótico da adolescência? Esfrega os olhos para confirmar que não estão dormentes. Volta a olhar. Seis raparigas vestidas de igual, seis pessoas verdadeiras, de carne e osso, todas sorrindo para ele. Avalia-as. Virgindade

pura. Beleza. Sensualidade. Perdição do homem no paraíso terrestre. Entra em pânico: que espécie de orgia está a ser preparada? Uma das raparigas ordena com delicadeza:

— Dispa-se, meu senhor.

— Despir-me?

A mente de David recorda as orgias antigas: amor a quatro, troca de casais, bebedeira, soruma e tabaco, aventuras perigosas. Elas olham-se. Cochicham. Lançam pequenas gargalhadas e riem-se. A rapariga ajoelhada repete a ordem.

— Não tenha medo, senhor. Dispa-se.

— Medo? Porquê?

David pensa na sua trajectória de homem, nos pequenos e grandes amores. Mulher nenhuma lhe ordenara que se despirse em toda a história da sua vida. Sente-se humilhado, mas disfarça.

— Que medo posso ter eu, meninas?

— Nunca se sabe. Talvez tenha maus pensamentos.

— Mas que ideia! São todas lindas, vocês!

— Não vale a pena apaixonar-se, senhor.

— Porquê?

— Porque somos comprometidas.

— Quem são os felizes noivos?

— Noivos não, maridos.

— Mentirosas. Vocês nem namoram!

— Somos esposas de espíritos.

— Um espírito pode ter uma esposa?

— Como vê. E eles gostam de mulheres virgens e belas tal como nós, assim. Não querem nada com as velhas cheias de doenças e vícios.

— É verdade?

David compreende. As seis raparigas são nhancua-ves, eleitas esposas dos espíritos, futuras sacerdotisas. São interditas ao homem comum, porque o seu corpo

é altar, destinado a ser possuído pelos espíritos ancestrais.

— Ah, meninas! Fiquem sabendo que mesmo as mulheres casadas se raptam quando o amor é forte.

— Ih, o senhor seria capaz? — diz uma delas.

— Experimenta comigo para ver o que lhe acontece.

— Vai acontecer um amor louco, terrível! Posso amá-la, sabia?

— Marido espírito é possessivo, forte, vingativo. Antes mesmo de me dar o primeiro beijo, fulminar-lhe-á com a lança da morte.

— E tu chorarás por mim, naturalmente.

— Se tiver tempo para tal.

— Claro que terás.

— Não, porque serei amaldiçoada e excomungada do mundo dos espíritos. Nunca conseguirei casar nem ter filhos. Sofrerei de doenças invulgares que nenhum ser humano pode curar.

— Que esperas então? Levar uma vida de celibatária até à morte? Olha que és muito nova, ainda.

— O destino da gente está marcado. Na hora certa eles decidirão se a gente casa ou não. Nessa altura, eles mesmos indicar-nos-ão um homem da sua preferência.

— Então terão dois maridos. Um morto e um vivo.

— Não é bem assim. Isso são segredos que o senhor não compreenderá nunca.

Nas vozes resignadas se esconde o sonho da liberdade. David ganha a triste sensação de estar a ouvir o canto das prisioneiras. Olha para elas e lamenta-lhes o destino. Estas raparigas aceitam o cárcere como coisa do destino. Outras não se resignam, lutam. Todas as raparigas naquela idade constroem sonhos, vivem sonhos, realizam sonhos. Estas são até proibidas de sonhar. A prisão espiritual é o mais severo de todos os cárceres.

Concentra-se no ritual que se segue. Decide acatar a ordem e despe-se à vontade, porque acaba de perceber que está na presença de seres de outro mundo. Uma das moças enrola-lhe o lençol branco pela cintura. Outra lava-lhe os pés, o rosto e as mãos com água morna. Outra ainda penteia-lhe os cabelos, para finalmente lhe colocarem todos os ornamentos rituais. Goza a sensação de estar num harém de mil esposas. Acompanham-no para o quintal repleto de convidados. Sente uma lucidez incrível e uma leveza flutuante que o faz caminhar como quem voa. É como se uma vassoura mágica tivesse varrido todos os seus problemas. O que fizeram de mim estas bruxas? Não bebi nada, não fumei nada, não cheirei nada.

Acomoda-se num canto e aguarda a aparição dos deuses. Olha em redor e sente que não presencia uma paisagem deste mundo mas uma lenda do passado. E observa como os mitos, lendas, história passada e recente se reflectem nos trajés, nos gestos, na fala da maior parte dos presentes.

David sente que está num congresso de especialistas do oculto. Por todo o quintal se espalham as ndombas, palhotas sagradas. Colares de conchas, de ossos, de missangas. Tambores. Lanças. Peles de animais raros. Cornos de antílopes. Marfim. Relíquias. Discípulos de escolas ocultas, antigas. Trajes com símbolos de astros e de animais totémicos. Preto, branco, vermelho-sangue. Coisas secretas que só eles conhecem.

Sente-se à vontade no meio do ambiente como se já lá tivesse estado antes. Ouve pedaços de conversas aqui e ali: os homens falam de futebol, de política, de actualidades. As mulheres falam de cozinha, dos filhos, da moda, mas todas as conversas acabam no feitiço. Identifica o ambiente. Gente bem alimentada, abastada, com aspecto de senhores de grandes negó-

cios. Gente magra, raquítica, subnutrida. Lógico. Não há pobre sem rico. Bebem e comem no compasso de espera. O homem que distribui as carnes aproxima-se. David olha para a bandeja. Carnes mal passadas e outras bem assadas. Recebe o seu pedaço de carne assada e uma cerveja esbranquiçada. Cheira-a. Será de cereais ou de fruta? Fica uns tempos pensativo: comer ou não comer? A epidemia de cólera faz vítimas mortais em todo o país. Será que a bebida foi confeccionada com a higiene necessária?

— Come que é bom — diz a mulher ao lado.

Leva o naco em direcção à boca, mas a mão fica suspensa no ar.

— Come que é bom.

Desta vez é uma voz masculina que se ouve atrás de si. Vira a cabeça e vê o adivinho. Respira fundo e esforça-se por comer o pedaço que afinal é muito saboroso.

— Vieste — diz o adivinho.

— Vim, sim.

— Fizeste bem.

— Demora muito?

— Depende.

— De quê?

— Do que os espíritos decidirem.

— São onze e trinta da noite.

— Os deuses é que marcam a hora. Mas falta pouco. Em breve saberemos o que os espíritos nos dirão.

Outra vez a mesma linguagem cheia de segredos e mistérios. David enerva-se e leva o copo de bebida à boca. Tem um cheiro desagradável. É azeda, amarga, quente. Vaza o copo e sente uma leveza total.

— Alguma vez assistiu a uma cerimónia destas?

— Já assisti a uma graduação spiritista, mas não a um lobolo.

— Já cá está a pessoa de que falei. Ela terá que exhibir o seu poder e o seu saber e nada melhor que o seu caso para testá-la.

— !?

— Foi o que determinaram as pedras do teu destino.

David sente o desconforto de não ser sujeito, mas objecto de trabalho. Material didáctico. Estudo de caso, tal como o estudante de medicina retalha o corpo de um cadáver para demonstrar o seu saber, no momento de avaliação. Fica arrepiado com este pensamento e decide esquecê-lo. Como vilão de rabo preso não tem grandes poderes para mudar o curso dos acontecimentos. Ele mesmo, como estudante de economia, incomodara comerciantes, vendedores de rua, contrabandistas, para estudar a circulação do capital.

Naquelas cabeças enfeitadas de conchas e penas urdem-se mistérios inalcançáveis. Que deuses misteriosos se escondem aqui, que reúnem o bem e o mal numa coexistência pacífica, distribuindo poderes tanto para construir como para destruir? De que estranho esconderijo virá o deus que irá proteger os meus pecados?

Estas peggas desafiam a lógica. Atravessam as fronteiras proibidas e viajam no passado, e no futuro, utilizando o poder da mente. Gente culta diz-se motor do desenvolvimento na presença do Sol, mas, à noite, assistem a missas negras. Há fogueiras ardendo na noite. Há tambores quebrando o silêncio da noite. Há sombras que dançam, partindo das profundezas da terra.

— Todos dependemos dos mortos como a semente depende da chuva — diz o adivinho. — A flor só desabrocha quando o sol sorri. Em cada estação nascemos e morremos como folhas de cajueiro. Ainda não nasceste, David. Tens corpo mas não tens som-

bra. Nem nome. Nem sexo. Ainda és um pedaço de vento à busca de espaço.

David deixa-se embalar na linguagem cheia de imagens. Reflecte. Os padres, os filósofos, curandeiros, psicólogos, são membros da mesma confraria. Por vezes escondem a sua incapacidade de resolver problemas, dizendo coisas que ninguém entende. Refugiam-se na fortaleza da língua para se tornarem inacessíveis.

— Disse-me esta manhã que era uma cerimónia de lobolo.

— É. Estou a lobolar um espírito guardião.

— É interessante. Nunca tinha ouvido falar nisso!

— Os feiticeiros profanam os templos dos meus deuses todas as noites e conspurcam as minhas magonas. Preciso de um espírito mau, para proteger todos os meus pertences.

Não há lógica nenhuma naquilo que ouve. Feiticeiro defendendo o sagrado. Diabo defendendo os anjos no lugar de convertê-los. Mal servindo o bem. Mas faz sentido, de alguma maneira. É o cão bravo que defende a tranquilidade do lar. São as armas de fogo que desarmam e matam o assaltante, o inimigo. O bem e o mal unem-se na mesma luta para a tranquilidade da terra.

— Pensei que se lobolasse uma mulher apenas por amor.

— Amor? Não me faça rir. Tenho já duas esposas e não consigo fazer amor com elas, por causa dos espíritos. A nossa vida sexual está reduzida a nada e as pobrezinhas sofrem muito, coitadas!

David sente vontade de rir perante a expressão do incrível. Um homem a declarar-se impotente sexualmente na festa do seu matrimónio, é coisa mesmo divertida.

Um leve rufar de tambor chama a atenção dos pre-

sentes para o início do convívio, e os olhos de todos se fixam na direcção do som. Um razoável número de mulheres desfila, carregando à cabeça mutundos de diversos tamanhos, que depositam debaixo de uma pequena árvore, com a solenidade de quem coloca objectos sagrados diante de um altar.

Os tambores agora tocam baixinho, e o ambiente transforma-se em solenidade, seriedade, concentração. Uma mulher idosa abre a sessão numa linguagem litúrgica. Os pensamentos e os sentimentos unificam-se à volta do verbo e das batidas de tambor, estabelecendo-se a ponte entre os vivos e os mortos. David lembra-se das missas católicas e da cronologia de todos os passos.

As orações são iguais em todas as crenças. O ser humano reza pelo pão e pela paz, pelo amor, pela chuva e fertilidade. David procura entre os presentes a figura principal da festa. Que característica terá uma noiva feiticeira? Velha e feia, como as bruxas dos contos de fadas? Ou terá a beleza e a fineza das princezas? Avaliando pela expressão do corpo, nenhuma das mulheres, velhas ou novas, apresenta a pose, a timidez e a emoção de quem se casa. Talvez este seja um ritual introdutório — conclui — e a noiva apareça mais tarde, como acontece em muitas tradições. Desvia os olhos para os cestos poisados no chão. São mutundos, talvez contendo o enxoval da noiva. Mas em que consiste o enxoval de uma noiva feiticeira? Capulanas e missangas? Cabaças? Cobras e mochos? Objectos mágicos? A língua do povo diz que o mutundo da feiticeira é um ninho de cobras, caveiras e sapos, poções mágicas capazes de provocar a infelicidade da humanidade inteira. Se calhar, a tal noiva são aqueles cestos pesados colocados na base da árvore.

Se o curandeiro precisa de espírito guardião, porque lobolar uma feiticeira, e não um contrato de pres-

tação de serviço com um feiticeiro homem? Pensa um pouco e conclui: corpo de mulher é mão-de-obra e prazer. Do ventre dessa mulher nascerão feiticeirozinhos e não haverá mais necessidade de lobolar feiticeira nenhuma.

O bater dos tambores sobe de tom e é tão forte como um despertar para a guerra. Os deuses africanos são deuses da vibração, do som e do movimento e só se manifestam ao som da música guerreira. David abandona os devaneios porque sente que chegou a grande hora. Ninguém resiste ao toque mágico do tambor e todos mergulham na dança dos espíritos. Em pouco tempo entram no delírio colectivo. Uns tremem convulsivos. Outros arrotam. Uma rapariga salta e faz acrobacias dos animais da selva. A maioria suspende a dança e se afasta abrindo espaço. Os tambores tocam ainda mais forte enquanto a assembleia bate palmas. David suspende a respiração: será possível? A tal noiva feiticeira é uma das raparigas que o obrigou a despir-se há pouco tempo. Que poderes especiais poderá possuir uma adolescente que ainda não ultrapassou a barreira dos quinze anos?

A rapariga dança, alheia ao espaço e ao tempo, com leveza de pena. Lança um grito gutural, dá um salto mortal. Cai e desmaia. Param os tambores, as vozes, a rapariga acaba de ser ferida gravemente por um punhal invisível. Ninguém acode à infeliz e, pelo contrário, abrem mais espaço, como se temessem o contágio da vítima.

David espia os rostos da maioria. Todos sorriem. Meu Deus, por que estará esta gente tão feliz? Não compreendem que ela perdeu os sentidos e o coração se arrisca a uma paragem fatal?

Ela recobra os sentidos lentamente, muito lenta-

mente, parece que está a emergir do túmulo. Coloca-se de pé. Saúda todos os presentes um por um, adivinhando-lhes o passado e o futuro. Aproxima-se de David e olha intensamente. Aquela presença inspira qualquer coisa que não faz parte deste mundo. Aquelle olhar fá-lo penetrar em universos nunca antes sonhados. Ela fala-lhe numa voz mais suave e sedutora que a flauta dos campos. Aquela voz agrada. Embriaga. Hipnotiza. A alma de David bate asas, eleva-se. As nuvens abrem alas. David sente em si uma estrela que passeia vitoriosamente no coração do Olimpo pela mão de uma deusa.

De súbito o encanto se esvai e a deusa cai como quem desmaia. David segura-a firme nos braços fortes para impedir que morra. O grupo de ajudantes vem em socorro da feiticeira. Esticam-lhe os braços, as pernas e os dedos. Massajam-lhe o corpo e a coluna. Mergulham a tchowa, o rabo de hiena, numa bacia de água e aspergem o corpo da feiticeira com a água dos deuses. Ela desperta e olha para tudo o que a rodeia como se emergisse de um pesadelo. A expressão da feiticeira é de desconhecimento absoluto do que fez, do que disse e de tudo o que aconteceu.

David descobre que se tornou o centro das atenções, porque a assembleia tem os olhos poisados nele. Repara que todos sussurram nos ouvidos uns dos outros como se falassem de um acontecimento especial enquanto lhe lançam sorrisos simpáticos e amigáveis.

— O senhor é um homem de sorte — murmuram alguns presentes —, muita sorte mesmo. Este espírito não fala com qualquer um. Preferiu os seus braços para repousar. Isso é sinal de sorte, sim.

David não se espanta com o que ouve. A xingombela dança-se em família, compadre e comadre num só par — diz o povo. O seu com o seu igual. Diz com quem andas, te direi quem és.

As ajudantes levam a noiva para um canto e lhe mudam as vestes. Será para mudar a identidade do espírito possessor? Diz-se que um só corpo pode ser possuído por um santo e um demônio. Por uma virgem e uma prostituta. Se cada espírito exige a sua ndomba, como compreender a convivência harmoniosa de espíritos contrários no mesmo corpo?

Os tambores voltam a ouvir-se num ritmo bélico, infernal. A noiva salta para o centro do círculo dançando com uma espectacularidade única. Uma boa parte da assembleia canta e bate palmas e dança fazendo companhia à noiva feiticeira.

A comunicação homem-Deus é sempre feita num ambiente de grande balbúrdia, até parece que Deus gosta de manifestar-se no meio do barulho dos seus fiéis. Foi assim Babel e Sião. No Pentecostes. São coros da igreja, sinos, pianos, órgãos, batucadas. São os gritos histéricos dos possessos. Grito de prazer acontece apenas no amor, e no parto as fêmeas gritam de prazer e dor.

A possessa lança um grito final e cai prostrada. Os tambores se calam, calando-se também as vozes das gentes. Como antes, ninguém acode à infeliz. Poucos minutos depois se ergue encarnando uma nova identidade. O que será desta vez? Um espírito de assassino ou de um santo? Seja lá o que for, é um espírito de tortura, um violador de menores, que invade o corpo das vítimas sem respeitar a idade nem o estado civil, sem pedir licença, que possui os corpos com uma violência brutal, usando-os como objecto, sem a menor dignidade. Os deuses desta confraria são loucos, tiranos. Atormentam no lugar de acalmar. Despertam e não embalam. Sopram no corpo a dor e não a alegria.

Olha para a feiticeira e fica assustado com o que vê. O rosto doce e suave de há momentos torna-se agora selvático e ameaçador como o de um monstro

das cavernas. Os olhos cadavéricos da nova monstra dão a volta completa ao ambiente como quem faz um reconhecimento ou procura algo perdido no tempo. O pavor de David é absoluto. Fecha os olhos assustados e recorda-se dos mitos que falam de possessas que estrangulam as vítimas, que bebem sangue, que violam sexualmente os homens.

Abre os olhos com timidez e repara que o rosto da possessa sofreu uma nova transfiguração. A voz é meiga e os olhos suplicantes. O espírito que a possuiu desta vez deve ser o da grande mãe criadora de toda a natureza. Se for o espírito do diabo deve ser o da distribuidora dos maiores prazeres deste mundo. A possessa ajoelha-se diante dele e fala-lhe numa língua desconhecida que de imediato é interpretada pelas tradutoras.

— Procurei-te tanto, esperei-te tanto, não sabias que te esperava? Por que só vieste hoje, porquê?

Ela volta a rugir como um felino e David descobre-lhe um olhar supranormal. Todos os receios se aprofundam porque acaba de descobrir maravilhas nos olhos tenebrosos. Sente que, dentro de si, alguma coisa se move, atraindo-o para um poderoso campo magnético. Mergulha na confusão. A voz da possessa é um murmúrio, um lamento de saudade. Faz-se um silêncio enorme e David pensa rápido. Já ouvira aquela voz em algum lugar. Já vira aquele rosto, aqueles olhos, não se recorda de onde. Talvez dos pesadelos. Talvez dos sonhos. Talvez da rua, da estrada, dos tempos de escola, da infância. Talvez mesmo da imaginação ou de uma outra dimensão. E sente que também aguardava por ela, e a certeza daquele reencontro residia no seu subconsciente.

— Sabia que me esperavas, sim, sabia. Mas tinha que aguardar o chamamento dos deuses, porque o destino marca a hora.

Deuses? Destino? David surpreende-se consigo próprio. Fora ele mesmo quem pronunciara aquelas palavras? Ele não, não podia ser. Sente que dentro dele existe outro alguém que o arrasta, soprando-lhe ao ouvido as palavras exactas a serem ditas, inspirando-o a respostas misteriosas.

— Tens o corpo sujo. Mas quem ousou colocar feitiços nos ombros do meu senhor, quem? Vejo as marcas deles, são seis. Todos eles fizeram um nó na mesma corda, mas a trama se romperá como um pano velho ardendo sobre o fogo. Acusar-se-ão como cobardes na presença da tua majestosa imagem. Castiga-os. Não se poupa a cobra porque está moribunda.

Num gesto brusco, arranca a tchowa das mãos da ajudante e inicia o trabalho de limpeza. Varre os feitiços do corpo do seu senhor com a facilidade de quem cata piolhos. Usa a tchowa e o nariz, instrumentos biológicos para diagnósticos farejantes dos feitiços e almas más, estetoscópio nasal, antibiótico de largo espectro contra bactérias mágicas, sobrenaturais.

Agora a feiticeira sorri, o seu homem está um pouco mais limpo. Abandona David por uns tempos, pára aqui e ali, conversa com este e aquele e todos lhe retribuem cumprimentos e sorrisos. De rosto mais cândido que nunca, a feiticeira ordena aos tamboristas que toquem a música da despedida. Desta vez a dança é suave e calma como a água fluindo na brisa fresca.

David não resiste às batidas dos espíritos. Sente um formigueiro a atacar-lhe o cérebro. Ajoelha-se e lança gritos arrepiantes. Levanta-se e gira a cabeça em roda para afastar o formigueiro. Dança. Sente que dos pés lhe nascem penas, e dos braços asas longas. Flutua num espaço sem a influência da gravidade. Rodopia na arena como um pião, perde completamente os movimentos e cai sobre o solo.

— Meu Deus! — grita o adivinho. — Os espíritos disseram-me coisas estranhas ao amanhecer, mas o que eu assisto é mais estranho ainda. Parece que o meu cliente tem espíritos mais poderosos do que qualquer um dos presentes. É muito mais do que nyanga, adivinho, feiticeiro. Que surpresas me reserva esta minha profissão de curandeiro? Seja lá quem ele for, que os deuses lhe revelem seu estranho destino.

Orientadas pela feiticeira, as ajudantes aproximam-se de David. Sacodem-no. Despertam-no. Lavam-lhe os pés, as mãos e o rosto com sabão de cheiro a sebo. Fazem-lhe segurar um bastão todo adornado de missangas. Aquele bastão dá-lhe uma nova sensação de poder e mistério. Será poder do bem ou do mal?

David volta a si e tenta compreender o ambiente. Vê incenso ardendo e transtornando o ambiente. O cheiro de tabaco, soruma, aguardente, provoca-lhe embriaguez total. Vêm-lhe à mente imagens do candomblé e da quimbandá. Olha para a jovem feiticeira ajoelhada à sua frente. Ela deve ser uma deusa temida e desejada, que transforma em nada o mais furioso dos Hércules. Deve ser uma sereia, ninfa. Diana. Vénus de Milo ou Erzulie, deusa de mil maridos ou ainda a insaciável feiticeira de sexo. Penetra nos sonhos do proibido e do permitido.

— Neste momento eu não sou eu — David fala de si para si —, há um outro que me habita, que me invade, que me usa como instrumento de comunicação. Dentro de mim há um ser desconhecido que fala uma língua desconhecida.

— És forte, és lindo! — diz a feiticeira.

David faz um esforço e se levanta, a deusa feiticeira continua de joelhos, à sua frente.

— Falaste em ndau, cavalheiro. És mesmo tu o homem por quem espero. Acabas de me provar que

és aquele que vive nas margens do rio bravo. Chama-te-me pelo nome e me disseste o que devia fazer.

Deus está longe daqui, dizem. Nem os pássaros nem as naves espaciais o conseguirão alcançar, jamais. Os homens atingiram e ultrapassaram o domínio da lua e não o encontraram, o que prova a sua inacessibilidade. Mesmo que fosse acessível estaria tão ocupado com as preces de cada alma que levaria milhões de anos-luz a responder aos anseios de cada habitante do sistema solar.

Por isso colocou os antepassados como seus ministros principais. Colocou os defuntos e outros deuses à altura dos homens para mais depressa socorrerem os problemas do universo. A eles cabe o papel intermediário entre o homem e o Deus maior. Na zona dos tsonga os possessos falam em ndau, em zulu e em nguni. Mas porquê estas línguas e não as línguas maternas dos possessos, verdadeira língua dos seus antepassados? David corre a memória para os velhos tempos da escola católica. Nos anos cinquenta, os padres não pregavam noutra língua que não fosse o latim. Porque era a língua da pureza. Do papa. Língua do céu. Língua de Deus.

Se os mortos falam com os seres terrestres em zulu, ndau e nguni significa que é nessas línguas que comunicam também com o Deus maior no momento da prestação de contas. Deus deve ser ndau. Ou nguni. Ou zulu. Numa só palavra, o Deus supremo fala as línguas bantu. Ele também é bantu.

Agora os tambores dão batidas de loucura. A dança torna-se sensual, diabólica. A mulher exige, implora, que lhe peguem aqui e ali. Ninguém mexe o corpo de uma mulher e o abandona sem levar a empresa até ao fim. David lança à assembleia um olhar de apelo, um pedido de socorro. Todos se limitam a sorrir e a bater as palmas sem lhe dizerem uma única palavra.

David esforça-se por travar a marcha e evitar o passo fatal que acabará em morte ou em vitória.

— Abraça-me forte, cavalheiro.

David sente-se incapaz de recusar o convite com medo de ser retalhado pelas garras da fera. Os dois, na arena, dão passos elegantes na dança dos vivos e mortos. Por todo o lado os sorrisos crescem. Mas afinal de contas que tipo de ritual é este? Para onde me levam estas aventuras? De repente sente que a possessa está a despertar desejos que ele não se sente à altura de realizar. Lança um último olhar de desespero para a assembleia. O adivinho oferece um sorriso assustado, disfarçado, aparentemente livre de raiva e ciúmes.

— Sou o marido dela e lobelei-a, mas neste momento sou apenas o servo. Liberta-te. Enlouquece. Voa. Faz com que os deuses manifestem todo o seu poder.

David liberta-se e levita. O corpo perde a presença, a ausência e toda a essência do ser e transforma-se num objecto dos deuses. Sente que está no domínio do mágico, do espiritual e do oculto. Sente que não é deus, mas instrumento dos deuses. Acaba de entrar num mundo onde o incumprimento das normas mais elementares conduz à loucura, morte e miséria absoluta.

— És bom, cavalheiro, e danças como ninguém. És teu o reino do prazer e da fortuna, poder e longa vida. Bem gostaria de continuar aqui mas estou cansada, quero ir. Mas antes, toma banho comigo para completar o prazer da minha presença nesta festa.

David respira fundo porque o pesadelo está à beira do fim. A ideia do banho é boa, refrescante. David olha para a noite que morre, faltam poucas horas para a reunião do conselho de direcção. Os olhos cansados

procuram localizar a latrina onde o banho será realizado. Vê duas. Uma antiga e uma nova à volta de uma pequena árvore. Um leve tremor invade-lhe o corpo. O banho será a dois. O que haverá depois? Deixa que a possessa o arraste para o cadafalso, vítima da sua própria ambição. Mal se aproxima da latrina o nariz é recebido por um cheiro que nada tem a ver com o banho nem com a limpeza. Ouve também um mugido. Da pequena árvore interior pende um bode negro, de cabeça para baixo e pernas amarradas no ramo mais próximo. Olha para o interior. Nem chuveiro, nem torneira, nem um balde contendo água. Por todo o lado objectos rituais esparsos ou encostados nas paredes. Ela despe-se. E despe-o. E lhe acaricia o corpo todo como quem limpa com as mãos. E ele deixa-se afagar completamente frio e estático, como se tivesse perdido a sensibilidade e o corpo se tivesse transformado em alguma outra coisa que não fosse seu corpo. Convida-o a ajoelhar-se por baixo da cabeça do animal em agonia. A ajudante do ritual empunha a lança em posição de guerra. Espeta-a no pescoço do animal, que começa a gemer no delírio de morte. E os dois tomam banho de sangue quente, jorrando como um chuveiro do corpo da vítima condenada.

David fecha os olhos, arrepiado. Bode, poder negro das tumbas. Animal macho e não fêmea. Banho de animal negro e não branco. Banho de sangue quente correndo de um animal em agonia, transferindo a vida de um corpo para o outro, verdadeira transusão energética. Recorda os combates antigos: balas, punhais, baionetas. Os gritos dilacerantes dos moribundos. As torrentes de sangue empapando a terra. Os movimentos de agonia na hora do adeus. Os olhos esbugalhados e sem expressão. A língua de fora, e os músculos retesados dos cadáveres. David tem a horrí-

vel sensação de estar a ser regado por sangue humano. A agonia do animal na hora fatal é igual à agonia do homem. Os mesmos movimentos. A mesma dor. O mesmo terror estampado no rosto.

Sangue, rio da vida. Cálice de vinho tinto, sangue do filho de Deus feito homem. Sangue derramado em defesa da pátria, pela liberdade, pão e paz. Vermelho sangue em todas as bandeiras do mundo. Dar sangue é salvar vidas humanas nos momentos de crise. Sangue de galo e de galinha, sangue de bode, de tartaruga, de cobra, de camaleão. Sangue, bebida suprema dos deuses terrestres. Mas por que é que, tanto na guerra como na paz, a vitória do homem leva sempre um selo de sangue?

David entrega o corpo, a consciência, a alma. E sente que recebe tudo. O poder, a riqueza e a longa vida. Esta mulher não é Vénus nem Afrodite porque é negra e bem quente. Está nas mãos de Erzulie, a deusa dos mil maridos. Está na presença de Oshum, deusa do amor e do ouro. Está com Esu, divindade umas vezes homem, outras vezes mulher, o mais poderoso dos deuses de África, munido de forças tanto do bem como do mal.

— Adeus, meu senhor. Até breve. Estaremos juntos no dia do teu juramento.

— Juramento?

Ele não consegue obter nenhuma resposta porque o espírito parte definitivamente para o seu destino. David pensa. Ela disse até breve e ainda bem. O curandeiro assegurara-lhe que passaria por uma experiência única. Tinha razão. Uma só vez é nada, e gostaria de repetir pelo menos mais uma vez.

Marcou o novo encontro no dia do juramento, mas juramento de quê? O juramento naquela confraria deve significar a entrega da alma ao diabo.

As ajudantes de culto retiram a feiticeira do local e

David mergulha num banho mais limpo. Oferecem-lhe um balde de água misturada com óleos, folhas verdes e pêlos do animal sacrificado. Dão-lhe em seguida uma cabaça de sangue fresco que o aconselham a beber para fechar as portas de entrada de todos os feitiços. Bebe num só gole e sem pestanejar e só depois se lembra. Cabaça de sangue de cabra, comunhão reservada aos eleitos na confraria dos feiticeiros. São rejeitados todos os que bebem e vomitam, e ele quer ser rejeitado. Sente um enjoo forte e mete os dedos no fundo da garganta para provocar o vômito. A mão gela como se tivesse sido paralisada por um choque eléctrico. Desiste. Conformase-se.

Enquanto se banha o pensamento corre rápido. Faz o balanço dos acontecimentos. A noiva feiticeira fazendo amor com um estranho na noite de núpcias. E era virgem, muito virgem. Que irá acontecer se o fruto desta relação germinar? Estará a rapariga disposta a amamentar um filho de cuja relação não terá nem memória, concebido num momento de total inconsciência? Meu Deus, faça com que esse filho não nasça, roga David. Que Deus me perdoe por todas as loucuras acabadas de cometer. Meti-me neste fosso com o meu próprio pé, nem eu mesmo sei ainda porquê.

Recebe depois as vacinas protectoras e os amuletos. Recebe também as instruções e por fim as despedidas com os desejos de uma boa sorte.

O Sol nasce e David parte para o combate com o cheiro de sangue fresco impregnado no corpo. Poderá a morte de um animal salvar a vida de um homem?

Faltam apenas quinze minutos para a reunião da direcção. David dirige-se para a sala de reuniões, com a mente carregada de pensamentos. Se o dia de hoje for de sorte, os problemas resolver-se-ão com a maior facilidade de sempre. Se for de azar, os meus ossos serão fáceis de triturar, serei nyamayavu, o grande banquete das noites de lua, mas antes farei com que provem, pelo menos uma vez, a força da minha zanga. Chamar-lhes-ei pelos nomes que merecem. A quem me quiser morder darei costas de pedra para que parta o marfim dos seus dentes. E quem me quiser comer, dar-lhe-ei carne azeda e amarga, para que se intoxique.

Pára à entrada da sala de reuniões e recorda as instruções da feiticeira. Abre a pesada mala e contempla os talismãs e os bruxedos. E o cepticismo vem. Aquelas bugigangas foram usadas pelos homens das cavernas e por todos os antepassados da era primitiva. Agora são usados por ele. Ri-se de si próprio enquanto cumpre à risca com a receita mágica. Uma pessoa desesperada é obediente, porque não tem escolha nem decisão sobre a própria vida.

À medida que chegam, os membros da direcção tomam os seus lugares à volta da mesa circular. O ambiente é negro, pesado, gelado. De pé, num canto, David ergue a voz moribunda e aponta:

— Muito bem. Estamos cá todos. Convido aquele que deseja substituir-me para dirigir este encontro.

A ofensiva começa com a batalha das palavras. A imagem de David reveste-se de uma grandeza gigantesca reduzindo todas as presenças à insignificância. Os membros da direcção sentem-se pássaros diante da serpente. Ficam hipnotizados. Presos. Mudos. A voz de David volta a ouvir-se:

— Onde está aquele que me quer substituir? Quem é?

Silêncio. Todos fixam o rosto do seu director-geral. Olhar duro. Turvo. Rubro. As palavras ferem como espinhos e os seis homens estremecem. Tentam navegar contra a maré, mas afundam-se.

— Senhor director administrativo: és tu que me queres substituir?

— Não, claro que não.

— Não?

— Pergunte ao director de produção, não sei de nada.

— Muito obrigado.

O director de produção é apanhado de surpresa. Estremece. Respira fundo e tenta dizer algo. Gagueja.

— Desta trama ninguém tem as mãos limpas. Todos nós estamos envolvidos, senhor director.

De cabeça baixa, David escuta. Palavras azedas cortam o ar como pedradas. Acusações mútuas. Discursos explosivos denunciando nomes, locais, datas, factos, desfazendo a trama de forma espantosa. Insultos. Gritos. Gestos furiosos exibindo a pobreza de carácter. Combate frontal. Músculos tensos esvaziando a raiva. Bocas amargas lançando espuma como cavalos em desespero de morte. Depois do combate, o esgotamento e o silêncio.

David olha para os companheiros e esboça um sorriso triste. Parecem-lhe agora plantas murchas, erva, gramínea que se pisa na marcha dos combates.

— Nesta sala somos sete — diz David com voz angustiada. — Sete reis, sete deuses, sete astros, sete poderes do inferno à volta do mesmo trono. Dos sete, eu sou a raiz e o tronco. Tira-se a raiz e morre a árvore. Hei-de ir-me embora. Dos que aqui estão, apenas um ou dois irão escapar. Celebremos, então, o nosso fim.

Os seis sentem o estremecer da árvore em queda. Ninguém gosta de perder. Vergam-se e pedem clemência.

— Senhor director, somos humanos, erramos. Houve um momento de ambição, de ilusão. Acreditamos que não nos faria falta. Achámos que o senhor era negligente e nós mais competentes.

— Sejam francos: somos uma quadrilha e aqui ninguém é melhor que outro. Pois bem, matem-me, sangrem-me e acabem logo com esta tortura. Estou à vossa disposição, desarmado, indefeso.

Ninguém diz nada. Morte e sangue são palavras que causam arrepios, que erguem muralhas de ódio, vinganças, rancores e destruições. Na batalha do ódio só poucos é que ganham. O silêncio reina. David tenta evadir-se da realidade que o rodeia. Infelizmente cai no mais profundo do seu eu, onde diferentes sentimentos compartilham um ambiente de conflito.

— Ninguém ascende ao alto por caridade — dissera-lhe o adivinho. — Para caminhar é preciso abrir uma estrada. Abrir a estrada é ferir a terra que te sustenta e a natureza que te protege. Coragem é matar para viver. Vitória é a proclamação da força sobre o cadáver do inimigo. A cobra moribunda não se poupa, mata-se. Elimina-os — dissera-lhe a feiticeira. Terá coragem?

O poder obriga o homem a descer ao mais profundo da sujeira. A minha vida começou a descer. A minha noite está a chegar. É preciso abrir a clareira entre mim e eles para que a segurança reine.

Levanta a voz e fala com suavidade e tristeza.

— Por que fizeram isto comigo, porquê?

— Porque somos humanos.

— Querem que acredite nisso?

— Não há outra explicação para além desta, senhor director.

O traído sempre diz: não deviam ter feito isto comigo e logo agora. Mas é agora mesmo, a hora da traição. E quem mais haveria de te trair além daquele que te jura fidelidade e ao teu lado vive? O viúvo desconsolado ao lado do cadáver da esposa, diz: tão cedo partiste, meu amor. Mas o destino é que faz a hora, e toda a hora é hora para partir, para chegar, para morrer e nascer. Para amar e odiar. Para matar e criar. Ser traído amanhã, é viver mais um dia de ilusão. É melhor que a traição seja hoje para que a lealdade seja amanhã. O ódio deve ser vertido hoje para que amanhã o amor seja mais doce.

David recupera o fôlego e fala:

— Este acto de traição não beneficia, prejudica. Quem quer que seja o seu autor, é mau estrategista, porque a altura é absolutamente inconveniente.

XXI

Os operários reúnem-se no pátio. São quase mil. Estão ansiosos por ouvir a voz de quem manda, pronunciando-se sobre as suas reivindicações. David avalia o ambiente. Os rostos de miséria que a sua administração criou exibem-se aos seus olhos. Alguns daqueles operários foram companheiros de luta nas greves de ontem. Esses homens foram, no passado, verdadeiros generais do proletariado, lutadores corajosos como já não se encontram nos dias que correm. Gente de grande liderança, verdadeiros pensadores. Devem ser eles os principais mentores da greve. David pensa em desembaraçar-se deles. Encontrará um jeito para isso. A solidariedade operária é para ele um edificio mole que se esfarela pelos dedos como um punhado de areia.

Chega o momento dos discursos e os operários apuram os ouvidos para a grande nova. O director administrativo, porta-voz da direcção, alarga a voz para que a multidão escute, mas esta sai-lhe rouca como uma melodia em flauta rachada. Esforça-se por explicar coisas que ninguém entende e o discurso acaba numa salada-russa sem sal nem tempero.

David faz recurso à magia do palco. Os políticos são actores. Os líderes de todas as coisas são actores. A vida é um enorme palco e cada homem um actor, um espectador. Um bom discurso de palco é a solução de todas as coisas porque os operários têm fome de pão, mas também de palavras doces.

Masca a raiz mágica que torna a voz limpa, audível e convincente. Liberta a voz mágica, hipnotizante, emocionante. Fala. Promete melhorar as condições de trabalho. Aumentar o salário. Segurança social, assistência médica e um, sem-número de regalias. Ridiculariza os membros da direcção e acusa-os como os principais responsáveis pelo sucedido. Faz promessas. Cada palavra é uma gota de água sobre o fogo. Os operários, embriagados pela beleza do discurso, abanam as cabeças e aplaudem. Não há coração que resista ao discurso de mel.

Palavras. Palavras mortas preenchendo vazios, preenchendo espaços. Palavras doces, elogios. Palavras frias, de hipocrisia. David diz palavras reconfortantes. Os profetas disseram apenas palavras ao longo das suas vidas e imortalizaram-se.

David faz uma pausa para sorver o ar e sorri satisfeito. Povo é massa anónima, volúvel, sempre correndo a favor do vento. Mal-aventurados são os políticos que sobem ao palco da vida e insultam as massas.

No lugar de discórdia, a reunião com os operários termina em apoteose sem o mais pequeno sinal de conflito.

Hoje é o meu dia de sorte. Nem os membros da direcção nem os operários abriram a boca. Todos baixaram as armas e se vergaram perante a sua imagem de pai.

Já no seu gabinete, celebra a vitória do dia. Bebe o seu trago para relaxar e planeia o próximo passo. Vai eliminar uma linha de produção, vender o equipamento, despedir alguns operários e pagar os salários. Cada acção, cada gesto a partir dali será para doer, para sangrar, para matar sem vacilar como o mais perfeito tirano. Agarrar-se com unhas e dentes ao pedestal para vencer o mais terrível dos vendavais. Vê o posto como uma pátria a resgatar, uma bandeira a defender mesmo que para isso seja preciso dar a vida e o sangue. Ideias, palavras, reflexões, imagens, memórias, correm na mente como água em catadupa. O alicerce da feitiçaria ressuscita todas as forças e David jura: vou vencer!

Rende homenagem aos mortos invocados. Os seus caminhos estavam amarrados pelo diabo mas foram libertados pela força dos mortos. Avalia o mundo acabado de descobrir. Bataques e gritos histéricos abrindo caminhos. Velas e fogueiras expulsando azares, buscando sortes. Riquezas conseguidas com sangue de cabra, de galinha. Frases mágicas, amuletos, incensos, alterando destinos, caminhos. O fogo acaba de ser transformado em fumo e cinza. As pedras transformaram-se em poeira e o gelo em água fresca. Compreende: a magia existe escondida, à espera dos mais ousados. Séculos, eras, gerações, raças, usaram poderes mágicos e sobreviveram.

A sociedade oculta está em festa, acaba de ganhar um novo crente. Mas há crenças saudáveis e crenças perigosas. Há visões que provocam cegueira. Palavras que provocam surdez e gestos que provocam loucura. As mães devem continuar a ensinar aos filhos o medo

dos feitiços, porque há verdades que não devem ser reveladas, nunca!

David quebrou os tabus, deu uns passos em direcção ao proibido e provou. Gozou o prazer das coisas escondidas. Não cometeu nenhum crime, apenas seguiu os caminhos dos antepassados da história. Ele é um entre biliões e biliões de homens que provam o proibido em cada dia. Adão cometeu a primeira infracção. Eva a primeira traição. Caim a primeira reivindicação, o primeiro crime. Jura que vai eliminar os inimigos, sim, porque o crime é mais antigo que a vida.

Na história da humanidade conquistar é matar e usurpar. Tirar do mais pobre para que o rico se torne mais rico ainda. O equilíbrio na distribuição é sonho de Deus e não prática do homem.

O homem de hoje é vazio de alma. Trata as máquinas como homens e os homens como máquinas. Perdeu-se o senso da moral.

David pensa na moral. Nos contos ao luar ou à volta da fogueira, contados pelo avô, falecido nos tempos que já lá vão. Recorda os fundamentos da doutrina cristã. As lições da cartilha maternal de João de Deus. As fábulas de La Fontaine. Começa a reconhecer a inutilidade das lições de moral. A moral só teria valor se no mundo não houvesse maldade nenhuma. E quem olha apenas para a moral, acaba na pobreza total. O moralista não conquista nada. Quando lhe esbofeteiam uma face, oferece outra. É um ser humilhado, sempre de joelhos, transportando para o céu as amarguras da terra.

Moral é ser fraco, pequeno, inferior. Imoral é odiar, é desequilibrar. Despertar. Fazer vibrar. Viver. É fazer a guerra. Vencer a guerra. É transformar os mais fracos em poeira e nada. Sem ódio nem tirania não teriam sido construídas as pirâmides do Egipto,

nem estradas, nem pontes, nem caminhos-de-ferro, nem mosteiros, e nem a América se teria desenvolvido à custa do suor dos negros. As transformações necessitam de movimento, filho do ódio.

David vive um momento de ódio e de loucura. Diz o adágio popular que o cabrito come onde está amarrado e o volume do alimento é directamente proporcional ao comprimento da corda. E come mais o cabrito que desperta cedo e chega primeiro. Com o andar dos tempos o ditado transforma-se em filosofia: o cabritismo. Os homens da nova geração transformados em cabritos, roem tudo, até as pedras dos montes, deixando a terra na absoluta miséria. Neste país, um homem tem que ser cabrão para sobreviver. David não é o primeiro cabrão. Nem o único. Nem o último. Segue apenas o caminho aberto por muitos outros a quem a justiça se esqueceu de exigir a prestação de contas. A terra é uma morada de loucos.

XXII

Sentada na varanda da tia Lúcia, Mimi goza o sol de Inverno tropical. Desmancha o cabelo, penteia, entrança, volta a desmanchar, a pentear e a entrançar. Sonha. O seu destino não é mau de todo. Se não fosse a tarefa de despir-se para agradar a um homem muito velho, diria até que agora é muito feliz. No ramo da árvore seca, um pássaro canta a canção que não acaba. Lembra-se de uma canção antiga: o meu desgosto é não ter onde repousar o meu cansaço. Se eu fosse um pássaro... Mergulha numa saudade sem fim. Recorda o pai, a mãe, os irmãos perdidos só Deus sabe aonde. Não sabe a idade exacta que tem. Para ela a

idade não é importante porque há gente adulta que parece criança. Pensa na sua origem. Vem de longe, de um lugar sem tempo nem memória. O que ela já sofreu, muitos adultos não experimentaram ainda: fugir de perigo em perigo, caminhar estradas sem fim suportando a fome, a chuva, o frio. Da aldeia natal guarda a imagem do paraíso transformado em inferno pelo fogo da guerra. Não sente muita relação com o seu verdadeiro nome. A tia Lúcia chama-lhe Mimi. Nada mau. Parece nome de gata, de boneca, de artista de cinema. Guarda no coração a voz paterna chamando-a de mãe, mãezinha por ter herdado o nome da avó. Comeu nas latas de lixo, dormiu nas escadas dos prédios, conheceu bandos de crianças que a protegiam das birras dos polícias. Brincou de amor com alguns rapazes. Gostou. Beijavam-na e tocavam nela com carinho.

Pensa no homem que a tia Lúcia acaba de lhe dar, pesando mil vezes mais do que ela, que lhe sacode o corpo todo colocando a boca grande na sua boca pequena, num beijo sufocante. Enjoa.

Ouve-se um ligeiro ranger da porta do quintal. Pensa-se no diabo e o fantasma aparece. Mimi sacode a cabeça e esfrega os olhos para afastar a visão que lhe perturba a mente.

David pára na soleira da porta como um artista diante da sua escultura. Aproxima-se de Mimi como um gato caçando o pássaro. Levanta-a do chão e a coloca nos braços. Ela estremece um pouco mas depressa esquece o medo e goza o calor do abraço.

David sente a voz da consciência visitando a alma. Prostituição infantil é crime que nem Deus perdoa. Os que apregoam a moral nada fazem para modificar as coisas. Esta criança foi aliciada a vender o sexo em troca de pão, como única alternativa de sobrevivência. Comprar o sexo da pobrezinha é até uma obra de ca-

ridade, de misericórdia. Pode alguém condená-lo por isso?

David olha a criatura que lhe sorri e sente uma vontade louca de despedaçá-la. É o que lhe dá na gana, é o que vai fazer. Se lhe causar algumas lesões no corpo, pagará pelos danos e pela assistência médica, porque, de resto, quem paga usa, pagando também uns bons extras pelo abuso. Esta rapariga é simples puta, comprei-a.

Descarrega sobre ela toda a raiva da vida, os insultos dos operários da empresa que dirige, o medo dos feitiços e dos espíritos malignos, festejando também as vitórias alcançadas sobre os inimigos. Voa e liberta-se de todos os problemas do mundo. A menina agora geme a dor da alma amargurada, da infância interrompida, da solidão, da dor da orfandade, do desespero absoluto na hora da guerra e do massacre, da fome, do abandono, da necessidade de viver. David suspende a respiração e escuta. Gemer é também prazer. Decide beber e embriagar-se para fechar os ouvidos à consciência.

- Mimi, faz-me companhia nesta bebidinha.
- Não tenho apetite.
- Eu ordeno-te. Bebe.
- Não consigo, não posso. Enjoo. Enjoo tudo.

A bebida, a comida e até a água.

- Enjoo?
- Sim. E até vómito.

Enjoo de homem é malária, febre, doença tropical, mas na mulher é gravidez. As coisas começam a ganhar contornos precisos. Na noite de magia a feiticeira falou de uma gravidez e uma segunda esposa. David estremece.

- Mimi, diz-me a verdade. Estás grávida?
- Não sei.
- A menstruação vem todos os meses?

— Não. O que tem isso de especial?

— Meu Deus, por que não me disseste logo?

— Não achei necessário. Pensei que fosse normal.

— E a tia Lúcia nunca te falou da gravidez?

— Falou. E deu comprimidos para tomar. Tomei uns dias mas deixei. Se eu não sentia dor nenhuma por que havia de os tomar?

Furioso, David grita pela presença da tia Lúcia.

— Diz, senhor director!

— Tia Lúcia, o que fizeste da minha vida?

A tia Lúcia pergunta o que se passa. David ausenta-se no tempo e não responde. Na sua mente desfilam imagens, paisagens, sons. Areia branca, ondas, mar, primeiro beijo. Um quarto suburbano, uma esteira, embriaguez, vinho, amor a três. Primeiro amor, sangue, funeral. Lágrimas, muitas lágrimas.

— Ela está grávida!

— Grávida?

A velha Lúcia confirma o diagnóstico com uma simples apalpação. Apesar de nervosa, tranquiliza o cliente. Pede perdão pelo desleixo e garante que não haverá problema, porque a ciência está ao serviço da humanidade: uma boa clínica, mãos mágicas, antibióticos. Nos dias que correm, abortar é mais fácil que espremer uma borbulha.

— Não toque nela, assassina.

— Vou tocar nela, sim. Estou aqui para resolver problemas e não para criar outros. O desleixo foi meu e estou disposta a repor a ordem.

— Não toques nela, já disse. Experimenta e vais ver o que acontece.

— O senhor fala com segurança como se o tal filho fosse seu. Esta é uma casa de negócio e ela pode ter tido outros contactos.

— Sei que o filho é meu, tia Lúcia, e não vamos discutir isso agora.

- O senhor director vai-se complicar.
- Sei disso.
- Pensa bem, senhor director.
- Já pensei. Cuidarei dela. Não quero mais nenhum aborto na minha estrada, não quero.
- Senhor director...

Ele pensa no seu primeiro amor que abortou e morreu. Em memória da namorada morta, renova o juramento: o pesadelo não pode acontecer outra vez. Tenho muito dinheiro. Farei dela segunda esposa. Serei um polígamo, sou polígamo a partir de agora. Vera sofrerá mas acabará compreendendo. Somos bantus e a poligamia é nossa cultura. Ela agradecerá este momento porque terá com quem partilhar a carga que é o meu peso e o meu tamanho. Serão duas, uma ajudando a outra como irmãs, na realização dos meus desejos de homem.

Lança sobre a rapariga um sorriso delirante. Ela é o botão de rosa que eu desabrochei com meu raio de sol. Dar-lhe-ei casa e conforto. Casar-me-ia com ela, mas a lei cristã não permite, sou casado. Como bantu que se preza, hei-de lobolá-la.

- Levá-la-ei, tia Lúcia.
- Não pense nisso, senhor director. Preciso dela. Sem ela morrerei de fome, é a minha fonte de rendimento.
- Tens outras raparigas
- São velhas e estão gastas.
- Levo-a, agora.
- Não a levas, não.
- Compro-a.
- Não a vendo.
- Denuncio-te.
- Tenho protectores.
- As minhas influências são maiores que as tuas. Tenho dinheiro, poder, prestígio. Posso esmagar-te.

- Quero que perceba que não me oponho, desde que isso me traga compensação.
- Já disse, compro-a.
- E que seja com dinheiro bom. Dólar ou libra.
- Pago na moeda que quiseres. Em móveis ou imóveis. Tudo.
- E se eu disser que quero um apartamento na Polana, a zona mais rica da cidade?
- É isso que queres?
- Digamos que sim.
- Negócio fechado. Amanhã cuidarei disso. Terás o que queres e onde queres.
- De verdade?
- Tenho palavra de rei.
- É muito generoso, senhor director.
- E tu és uma grande cadela.
- Cadela é também criatura de Deus, senhor director.
- Assassina! Traficante de menores.
- Seja qual for o nome que me dá, agradeço de todo o coração, senhor director. Deus é que fez o bem e o mal assim como todos os caminhos da gente. Se me colocou do lado do crime, que culpa tenho eu? Só tenho a agradecer a si e ao destino. Muito obrigado, senhor director.
- Quero levá-la já daqui.
- Para onde, a estas horas? Podia deixá-la aqui por hoje.
- Conheço as pessoas da tua laia. Ela não fica aqui nem mais um segundo.
- Leva-a.
- Vai arrumar a malinha dela.
- Mas, senhor director?
- Que deseja mais?
- Tenho amigos influentes.
- E daí?

— Se não cumpre com o negócio, levanto o escândalo em público e condená-lo-ão por violação de menores. Ambos sairemos a perder.

— Cadela.

XXIII

Passam já quatro meses. A violência dos operários foi sepultada no solo húmido da terra. Os sentimentos renovaram-se. Nas mentes então transtornadas, agora vogam sonhos de paz.

David despertou com uma leve comichão na palma da mão. É o poder anunciado. É dinheiro que vem. É carta de terra distante. É boa nova. Pensa no seu estatuto de polígamo e sente em si o homem mais viril do planeta. Pensa na Mimi, sua nova esposa. Desde que ela surgiu na minha estrada, os meus problemas se resolvem. Ela é a minha bênção, minha estrela da sorte. Essa mulher será o pilar onde te irás segurar nos momentos de desespero — dissera-lhe o astrólogo —, no mapa astral os vossos caminhos se encaixam, foram marido e mulher na outra encarnação.

Olha para a manhã nublada. Inspira-se. Pensa nos poderes dos antepassados. Exalta-os. Declama em surdina poemas de louvor. Deuses terrenos, deuses bons. Espíritos filhos dos homens, dos matagais e do vento. Que amam a natureza e vivem nela. Deuses românticos que balouçam na brisa do rio e do mar, na branura do luar e na frescura da árvore secular. Que fazem da areia, da sombra, o seu altar sagrado. Deuses sem pedestais nem sacristias, nem altares de pedra, nem megalomanias. Que escolhem noivas entre as mais belas, que comem, que bebem, que dançam maravilhosa-

mente. Deuses amigos, família, protecção de todos os momentos, verdadeiros anjos da guarda, que seria de mim sem o vosso poder, meus protectores? Ajoelha-se e balbucia palavras mágicas, numa acção de graças. Rende-se. Ergue-se e retoma a rotina do dia, movido por uma leveza da alma. Virou fanático.

Recebe pessoas em audiência e trazem boas novas. Os devedores duvidosos fazem-se presentes e pagam as dívidas antigas. Os compradores do equipamento obsoleto entregam cheques gordos, verdadeiras fortunas. Chega o dinheiro das encomendas e da prestação de serviços. Assina contratos novos e bons. A fábrica, que não tinha solidez nenhuma, agora nada em dinheiro bom, dinheiro vivo, dólar, libra. David esfrega as mãos gordas e sorri. Adeus crise, a situação está normalizada. Há dinheiro para os salários dos próximos meses, para a matéria-prima, para os gastos correntes, para tudo.

Empreende uma viagem para o céu dos deuses. Ultrapassa o voo das nuvens e se transforma em estrela. Dentro dele há luz, muita luz. Canta. Assobia. Acaba de conquistar o paraíso e está entre os anjos.

A secretária particular espia. Quer saber os motivos de tanta alegria.

— Cláudia, Cláudia, boas notícias. Estamos em boa situação.

— Que bom vê-lo feliz, senhor director!

— Convoca a direcção para a celebração.

A secretária particular solta um risinho curto, enigmático. David não consegue interpretar-lhe o significado: será alegria? nervosismo?

— Este é o David que eu conheço: sempre a partilhar ideias, sentimentos, pensamentos. Sempre bonzinho para a quadrilha. Ah, senhor director!

— Porquê, Cláudia, porquê?

— Por nada.

— Vamos, diz-me, porquê?

— Falei por falar.

— Cláudia, fala!

— Fizeram-no entrar no campo do fogo. Cobriram-no de feridas, de vergonha, de lepra. Rastejou na dança da cobra. Agora que tudo está bem, oferece a alegria na bandeja. Porquê?

— Tens razão, mas não acho que seja nenhum erro, achas?

— A harmonia é dar e receber. O senhor dá sempre mas não recebe nunca. Escondem documentos, informações, problemas. Provocam escândalos e lhe abandonam. Onde estão eles agora? Nenhum deles chegou, ainda. Está a fazer o trabalho que é deles e ainda quer dar satisfações? Senhor director: tira essa cortina de cegueira. Precaução é confiar e desconfiar.

— Hum...

— Sê egoísta, de vez em quando!

A secretária sai do gabinete para atender uma chamada. David volta a contemplar o céu. Pensa. Os homens sabem do mundo e as mulheres sabem da vida, pela dor do umbigo. Eis aqui uma prova. Cláudia, secretária, pequenina, insignificante, pensando muito mais do que se imagina.

Volta a olhar para as receitas da empresa. Dinheiro. Notas macias correndo nas mãos. Pensa na carteira gorda, pesando com leveza no bolso das calças. A imagem de segurança e o bem-estar de um homem de bem, nos salões mais requintados da cidade. Sofre uma grande tentação e luta contra ela. Resiste. Ouve uma voz, várias vozes que sobem de tom, como os tambores da meia-noite. Ideias confusas correm na mente sem direcção. Uma vertigem repentina cega-lhe a vista. Fecha os olhos e treme, meu Deus, o que vem a ser isto? Um calor intenso invade-lhe o corpo e o prurido assalta-lhe por todos os poros, como se as termiteiras do mundo

inteiro tivessem construído formigueiros em cada palmo. Contorce-se. Geme. A imagem da noiva feiticeira ergue-se à sua frente sorrindo com a maior doçura do mundo. Esforça-se por ver melhor mas a imagem desaparece por encanto. Dentro da mente surge-lhe uma voz distante, que ordens, «o dinheiro é nosso, traga-o». Surpreende-se. De onde virá esta voz? Dos deuses do fim do mundo. Deve ser a voz de uma outra dimensão habitando-me a consciência. David recusa o apelo do invisível. Levanta-se e tenta fugir como soldado diante de um inimigo poderoso. Sente uma mão firme segurando-o, impedindo a fuga. A voz volta a ouvir-se, ameaçadora: traga-o. Decide cumprir a ordem. Coloca a mão nas notas de banco, que lhe correm doces e suaves como a água fresca. Remexe papéis. Assina papéis. Esconde papéis. Queima papéis. Desloca-se para os bancos e transfere todos os fundos da fábrica para contas secretas, deixando apenas os salários dos operários. O golpe fatal está dado.

Entardece. David desperta da loucura e faz o balanço. Nem receio, nem arrependimento, nem remorso, apenas alegria e festa. Pensa no futuro. Na assembleia da noite disseram-me que terei quatro esposas. Não acredito. Mas se por acaso essa desgraça acontecer quero um palácio para cada uma. Quero segurança social e uma conta bancária para cada criança que nascer. O dinheiro que tinha não chegava para tanto. Era preciso reforçar.

XXIV

Cinco horas da manhã. David vai à casa dos fundos saudar os espíritos do amanhecer e pedir a bên-

ção do dia. Ajoelha-se. Acende a vela branca, que abre os caminhos. Acende o incenso para afastar os maus espíritos da quarta-feira. Diz uma oração curta pela bênção e sucesso do dia. Um ventinho frio sopra da porta entreaberta. O incenso e a vela se apagam. A superstição e o medo ganham espaço provocando vertigens. Vela apagada é mau sinal. Enerva-se. Blasfema. O vento devia respeitar a oração aos mortos. Num gesto nervoso, pega na bacia que contém a infusão para o banho mas esta se entorna, empapando o solo.

— Isto tudo me dá medo, muito medo. Por que me meti eu no mundo do medo e do terror? Para que preciso eu destas bugigangas? Já não tenho problemas com os operários, os salários em atraso estão todos pagos. Tenho já o corpo preparado, blindado, ninguém me toca. Sou aquele que caminha sobre as águas e não se afunda. Se alguém me quiser levar ao tribunal, compro a justiça com o dinheiro que tenho. Não preciso mais destes rituais. Estou cansado de imaginar feitiços em cada sombra, de invocar o diabo em cada amanhecer. Fumar rapé e tomar aguardente. Fazer coisas às escondidas das outras pessoas. Procurava a liberdade, mas eis-me prisioneiro do meu próprio eu. Salvei-me do fogo, mas atirei-me ao poço. Julguei que subia na vida, mas não subi, caí.

David decide voltar à vida antiga. É bonito respirar com liberdade a brisa do mar. Varrer o lixo do peito e ganhar a limpeza interior dos oceanos. Lavar a alma com água pura, cristalina. Libertar a força e enfrentar a vida com punhos de homem.

Olha para os objectos com nojo estampado no rosto. Limpa o chão e faz desaparecer todos os vestígios de culto, disposto a abandonar aquele mundo de loucura. Coloca todas os objectos dentro de um saco de plástico para atirar nas lixeiras da estrada.

Vai à casa de banho disposto a tomar um banho purificante, para libertar o corpo dos óleos malignos. Abre a torneira. A água cai na bacia, quente, convidativa. David lança os olhos para a janela. Chove.

Do outro lado o telefone toca. Olha para o relógio. É ainda madrugada. Ninguém telefona a estas horas para uma saudação banal. Assusta-se. Que mensagem virá transportada naquele fio de metal?

— Alô, quem fala?

— Cláudia. Bom dia, senhor director.

— Tu? Enlouqueceste? Por que me tiraste do sono?

— Prepara-se uma nova traição.

— Traição?

Sente o pânico no tremor da voz do outro lado do fio e um sabor a fel em cada pausa. Cada palavra tem peso próprio e está carregada de medo, muito medo. Aquela chamada é o sopro da maldição, o perigo vem a caminho.

— Vamos, diz logo.

— O conselho de direcção reuniu-se esta noite no seu gabinete, senhor director.

— No meu gabinete?

— Sim. O guarda que trabalhou no turno da noite diz que estiveram reunidos com alguém do Ministério da Justiça. As palavras prender, julgar, demitir, foram tudo o que conseguiu ouvir.

— E como conseguiu ele ouvir isso tudo?

— Servia café e lanches.

— Podiam estar a falar de outra coisa e não necessariamente de mim. Não vejo motivo para tanto receio.

— Faltam ao trabalho durante o dia e à noite juntam-se e ainda por cima no seu gabinete.

— Lógico, é o mais confortável.

— Diz que abriram o cofre e remexeram os seus papéis.

— Hum, isso é interessante.

— E recebeu gorjeta.

— Gorjeta?

— Sim.

— Passa-lhe um cheque equivalente ao triplo do seu salário e deixa o resto comigo.

— Desculpa-me o incómodo, senhor director. Se calhar é fumo sem fogo.

— Seja lá o que for, fizeste bem em prevenir.

Os acontecimentos precipitam-se, as coisas começam a aquecer.

Os inimigos esgaravavam o seu íntimo como ratos no túnel de dejectos. A consciência navega nas trevas como um barco à deriva. Será que me safo desta trama?

Vera acordou sobressaltada pelo toque do telefone. Está sentada na cama e aguarda com ansiedade que David lhe diga a razão daquela chamada.

— Alguma emergência?

— Não, nada de grave.

— Nada?

— Claro, não é nada.

— Mudaste de comportamento, meu homem. Dormes mal, acordas cedo e tens pesadelos. Porquê?

— A empresa anda mal. A maquinaria está velha e avaria constantemente.

— Não acredito nessa história. Não se telefona por nada e para nada. O telefonema abalou-te, não é?

— Deixa-te de especulações.

— O silêncio é um cancro maligno, abre-te, desabafa, estou aqui para te ouvir!

— Deixa-te de histórias, Vera. Vai dormir, vai!

David sente-se pequeno, diminuído, naquele instante. A força e o entusiasmo se escapam como um balão perdendo o ar. Já não sou grande, nem livre, nem homem. Nem consigo decidir sobre a vida porque sou escravo dos espíritos. Não sou nada.

Pega no saco de plástico com os objectos de culto e vai à rua disposto a libertar-se deles, muito longe de casa. Conduz a viatura sem destino fixo. Atravessa a cidade e alcança o subúrbio. Vê fumo saindo dos telhados dos casebres. Nem um colorido alegre. Charcos. Montes de lixo. Árvores isoladas, tristes. Cães vadios gelados de frio. Lixeira humana, imundície, lugar ideal para largar a imundície que traz dentro do saco. Pára. Abre a porta da viatura e dá dois passos. Os cães rafeiros ladram impiedosamente. Assaltam-no. Os cães farejam o feitiço que passa. Combatem-no e vencem. Regressa à viatura e acelera a marcha sem rumo, fugindo da matilha que o persegue.

Continua a marcha e mais ao fundo vê um lençol verde sobre a terra, milho verde, terrenos cultivados, uma paisagem que agrada à vista. Deixa a viatura e entra na mata. Abre o saco de plástico e dá uma última olhada como quem se despede de um companheiro. Baixa a mão para largar o saco quando ouve uma voz que o chama.

— David, pára com isso, David, não faças isso.

Encolhe a mão, assustado. Vira a cabeça em direcção à voz. São dois rapazinhos disputando qualquer coisa e um deles chama-se David. A preocupação cresce. Por que é que os rapazes decidiram discutir exactamente agora? Por que é que o outro tinha que se chamar David, e ser ralhado com palavras que também lhe servem de aviso e repreensão? Decide fazer uma oração, pedindo ajuda naquele momento, mas as palavras não saem. Levanta os olhos para o céu, pedindo força e misericórdia. Vê o Sol que nasce e as árvores a bailar a valsa da eternidade. Baixa a mão no gesto de largar o saco, no meio dos arbustos. A mamba negra levanta a cabeça ameaçadora. David salta e corre em direcção à viatura.

— Os mortos não querem que lhes devolva os

seus pertences — conclui. — Meu Deus, sou um homem perdido.

Põe o carro em movimento e rola no asfalto sem pressa, procurando espairecer a mente. Pára num bar e pede um *whisky* que lhe cai como petróleo entornado sobre fogo. Vai à casa do adivinho para consultar a noiva feiticeira. Este fecha-lhe a porta na cara, por ciúmes.

Desesperado, telefona ao Lourenço, que corre ao seu encontro.

David e Lourenço falam de coração para coração. De mundo para mundo. Erguem muralhas na linguagem para que ninguém penetre. Cheira a cerveja no ar, o bar está cheio de gente. Estão sentados frente a frente numa mesa de canto. Braços cruzados. *Whisky*. Tabaco. Faces carregadas de tensão. As prostitutas da madrugada espreitam os possíveis clientes. Têm medo, não se aproximam. Quando dois homens conspiram, mesmo os deuses se afastam.

— O vento arrasta os meus sonhos como castelos de areia. Deixei-me levar pelas conversas do oculto e a minha vida se modificou, já não sou o mesmo.

David conta tudo. A noite do ritual. Os problemas da empresa. As velas apagadas e o dilema da manhã. A nova conspiração contra a sua pessoa. Delira. As palavras saem como uma torrente de águas turvas. As lágrimas rolam mansas como ondinhas ao vento. Funga.

— Não desesperes, homem.

— Descobri o fascínio do oculto, mas afundei-me na imensidão das minhas descobertas. Na assembleia da noite, os espíritos prestaram-me reverências por terem descoberto em mim um deus perdido no tempo. Os videntes falaram-me de um destino bom, um destino feliz. Deram-me a certeza de existir um reino onde eu seria governador. Disseram que o ouro correria nas minhas mãos como a água do rio, mas não

revelaram a fonte. A única mina que conheço é o cofre da minha empresa, compreendes, Lourenço?

— Sim, compreendo, compreendo.

— Num belo dia, estava feliz e inspirado. Senti uma voz que não era a minha falando no meu íntimo. Uma força estranha arrastando-me, conduzindo-me, possuindo-me, submetendo-me, montando-me. Foi então que meti a mão em todo o dinheiro que havia, percebes isto?

— Sim, claro, percebo.

— No meu corpo somos dois. Eu e o espírito invisível partilhando este corpo numa relação de conflito. Não fui eu quem roubou mas o outro que se encarnou em mim na hora fatal. O momento de ajuste de contas está próximo. O outro, o invisível, está ausente e eu estou presente, pagarei no corpo por actos de que não tive consciência, já viste isto?

— Vejo, sim, com certeza.

— Os espíritos são entes irresponsáveis, cobardes, falsos, traidores e indignos da confiança do corpo. Enganaram-me. Agora o dedo acusatório levanta-se contra a minha pessoa. Ontem à noite, os seis estiveram reunidos com os auditores. Vou para a prisão, velho amigo. Gostaria de declarar em tribunal que não fui eu quem roubou, mas o espírito que me possuiu no momento do sinistro. Dá para compreender isto, dá?

— Não desesperes. Há sempre uma razão para cada acto. Os espíritos governam a nossa vida.

— Estou confuso, perdido. Já não sei o que está bem e o que está mal, não sei mais nada...

— Analisemos as coisas ponto por ponto. Aos reis se oferece uma ovelha na cerimónia de Hamba kufuma. O teu problema estava relacionado com o poder, devias ter sido tratado com uma ovelha. O bode também simboliza poder e força. Bode negro, para além

de poder e força simboliza também maldição. Homem que és, devias ter sido tratado com animal fêmea e não macho. Quem vai ao curandeiro carrega sombras negras no corpo e na alma. O branco purifica o negro. Tu foste lá coberto de negro e colocaram-te outro negro mais forte ainda. O teu caso foge ao vulgar. Não consigo perceber.

— E agora, o que faço?

— Cada mal é tratado segundo o diagnóstico. Há um mistério escondido em toda esta história.

— Como desvendar o mistério?

— Investiga. Busca a verdade em todos os cantos. Descobre a cor do teu destino e caminha sem medo.

— Outra vez? Estou perdido.

— Não estás nada perdido, velho amigo. Não conhecerás nem a desonra nem a prisão, garanto-te. O que se passou deve ser um sinal, uma espécie de chamamento. Os mortos devem ter aberto este caminho para que o possas seguir, quem sabe?

— Achas então que devia insistir com aquele adivinho?

— Não.

— Porquê?

— Vela apagada, porta fechada. Deves procurar uma nova saída.

— Conheces alguém?

— Fora da cidade podemos encontrar.

— Quando?

— Hoje, agora.

— Dá-me tempo para ir ao escritório deixar algumas instruções.

— Fá-lo telefonicamente. Não te exponhas. A tua vela apagou-se, já não tens protecção. É o mesmo que apresentares diante do inimigo poderoso completamente desarmado e indefeso. Se fores será o teu fim, e nada mais te poderá salvar.

David parte à busca da protecção das sombras. Quer roubar sem ser punido. Violar sem ser condenado. Maltratar. Levitar para espaços nunca antes alcançados. Lourenço não diz sequer para onde vão. Não adianta. Não se diz a um homem livre que vai atravessar o corredor da morte. A um condenado não se dá chance para escolher nem para decidir. Arrasta-se, tanto para a salvação como para a perdição.

— Mas onde vamos encontrar, afinal, o novo profeta?

Lourenço, sentado ao volante do *Nissan Patrol*, fecha os ouvidos aos lamentos do amigo, autênticos delírios de medo. Abandonam a cidade e penetram na estrada nacional número um. Fazem cinco quilómetros. Dez. Vinte. A partir do quilómetro vinte mergulham num mundo onde só a guerra governa. Cenas de morte de nunca acabar, verdadeiras histórias de aterrar. Abutres, cães vadios, cadáveres humanos em putrefacção, cápsulas de balas espalhas pelo chão. Carros militares circulando para cá para lá em velocidade de flechas. Soldados embriagados patrulhando a estrada, terríveis anjos da morte. David sufoca de calor, poeira e medo, na viagem sem fim. Acende um cigarro e fuma com sofreguidão. Pensa nas razões da estranha viagem. Este Lourenço decidiu arriscar a vida por mim. Sacrificar-se por mim. Colocar a sua vida em risco por mim. Há irmãos de sangue. Irmãos de circuncisão. Irmãos de cela, irmãos de combate. Esta relação, este interesse, superam as relações de fraternidade. Que nome lhe dar? Por acaso precisa de algum nome?

— Mas para onde vamos afinal de contas?

— Para Massinga, terra dos grandes mágicos.

— Porquê tanto risco?

— Todo o tempo é bom tempo para morrer ou para nascer. Com a criminalidade que se vive na nossa terra, morre-se a andar, a comer, em qualquer lugar, a qualquer hora do dia. É bem melhor morrer a lutar.

O entardecer brinda a natureza com uma lufada de frescura. David espreita o relógio. Já fizeram cinco horas de viagem. Quantos quilómetros terão percorrido? Olha em volta. Vê uma cidadela transformada em escombros. Num canto da estrada, uma placa carcomida pelo tempo onde ainda se lê: Massinga. Abre os olhos e identifica. Aqui e ali, uma criança, um velho, uma mulher, um gato e um cão, procurando a sobrevivência no meio das ruínas. Invade-o uma depressão profunda, uma dor sem fim. Para onde foi o orgulho das palmeiras, sempre hospitaleiras, dando de beber da sua seiva a quem passa? Onde estão as mulheres gordas que rolavam o traseiro para provocar os homens enquanto vendiam fritos e assados nas esquinas, oferecendo sorrisos de bom-dia a quem passa?

Abandonam a vila e penetram numa ruela esquecida. Lá longe, na zona mais alta, há um casarão majestoso e de arquitectura antiga. De quem será o monumento? Talvez a antiga residência do administrador colonial. Talvez seja uma fazenda abandonada por algum proprietário rico, da geração dos colonos. Os filhos da terra não possuem dinheiro e o bom gosto para construir obras de arte. A nova elite da terra gerada por camponeses ainda se encontra obcecada pelas luzes das cidades, e despreza o campo. Lourenço conduz a viatura em direcção ao portão da magnífica vivenda. Mas quem vive aqui, no meio do mais completo isolamento? Quem quer que seja o proprietário, é uma pessoa importantíssima e de bom gosto, mas um louco para viver neste inferno. De facto, o

mundo está cheio de loucos para quem viver ou morrer são duas faces da mesma moeda. A viatura pára diante do edifício e um mundo maravilhoso começa a desfilar nos olhos de David. Plantas raras e tratadas com primor. Verde-vivo. Árvores de fruta de diversos tipos. De onde vem a rega, se a terra vive a seca mais severa de todos os tempos? Talvez tenham cisternas ou furos e um bom sistema de rega. Os habitantes do palacete devem ser bons agricultores, e especializados em cultivo de zonas secas.

Será possível que tenha já terminado a terrível viagem? Pelos vistos, aqui não vive nenhum curandeiro, mas um rei. Os curandeiros são como os padres. Não gostam de luxo, usam vestes simples, comem verduras e andam descalços.

A porta do palácio abre-se e de lá saem duas figuras velhas e cansadas. Um casal de negros prósperos, senhores da terra e do mundo. Quem serão?

Lourenço corre a abraçá-los. Depois dos abraços as apresentações. São os meus pais — diz Lourenço. A velha mãe tira uma lágrima de emoção enquanto o velho pai sorve do cachimbo uma fumaça de felicidade.

O interior da casa foi mobilado com todo o requinte do mundo. Depois do banho, a saudação ritual, a água fresca, a refeição ligeira. David não se cansa de elogiar o conforto do palácio, mas todas as palavras acabam no mesmo ponto.

— Mas onde mora, afinal, o curandeiro que procuramos?

— Por aqui. Pelas matas, pelos montes. Já penetrámos no seu reino e em breve estaremos no seu templo. Passeia e descansa, que a hora está próxima.

— Passear agora, com este cansaço?

— Faz parte das tradições desta casa, conhecer o ambiente antes de repousar. Vai. Não te farei compa-

nhia por estar demasiado cansado; de resto, estou em minha casa. Vai, que um dos guardas te indica o caminho.

— Puxa, nunca me disseste que tinhas sangue azul apesar de preto. Os teus pais são verdadeiros reis desta terra. Mas que luxo, meu Deus.

— Foi para te fazer surpresa. Os meus pais são poderosos, sim, de um poder que nos custou os olhos da cara.

— Porquê?

— Em breve saberás.

— Fala-me da tua família.

— Somos três. Os velhos e eu.

— Filho único?

— Já morreram sete irmãs.

— De quê?

— Já que aqui estás, saberás por ti. Eu sou o sobrevivente, e por sinal o herdeiro da maldita fortuna.

— Maldita? Não me faça rir. Tomara que eu herdasse tudo isto. Dinheiro é sempre bem-vindo, venha ele de onde vier.

Lourenço acende um cigarro e entra num silêncio amargo, próprio de quem sofre. David ganha um presentimento de que existe mistério em todas essas mortes. Uma fortuna como a destes velhos não se constrói só com trabalho.

— Os meus pêssames. E desculpa-me recordar-te coisas tão tristes.

O serviçal que conduz David tem língua curta e responde a tudo com sim e não. David é percorrido por um mal-estar e mil interrogações avolumam-se na mente. Tanta prosperidade, de onde vem? Arrisca-se e pergunta.

— O dono desta casa é um rei, ou um régulo?

— Que pena! O senhor veio sem saber onde se vinha hospedar? Pois fique sabendo que está no im-

pério de Makhulu Mamba, o que com um só dente tritura a carne e os ossos.

— E quem é Makhulu Mamba?

— O dono da casa. Não me diga que não sabia.

— Já ouvi falar desse nome.

— Um nome famoso, senhor.

— Famoso, sim. Mas onde o ouvi pela primeira vez?

— Pergunte ao seu amigo.

A memória recua. Recorda lendas, fábulas, histórias de feitiçaria. Makhulu Mamba é o nome de um personagem das lendas de terror do universo mítico dos tsongas, que remetem as crianças às noites de delírio e pesadelos. Makhulu Mamba é uma personagem lendária ou real? A intriga cresce. Será Lourenço o filho de um feiticeiro? Deve ser. Ele é um bom cristão mas navega no mundo do oculto como um peixe. Muitos dos assíduos frequentadores da igreja usam a Bíblia para camuflar o feitiço. Cristãos de dia, feiticeiros de noite. Volta a pensar na riqueza. A administração colonial não criou pretos doutores, nem pretos ricos. Os assimilados viviam em casas de zinco enquanto a maioria da população vivia em casas de caniço de chão maticado de barro, mas estes construíram uma casa, de longe superior à dos colonos.

O jantar é servido às dezoito horas. O jantar ao sol faz lembrar os tempos do colégio. David entende, é tempo de guerra e por razões de segurança a casa não deve ter luzes acesas durante a noite, mas no campo toda a gente dorme cedo porque desperta cedo. O jantar é uma delícia. David come com gosto e sem medida.

Às dezanove horas o velho pai ordena o recolher e o silêncio, são já horas de dormir.

— Lourenço!

— Sim, pai.

— Não te esqueças de dar recomendações ao nosso hóspede.

— Não, não vou esquecer.

— Ainda bem. E cuida dele, para que nada lhe aconteça.

— Fique descansado, pai.

— Então boa noite e bom descanso.

— Obrigado, pai, até amanhã.

Os dois amigos dirigem-se ao mesmo quarto. Com tantos compartimentos, Lourenço decide que ambos têm que dormir na mesma cama. Porquê?

— Não te assustes, velho amigo. Dormiremos na mesma cama como crianças de colégio.

— Dormir ao teu lado, que ideia!

David solta um riso nervoso, denunciando o mal-estar. O empregado traz dois baldes, bacias de água e toalhas brancas. Outro criado traz agora cacos de barro com carvão aceso, onde coloca uma gordura que arde, enchendo o quarto de fumo.

— É tradição da casa — diz o criado —, purificamos os quartos antes de dormir, para varrer os pesadelos.

Com uma voz pausada, Lourenço explica uma série de coisas que David escuta com a cabeça transtornada.

— Como já deves ter notado, há muita coisa extraordinária na vida desta família. Durante a noite, verás e ouvirás muita coisa. Não comente e nada pergunte até o Sol nascer. Se por acaso uma voz te chamar, não responde, por razões que só amanhã te poderei explicar. Arrastei-te para este palácio, não para te mostrar o bem-estar da minha família, mas para encontrar a solução dos problemas que te afligem. Nesta noite, verás e ouvirás coisas invulgares aos olhos comuns. Nada te acontecerá porque estás comigo. Tens aí baldes e penicos para qualquer necessidade. Nesta casa, com guerra ou sem ela, ninguém põe a cabeça de fora quando a noite cai, e mesmo dentro de casa ninguém se movimenta.

— Mas!...

— Cala-te e não comente.

— Assustas-me.

— Não te assustes tanto. Há negócios do sol, e há negócios da noite.

— Conheci já o banho de bode e o paladar de sangue de cabra. Conheci a dança da meia-noite. Que resta ainda para ver?

— Hoje conhecerás a dimensão da palavra mistério.

— Não vou aguentar.

— Porta-te como homem.

No palácio de Makhulu Mamba todos dormem e sonham. Todos menos David. Enquanto os habitantes do sol dormem e ressonam os habitantes das trevas despertam, bocejam, esperneiam e preparam-se para a vida. Vozes da natureza navegam no espaço quebrando o silêncio. Um silvo de serpente escuta-se no ar. O mocho pia. David espreguiça o céu pela cortina transparente e vê apenas a claridade baça da noite de lua.

De um ponto impreciso ouve-se o bater tímido de um tambor. David escuta. Que horas devem ser? Apura mais os ouvidos. Não é um ritmo de dança, mas de marcha vigorosa e bélica. Olha para o amigo que dorme e ronca. Será que nada ouve?

Olha de novo para a janela e vê um clarão que quase lhe cega a vista. A tamborada vigorosa cresce até ao insuportável, alcançando e ultrapassando a dimensão do infinito. Esquece as advertências do amigo e pensa: guerra. O clarão foi, de certeza, produzido por uma arma de fogo, estamos a ser bombardeados. Uma multidão em marcha faz estremecer as paredes e o chão. São soldados marchando firmes para o combate. Para o massacre. Vêm à mente instruções de guerra. Proteger-se nas trincheiras. Perscrutar os

movimentos do inimigo. Rastejar. Num gesto rápido, tenta levantar-se para fugir, esconder-se na mata mais próxima, mas os braços atentos de Lourenço seguram-no firme. A mão pesada tapa-lhe a boca abafando o grito.

Vozes humanas pairam no ar, partindo do invisível. Talvez venham do vento, do céu, do mar. As vozes são um rumor de fragilidade, um canto solene, servil, macabro, que parece a saudação do diabo. David experimenta o medo apocalíptico do fim do mundo. Vê vultos sem cor, sem rosto, sem vida. Vultos que se movimentam e trabalham como escravos. E David baloiça trémulo, na dança do medo.

Oh, ndingue / Oh, grande

Oh, Makhulu Mamba

Oh, ndingue

Oh, Makhulu Mamba!

As portas da casa são abertas de par em par. Ouvem-se passos no corredor, na cozinha, na casa de banho, na sala. As vassouras correm, varrendo todos os compartimentos da casa. A loiça entrechoca-se na cozinha, os talheres tilintam, a água corre, alguém está a lavar a loiça. David sente que alguém está no quarto e arruma alguma coisa no guarda-fatos enquanto vai mexendo por todo o lado. Vozes suaves, agressivas, masculinas e femininas continuam a ouvir-se em todos os cantos da propriedade:

A meno lakona / o tal dente

Meno la maphora nhama / dente triturador de carne

Li phora nhama ya wena / tritura a tua carne

Oh, Makhulu Mamba /

Pingos grossos de água vão caindo sobre as plantas em intervalos regulares. Não pode ser chuva. Parece um grupo de pessoas regando os campos com regadores de mão. Mais ao longe ouvem-se golpes de machado caindo sobre as árvores. Das traseiras da

casa objectos caem em queda livre. Parecem troncos. Parecem pedras. Talvez seja lenha.

A voko lakona / o tal braço

voko la ku djaya nhama / braço de matar carne

li djaya mamba ya wena / mata a tua cabeça

Oh, Makhulu Mamba

Este pesadelo dura um período longo. O mesmo período dura a canção. Parece uma canção de protesto, tal como as canções do primeiro de Maio. De repente as vozes começam a decrescer, a desaparecer.

Oh, ndingue

Oh, Makhulu Mamba

O silêncio cai em absoluto e o pesadelo termina. Os músculos de David começam a relaxar, até à tranquilidade total. O sono vem com todo o peso, mas ao despontar dos primeiros raios Lourenço desperta-o.

— Bom dia, companheiro. Espero que tenhas tido uma noite repousante. Esta época do ano é bastante fresca e as noites agradáveis.

David desperta e esfrega os olhos para enxergar melhor a pessoa que lhe fala. Olha-o fixamente e não o reconhece ainda, o cérebro está demasiado agitado pelo pesadelo de há poucas horas. Movimenta o corpo e sente dores por todo o lado.

— Desperta e prepara-te para sair. O amanhecer é lindo, visto do alto, e não podemos perder este espectáculo.

David levanta-se mergulhando num absoluto mal-estar. Dá uma vista de olhos ao quarto. As roupas estão devidamente colocadas no guarda-roupa. Os sapatos engraxados. Os baldes, toalhas, penicos, retirados. Sai do quarto e dá uma vista de olhos aos compartimentos da casa. A loiça está lavada e a cozinha arrumada. O chão, encerado de fresco, brilha. A mesa está posta. Lourenço convida ao banho e ao café antes do passeio. Uma interrogação surge na mente de David:

quem preparou este pequeno-almoço se todos ainda dormem, quem? O café é muito mais rico que aquele que toma no seu dia-a-dia. Tem sumo natural, muito bem gelado, ovos estrelados, iogurte, queijo, leite, fruta e carne assada. Foi preparado pelos fantasmas da noite, com certeza. E esta carne bem cheirosa e bem preparada despertando o apetite mais adormecido, de que animal é? Na canção da noite os fantasmas diziam que o dente do Makhulu Mamba tritura a tua carne, portanto a carne humana. Diziam que o braço de Makhulu Mamba é de matar a tua carne, a tua cabeça. Esta carne tão bem cheirosa foi caçada por Makhulu Mamba, não vou comê-la. Ontem ao jantar comi muita carne, longe de imaginar a vida que se leva neste maldito palácio. Sente uma náusea profunda e corre para a casa de banho. Vomita. Banha-se e relaxa. Senta-se na mesa disposto a tomar apenas café e sumo.

— Aqui os empregados são madrugadores — diz Lourenço para dissipar as dúvidas. — Outros preferem trabalhar à noite. Este cozinheiro trabalha enquanto dormimos.

O cozinheiro aparece com o bule de café e enche as chávenas.

— Bom dia, patrão. Dormiu bem?

— Muito bem. Olha, que carne é esta?

— É de coelho. Eu fiz aquilo que o patrão gosta.

David respira fundo, afinal os seus receios são infundados. A carne é mesmo de coelho a avaliar pelos pequenos ossos.

— Não pense tanto, David, olha que o pequeno-almoço arrefece, vamos, toma isso rápido.

David tem medo de tocar na chávena, na colher, no prato, tem medo da carne e do ovo. Faz esforço e come, para agradar ao hospedeiro.

Dão uma volta pelo quintal. O chão do jardim e das hortas está bem molhado e com as gotas de água

ainda bem marcadas no solo. Nas traseiras da casa um monte de lenha está bem arrumado, mas ontem não havia lá nada. Os tambores, ontem vazios e secos, hoje estão completamente cobertos de água. Dão uma volta enorme em todos os campos e todos eles foram bem regados. O incompreensível desfila aos olhos de David. A boca sempre pronta para perguntinhas de nada hoje está cerrada. O amigo tenta reanimá-lo.

— David?

— Sim.

— Viste?

— Vi.

— O que pensas?

— Nada.

— Deixa-te de rodeios. Fala abertamente.

— Vi, sim. Sempre ouvi falar de histórias de feitiçaria, mas nada do que ouvi se compara com isto. Parece uma montagem de cinema, contos de fadas, coisas do maravilhoso e do fantástico. Diz-me que estive a sonhar, Lourenço, vá, diz-me, isto não pode ser real!

— Estás assustado, velho amigo. Os teus olhos estão habituados a ver as pessoas vivas ao labor, vencendo o espaço e o tempo. Estás habituado a ver para crer, como S. Tomé. A inteligência do homem não tem medida, e há milhões de anos que seres superiores descobriram uma maneira de viver sem sofrimento.

— Mas quem são eles? Mortos? Vivos?

— Nem mortos, nem vivos.

— Zombies?

— Basta que lhes chames xigonos.

— Não posso acreditar.

— No mundo há seres cuja presença não se encontra registada no mapa da existência. Há uma dimensão de vida paralela à nossa, com leis próprias e dinâmica própria.

— Meu Deus, é terrível!

— O mundo é uma fonte de potencialidades, cuja amplitude não se pode dimensionar. Da vida conhecemos muito pouco, velho amigo.

— Como chegaram a este ponto?

— Nascemos nisto, herdámos. Mas por favor, não me perguntes mais nada porque já sabes. Já ouviste muitas destas histórias por aí.

David penetra na geografia mágica do país. Tudo o que parecia fantástico começa a ganhar forma. Histórias de pessoas que desaparecem do mapa dos vivos, mas que ficam escravos dos campos de arroz, pelas terras da Zambézia. Histórias de crocodilos humanos nos vales do rio Zambeze. Mitos de pessoas transformadas em hienas e hipopótamos por não terem cumprido com o pacto de feitiçaria. Pessoas que se tranfiguram em leões, serpentes, para roubar as aves e o gado dos camponeses de Tete. Rumores de pessoas transformadas em macacos para colher cocos nos palmares de Inhambane. De esqueletos humanos colocados no fundo dos barcos para que a pesca seja mais abundante nos mares de Pemba e Nampula. Histórias de incesto e sacrifício humano, para conseguir melhores salários e promoções nas terras de Gaza e Maputo. Histórias de pessoas que se transformam em peixes e peixes que se transformam em pessoas nas terras do lago Niassa. Pessoas que caçam leões e elefantes com um simples apontar do dedo indicador ou com um punho cerrado, nas savanas de Cabo Delgado. A magia dos povos de Angónia e Matutuine que comandam a trovoada para castigar os inimigos. Mitos das mulheres chopes que matam de amor qualquer homem que delas se aproxima, com a poção mágica do munhandzi, azeite gostoso extraído da fruta de mafurreira. A lendária história do mpfukwa dos ndaus, único povo do mundo que, como Cristo, res-

suscita depois de morto para vaguear na terra e fazer a vingança póstuma com as próprias mãos.

As histórias dos mortos-vivos são muito badaladas nas zonas das grandes montanhas de Manica. Dizem que as pessoas são drogadas, mortas aparentemente e depois enterradas. Na calada da noite são desenterradas, reanimadas e de novo drogadas para matar a memória. Ficam seres sem referências, sem passado nem presente. Ficam máquinas humanas. Robôs. De dia escondidos nas cavernas dos montes altos, e de noite activos. São escravos.

— Como chegaram a este ponto?

— Nem eu sei — responde Lourenço com voz entristecida. — Também sofro com isso. Como esses xigonos, também sou escravo de tradições de que não me sei libertar.

— Difícil de perceber.

— Estás a dois passos do teu primeiro voo. Muito antes da próxima manhã compreenderás melhor.

— Só quero a solução do meu problema.

— Terás o devido tratamento.

— Lourenço, quem és tu, no meio desta história?

— Em breve saberás.

XXVI

Profa. Luísa Duarte
- Assessora Técnica -

David dá uma volta pelos campos. Aos seus olhos tudo é negro. Uma onda de medo arrasta-o para o mais profundo dos desesperos. A vida é macabra. A morte é macabra. Toda a existência é macabra. Começa a sonhar com um mundo sem vida, nem morte, nem sofrimento. Sente vontade de deixar de existir. Revisita a trajectória da sua vida. Como aquela noite, não houve

nenhuma. Acende um cigarro. O cheiro de tabaco dá-lhe prazer e calma mas por pouco tempo. Pensa na guerra e nas minas semeadas nos campos. Dá passos em retaguarda e regressa à casa. Na soleira da porta Makhulu Mamba recebe-o com um sorriso.

— Regressaste cedo do teu passeio.

— Sim. Tenho medo das minas.

— Enquanto eu aqui estiver não passará guerreiro nenhum. Este lugar é mítico e respeitado por todos. É um lugar sagrado.

Os olhos de Makhulu Mamba apreciam David como gado na feira.

— Então, filho, dormiste bem?

O sorriso do velho é tão rasgado que vai de orelha a orelha. Na canção da noite os fantasmas diziam que Makhulu Mamba tinha um só dente, mas este tem dentes bem completos e mais fortes que puro marfim.

David esforça-se por aparentar calma, mas não consegue. O olhar do velho é pavoroso, misterioso, penetra, arpeja e hipnotiza.

— Então, meu rapaz, o que achas da vida neste canto do mundo?

David tem dificuldade em responder. Procura na mente palavras para agradar. Da garganta saem-lhe apenas sons vagos, estêreis.

— Interessante, muito interessante.

— Somos diferentes da maioria dos mortais. Muito diferentes!

— Já percebi.

— Também és especial.

— Eu?

— Meu filho, ninguém visita Makhulu Mamba por simpatia ou amizade. Ninguém dorme na minha casa sem ser especial.

— Não tenho nada de especial. Tenho problemas e por isso vim, nada mais.

— Ao curandeiro vão os pobres, os deserdados da sorte, à busca da esperança e de tudo o que não têm. Vão os ricos e poderosos, para preservar o poder e a riqueza, e prevenir quedas que lhes possam trazer pobreza e sofrimento. Ao Makhulu Mamba vão apenas os eleitos.

— De facto. Foi o medo de perder que me levou ao curandeiro pela primeira vez. Da magia conhecia apenas histórias de fantasia e nada mais.

— Fala-me dos teus problemas.

David narra parte da sua história. Dilemas, receios, mistérios, correm no fluxo das palavras. A tensão liberta-se. Makhulu Mamba escuta com atenção.

— Tranquiliza-te. Roubaste, sim, mas não foi por vontade. Os deuses planeiam os destinos da gente. O chamamento se faz por vários caminhos, meu jovem. Tens uma missão a cumprir nesta terra.

— Missão?

— Não precisas de entender nada, agora, mas daqui a poucas horas saberás. Vês como a Lua está mais redonda e mais branca? Hoje será celebrada a grande noite de Makhulu Mamba, noite do grande espírito.

David sofre uma tempestade moral. Pensamentos confusos surgem no espírito fragilizado. Makhulu Mamba dá um golpe de machado na raiz dos princípios, fazendo cair por terra todos os alicerces do ser. Em todas as sociedades roubar é crime, o bem é recompensado e o mal castigado. No mundo de Makhulu Mamba, o mal é caminho que conduz ao sagrado.

O criado traz cerveja bem gelada. Serve. Makhulu Mamba bebe um copo, outro e outro. Fica animado e começa a falar em voz alta. David não tem sequer energia para erguer o seu copo. Um nó terrível instalou-se na garganta.

— Tens um mistério nas veias — diz Makhulu Mamba, meio embriagado.

— Porquê?

— Esta poderá ser a noite da tua coroação. Vejo caminhos abertos no teu destino. Na tua estrada todos os desejos se realizam. Serás rei.

— Mas... porquê?

As afirmações do velho soam como lanças transportando mais veneno para a sua alma. David sente ligeira comichão nas orelhas. É a tensão subindo crescente. Fecha os olhos e agarra-se à cadeira para escapar à vertigem que o derruba.

— Estás doente, filho, sentes-te bem?

— Não. Toda esta conversa me confunde.

— Vamos, bebe um pouco para arrefecer a cabeça. Enquanto bebes, explico-te.

David levanta o copo e bebe. Sente prazer na cerveja fresca. O suor corre-lhe com a intensidade da chuva. O calor abandona o corpo. O coração retoma o seu balanço normal e a vertigem se afasta. O velho volta a falar.

— A Bíblia afirma que o homem foi condenado a viver do seu suor. Mentira. Os reis não fazem o menor esforço, mas têm poder e fortuna.

O rosto de David enrugase, como areia do mar na corrente de vento. A angústia ganha dimensões de desespero. Ouve palavras que fazem pensar. Doutrinas que transtornam e fazem matar. Verdades traiçoeiras. Toda a realização humana exige suor e sacrifício. Toda a fortuna vem das mãos sujas. Matar é um sacrifício, morrer é sacrifício, roubar é sacrifício. Viver à larga sem o menor esforço é conversa fiada, porque tudo na vida tem o seu preço.

— Interessa-me saber como será resolvido o meu problema.

— Primeiro serás submetido a uma prova de coragem. Fazes um juramento. Finalmente o tratamento.

Na noite do primeiro ritual, a feiticeira disse: en-

contrar-nos-emos no dia do teu juramento. Makhulu Mamba fala agora de juramento. Terá chegado a hora? Pára de pensar e arrepiase: banho de bode outra vez não, meu Deus!

— Prova de coragem?

— Sim.

— Qual prova?

— Sim, é uma formalidade pela qual passam todos os que buscam a protecção de Makhulu Mamba.

— E se eu falhar a prova?

— És um homem digno de respeito. Não é qualquer um que arruína a vida de mais de mil trabalhadores, dentro de uma empresa. Tens coragem e força de leão.

David rememora as provas das tradições antigas. Caminhar sobre o fogo com pés descalços. Vencer um leão, numa batalha renhida. Decapitar a cabeça do inimigo e levar ao rei como troféu de Salomé. Matar a cobra mamba com as mãos. Entrar no covil dos javalis. Desafiar o céu, a terra, as nuvens, a trovoada. Dançar ngalanga sobre o cadáver do inimigo. Matar o rei e dormir com a rainha aos olhos do mundo.

— Que tipo de juramento?

O velho não responde, ri-se apenas. Desta vez o riso é mais sonoro e mais longo, o álcool começa a exercer o seu efeito.

— Nunca juraste na vida?

David abana a cabeça afirmativamente. A vida é feita de juramentos. Juram os velhos e as crianças. Juram os noivos no altar, mas o amor eterno desfaz-se ao primeiro obstáculo. Quebramos o juramento quando o amor se transforma em ódio, e a alegria em dor, a vida em tortura e morte. David pensa em si: jurou não roubar, mas roubou, porque roubar tornou-se uma necessidade de sobrevivência.

— Não me digas que nunca fizeste um juramento, meu jovem.

— Já, com certeza.

— Quando?

— Fiz o juramento do baptismo, juramento da bandeira, matrimónio, jurei servir a revolução e lutar pela independência, jurei servir a nação no dia da minha graduação, jurei competência e zelo na tomada de posse como director da empresa.

— Fizeste já seis grandes juramentos. Cumpriste com todos?

— Dei umas dentadas uma vez e outra.

— Este juramento será então o sétimo da tua vida.

— Sim, o sétimo, se jurar.

— Vai correr tudo bem. Sete é um número de sorte.

— Acha que sim?

Makhulu Mamba sorri. Os números são mágicos e sete é mágico por excelência. Tem sete dias cada semana e cada fase da Lua. Sete portas do desconhecido. Sétima arte. Sétimo céu. Lobisomem é o sétimo filho, do sétimo filho, do sétimo filho. Sete maravilhas do mundo. Quatro setes tem o ciclo da mulher. Sete vidas tem o gato, e o homem sete sinais de morte. Sete deuses têm os poderes africanos. Sete vacas gordas e sete magras são os sonhos do Faraó. O quintal de Makhulu Mamba tem sete campas de sete filhas que morreram em sete rituais em sete anos seguidos. Hoje, David vai realizar o sétimo juramento da sua vida.

XXVII

Vera olha para os pombos suspensos no ramo seco do cajueiro e sorri. A vida é realmente bela quando vivida a dois. Começa a sentir saudades profundas

do marido que viajou nem sabe para onde. Uma casa sem homem é uma casa vazia. Uma cama sem companhia é muito fria. A música da vida só é harmoniosa quando tem canto e contracanto. Mas o pior de tudo é a solidão a dois.

Do lado da estrada ouve os gritos das mulheres que passam vendendo legumes, peixe, carvão. Vera fecha os ouvidos aos gritos da pobreza. Fecha também os olhos cansados de ver tanta miséria em movimento. Muito perto dela, ouve-se um grito tão forte como o grito da morte. A cozinheira vem e tira-a do devaneio.

— Senhora, minha senhora.

— O que foi?

— O seu filho.

— Outra vez?

Cozinheira e patroa, de mãos dadas, correm em direcção ao infortúnio. Clemente, com o maior vigor de sempre, grita e corre. Avança para o cajueiro seco. Sobe. Desce. Apanha ramos de diferentes tamanhos. Bate no chão, no muro do quintal, nas paredes da casa. Diz que está a matar cobras de variadas cores e dimensões, que entram e saem de todas as aberturas da casa. Vê animais medonhos, que existiram em tempos antigos. Fogo. Sangue. Mochos e corujas. Vampiros. Monstros milenares. Uma massa negra cobrindo o Sol. Florestas de fogo. Cavernas de onde surgem homens imaginários. A cozinheira consegue agarrá-lo e dominá-lo, e arrasta-o para o quarto do fundo onde o fumeja com muito incenso. Ganha calma e relaxa. As visões malignas abandonam-no.

— Clemente!

— Sinto o piar dos mochos. É a morte a rondar a casa. Mãe, sinto que a morte está próxima, o pai foi à busca da morte e nós vamos morrer, mãe!

— Mas porquê?

— Aquela árvore seca ganha força e vida quando anoitece. À noite tira milhares de folhas e flores que sempre desaparecem, quando o Sol nasce. Há pouco tempo olhei para ela. Em pleno sol, vi-lhe as folhas e as flores. E vi qualquer coisa estranha, viscosa, fluida, passeando entre os ramos. Quando se viu descoberta, desceu e rastejou, e parecia vir em minha direcção. Vi vultos no tecto, nos quartos, no quintal, no jardim.

Vera encaminha os olhos para a árvore. Está velha e seca como sempre. Tenho que cortar esta árvore, decide.

— Agora mesmo acabei de ver uma imagem pavorosa. No princípio, projectou-se como uma simples fotografia tipo passe e foi crescendo, crescendo. E tornou-se uma imagem viva, mas muda. Era uma mulher. E vi-lhe os cabelos longos, pintados de barro, e o corpo todo branco de cinza e cal. Vestia uma longa túnica de peles. Segurava na mão direita um longo ceptro de ouro e oferecia-me um sorriso de morte. Era a monstra da floresta, a guardiã dos túmulos, a inominável feiticeira dos séculos, daquelas histórias que a avó Inês conta. Fechei os olhos, horrorizado, mas quando voltei a abri-los a feiticeira era a Suzy. Quando se viu descoberta soltou uma matilha de lobos que me perseguiram e eu corria como um louco.

Em silêncio Vera desenha o quadro do desespero. A desgraça penetrou neste lar. Marido sempre ausente, problemas constantes. Clemente e Susana odiando-se e agredindo-se constantemente. De que vale ter tanto dinheiro quando a felicidade não existe? A solução de tudo isto é um bom psiquiatra. Infelizmente, para este caso, o psiquiatra tem feito as mesmas perguntas e dá sempre as mesmas respostas, os mesmos remédios. No lugar de melhorar, as coisas pioram.

— Clemente, não achas que exageras em relação à tua irmã, mesmo em relação ao teu pai?

— Mãe, vejo aquilo que os outros não vêem. Sinto o que os outros não sentem. Sofro o que os outros não sofrem. A natureza apresenta-me música diferente. As pedras, as árvores e todos os seres inanimados ganham vida e falam-me. Neste momento, o meu cérebro capta imagens distantes com ondas de longo alcance. Mãe, quero dizer-lhe que o pai não está no estrangeiro. Está aqui no país mas muito longe daqui. Numa zona rural, distante, cometendo as maiores loucuras de sempre.

— Estás agora como a Suzy: mentindo. Pois saiba que o teu pai é um homem sério. Por que havia ele de me enganar?

— Vejo as nossas imagens projectadas no espaço e reconheço que estamos destinados a morrer. Alguém vai lucrar com a nossa morte.

— Oh, filho, meu filho, a morte de uma pessoa não serve a ninguém. Só os heróis antigos desciam ao túmulo com gente sacrificada, gente viva!

— Mãe, eu não sou louco.

O sexto sentido fala mais alto, Vera sente que o filho não mente, que alguma coisa ele sente. Segura-se à cozinha para amparar o corpo que treme estarrecido de medo. Um filho paranormal e uma filha feiticeira é muito sofrimento para um só ventre. Não, não é e nem pode ser verdade. Tudo isto é uma provação, só pode ser. É o meu teste de maturidade. No dia que conseguir ultrapassar estas dificuldades, proclamar-me-ei mulher sobre todas as mulheres. Os filhos ensinam uma mãe a ser mais mulher. A ser ousada. A saltar e a ultrapassar riscos. A chorar e a sorrir. A sofrer e a perdoar. A saber enfrentar a dor com orgulho. Os filhos são riqueza, infortúnio, bênção e maldição. Quem tem filhos tem cadilhos. Kuyambala mavala, kuveleka wukossi.

David volta a dar um passeio pelas matas para aliviar a mente. Caminha cabisbaixo, soldado vencido na terrível batalha da vida.

Não, não aceitarei o juramento.

Enquanto caminha busca na mente factos, mitos, fantásticas histórias de feitiçaria. Lembra-se de duas canções famosas. Uma retrata o caso verídico de uma mulher de nome Sabina que viajava com um crocodilo às costas no comboio da Manhã. Todos pensavam que era um filho, mas, uma vez apanhada, a mulher acabou confessando que o bicho era o seu instrumento de feitiçaria. A outra canção, dedicada a uma mulher de nome Lídia que, tendo confessado publicamente ter comido o espírito da filha da vizinha, foi-lhe ditada uma pesada sentença: exhibir-se completamente nua na praça pública com toda a sua família, sentença que a feiticeira cumpriu numa manhã de domingo. Estas belíssimas canções continuam a ouvir-se nas emissoras radiofónicas de todo o país.

Da infância suburbana surge-lhe a imagem do velho solteirão, próspero homem de negócios. O mundo dizia que comeu os próprios testículos para cumprir o juramento feito aos deuses da riqueza.

— E se me pedirem para matar um dos meus, quem será a minha vítima? Não, não aceitarei o juramento. Não estou disposto a fazer prova nenhuma de algo que não conheço. Prefiro voltar a casa com o meu problema, suportar as consequências dos meus actos, não aceito nenhum juramento.

Cansado de pensar em feitiços e mistérios, senta-se à sombra de uma árvore. Adormece e ronca. E sonha com imagens coloridas, confusas, indecifráveis. Entardece e faz frio. Dormiria eternamente se não fos-

se o ruído incómodo de um motor a despertá-lo. Será uma viatura? Mas vinda de onde e para onde, se aquele lugar não passa de um deserto de fogo? Deve ser um tanque de guerra rodando em direcção à base. Talvez seja um bombardeiro, a guerra é forte nos últimos tempos. David escuta com mais atenção. É um carro. Não é um, são dois e são *Nissan Patrol*. Esfrega os olhos para aclarar a vista que lança em direcção à estrada. Makhulu Mamba vai ter visitas de honra, aqueles carros de luxo só podem transportar pessoas de alto nível. Param à porta do palacete. Desembarcam.

David espreita-os. É gente que tem poder e quer preservá-lo. Gente que cometeu falcatrias como eu e procura a fórmula mágica de escapar à justiça. Vê as figuras dos recém-chegados que lhe parecem familiares. Deve tê-los visto em algum lugar.

David apoia a cabeça entre as mãos porque está pesada e quente, e volta a entrar na dança do medo. Lança os olhos para o horizonte distante que começa a escurecer, o dia está próximo do adeus. A hora do pesadelo está próxima. O que será que vai acontecer?

Uma mulher velha, carrancuda, sinistra, surge à sua frente, convidando-o a juntar-se ao grupo dos recém-chegados; chegou a hora fatal. Esta ajudante não tem a simpatia nem a graciosidade das outras que conheceu na noite do lobolo. A decisão de proferir o não ao juramento fá-lo caminhar seguro, apesar do cansaço.

Na magna sala da mansão de Makhulu Mamba os recém-chegados identificam-se. David cai na onda de surpresa e perde o domínio completo de si. Os sete homens são, afinal, seus conhecidos. Um banqueiro, um padre, dois políticos, dois académicos. O director comercial da sua empresa, seu inimigo número um, que ambiciona o seu posto e lhe promove guerras,

está ali diante dos seus olhos. Experimenta um conflito sem precedentes. Esfrega os olhos e luta contra a escuridão que o afunda. Foram os deuses que os uniram para desvendar os segredos um do outro, muito longe da instituição onde um é chefe e o outro subordinado. Foram também os deuses que os uniram no mesmo altar para a bênção, para a maldição, para comungar do mesmo cálice de veneno, e buscar no mesmo arsenal as armas com que se irão enfrentar no duelo de morte. David faz um juramento secreto — tu não verás a minha prisão. Na minha cadeira de director sentar-se-ão todas as pessoas do mundo menos tu, traidor invejoso.

Makhulu Mamba reúne todos os seus hóspedes na mesa de jantar e implora a todos que comam bem, porque a noite vai ser longa. Comem e conversam. Falam de coisas banais, de impressões da viagem, da guerra e das emboscadas ao longo da estrada. Depois falam de política. Makhulu Mamba diz que as superpotências utilizam o solo africano como arena. Todos se espantam com o velho feiticeiro que fala alemão, inglês, e tem uma antena parabólica na savana mais perdida do mundo. Conversam animadamente, menos David e o seu director comercial. É fácil compreender o que se passa dentro deles. Os deuses quiseram que se encontrassem num frente a frente para a prova dos nove. Quem será o vencedor?

David olha para o padre com mágoa e muita raiva. Viveu mais de quarenta anos a ouvir a doutrina de um Deus só, de um caminho só, de servir a um só rei. Estes hipócritas servem o senhor da luz mas à noite buscam a protecção das sombras. Olha para os políticos com um certo desprezo. Gente de garganta larga, mãos inúteis, que vivem de discursos e de suor alheio. Vêm buscar a ajuda dos mortos para ganhar as próximas eleições, de certeza. Os académicos são do-

nos do saber e da lógica. O que buscam eles no mundo irracional?

O jantar termina e Makhulu Mamba leva os hóspedes para a palhota nas traseiras da casa. Dirige saudações espirituais aos presentes. Todos respondem com voz alta, soldados com alta moral porque se sentem a dois passos do tesouro. Incensos, fumos e sebos iniciam a noite de magia. O discurso litúrgico é ao mesmo tempo uma aula e um aviso para os menos precavidos.

— Bem-vindos então ao reino de Makhulu Mamba!

Os presentes respondem com uma solenidade religiosa.

— Todos são gente de bem, a quem a vida abençoou. Vieram aqui por vontade. Ninguém fez campanha de publicidade para divulgar os poderes de Makhulu Mamba. O caminho para esta casa não se encontra escrito em nenhum mapa desta terra, mas vocês investigaram e encontraram. Por isso mesmo são bem-vindos.

— Muito obrigado, mais uma vez — respondem os presentes.

O rosto de Makhulu Mamba traja uma expressão dura e a voz muita solenidade e convicção.

— Há gente curiosa que vem apenas para ver. Gente que me vem desafiar, que me quer dominar. Previno desde já que em casa de Makhulu Mamba a curiosidade não é bem-vinda. Neste reino só entra aquele que se revelar merecedor da confiança dos deuses.

Gera-se um momento de *suspense*. As palavras de Makhulu Mamba caem como uma espada negra nos pescoços dos que o escutam. Cada um procura o encorajamento e a cumplicidade nos olhos do outro.

— Todos vieram à busca de protecção, para os negócios e para conseguir mais poder sobre os outros

homens. Previno-vos desde já, não tenho sorte para distribuir a ninguém. Sou médium, estabeleço a comunicação entre vós e os vossos mortos.

Ninguém diz uma palavra e faz-se um silêncio diabólico.

— Quem entre vós leu o Génesis, da Bíblia Sagrada? O senhor que é padre, pode recordar-nos a sentença original?

O padre responde, numa voz sem cor nem ritmo.

— Homem e mulher foram sentenciados a viver do seu próprio suor.

— É mesmo isso. Tudo é conquistado. Um salário, um troféu, um prémio, uma taça, um osso, um prato de sopa. No reino de Makhulu Mamba nada é dado, mas conquistado. Cada um de vós será submetido a uma prova. Quero conhecer as vossas fraquezas, as vossas forças, para dar soluções à medida das vossas capacidades.

Chegou a hora da verdade e os homens sucumbem de medo. Todos baixam a cabeça à altura do peito. Dos poros corre suor gelado como orvalho de Inverno.

— Não sou onnipotente. Como qualquer um, nasci do ventre de uma mulher. Frequentei a escola da vida, qualifiquei-me e agora presto serviços. Vou abrir as portas do Além para que cada um de vós comunique com os seus mortos e busque neles a inspiração de que precisa. Dialoguem com eles. Que sejam as vossas mãos a buscar as soluções para os vossos problemas.

Estranho discurso o de Makhulu Mamba. Desilusão e frustração. Os presentes traziam grandes expectativas, mas os sonhos transformam-se em cinzas e a coragem em medo.

— Vou abrir a comunicação com o mais profundo do ser. Verão a vossa consciência como quem se olha num espelho. Verão desfilar os vossos medos, as vossas fraquezas, as vossas forças.

Makhulu Mamba ordena a substituição das roupas confortáveis por um pedaço de pano, apenas para cobrir as partes mais íntimas do corpo. Ficam de joelhos. Makhulu Mamba inicia o grande ritual. Espalha cinzas nas testas de todos e reza:

— A ti, deus do poder e da riqueza, a ti chamamos neste momento. Nesta noite de Lua, sete homens caminharão na estrada à busca da tua bênção. Querem alcançar a condição humana desejada por todos os mortais. Dá-lhes o poder de acordo com a coragem e a força de cada um. Sê piedoso com eles tal como és comigo e com todos os teus fiéis.

Ordena a todos que se levantem e distribui pequenas zagaias.

— Ide! Caçai nas florestas da humanidade. Tragam caça para esta fogueira para que os deuses se banqueteiem de carne boa, nesta noite de iniciação. Primeiro irão enfrentar o sopro dos deuses na prova de peso. A seguir irão identificar o servo dos deuses na prova da vida. Finalmente irão enfrentar a força dos deuses na prova da morte.

Caçar nas florestas da humanidade? Significará isso matar um ser humano? Não, não pode ser isso. Neste matagal somos os únicos habitantes. David pensa em si. Na vida nunca matou nada. Nem galinha, nem boi, nem homem. Na tropa disparou muitas balas, mas nunca acertou em nenhum alvo.

Todos se levantam e saem do templo. Makhulu Mamba mostra o caminho a seguir, mostrando também a meta. O velho dá as últimas recomendações.

— Sigam o caminho do poente. Caminhem e cacem todos os bichos grandes e pequenos que atravessarem a vossa estrada e tragam-nos como prova da vossa força.

Faz uma pausa e adverte:

— O que se vai passar daqui para a frente, não é

nenhum jogo de crianças. Ide! Peço a quem não tem coragem para desistir agora.

Os homens sucumbem de medo. De todos os poros escorre orvalho quente, como copos embaciados de fervura. Mesmo assim, confirmam a sua decisão de prosseguir a marcha até à gruta do tesouro. Vieram de longe, suportaram emboscadas e tantos perigos, por que haveriam de desistir agora?

O velho sorri satisfeito. Acende o cachimbo. Fuma.

— Caçar em plena guerra? — David dialoga consigo próprio. — Caçar o quê com uma simples zagaia? Antes de caçar seremos caçados. Pega na lança, avalia-a. Enferrujada. Velha. Cansada. Terá pertencido a algum guerreiro antigo? Parece que não. Deve ter sido fabricada por um artesão sem habilidade nenhuma. Segura a lança com maior firmeza. Sente que lhe entra no corpo um poder estranho. Sente em si renascer um guerreiro antigo.

A marcha começa. Os homens dão dois passos, quatro passos. Olham para o ambiente. A mesma vegetação baixa, os mesmos arbustos, pequenos e grandes. Silêncio. De repente surge uma brisa forte. Uma rajada. Várias rajadas unindo-se num terrível remoinho, que faz dançar a terra inteira. As árvores são arrancadas e voam no céu. As palhotas desaparecem. Uma nuvem de poeira levanta-se sujando a brancura da Lua. As tangas esvoaçam deixando os homens nus, com uma zagaia nas mãos. Alguns dos homens são elevados pelas alturas, voando como bruxas em vassoura de palha para depois serem violentamente atirados ao solo. David corre para a árvore firme e segura-se. Resiste. Este vento é o sopro de Lúcifer. É o xihuhuro, o remoinho maldito, provocado pelo bando de feiticeiros em peleja. Dois dos participantes voltam para trás e buscam a segurança na palhota de Makhulu Mamba. Abandonam a marcha.

O vento repentino varreu a terra, recolocando no solo a paisagem original. Animais extintos surgem das tumbas. Dinossáurios. Insectos do tamanho de pássaros. Sáurios voadores. Plantas carnívoras. Lagoa de águas lípidas mais transparentes que o ar. Nesta paisagem, o corpo de Makhulu Mamba ganha o tamanho de um colosso invencível. Esta é a floresta da humanidade onde os animais serão caçados. Os homens escolhem as presas, preparam-se para o ataque, mas no momento de desferir o golpe os monstros ganham rostos humanos de gente conhecida: filhos, esposas, mães, irmãs e até amantes. Uns assustam-se. Dois baixam as armas, recuam e abandonam a marcha, apavorados com as suas visões. Outros atacam, matam, passam.

David vê um monstro com o rosto de Clemente. Lança-se furiosamente ao ataque como se durante toda a sua vida aguardasse por aquela oportunidade para se livrar do filho indesejável. Falha o alvo e a imagem desaparece. Continua a marcha. Vê duas ovelhas e duas crias recém-nascidas. De repente as ovelhas ficam com rostos humanos. Identifica-lhes os rostos. É a Mimi e o filho recém-nascido. É a Cláudia, sua secretária particular. Espanta-se. Se ela não está grávida de onde vem aquela cria? Entra em pânico. Decide abandonar a prova. Dá um passo à retaguarda, mas volta à carga. Ele está em busca do tesouro, não pode desistir da marcha por causa de simples visões. Avança, ataca, mata. Fecha os olhos arrepiado, disposto a morrer. A serpente medonha surge, traiçoeira. Os dois envolvem-se na guerra dos séculos. Em lugar de assobiar, a serpente ri e suspira. David pára de lutar e abre os olhos. Como nos contos de fadas, a fera se transforma na bela Suzy, sua filha mais querida. David baixa a arma, não ataca. Desesperado, grita como um louco. Junta-se aos companheiros de infortúnio para desaba-

far. Todos testemunham as mesmas visões. Monstros transformados em gente. Imagens da bela e da fera. Gente que voa, gente que morre. Gente que escapa.

Um deles fala sozinho e diz que não vai caçar nem fera, nem ave, nem ser humano. Outro fala do urso que matou, mesmo reconhecendo ter o rosto do filho mais novo, por medo das represálias de Makhulu Mamba. Outro diz ter-se transformado num leão e estava ao lado da sua leoa. No momento do amor, o rosto da fera transforma-se na própria mãe. Ficou apavorado mas avançou, porque os problemas que tem são mais graves que a vida do pai ou da mãe. David não diz nada, não tem forças para dizer uma simples palavra. Os seus olhos procuram Makhulu Mamba para que o tire do suplício. Mas o velho não está em parte nenhuma, abandonou-os à sorte, com as suas ambições e ilusões.

Novas imagens de terror dançam nos olhos de David. Uma leoa surge à frente, ameaçadora. O corpo estremece como a árvore gigantesca na hora da queda. A leoa é o espectro da morte, é a morte verdadeira. Tenta fugir, fraqueja. Mas fugir para onde? Recordar-se do poder e da ousadia dos gladiadores romanos. Das provas dos reis bantus, na hora da coroação. Dos mambos e dos monomotapas que mataram leões com as mãos na prova de força. Recorda as palavras mágicas dos lutadores invencíveis em desafio mortal.

Vence-me

Vence também os leões

E a terra será tua.

David segura a lança e, como bom artilheiro, enfia a ponta metálica na boca da fera, ferindo-lhe a língua, a boca. O leão ruge na agonia de morte.

Vence-me e a terra será tua.

A fera liberta-se da lança mas cai para trás, na posição de assalto de fera ferida. David entra numa vertigem sem fim. As forças abandonam o corpo e ele grita com voz cansada. Não aguento mais, vou morrer. Desmaia.

Sente um formigueiro a percorrer-lhe a cabeça, o sangue volta a correr, reanimando os sentidos. O ruído dos tambores desperta por todo o universo provocando insónias sem fim.

Venceste!

Desperta para a realidade. Olha para os joelhos que sangram e descobre que esteve numa luta real, verdadeira. Mas com quem, se à sua frente não se vê leão, nem vivo nem morto, e a paisagem é igual à de todos os dias e naquela savana nunca houve leões de espécie alguma?

— Venceste os leões!

— A terra será minha?

David recupera o controlo da mente. Descobre que está a ser levado para a palhota pelas mãos dos fiéis, tal como acontece aos heróis. A confraria de feiticeiros aproxima-se. Lourenço, a mãe, os crentes, criados e cozinheiros da grande mansão, os trabalhadores da plantação, e muitos rostos desconhecidos. Makhulu Mamba está à frente e grita litanias. Com a mente ainda fraca, David reconhece o ambiente: os cânticos são do diabo. Oração do diabo. Cerimónia de entrega de almas ao diabo.

As bocas de celebração calam-se depressa para dar lugar a uma nova missa. Makhulu Mamba fica com os recém-iniciados na cabana e faz o rescaldo da noite.

— Aos dois que não passaram a prova do vento. O vosso destino é serem invisíveis como o vento. Anónimos. Eternos servos, na vida e na morte. Não receberão nenhum poder de Makhulu Mamba. Apenas servirão. Nesta prova, os vossos espíritos não

demonstraram nem força nem coragem para coisa nenhuma. Aos três que não passaram a prova da vida. O vosso lugar é o poder em escala menor. A vossa liderança não alcançará um milhar de cabeças humanas. Testámos a vossa capacidade de sacrificar a vida para defender causa de nobreza. Falharam. Saibam que a família é o rebanho onde se escolhem as vítimas para os sacrifícios dos deuses. Caçar no próprio rebanho é habilitar-se a caçar no rebanho alheio. A fidelidade começa em casa. A traição começa em casa. A bravura começa em casa. Matar o pai ou a mãe dá coragem para chacinar o universo inteiro. Aos que passaram a prova da vida e da morte. Dos deuses receberão o poder, a longa vida. Terão poderes à escala das nações de acordo com as vossas ambições. Guiarão multidões e nadarão em ouro, desde que cumpram com as vossas obrigações. Venceram o proibido, o condenável, o terrível e o impossível, com a força dos punhos. Parabéns!

Os que não passaram as provas argumentam. Questionam.

— Porquê provas tão assustadoras?

— As escolas modernas fazem testes psicotécnicos para avaliar capacidades, tendências, habilidades. Vocês não foram capazes de ultrapassar simples visões criadas pela vossa consciência. Nesta prova cada um libertou os seus medos, os seus sonhos e projectou-os em três dimensões, dando-lhes vida e movimento. Uns dominaram-se mas outros deixaram-se arrastar pelos próprios medos. É tudo o que posso dizer.

Escutam mas não entendem. Argumentam. Reclamam. No lugar de responder, Makhulu Mamba faz uma nova pergunta.

— Ouviram falar de feitiçaria?

Todos respondem que sim.

— Feitiçaria não é natureza — responde Makhulu

Mamba. — É uma escola onde os menos capazes sofrem descontrolo cerebral, enlouquecem e até morrem. Por isso exigimos provas de ingresso. Provas duras, terríveis. Seleccionamos os que demonstram capacidade para matar ou morrer em defesa de um ideal, tal como no juramento da bandeira. Seleccionamos os que demonstraram capacidade para realizar actos terríveis. Recebemos também aqueles que têm potencial para a bravura.

— Para quê uma escola de feitiçaria?

— A feitiçaria é a escola dos governadores da vida. Preparamos os nossos discípulos para o poder, e temos de garantir que ele seja entregue em mãos seguras. A morte espreita quem governa em cada minuto. Por vezes é preciso matar para salvar um ideal, ou para mudar o curso da história. O mundo está cheio de escolas de amor, mas quem governa precisa de uma escola de ódio, para desenvolver capacidades tanto para construir como para destruir. Matar ou salvar. A vida de um líder exige a escola do amor e do ódio, porque com o poder não se brinca.

No seu cansaço David avalia as palavras que escuta.

Matar, amar e odiar. Vêm-lhe à mente imagens do universo. Sacrificar para salvar. Deus e Cristo. Matar o pai e casar com a mãe. Rainha Jocasta, Édipo, rei e príncipe. Matar o filho para cumprir o juramento. Shaka. Sexo incestuoso para a fertilidade da terra. Mambos, Monomotapas. Sacrifício de sangue para a fertilidade da terra. Reis bantus. Cabeça humana como troféu. João Baptista, Salomé a dançarina, rei Herodes. Holocausto de milhões em defesa de ideais de loucura. Hitler, judeus, guerra mundial.

— As provas foram tão agressivas que pareciam reais.

— Oh, homens. Uma visão nunca pode ser mais agressiva que a vida.

Makhulu Mamba ordena a separação dos homens para cabanas diferentes de acordo com os resultados da prova. David fica sozinho na sua palhota.

— Filho, não imaginas a alegria que me trazes. Venceste as tuas provas com dignidade.

As palavras do velho caem nos ouvidos como murmúrios distantes. A voz de David responde em monossílabos.

— Sim.

— Hoje conquistaste o teu paraíso e dormirás nos braços divinos, mas antes jura que transformarás o sangue em ouro.

— Eu juro, sim. Matarei a minha mãe, meus filhos e todos aqueles a quem amo, se esse for o desejo dos deuses. Hei-de transformar o seu sangue em ouro, para que a riqueza corra nas mãos dos deuses como as águas do rio.

— Diante desse deus repita o teu sétimo juramento. Diz-lhe tudo o que queres e tudo o que sonhas. Jura, -lhe fidelidade, amor e submissão. Jura cumprir com todos os seus desejos.

— Sim.

David aguarda com expectativa. Finalmente os seus olhos de homem verão deus. Chegou o momento de conhecer-lhe o rosto, o nome, a doutrina e os mandamentos.

Do lado de fora, um assobio. Um rastejo. Fica com a sensação de que o tal deus é manco, ou não tem pés firmes. Fecha os olhos para não serem testemunhas de uma nova loucura. Mas a curiosidade vence. Abre-os e vê o monumento à sua frente. Uma serpente real, de dimensões nunca antes imaginadas, percorre a palhota. Sente um medo terrível, mas pouco depois se consola. Medo de quê? O meu dilema é mais grave que qualquer medo deste mundo. Venci a morte e a tempestade. Em termos de coragem, nada mais

me falta, não vou assustar-me com uma simples serpente.

Dialoga consigo próprio. Mas porquê a serpente sempre associada à sedução, à fortuna e à longa vida? Vasculha a memória. Ultrapassa gerações, fronteiras, vales e montes. Ouve a voz de Deus, dizendo: Moisés, faz uma serpente de bronze e coloca-a sobre um poste. Todo aquele que olhar para ela viverá. Serpente, símbolo fálico na sagrada escritura. Serpente, símbolo de virilidade sexual em muitos povos do mundo. Serpentes deuses da fertilidade e transmissores da vida. Serpente redentora, serpente traidora, serpente bondosa que faz a pele da mulher mais sedosa e mais atraente, que dá aos homens poder e dinheiro. Serpentes sagradas, serpentes malvadas. Cristo pendurado na cruz, é a serpente que dá a vida.

A serpente divina percorre o corpo de David em violentas massagens. David espanta-se. Dizem que as serpentes gelam, mas esta é quente. Dizem que as serpentes arrepiam, mas esta agrada. Invade-o uma sensação de leveza, e vai rindo, gemendo, vibrando. Deixa-se embalar e fecha os olhos. Nunca antes se sentira assim, nem quando ama, nem quando bebe, nem quando na adolescência puxava um pedaço de soruma. Delira. Vê luz, prazer e fortuna no paraíso de Nwamilambo, a serpente. Faz preces e juramentos. Jura oferecer todos os sacrifícios, cumprir com os rituais a todos os deuses. Abre a alma para ver esse deus tão poderoso, e descobre que a serpente é a noiva feiticeira.

— Hã!... como vieste até aqui?

— Prometi que viria, lembras-te?

— Ah!...

— Eu é que apaguei as velas, naquela madrugada fatal. Eu é que mandei a cobra negra no lugar onde iam atirar os objectos do culto. Ajudei-te a abrir os

cofres da fábrica e tirar o dinheiro. Afastei o perigo de guerra durante a viagem.

— Porquê tudo isto?

— Porque chegou a hora de assumires o poder na confraria do oculto.

— O meu director comercial está aqui e ainda bem que não passou prova nenhuma. Como irão ser as nossas relações a partir daqui?

— Eu é que o arrastei até este lugar, para cumprir a sua missão.

— Se já sabias dos meus poderes, por que me arrastaste para estas provas horríveis?

— Formalidades. Rituais. Era preciso criar uma ocasião para dialogar com a sua consciência.

— Serás tu uma deusa?

— Os deuses são invisíveis. Sou serva.

David não diz mais nada. Deixa-se embalar e adormece. A madrugada chega. Makhulu Mamba vai à cabana de David para a visita prometida. Desperta-o.

— Dormiste bem, querido filho?

— Nunca pensei que podia dormir tão bem, num lugar sem cama nem conforto.

— Nem só de conforto vive o homem. Conta-me o que sentiste.

— Não há palavras para explicar. A princípio era a loucura. Depois voava, levitava. Cheguei a flutuar como um feto no ventre da minha mãe.

— Feitiçaria é isso. Ser capaz de libertar o corpo e deixar a alma vadiar. Bem-vindo ao mundo da feitiçaria.

Makhulu Mamba massaja o corpo de David e fecha as mordeduras do corpo com uma pomada ardente. David surpreende-se. Quem me fez estes pequenos ferimentos? Foram os dentes de serpente ou de mulher?

— Esta é a tua vacina que tornará o teu corpo invulnerável como um blindado.

— É verdade? Pode um corpo ser blindado?

— As metralhadoras portuguesas vomitaram flores no vinte e cinco de Abril.

— Tudo isto parece irreal, fantástico!

— O que chamas fantástico foi a melhor maneira que encontrámos de te chamar até nós. Vieste. Venceste. Convenceste.

— E o meu problema?

— Todas as provas de que te acusam desaparecerão num lance de magia, os nossos emissários estão a trabalhar no teu caso com muita competência. O dinheiro em teu poder é agora teu, acabas de conquistá-lo.

David oferece um sorriso céptico. Makhulu continua com o seu discurso de loucura.

— Nós abrimos caminhos. Fechamos caminhos. Protegemos. Punimos. Elevamos a posição dos nossos membros. Pertencem à nossa confraria os milionários. Os ditadores de políticas de todo o mundo. Os poderosos da maior parte das esferas da vida. No nosso mundo não há barreiras de espaço nem de tempo e comunicamos com todos os mundos que queremos. Controlamos os cérebros dos nossos adversários. Somos aqueles que escaparam à sentença original, porque conseguimos descobrir a fruta da árvore da vida e vivemos eternamente.

— E como foi o seu chamamento, Makhulu Mamba?

— Matei o branco que era o meu patrão. A partir daí, todos os caminhos que segui me levaram até aqui.

Makhulu Mamba pára de falar, sente a garganta estrangulada. Como o filho, não gosta de falar do seu passado. Duas lágrimas gordas caem do rosto velho. Não as limpa nem as esconde. Ergue a voz e fala com autoridade.

— A partir de agora, vou ensinar-te os segredos dos seres vivos, o mistério dos animais e das plantas.

Vou ensinar-te os segredos dos ossos, do cérebro e do sangue. Com mais algumas lições conhecerás os segredos grandes e pequenos. Comandarás o fogo, a chuva, a terra, o ar.

David olha para os seus braços curtos. Podem os braços humanos segurar as rédeas do mundo? Mergulha no sonho. Vê a sua imagem reflectida no azul-celeste, montando um cavalo dourado. Vê o seu rosto dourado, e as nuvens também douradas. Sente os pulmões a serem refrescados por uma brisa dourada. Aos seus olhos tudo se torna dourado, e até os sons e os cheiros da natureza ganham a essência do ouro.

Venci.

Venci também os leões.

A terra será minha?

XXIX

Depois de uma semana de ausência, David regressa a casa. Pára diante da entrada e sorve um pedaço de ar. A alma é invadida pela alegria de chegar. A angústia vem, de seguida. O David que há dias partiu não é o mesmo que regressa. Tem agora duas identidades, duas realidades que irão coabitar no mesmo espaço.

No interior da casa vê luzes, sons, movimentos. Respira fundo. Abre a porta e entra. Vera fica petrificada com a imagem do seu homem que mais parece a encarnação de um sobrevivente do fim do mundo. Passeia os olhos pelas malas e é percorrida por um forte arrepio.

— David!

— O que é?

— Boas vindas. Posso ajudar nas malas?

— Não te aproximes.

— O teu aspecto!...

— Sou pesquisador de ouro.

— Achaste?

— Não me incomodes.

A criança aproxima-se para o beijo das boas-vindas e é violentamente rechaçada. David reconhece que está a ser injusto. Violento. Roga pragas. Mais violento é ele pela sorte e pela vida. Suportou o insuportável para que a família tenha pão e viva sem dor.

Levanta as malas e dirige-se aos compartimentos do fundo do quintal. Abre a porta. Entra e poisa as malas. Fecha-se. Senta-se na cadeira confortável e faz a elegia do tempo perdido. Tanto esforço para alcançar a pureza dos céus e eis-me aqui nos mais profundo dos subterrâneos. Se soubesse que a vida me reservava o feitiço como destino, ter-me-ia preparado a tempo e escolheria uma esposa à altura da minha situação. Assimilei culturas, ideologias, crenças. Construí castelos na areia e chegou a hora de desabar. É tão difícil mudar de vida!

Afasta as mesas e cadeiras abrindo espaço. Abre a pesada mala. Tira uma serpente, um mocho, uma caveira humana. Uma pergunta vem-lhe à mente: de quem terá sido esta carcaça?

Rememora os preceitos da religião de Makhulu Mamba. Massagens de serpente todas as madrugadas. Frases mágicas. Invocações. Assobiar no escuro para animar a serpente. Duas galinhas vivas por semana, para a sua alimentação. O mocho abrirá as asas num voo curto e piará de mansinho na hora de receber alimento. Se estiver doente ou triste, o dia será mau. Alimentá-lo com farinha de milho, peixe seco moído, camarão seco.

O teste psicológico foi realizado com êxito. Chegou a hora do teste real. Terá coragem suficiente para caçar a vítima?

Deixa a casa dos fundos e dirige-se ao banho. Olha para o corpo cheio de minúsculas tatuagens. Estou rasgado. Marcado. Carimbado. Os curandeiros gostam de deixar marcas de passagem no corpo dos seus clientes. Será por vingança? Pensa na mulher e nas amantes. Passarei a fazer amor completamente vestido.

Veste o pijama e dirige-se ao quarto. Pensa. Precisa de uma companheira para cumprir a primeira parte do juramento. Converter Vera numa crente? De nada serviria. As assistentes querem-se virgens e iniciadas em ritual apropriado. Contratar uma empregada doméstica virgem também não resolve. Ela não teria liberdade suficiente para preservar o segredo, naquela casa repleta de crianças.

Pensa nos deuses da sua nova crença. São rancorosos e vingativos. Castigam todos os que não cumprem com as promessas. Tem apenas três dias para resolver o problema.

Vera entra no quarto e acende a luz. Senta-se na cama disposta a conversar com o marido.

— Não estás bem de saúde.

— Impressão tua.

— Muitas coisas aconteceram na tua ausência.

— Que coisas?

— O Clemente. A sua saúde deteriora-se a olhos vistos. Aquilo parece feitiço, possessão, não sei o que fazer.

— Não sou médico, minha Vera.

— David!

— Fecha a boca.

— Houve um incêndio na tua fábrica.

— Incêndio? Tens a certeza?

— Gravei as imagens passadas na televisão. As notícias da rádio. Guardei os jornais. Veja!

David concentra-se. Lê. Vê. Escuta. Incêndio pavoroso despoja a fábrica de processamento alimentar de documentos vitais. Suspeita-se de curto-circuito. O director comercial contraiu queimaduras graves e está em coma. Depois de uma ausência de alguns dias, este director convocou uma conferência de imprensa para denunciar um escândalo. Os jornalistas, em lugar de reportar sobre o escândalo, fizeram a cobertura do incêndio. Presume-se que nunca mais se saberá de nada, uma vez que toda a documentação foi transformada em cinzas e o denunciante ferido gravemente.

David ganha energia. Levanta-se, movimenta-se, gesticula.

— Estou rico, estamos ricos.

— Se a fábrica ardeu, de onde virá a riqueza?

— Ah, desculpa, queria dizer, pobres.

— David, sentes-te bem?

Emocionado, David puxa o telefone e fala com a secretária particular.

— Boas vindas, senhor director.

— Conta-me tudo o que sabes.

A secretária conta tudo o que viu. Fala do director comercial que chegou ao ponto de se autoproclamar director-geral do complexo fabril.

— Diz-me exactamente o que ardeu.

— Os gabinetes da direcção, os arquivos e outros documentos especiais. Perdeu-se toda a memória da instituição.

— Documentos especiais?

— Sim, os que deviam ser entregues aos jornalistas e ao tribunal.

— Lamento.

— Eu também lamento, senhor director.

David corre para a casa dos fundos e faz uma pre-

ce de louvor aos deuses de Makhulu Mamba, obreiros mágicos daquela proeza. Ajoelha-se diante da serpente. Reza. Assobia. Sente necessidade de partilhar a alegria do momento. A esposa não tem olhos para ver a outra face do mundo, não é nada nem ninguém, não voa nem voará.

Sente uma vontade repentina de se libertar de esposa e filhos para meditar e repousar. Vai para o quarto e deita-se. Clemente começa com os gritos habituais. Berra. Diz coisas que ninguém entende. O nervosismo aumenta, aumentando também a vontade de fechar-lhe a boca para sempre, ou talvez oferecê-lo em sacrifício aos deuses. Mas os deuses são caprichosos, não aceitam que se lhes ofereça aquilo que se detesta. O que eles querem é uma virgem escolhida entre as mais queridas. Pára de pensar e adormece.

XXX

David sonhou que estava no meio das raparigas mais lindas do planeta. Todas desfilavam para ele e, como um rei bantu, escolhe uma. Era Suzy. Tem agora os pensamentos turvos, despertou nervoso. O que fazia ela dentro dos meus sonhos? Entra no meu mundo, subtil como todas as tentações. Até no meu delírio ela entra fluida como uma serpente. Tenta interpretar as razões daquela presença no seu subconsciente. Abandona a cama e vai à casa dos fundos saudar os deuses e fazer as preces do amanhecer. O mocho lança um piar feliz ao receber os alimentos. O dia será bom, o sinal foi dado. Aproxima-se da serpente meia adormecida e diz palavras mágicas. Acende uma folha de pa-

pel de jornal e assobia. O bicho desenrola-se e enrolase no seu corpo. Formula o desejo do dia. Deuses. Recebi a vossa mensagem. A minha filha ainda é pequenina e não está preparada para isto, é ainda uma criança. Ela é a coisa de que mais gosto, afastem-na desta loucura. Depois acende as velas e reza como um louco. Despede-se dos animais de estimação. Vai ao banho, lava-se e perfuma-se. Regressa ao quarto. Pensa. Pensa muito. Será que esses deuses malucos aceitam as minhas preces? Tenho uma promessa a cumprir. Como fazer com crianças correndo e brincando por todo o lado? Encontra uma saída. Desperta a esposa.

— Vera!

— O que foi?

— Tenho uma proposta a fazer-te.

Vera esfrega os olhos ensonados, surpresos.

— Proposta?

— Sim. Queria que esquecesses os maus tratos de ontem. Acho que devias levar as crianças a dar um passeio por aí. O Clemente precisa de mudar de ambiente para curar as neuroses.

— Chegaste mesmo ontem e já queres estar só?

Vera responde com uma voz amarga, triste.

— Por favor, sabes muito bem que esta saída vai ser muito benéfica para todos.

— Não te entendo.

— Não precisas de entender, porque agora ordeno-te: vai!

— Para onde?

— Para a Suazilândia. E fica por lá todo o fim-de-semana. Preciso de solidão para pensar na vida.

Corre para a fábrica. Visita os lugares incendiados para confirmar — vê e crê como S. Tomé. Respira fundo e fala em surdina: os inimigos foram vexados. As provas que me incriminavam foram queimadas. A fortuna inteira está definitivamente em meu poder.

Vagueia como pássaro feliz dentro da fábrica. Pára aqui e ali. Conversa. Os rostos dos operários despem as máscaras de fome e sorriem. Sonha. Sou querido e os trabalhadores me aplaudem. Tinham saudades de mim. Falam. Cada um conta o que aconteceu, à sua maneira. Exageram. Dramatizam. Suavizam. Alguns operários tratam-no por senhor director. Outros por patrão. Outros, simplesmente, chamam-lhe irmão. Mas ele gosta de ser tratado por patrão. Com o dinheiro roubado pode comprar uma fábrica como aquela. Volta ao gabinete.

A secretária particular saúda-o com ternura.

— Está magro, senhor director. Tem uma pele tão suave. Usa algum creme de serpente?

— Não diz asneiras, Cláudia!

— Asneiras? Quando desapareceu, desconfiei. Quando o vi chegar, confirmei. O incêndio foi demasiado estranho para ser real. O golpe estava muito bem preparado, mas ardeu todo o processo de crime e não restou nada que o incrimine. Aquilo foi obra de grande magia, não tem explicação possível.

David não responde. Sorri e oferece um grande abraço. Inspira-se. Esta mulher ama-me, compreende-me. Sempre me aconselhou a esgaravatar a terra para desenterrar os segredos da existência. Disse-me verdades que nunca escutei. Como ela tinha razão!

— Como te sentes, Cláudia?

— Estou feliz por si. Por tudo.

— Estás bela. Diferente. Aumentaste de peso. Estás quente como uma grávida.

— Ah, senhor director. Estou grávida, sim, mas não se preocupe, hoje mesmo faço a interrupção.

— Isso não, é crime.

— Crime?

— Esse filho não é tua propriedade, é bênção de Deus. Que direito tens tu de encurtar-lhe a vida?

A secretária particular entra num delírio surdo e agradece aos anjos pela bênção do amor. David ordena que prepare a viagem da família no voo das onze horas.

XXXI

Depois da jornada matinal, David regressa a casa disposto a celebrar a solidão. Percorre a casa inteira para confirmar que está só. No seu quarto, Suzy lê uma revista de Walt Disney.

— Suzy?

— Olá, pai.

— Não foste, porquê?

— Não me apetece.

— Devias ter dito. Paguei mais uma passagem para nada.

— Ninguém me perguntou nada.

David treme, cambaleia. Makhulu Mamba, esse sacerdote malvado, não ouviu as minhas preces. Pensa na promessa que falha, na vingança que vem, na serpente, na caveira do morto desconhecido. Vou falhar, vou ser caveira, vou ser fantasma, tudo por causa de uma filha teimosa. Suspira fundo. Ah, espíritos caprichosos, deuses de desejos difíceis! Vai ao bar e toma um *whisky*. Acalma-se. Recolhe ao quarto e dorme com um olho aberto.

Desperta com ideias luminosas e faz uma lista das raparigas que conhece, filhas de amigos, sobrinhas, afilhadas, primas. Ainda bem que Suzy não viajou com a mãe. Ela será a isca. Irá buscar uma das primas da sua idade para lhe fazer companhia durante a noite.

Dezassete horas. Suzy telefona para a tia. Quero que a prima me venha fazer companhia esta noite, estou só, a mãe viajou. A tia diz que a prima não está, foi para casa da avó e só voltará domingo à noite. Telefona para várias sobrinhas e a resposta é a mesma. Não está, não pode, não quer.

Dezanove horas. David telefona para a secretária particular e pede-lhe que traga a irmã mais nova. Ela só tem doze anos. Mas é bonita, é virgem, serve. A secretária acha o pedido estranho, mas concorda, para não perder o emprego. Combina a chegada para as vinte horas.

Vinte horas. David olha para o relógio. Telefona para a secretária particular, agradece-lhe a disponibilidade e pede-lhe que não venha, porque vai sair. Vai ao quarto e veste-se com uma elegância rara. Chama a filha e ordena:

— Sirva o jantar depressa, preciso de sair.

Enquanto a filha prepara a mesa, David não tira os olhos do ecrã e o filme que lá corre é o que se projecta no seu cérebro. Suzy convida o pai para a mesa. Ele está surdo e nem responde, está ausente, assistindo ao filme da própria loucura. Ela, por sua vez, põe os olhos na tela. Ri-se. Diverte-se. O filme tem muito humor. Na mesa, a comida arrefece.

— Pai, a comida está a ficar fria.

— Ah, sim, vou já, mas antes faz-me um chá.

— Depois do jantar eu faço.

— Quero agora e depressa, porque atraso.

O relógio marca as vinte e uma horas. Suzy está na cozinha a preparar o chá. Pouco depois regressa com uma bandeja que coloca diante do pai.

— Traz mais uma chávena.

— Para quem?

— Vai, menina, e faz companhia ao teu velho pai.

Sei que não gostas de chá, mas faz um sacrifício pelo teu paizinho, está bem?

Ela regressa à cozinha. David abre o bule e adiciona um pozinho, mexe com a colher e volta a tapar. A chávena vem e ambos tomam o chá bem quentinho.

— O chá tem um cheiro estranho — reclama a Suzy. — De manhã quando o tomámos não tinha cheiro nenhum. O paladar é também estranho, nunca antes o senti assim. — Sorve um gole, mais outro, mais outro: — Este chá não sei de quê cheira mal mas é apetitoso e convida-me a mais uma chávena.

— Não, minha filha, chega. Agora vamos comer, tenho que sair já.

Mas David não se levanta nem para sair nem para comer. Ambos voltam a poisar os olhos no ecrã. Nos olhos de Suzy as imagens começam a dançar em círculo. Sente um formigueiro no cérebro, vertigens, confusão.

— Pai.

— Diz.

— Este chá tão bom, o que fez comigo?

Suzy debate-se com uma onda de calor que lhe causa uma aflição sem fim. Escuta zumbidos. Vozes. Música. O corpo balança, vibra, dança. Atira-se ao chão e rebola. Volta a erguer-se com uma força extraordinária e rasga as vestes porque lhe queimam o corpo.

David sente um nó na garganta, também sofre, mas não a socorre. Os deuses precisam desta dor, deste sacrifício, para que o destino se cumpra. David não resiste ao espectáculo. Treme de medo, de emoção, de qualquer outra coisa que não consegue explicar. Carrega a filha nos braços até à casa dos fundos. O quarto está preparado para o ritual. No fogão aceso o incenso arde, sufocando o ambiente. Coloca a filha sobre a esteira. Assobia. O deus serpente abandona o baú e enrola-se na menina, numa massagem violenta. Com os dentes, vai-lhe fazendo pequenos orifícios

onde serão colocados os remédios que tornarão o corpo invulnerável. Ela não manifesta prazer nem dor e dorme o sono dos anjos.

No corpo inerte os olhos se abrem, serenos. Olha para os lados e ganha uma noção difusa da realidade. Olha para o pai. Sorri. Espirra e tosse. O ambiente está de tal modo carregado de fumo que se tornou irrespirável. David reaviva a fogueira colocando carvão e incenso. Os espíritos são filhos do fogo, gostam de calor e chamas.

David abraça a filha e voa com ela por paraísos sem fim. Adormecem, sonham e despertam. Delira. Corpo de Deus, sangue de Deus. Redenção. Corpo de mim, sangue de mim. Solução. Bebi o sangue do meu sangue para dinamizar o curso da vida.

Incesto é cura, sacrifício. Mulher estéril dorme com o pai para recuperar o gene da fertilidade que escapou na hora da gestação. Homem estéril dorme com a mãe para recuperar a fecundidade esquecida no ventre materno, na hora do nascimento. Pessoa doente dorme com irmão ou irmã, para abominar o espírito mau e expulsar o anjo da morte. Pais e filhos cruzam-se em rituais de fertilidade da terra, do gado, em nome da saúde, riqueza e longa vida desde o princípio do mundo. Incesto elevando ao heróico e ao sagrado na coroação dos reis bantus. Adão comeu a maçã de Eva, irmã e filha, e a vida multiplicou-se.

XXXII

Passam dias, semanas e a vida modifica-se no mundo de Vera. Basta o Sol nascer e os olhos se enchem de lágrimas. As noites já não são de repouso,

O ÚLTIMO JURAMENTO

mas de solidão e sofrimento. Basta ouvir os passos de David para imaginar gritaria e insultos. Já lá vai o tempo de risos e sorrisos. Ficou agora o tempo de amargura e espinhos. David fechou todas as portas do prazer e agora nem sexo existe. Demitiu-se completamente das responsabilidades de pai. A voz de Suzy tornou-se severa. Ela já não lê as revistas coloridas e passa horas a fio à frente do espelho a admirar os seus contornos de mulher.

Nessa manhã Vera desperta com fortes dores de cabeça. Levanta-se da cama para tirar um comprimido. Encontra documentos de bancos estrangeiros em nome de David e de Suzy. Concentra-se nas cifras e não acredita no que vê. De onde vem tanto dinheiro? Porque em nome de Suzy e não de Clemente, que é homem e primogénito? Que negócios misteriosos se escondem entre pai e filha?

Vera pega nos papéis e vai ao quarto da filha. Interroga.

— O teu pai viajou ontem. Sabes para onde?

— Não se despediu?

— Não. Estes papéis, o que significam?

Suzy oferece à mãe um olhar de arrepiar. Dá dois passos e arranca-lhe os papéis das mãos.

— Mete-te na tua vida!

— Por que me tratas assim, porquê?

— Sou tão mulher como tu, não vês?

Vera sente uma dor que lhe cai no corpo como uma chuva ácida. Num *só flash* ela vê a trajectória do passado. A dor de parto. As noites de vigília. As cantigas de embalar para que tivesse um sono agradável. Ela era pequenina, meiguinha e carente de protecção. Agora está ali, desafiando-a com olhos de cobra. Só se tratam assim mulheres que brigam pelo mesmo homem. Cadelas que roem o mesmo osso. Mãe e filha não vivem assim.

Uma vertigem fá-la movimentar-se em direcção à filha que a desafia. Dá-lhe um violento estalo no rosto. A filha levanta a mão contra a mãe e a briga aquece. A criada separa-as e acompanha Vera ao seu quarto.

— Leva-me a um adivinho — diz Vera à criada.
— Preciso de socorro urgente, sufoco.

— E quando o seu marido descobrir?

— Que descubra!

— E a sua religião, como é que fica?

— O cristianismo fala da vida no céu e eu estou a sofrer aqui na terra os tormentos da vida. Há gente que vai ao curandeiro e resolve os seus problemas. Também quero tentar.

— Minha senhora!

— Não tenho poderes sobre nada neste mundo. Quero usar a estratégia da serpente e usar o exemplo de Eva, a pecadora. A partir de agora a traição será a minha força. Basta de obediência cega. Vamos, leva-me a um adivinho!

As duas mulheres viajam até às ruas mais poeirentas do subúrbio. Alcançam o primeiro destino. Param. Desembarcam. Vera mergulha os sapatos polidos na areia solta. As mulheres pobres espreitam pelas frestas dos quintais de caniço. Cochicham. Comentam: o que é que essa vem fazer aqui?

Entram no quintal de uma casa e Vera olha à volta. Uma cabana coberta de capim. Um quintal feito de pedaços de plástico, zinco e cartão. Muita pobreza. O adivinho é um velho de rosto tão agradável como a suavidade da brisa.

— Em que é que um velho pobre como eu pode ser útil a uma grande senhora?

— Procuo o meu destino.

— Adivinhas?

— Sim.

O velho lança as conchas. Estuda-as. O sorriso apaga-se e o rosto suave se adensa. Vera prepara os ouvidos e a mente para tudo o que der e vier, para qualquer verdade ou falsidade.

O velho levanta a voz e fala:

— No rolar das conchas a estrada do infortúnio. Riqueza gerando pobreza. Vejo muita tristeza, muitas lágrimas e uma guerra sem fim.

Vera aguarda com ansiedade o decifrar do enigma. No lugar da explicação, o homem recolhe as conchas e guarda-as no fundo da sacola de peles.

— Por favor, explica-me.

— Estou velho e a senhora desarmada. Sinto-me tão fraco que nem consigo dizer-te a verdade. Deves procurar um adivinho mais forte e mais corajoso do que eu.

— Depositei muita esperança neste encontro. Paguei tudo o que for preciso, mas por favor, diz-me o que vê.

— Nem todas as verdades foram feitas para serem ouvidas.

Nos olhos de Vera, a névoa, a penumbra. Visões de guerra projectando-se no subconsciente. Na alma a desilusão, o desespero. Paga a consulta e abandona a casa sem uma palavra de despedida. Entra na viatura e segura o volante sem firmeza nem pressa à procura de outro adivinho. Desta vez encontram uma mulher gorda, tagarela, com ar de espertalhona. Vera simpática com ela. Ganha confiança nela. As mulheres falam a mesma língua na alegria e no sofrimento. Faz uma rajada de perguntas. A adivinha, no lugar de responder, conta as histórias mais maravilhosas do mundo.

— Diz-me a predição dos ossos — Vera exige, impaciente.

— Fala-me antes do teu marido. Como é ele?

Vera pensa nas razões da pergunta, porque sente que ela é a única pessoa com direito a questionar. Dá uma resposta lacônica.

— É um homem de bem, que alimenta a família com o melhor que há.

— O verdadeiro alimento dá saúde e vida, mas nos teus olhos não vejo nem saúde, nem vida. O teu problema é grave e o que te mata não está longe, mas aqui, no mais profundo do teu regaço. A wu dlhawi kule, u dlhawa kola, xivanza nyongueni!

— Onde?

— Nas mãos que te abraçam. Na boca que te beija. Nas almas que sugaram do teu sangue, da tua seiva.

— Como?

— Procura a verdade dentro de ti mesma. Naqueles que te amam e que te rodeiam. Este feitiço não vem de fora.

— Não tenho forças, ajuda-me.

— O teu problema exige forças que não tenho. Procura um curandeiro bom. Encontrarás um, os ossos dizem que sim. E será uma mulher.

Vera abandona a adivinha e as buscas sucedem-se. Mergulha de corpo e alma no mundo esotérico. Dialoga com mestres de magia, com discípulos, com iniciados e até reformados. Visita geomantes, cartomantes, quiromantes. Vai à cigana do mercado e consulta a bola de cristal. Visita o china da loja e consulta os riscos de I Ching. Recolhe as palavras-chave de cada consulta. Colecciona imagens, símbolos, cores. Todos falam de negro, luto e lágrimas. Todos falam de fogo, destruição e cinzas, como se todos os sistemas de adivinhação do mundo formassem, uma só voz, no diagnóstico do seu destino.

Procurou adivinhos por desespero e acaba impressionada com as descobertas do dia. Qualquer sistema

de adivinhação esconde verdades, segredos. Compreende que a mentira e a falsidade dos charlatães surgem como uma estratégia de sobrevivência dos seus autores.

Uma das curandeiras consultadas não fez adivinhas por não ser sua especialidade, mas deu um creme feito de remelas de cão para aplicar no rosto antes de dormir e recomendou: veja com os teus olhos a raiz do teu problema. Se descobrires algo, procura-me ao nascer do Sol. Explicou as propriedades mágicas do creme, em poucas palavras. Os olhos do cão alcançam mundos que o ser humano nem imagina. O cão fareja. Vê. Sempre ladra quando o feitiço passa. Presente o perigo. Avisa. Os olhos do cão não temem a noite, desafiam-na. Ela recebeu o creme com cepticismo, enjoada, arrepiada.

Chega a casa exausta de tantas buscas. Vai ao banho e se refresca. Anoitece. Lava o rosto e aplica o seu novo creme. Senta-se na sala, alheia a todas as coisas. As crianças saltam-lhe ao colo, berram, cantam. Não as vê. Clemente conta-lhe as aventuras do dia. Não o escuta. Cochila, adormece. Sonha que está no meio de cobras. Vê Suzy e David dançando a dança das cobras nas traseiras da casa. Tenta aproximar-se e eis que uma serpente medonha se enrola no seu corpo, asfixiando-a. Solta um grito mortal e desperta. Abre os olhos apavorada. Aquele sonho, de tão intenso, ganha características de real. O pensamento de Vera corre para os segredos que pai e filha guardam a sete chaves nas traseiras do quintal.

Levanta-se e caminha por todos os cantos da casa. As crianças dormem serenas. Vai ao quarto de Suzy. A pessoa que vê não é a adolescente feliz, mas uma bruxa de rosto disforme dormindo sobre a cama. Ganha um forte arrepio. A minha filha é feiticeira, sempre foi e só hoje consegui descobrir. Vai ao quarto da

avó Inês e o rosto desta sofreu uma transfiguração que ela não consegue interpretar.

Vai à janela. Vê paisagens nunca vistas, cores novas e imagens novas, como se a natureza a tivesse brindado com olhos mágicos. Ganha coragem e vai até ao quintal para apreciar a paisagem da noite. O nariz fareja um cheiro estranho, frio, arrepiante. Persegue o cheiro cuja origem é a casa dos fundos. Há animais a viver aqui, confirma. As paredes da casa ficam transparentes e ela consegue identificar o baú enorme. De quem será? O que terá?

Sente uma calma que não sabe de onde vem. Regressa ao quarto e dorme com um sono leve. Quer controlar os passos da filha e descobrir o que ela faz quando a madrugada chega.

Quatro da manhã. Suzy sai do quarto e, pé ante pé, dirige-se à casa dos fundos. Abre a porta. Entra. Vera persegue-a. Sente o cheiro do papel a arder. Fumo. Um assobio. Palavras, ladainhas, risos, suspiros. Coloca o olho no postigo da fechadura. Vê tudo: a filha e a serpente, a caveira, a coruja feliz no seu voo matinal.

Volta ao quarto e chora a sua desgraça. Os adivinhos tinham razão. Riqueza é miséria. Só te trai aquele em quem mais confias. Só te odeia aquele que te ama. Só te enfeitiça aquele que conhece a raiz da árvore onde foi enterrado o teu cordão umbilical.

Encosta-se à parede e canta em surdina a canção de desespero:

*A ni dlhawi kule
Ni dlhawa kola
Xivandza nyongueni!*

O feitiço. Os caminhos subtis que segue até apañar as vítimas completamente cegas à sua existência. Os efeitos malignos camuflados pelas coincidências, acidentes grandes e pequenos. Azares do quotidiano. O canto das corujas na celebração do macabro. Vera levanta-se da cama e olha em redor. Já não vê beleza, nem brilho. O candeeiro preso no tecto parece-lhe a serpente de mil cabeças. Os compartimentos da casa parecem catacumbas e celas de tortura. As gavetas, os armários, ganham formas de ossuários, cujos cadáveres se decompuseram ao longo dos tempos. Vai ao espelho e contempla a sua silhueta. Descobre olheiras de uma noctívaga perdida na boémia do mundo. Deita-se de costas e coloca as mãos no ventre, tentando estabelecer um diálogo com a criação. Delira. Como podes tu, meu ventre, produzir trevas no lugar de luz? Como pudeste tu dar-me como prémio um filho maluco e uma filha feiticeira? Ventre, meu ventre, que fizeste de mim? Enquanto aguarda a resposta às suas perguntas, vai sorvendo, gota a gota, vinagre e fel do canto mais terrível do inferno.

Vera fecha os olhos e cochila para embalar o desespero. Ouve a porta a abrir-se. Alguém a entrar e a rondar o quarto. Devem ser os filhos buscando a sua companhia, pensa. Ouve uma voz chamando. A voz é um sabre bramindo tempestades na manhã de frio. Desperta. Vê uma imagem vestida de preto e um xaile longo. Uma bruxa negra. De onde terá saído?

— Vera!

Ela responde, com voz sonâmbula.

— O que é?

— Vera, estás bem?

É a sogra, na sua tradicional visita de controlo,

sempre que o filho se ausenta. A presença da velha senhora, naquele momento, desperta ódios antigos, querelas, rivalidades de nora e sogra.

- O que queres daqui?
- Por que estás assim?
- Por causa do teu filho!
- O que tem? O que foi?
- É um criminoso!

A velha prepara a língua para desancar a nora com o chicote de sogra.

— Como ousas falar-me assim, a mim? Enlouqueceste?

Vera aproveita a ocasião para saldar dívidas antigas. Grita. As palavras saem-lhe como coágulos de sangue em vômito fatal. Diz tudo o que pensa, o que sente, o que sabe. Do luxo em que vivem. Do que se ganha e do que se gasta. Fala dos dinheiros depositados no estrangeiro. Da cumplicidade entre pai e filha. Da estranha doença de Clemente.

A sogra é apanhada de surpresa. Tenta ripostar. Não consegue. Grita palavras soltas tentando defender-se, mas depressa se cala.

- Como soubeste disso?
- Corri todos os especialistas de magia à busca da verdade.
- Adivinhos?
- Sim. Procuro o equilíbrio que me foge das mãos.
- Não dês ouvidos a essa gente, Vera. Eles mentem, destroem.

— Desta vez não mentiram, mãe. Todos disseram a verdade que confirmei. Abriram-me os olhos. Eu sinto que a sombra negra cresce em cada dia. Temo pela felicidade dos meus, mãe, eu tenho medo.

A voz de Vera perde o belicismo inicial. Ganha a tonalidade de um canto de lamento. Um sopro de alma. Um desafio, um suspiro. E os olhos acabam em pranto.

A sogra fareja pedaços da história como quem fareja mistérios. Pára de falar e escuta. Vera é uma nora dos velhos tempos, não grita obscenidades por dá cá aquela palha. Há um fundo de verdade nas palavras dela. Há mistério na história dela. Vera sente que acaba de revolver uma cicatriz antiga na velha alma. Abraça a velhota tentando acalmá-la do seu nervosismo. Inútil. É o mesmo que deitar petróleo no carvão em chamas. Espanta-se.

- Vera.
- Sim, mãe.
- Perdoa-me as minhas atitudes de sempre. Vamos, conta-me tudo outra vez. Conta-me tudo, não me escondas nada.

Vera conta todos os pormenores.

— Escuto com maior nitidez o pio da coruja e o canto da serpente. A história repete-se, minha Vera.

Vera estremece bruscamente como se uma vara mágica lhe desse a mais terrível vergastada.

- Repete-se? E quando foi então a primeira vez?
- Falo-te agora como mulher e não como sogra. Eu e tu, dentro desta família arrastadas pelo destino. Por amor seguindo o mesmo trilho. A conversa que temos agora tive-a com a minha sogra há mais de quarenta anos.

- Mas o que se passa na realidade?
- É tão difícil recordar esse passado, Vera. Falo mais tarde. Agora deixa-me descansar um pouco, cansei-me de mais, por hoje. Por favor, não diz uma só palavra sobre o assunto a quem quer que seja. Até logo.

— Mãe, falou apenas da sua amargura e esqueceu a minha. Não me deixe sozinha, por favor!

— Disse mais do que aquilo que devia ter dito. Fizeste a minha alma transvasar por esta boca velha e suja. Agora chega!

Vera baixa a cabeça e esconde o rosto, entristecida. A conversa acaba em desencanto tal como as histórias de fadas. A sogra retoma o seu ar altivo, severo. Vera acompanha a sogra até à saída e as duas despedem-se num beijo tão frio, tão distante, como duas desconhecidas.

A velha dá dois passos e volta atrás.

— Não, não vou agora. Não posso deixar-te nesse estado. Quero estar contigo quando a noite chegar para que não sofras de pesadelos.

A criada serve o pequeno-almoço que as duas mulheres tomam sem prazer nem apetite. Conversam. Suzy lê revistas coloridas. Clemente desenha e pinta. As crianças pedem à mãe que lhes conte histórias.

A memória percorre o mundo fantástico da infância à busca de uma história que agrada, uma fábula que diverte, que educa. A sua alma voga nas ondas da feitiçaria. O subconsciente selecciona uma história de feitiçaria. O conto fala de um tal Makhulu Mamba, que, com um só dente, tritura os ossos e as cartilagens. Ela conta. Entra no refrão. Assobia. Canta. As crianças fazem coro.

Oh, Makhulu Mamba!

Os olhos de Suzy abandonam a revista colorida e ela ergue-se, apavorada.

— Mãe, pára com isso!

Vera não pára. Canta com um ritmo crescente e uma voz mais alucinante, hipnotizante. As crianças deliram.

— Mãe, por favor!

Suzy levanta-se para calar a boca da mãe, mas cai de repente. Começa a abanar a cabeça ao ritmo do canto. Sente pruridos na alma, e começa a rasgar as roupas, porque o seu corpo é percorrido por um milhão de formigas invisíveis.

Oh Makhulu Mamba!

— Mãe!

Os olhos saem das órbitas, vagueiam no espaço e ganham uma expressão de loucura profunda. Escancara a boca e exhibe a dentadura de vampira. Os dedos transformam-se em garras. Move-se de um lado para o outro com passos selváticos. O diabo acaba de entrar em seu corpo e cavalga-o provocando os tremores rítmicos dos possessos da meia-noite. Ruge. Arrota. Boceja. Balança o corpo ao ritmo das batucadas vindas do fim do mundo. Acende-se o fogo da alma e rasga as roupas para recuperar a frescura. Deita-se no chão e rasteja, o corpo move-se com a fluidez das cobras. Acaba de entrar no seu primeiro transe.

A velha sogra também se deixa hipnotizar pelo canto. Bate palmas e faz refrão desta canção antiga. Recorda o marido de olhar altivo, dos tempos do horror e dos prazeres secretos. Toda a música quente desperta o corpo para a dança. A música suave encanta, fazendo a alma vaguear pelos horizontes de sonho. As batucadas, canções, encantamentos, invocações, são um despertar de todos os espíritos para a vida. A velha sogra revive as maravilhas do oculto. Entra em transe. Cai. O canto está a provocar reacções imprevisíveis. Vera pára de cantar e o pesadelo também voa, por encanto.

Faz-se um silêncio na sala. As crianças, assustadas, há muito se refugiaram nos cantos mais seguros da casa. Vera luta por reanimar a avó e a neta, duas vítimas da magia, como uma socorrista no campo de batalha.

Treme diante da face do terror por ela mesma invocado. As cantigas mágicas fazem cair todas as máscaras. O toque dos tambores desperta todos os espíritos. Que o digam os possessos dos espíritos ndau. As frases simples invocam poderes tenebrosos. Abracadabra.

Abre-te Sésamo. Ndawuwe. Oh ndingue, oh, Makhulu Mamba!

A sogra já reanimada é arrastada para um julgamento.

— Também tu entraste em transe, querida sogra. Qual é o teu envolvimento nesta história?

A velha levanta as mãos e tapa o rosto, a máscara desfez-se com a magia do canto. A verdade, leve como o azeite, coloca-se à superfície da água. Passa a mão pela testa que transpira. Foi apanhada em falta, é melhor render-se e libertar-se do segredo maldito que guarda há mais de três décadas.

Esconde os olhos e fala desse passado amargo.

— O meu falecido marido saiu numa manhã de sexta-feira e rumou para Mambone, terra dos grandes mistérios. Regressou. Vinha agitado. Ansioso. Poisou as malas e chamou a mãe para uma confidência. Fiquei curiosa. Encostei o ouvido na porta e ouvi tudo. Ele dizia: mãe, rasgaste o teu ventre para me fazer homem. Rasga-te de novo para que em mim se materialize o profeta da vida. As respostas da mãe eram uma sucessão de não que se prolongaram por todo o tempo que durou a discussão. Ouvi movimentos dos móveis a serem arrastados. Um corpo derrubado. Discussão. Gritos. Soluços. Julguei que a minha sogra estava a ser estrangulada e caí desfalecida. Quando despertei ouvi sussurros. Suspiros. Minha sogra falava baixinho e o meu marido ria. Estava a acontecer o incrível, a minha sogra assinava o pacto com as forças do diabo. Foi o princípio da fortuna. A era do ouro entrou naquela casa a partir daquele momento. O dinheiro corria. Promoções. Festas de sonho e felicidade de nunca acabar. Muita seda e muita renda. No mesmo momento entrou a era do luto. Eu recebi um chimpazé como marido. Os nossos filhos começaram a morrer um em cada ano, como aves na febre de newcastle. Restou-nos o David.

A velha interrompe o relato talvez para ganhar fôlego. Mas Vera já não a escuta. A mente lançou-se num voo desesperado para o interior da savana coberta de chimpazés, cobras. E em todo o corpo sente dores, suores, tremores, nervosismo, fúria. Olha para todas as direcções, desorientada. Sente falta de ar, asfixia. Tenta lançar um grito, mas sai-lhe apenas um ronco, como se a serpente da casa dos fundos lhe tivesse enrolado a garganta.

Olha para a sogra com desprezo e medo. Sente uma onda de revolta e explode.

— Como pôde aceitar isso, como?

— Os braços da mulher são asas longas para cobrir as vergonhas do lar. Ser boa esposa é saber manter as aparências e proteger a vergonha da família.

— E vitimaste os teus próprios filhos em troca do mel, seda e renda.

— Não tinha escolha. Eu vinha do nada. Não tinha para onde fugir nem onde cair morta. Sair dali significava a prostituição e o desespero. Da podridão procurei o menos podre. Resisti. Manter as aparências e o meu lugar social foi tudo o que eu fiz.

Da boca de Vera chovem palavras de censura. Foste cobarde. Foste cúmplice, encobriste, aceitaste, não denunciaste. A sogra explica-se.

— A justiça está do lado do poder, minha Vera. Propalam-se os direitos humanos da mulher há mais de vinte anos, mas nem hoje poderás ir a um tribunal defender a tua Suzy, porque não há lei que a proteja. Se abrires a boca corres o risco de ser castigada, ridicularizada por toda a sociedade. O poder masculino não conhece limites. Um filho chega a ter poderes sobre o corpo e a vida da própria mãe. É melhor agir em segredo, na sombra, como serpente.

— Não me venha com essa conversa, não. És feiticeira e basta.

— Sou feiticeira por casamento. Pensava que já não era. Agarrei-me à igreja como bóia de salvação e acabo de confirmar que foi tudo em vão — a velha delira, suspira. — Ai, deuses, ai mortos! Será que desta linhagem não escapará nenhuma geração? As dívidas são antigas, não foram feitas por eles, pobrezinhos. As promessas não cumpridas são dos antepassados e não destas crianças, coitadinhas. Por que são os filhos que têm que pagar pelos erros dos progenitores?

— E o David sabe de tudo isto?

— Podes crer que não. És a primeira pessoa com quem me abro desde a minha viuvez.

— De que é que morreu o teu marido?

— De vingança de espíritos. David, o teu marido, era o prometido. A sua morte significava o fim da geração e do nome da família, era o último filho que restava. Era importante preservar a sua vida. O pai foi sacrificado no lugar do filho. Foi uma morte misteriosa, mágica.

— E o David faz exactamente a mesma coisa. Porquê tudo isso?

— Olha à tua volta. Gente sem valor, ganhando riqueza, prestígio e glória. Gente boa vivendo a pão e água, pedindo esmola. A vida é selvajaria, pirataria, hipocrisia. Tudo o que brilha ao sol tem segredos escondidos. A riqueza é filha da feitiçaria.

Esta explicação tem a sua lógica, Vera reconhece. A história humana é feita de pilhagens, guerras, conquistas. Sangue humano construindo impérios. Miséria. Dor. Luto. Só atinge o alto quem pisa os sentimentos dos outros. A humanidade é uma selva onde só a lei do mais forte impera.

— Nesta casa lutarei contra o feitiço, juro-te.

— Invejo a tua força. Estou do teu lado. Luta por ti e pela felicidade dos teus. Por causa da maldita riqueza perdi filhos, marido e família. De que valeu?

É hora de dormir, Vera recolhe ao quarto, mas o sono não vem. Rememora os acontecimentos do dia. A conversa com a sogra. O comportamento da filha. A vida a ser consumida por fogos de outro mundo. Um quadro macabro desenha-se na sua mente, com imagens que vão e vêm, nítidas como fotografias.

A conversa da noite.

O pai de David no corpo da própria mãe.

A sogra e o chimpazé.

Suzy e a cobra.

Neste quadro macabro falta apenas ela, próxima vítima.

XXXIV

No sono de Vera há trovoadas, rugidos, estrondos. As águas de todos os mares elevam-se e abraçam o fogo da terra em chamas. Dumezulu, o dragão dos céus, fustiga a terra com lanças de fogo. O vento ulula com insistência fazendo a chuva cair no dilúvio dos séculos. Sonâmbula, vai à janela para assistir ao fim do mundo. Desperta. Não há dragão nenhum, nem chuva, nem trovoadas e a natureza continua o seu curso. Há uma voz que a chama. Mãe! Mas ela não escuta, os ouvidos ainda viajam no pesadelo. Mãe! Desta vez a voz ouve-se distante, nas ondas do fogo que a pouco e pouco vai esmorecendo.

Desperta para a realidade e corre descalça em direcção ao quarto do filho, que treme.

— Clemente!

As mãos abraçam o filho atormentado. Da sua boca não sai nem uma palavra. Apenas soluços. Lágrimas. Os dedos enxugam o suor que escorre pelo cor-

po. Olha para o rosto do filho. Os olhos não são os mesmos de todos os dias. Hoje parecem mais profundos e assustadores. Parecem olhos de médium. Videntes.

— São os pesadelos de sempre?

— Desta vez são piores. Há uma serpente rondando a casa. Uma coruja sobrevoando o espaço. Há um fantasma de homem passeando no quintal. Mãe, eu quero sair daqui.

Nos olhos de Vera há uma luz acesa afastando a cegueira de todos os dias.

— Meu filho, olha para mim. Somos do mesmo sangue e vieste do meu ventre. A mim coube a cegueira e a ti a clarividência. Os meus olhos habituados a coisas comuns não viam mais do que a superfície. No meu mundo de resignação, via no teu pai o meu herói, meu santo, meu rei e príncipe. Hoje compreendo tudo e eu juro: vou mover todas as forças para vencer esta loucura, verás.

— Estou contigo nessa luta, mãe.

Mãe e filho abraçam-se no choro da cumplicidade.

O raiar da manhã impele Vera a visitar a curandeira dos cremes mágicos. Veste-se à pressa e arrasta a sogra. Galopa a viatura com a velocidade do vento e voa sem respeitar nenhum sinal de trânsito. A mulher está lá, esperando por ela.

Vera remexe as entranhas do seu ser e põe a nu a angústia da alma. Desvenda os pesadelos que a possuem nas noites e a transformam em louca. Desmancha as vendas da sua intimidade e mostra o âmago da sua dor à velha curandeira. Diz tudo o que vê, o que pensa, o que quer, o que sofre. Nos cantos da boca cresce suave espuma, porque as palavras varrem o lixo do peito e expulsam o mal.

No rosto da velha nasce um sorriso luminoso próprio de quem já experimentou todos os problemas

deste mundo. Agrada-lhe que a paciente esteja a desabafar, transferindo todas as mágoas do coração para o cinzento da terra onde tudo o que é morto se enterra.

— Hum!... é feitiço ndau que te mata. Só um nguni te pode salvar.

— Ndau? Porquê?

— Ah, os ndaus, esses altivos. São tão senhores de si que se consideravam deuses eles próprios. São bravos como leões. Vingativos como búfalos. Implacáveis destruidores como o fogo e águas do rio bravo. O seu domínio é a terra. Gostam do verde, do sol e da cor do fogo. É deles o poder da ressurreição, o mpfukwa. É deles o poder do feitiço e de todas as coisas obscuras. São os mais temidos pela raiva e rancor com que se vingam. Os seus espíritos possuem o corpo dos eleitos com a brutalidade de mandiqui, que provoca tremores mais violentos que a epilepsia. Eles são senhores da terra e mesmo mortos viajam para outras dimensões. São invencíveis! Mas um nguni vence um ndau.

— Quem são esses ngunis?

— São nobres valentes — ela fala com paixão —, janotas, esbeltos, que colocam na cabeça uma coroa de penas para enaltecer a beleza do seu mundo interior. São bravos e pacíficos, atacando apenas quem os provoca. São poderosos na cura e eliminam feitiços como quem cata piolhos. Dominam o céu e a trovoadas. Dominam a terra. Têm os seus deuses no mar e no sol. Eles gostam do azul e do céu.

Com o rosto ensopado em lágrimas, Vera percorre o rosto da velha, a expressão da velha, recordando momentos, acontecimentos, como se aqueles olhos fossem um ecrã onde se desenrola um filme histórico. Sente-se muito distante dos ndaus, mais distante ainda dos ngunis. Vê apenas mitos, fábulas, memórias do

passado reflectindo-se no presente. Como chamar então esses ngunis inacessíveis?

Nora e sogra estão ansiosas. Pedem magias, fórmulas, soluções. Aguardam que os búzios pronunciem uma sentença sobre o caso.

— Não me peçam o que não posso dar. Sou Mbi-zimbolo, a nhangarume e a guerra não são minha especialidade. Não tenho mandiqui nem deito conchas. Não faço kufemba e diagnostico através dos sonhos. Não lido com espíritos. O meu domínio é o corpo. Pratico medicina pelas plantas.

— Nhangarume? — pergunta Vera, surpreendida.

— Sim. Os nhangarumes são ervanários, pacíficos. Os outros, como já disse, são espíritos guerreiros.

— Não há esperança nem para mim nem para o Clemente?

— Seu filho está possesso. É nguni por excelência. Tenho remédios para acalmar as suas crises. Aconselho que o leves a um mestre nguni para iniciá-lo, chegou o tempo da revelação dos espíritos.

A curandeira olha para as clientes, imperturbável e tranquila. Ri-se. Censura.

— Gente nova procura a magia como quem vai ao cinema. Não a teme. Feitiçaria não é bailado de festa, mas de terror, que arrasta gerações e gerações a dívidas, promessas, juramentos difíceis de cumprir.

— Não há maneira de acabar com isto?

— Uma magia atrai outra. É contagiante. O teu homem abriu um caminho e atraiu-te. Até os espíritos adormecidos do vosso filho despertaram antes do tempo. Chegou a tua hora de andar de caverna em caverna, de estrada em estrada, à procura da felicidade que deixaram escapar.

— De que te ris, velha senhora? — pergunta Vera, preocupada.

— Rio-me da natureza das coisas. Do vosso caso.

O vosso casamento é mais frágil que uma teia de aranha. Um nas costas do outro traindo-se. O marido buscando feitiços. A mulher varrendo feitiços. Pai e filha na magia negra. Mãe e filho na magia branca. Paz e pobreza contra guerra e riqueza. A justiça vence sempre.

— Não quero mais este homem.

— Filha minha, o coco rala-se por dentro. Tens de estar lá para envenenar o mal pela raiz. Assuntos destes não se tratam à distância. Estás presa nesse lar como a raiz da figueira no fundo da terra. Arrastar os chifres até à morte é destino do boi. Sofrer pelos filhos é destino de mulher.

— Não aguento mais!

— Expulsar um inimigo que se instalou no centro da vida leva tempo de luta e sacrifício. É preciso usar a estratégia do rato. Roer por dentro. Desfazer o edifício até ruir.

— Não sei o que vai ser quando ele regressar. Como irei encará-lo?

— Tal como ele te encara. Com hipocrisia. Sorria mesmo que seja para chorar. Faça de contas que nada aconteceu, enquanto te armas e te preparas para o grande assalto.

A curandeira prepara os remédios de Clemente e indica o caminho para um curandeiro mais competente.

— Procurem o Xinhanga, curandeiro de prestígio. Sigam o caminho do oriente. São sessenta minutos de marcha a pé, não há estrada. No fim encontrarão um canhoeiro grande e uma mafurreirazinha. Se se perderam, perguntem por Xinhanganzima, o famoso!

Chegam a casa e Vera liberta-se da sogra como quem se livra de um fardo. Sogra foi feita para rivalidade e nunca para a cumplicidade. Sogra é maldição, feitiço e todas as coisas horríveis que o mundo tem. Confiar numa sogra é abrir as portas para a traição.

Decide-se pela companhia da criada nas buscas misteriosas. É uma pessoa simples que sabe muito, ligada às raízes da terra. Chama-a e ordena que interrompa o trabalho e a siga.

— Acompanha-me até às raízes do meu ser. Ajuda-me a perseguir a paz que não tenho.

— Outra vez eu, porquê?

— Só confio em ti. Sou filha de ninguém e neste momento não tenho ninguém. Sou filha de um pai cujo nome não figura nas pedras da vida. Sou filha de uma prostituta reformada e jamais conheci o meu pai. De onde venho eu? Nem eu sei. Sou um ser sonâmbulo, sem passado nem futuro. Somos ambas mulheres, disseste-me um dia. Ricas ou pobres, cultas, iletradas, somos iguais no sofrimento. Choramos e gememos da mesma forma tanto no amor como na dor. Por favor, ajuda-me.

Partem. A criada pensa na panela que deixou ao lume. Na torneira que deixou aberta no lava-loiça da cozinha. Pensa na reacção do patrão quando regressar e descobrir as confidências e as traições. Pensa no seu emprego e nos filhos por sustentar.

Um vendaval levanta-se à passagem das mulheres que voam em busca da vida. Procuram o curandeiro nguni que elimina feitiços como quem cata piolhos. Chegam a um atalho e largam o carro. Vera afunda os sapatos de salto alto na poeira da terra, nas poças de água, nos pedregulhos. As mulheres dos casebres precipitam os olhos sobre ela e comentam: essas não são destas bandas, são turistas. Gente daqui não usa sapatos daqueles. Vera pergunta por Xinhanganzima em cada canto e todos respondem: é ali. E ali voltam a apontar-lhe mais para o oriente: ali!

Xinhanganzima cumprimenta-as numa voz tranquila. Mas Vera reage com violência. Em palavras agressivas diz o que quer: magias, banhos, protecção,

antifeitiços. Não está mais disposta a revelar todos os seus dilemas a quem no fim lhe dirá: não posso resolver o seu problema.

O curandeiro escuta tranquilamente. É sempre assim. O doente grave tem pressa de se libertar do cancro que o consome. Depois diz:

— Acalme-se e descanse. O curandeiro é que prescreve a cura.

Vera sofre uma frustração. Sente que a solução do seu problema não será nem rápida, nem simples. Talvez na próxima lua. Talvez na próxima estação chuvosa. Talvez nunca.

O velho estuda os ossos e profere palavras que assustam, mas que aliviam.

— O caso é difícil, mas solúvel. Necessita de um braço forte, competente. Tenho as mãos curtas e só alcanço o que os deuses permitem.

— O senhor não pode pelo menos tentar?

— Não quero ser vigarista, nem traficante de fé. Quero propor-te o que é mais certo e seguro. Vejo a tua solução sobre um monte.

— Monte?

— Já reparaste bem no monte? Alto, soberbo, silencioso. E também misterioso. Nos montes os profetas da vida recebem a revelação e a inspiração. Os reis constroem os palácios no alto. Os eremitas para lá sobem e se inspiram no amor e na arte. Meditam. Ao monte também subirás para encontrar a tua luz e a tua sombra.

É agradável ouvir Xinhanganzima, Vera reconhece. Diz que o mundo dos mortos é sereno e pleno de perfeição. Diz que a viagem ao passado é uma estrada de riscos, de escadas, espinhos, sacrifícios e amarguras até. Diz que o caminho para o monte vai ser longo e duro, exigindo fé, sacrifício e obediência.

— Sou médium de um espírito menor, recente.

Os meus espíritos pertencem aos finais do século XIX. Temos que recorrer a um espírito muito mais antigo.

— Em que século viveram os que me atormentam?

— Difícil precisar. Aqui os ossos dizem que são muito, muito antigos. De certeza são do século VI. Se assim é, só uma alma da mesma época te poderá salvar.

— Onde irei eu encontrar espíritos desse tempo?

— Vou ajudar-te a procurar. Conheço alguns, nas zonas rurais, inacessíveis por causa da guerra. Alguns emigraram para as redondezas das cidades. Tens que saber esperar. Se os encontrar, informo-te.

Vera estende a mão e entrega o cartão-de-visita.

— Aqui está o meu endereço.

— Não precisa. Uso outras formas de comunicação. Nós, os espíritos, usamos a telepatia e o sonho. Entrarei na tua consciência para informar-te do achado. Agora vá para casa e aguarda a minha comunicação.

— Telepatia?

Vera olha para a criada, para o adivinho, na busca da certeza. Em todos os rostos o sorriso se apaga. A esperança esfuma-se. Essa solução virá, sim, muito depois da minha morte. A mente divaga na maré negra e entra na dança da roda. As árvores, as casas, as pessoas e todas as coisas correm em círculo uma atrás da outra. Os joelhos recusam o suporte ao corpo. Cai. Desmaia.

Já reanimada abandona Xinhanganzima e começa a sua carreira de peregrina. Durante os dias que se seguem, percorre os subúrbios, aldeias, palhotas como sonâmbula, à busca do espírito do século VI. Procura as pessoas mais velhas e pergunta por esse espírito. Elas nunca ouviram falar da palavra século, não sabem o que ela significa, nem para que serve. As pessoas mais novas espantam-se e riem-se. A úni-

ca coisa que percebem é que há uma louca que busca uma relíquia perdida. Pode alguém perder um espírito?

XXXV

Após semanas de hospitalização, o director comercial celebra o regresso a casa. A família e os amigos estão reunidos numa singela recepção. A oração de boas vindas bafeja a alma de bons sentimentos. Sente-se amado, acarinhado, querido. Os presentes cantam uma canção de paz. As vozes emocionadas sobem de tom. O director sonha. Planeia. Nunca mais recorro à feitiçaria, nunca mais. Olha para os filhos, para a mulher e para todos os que o rodeiam e sorri: é bom regressar à vida. Pensa em David, seu director-geral. Éramos mais do que amigos. Ambos segurando um ao outro para construir mundos e sonhos. Hoje a vida colocou-os em caminhos opostos. Lamenta. Decide que vai fazer tudo para evitar que seus caminhos se cruzem.

A noite vem. O adormecer do director comercial é um despertar para outra dimensão da vida. Sonha que tem asas e voa para o céu. Baloiça para cá e para lá à procura da casa de Deus. No lugar de Deus, vê sombras esvoaçantes. Devem ser os anjos. As sombras, em voo rasante, perseguem-no ameaçadoras, transformam-se em vento, em tempestade, em remoinho fazendo-o girar numa vertigem sem par.

— Desperta e fala, quando o Sol nasce a tua língua cresce e fere, desperta e fala!

O director escuta a voz que lhe soa como maldição. Tenta identificar a cor da voz. A forma da voz.

Tenta caminhar até à fonte da voz, mas os membros não obedecem. Levanta os olhos para o céu e vê as mãos das sombras a crescer como tentáculos de polvo. Treme de medo.

— Desperta e fala!

O director comercial identifica a voz. A sombra muda de forma e se torna gente. É Makhulu Mamba que surge do oculto arrancando-o bruscamente do sono para a vigília mística.

— Já não tens alicerces nesta vida. Despe-te desse corpo, desse fardo, liberta a alma e cumpre as ordens do teu senhor, eterno escravo.

O medo cresce e enfraquece. Mas o mesmo medo torna-se força nas proximidades da morte. Ninguém entrega a alma sem resistência. A vida é apenas um sopro.

— Dei-te instruções claras na hora da tua partida. No lugar de servires o teu director-geral, usaste a língua para prejudicá-lo. Mandei fogo e queimei-te, traidor. Agora vim buscar-te.

O director recua dois passos e grita. Não! A esposa desperta e vê o seu homem gesticulando no sono. Pensa em despertá-lo. Desiste. Dizem que despertar do pesadelo é coisa que mata. Aguarda que o pesadelo passe. Mas não passa. Cresce. Corre para o quarto do lado e chama o sogro.

— Pai, ajuda-me.

— O quê?

— Vem!

O velho responde, ensonado. A nora arrasta-o pelo braço, obrigando-o a correr porque o caso é de urgência. Chegam a tempo de ver o corpo do director comercial a contorcer-se como uma serpente em agonia. Os braços, as pernas, movem-se no ar como barbatanas de tubarão, num combate de morte. Gritos. Suspiros. Torrentes de palavras caem como rajadas de

vento. Ai! Oh! Não me matem! Não quero morrer! O director comercial está a responder ao diálogo de outro mundo.

— Preciso de ti para fazer ondas, desperta e vai. Vai, salva o teu director-geral do grande perigo, apaga o fogo da greve que se aproxima. Abre o caminho. Varre os espinhos. Afasta os operários um a um. Vai badalar aos quatro ventos a sua inocência porque ele é rei e tu és o servo.

O director comercial não quer ser fantasma, quer ser homem. Cerra os punhos e luta mas os socos não atingem nenhum alvo. Makhulu Mamba agarra-o pelos ombros e enterra os dedos no pescoço magro. O director balbucia palavras incoerentes e tenta gritar, mas perde a voz. Ouve ruídos e sons de todas as tonalidades. Trovões. Batuques. Luzes de todas as cores dançam em círculos concêntricos. Solta-se e tenta fugir das garras de Makhulu Mamba. Corre. Atravessa pontes, vales, montanhas. Cruza espaços. O pássaro negro corta-lhe o voo e trespassa-lhe o peito com uma lança.

Sogra e nora escutam o delírio de morte. Revelações. Segredos. Palavras estranhas que gelam como pedras. Ficam aterrados. Nas mentes uma chuva de perguntas que queimam como ácido. O homem continua a vomitar segredos terríveis. Espanto. Esforçam-se por penetrar lá no mundo onde o pesadelo corre. Vêm apenas as trevas profundamente negras. Desespero. É como assistir à morte em directo na televisão, sem poder intervir. Sentem-se dois impotentes espectadores da sua própria desgraça.

O sogro junta as palavras que caem soltas como granizo. Tece-as e forma um manto. Analisa a trama. Este pesadelo é um ajuste de contas das dívidas de sangue. É vingança. Rivalidades. Que necessidade tinha o meu filho de se meter por estes caminhos?

O director comercial agora transpira, chora e grita. De repente dá um salto suicida da cama para o chão. Tentam erguê-lo. Ele abraça a mulher com uma força desesperada e gela. O vento abraça a alma e a leva consigo até às grutas mais escondidas no tempo. A dor traz aos rostos o murmúrio das lágrimas. Deve ser doloroso o voo da alma em direcção à eternidade.

As mãos inexperientes da mulher tentam uma reabilitação. Massagens cardíacas. Respiração boca-a-boca. Sopros de ar. Jactos de água fria. O director comercial abre os olhos e despede-se.

— Vou morrer. Adeus.

Chega a ambulância e segue o ritual médico. Apalpação, auscultação.

— O coração ainda bate, está vivo, é simples desmaio. Vamos evacuá-lo para o hospital mais próximo.

O velho pai abana a cabeça em gesto de reprovação.

— Não vale a pena. Ele já foi levado, a alma foi arrancada, não existe mais.

— O coração ainda bate, há esperança — diz o médico.

— Uma árvore recém-cortada mantém a seiva ainda fresca. Este não morreu, partiu ao encontro dos que o agrediam. O que ficou, é simples carcaça.

— Vamos, pai. Não perca a esperança — diz a nora.

— Isto não foi uma luta comum, mas um duelo de cobras. Não há remédio para isto. O senhor é médico, é incompetente. Só um curandeiro pode cuidar deste caso.

— As cobras lutam e a batalha só termina quando uma está na agonia — diz o velho já na ambulância.

— A vencedora corre para um lugar escondido e colhe diferentes ervas para reanimar a companheira e, uma vez reanimada, é arrastada para o covil da mais

forte. Uma cobra nunca mata outra. Este não está morto. Foi levado para o covil da vencedora.

O médico oferece ao velho um sorriso sardónico, e diverte-se profundamente com a história que escuta.

— Meu filho era cobra e partiu como cobra. Conheço curandeiros que podiam ressuscitá-lo, mas estão longe daqui. Ele escolheu o seu destino. Ele preparou a sua cama e o seu caixão. Não descansará em paz, nunca!

— Não se fala assim de um doente — suplica a nora.

— Falo, sim. Vi e convivi com muitos casos semelhantes. Esta gente nova mete-se em mundos ocultos acabando por criar seus próprios pesadelos. Que necessidade tinha ele de andar nisto?

O coração do director comercial pára de bater e o médico fica atrapalhado. As feridas estavam curadas, o corpo estava saudável, nem gripe, nem febre, nem tensão alta. Ele estava feliz, na hora da reunião da família. Não há nada que justifique este óbito tão de repente. Esta morte tem carácter de magia, ele crê. Já no hospital preenche a certidão de óbito. Invoca febres repentinas como causa da morte e arruma o caso. Felizmente a medicina é tão eficiente que até inventa justificações para casos de feitiçaria.

XXXVI

A fábrica voltou aos bons velhos tempos. Os índices de produção são os melhores de sempre. No turno da noite, os operários trabalham e cantam. Quando o canto esmorece, os planos da greve amadurecem. Há um corte de energia. Não se assustam. Os cortes

de energia eléctrica são comuns neste país em guerra. Acendem velas enquanto aguardam que a electricidade volte. Um vento misterioso apaga as velas, mergulhando a fábrica na escuridão total. Uma luz surge do nada e cresce como os faróis de um carro em movimento. Ilumina, ofusca, transtorna. O pensamento dos operários corre para o fantástico. De onde sairá esta luz que ilumina mais que o Sol? Isto cheira a magia, a loucura. Isto é coisa de feitiço.

A imagem do director comercial morto e enterrado há mais de seis meses projecta-se no ar com toda a pujança. Atrás dele, seres sem forma empunham archotes. Sobem aos lábios expressões de terror e os operários transformam-se numa massa de medo que marcha sem comando. Fogem. Em debandada, dão passos cegos, que os conduzem ao abismo das suas vidas. Espalham alimentos recém-processados, ferramentas, instrumentos. Deixam cair caixas sobre as máquinas. Na fuga desordenada derrubam tudo. Destroí-se toda a produção da noite. Os operários ferem-se uns aos outros no momento de fuga.

Buscam abrigo no bar da esquina e aguardam que o Sol nasça e as coisas se esclareçam. Os pensamentos correm no ar, buscando respostas. Aquilo não era sonho nem pesadelo. Era uma verdade terrível cujas consequências ninguém está à altura de medir. Examinam a sua atitude. Todo o homem forte se acobarda diante dos poderes da feitiçaria.

Amanhece. Gente da polícia, da justiça, da informação, desfila na fábrica para testemunhar o incrível. Os operários indignados escutam as notícias que correm na rádio matinal: um grupo de operários destrói a fábrica por causa de um fantasma. E despertam para a realidade amarga que os espera.

David aparece na fábrica às sete da manhã acompanhado pelo jurista da empresa. Reúne todo o pes-

soal do turno da noite. Ralha. Grita. Expulsa-os por embriaguez e destruição do património. Chama o director de produção e coloca-lhe nos ombros a responsabilidade pelos acontecimentos da noite. Levanta um processo disciplinar e expulsa-o por negligência e má gestão dos sistemas de produção.

Chama o director financeiro e ordena a elaboração de um relatório dos prejuízos. Recebe o relatório. Lê. Sorri. Depois pede um relatório sobre a situação financeira da fábrica. Este director não tem todos os dados. A maior parte dos documentos foram consumidos pelo incêndio. David grita, barafusta, acusa. Como é que arderam, se toda a informação relevante é guardada no cofre à prova de fogo? Levanta-lhe um processo disciplinar e expulsa-o por negligência, irresponsabilidade, incompetência.

As vozes dos operários expulsos mendigam o perdão do senhor director. Aqueles a quem a sorte ainda bafeja ensurdecem as almas diante dos choros dos companheiros. Temem o seu próprio destino.

David mostra-lhes o traseiro e vai ao gabinete celebrar as vitórias do dia. Louva os poderes mágicos de Makhulu Mamba. Dos rivais eliminou três. Os que restam são peças inúteis que, mesmo assim, ensombram o seu caminho de luz. Há-de removê-los.

Chama a secretária particular para o segundo gabinete e ela deixa-se contagiar pela felicidade do seu director, amante e marido de quem é a terceira esposa. Abre uma garrafa de champanhe e enche dois copos. A secretária bebe um gole e enjoa. Levanta-lhe a saia para aliviar-se dentro dela. Mas aquele ventre é um cesto cheio onde um dia depositou o fruto que amadurece. Desagrada-lhe a ideia de compartilhar o espaço com o filho que cresce. Telefona para um bordel e reserva uma rapariga rechonchuda, bem escura e bonitinha. As escurinhas são mais quentinhas.

Uma parte do equipamento foi destruído por causa de um fantasma e a produção parou outra vez. Aumenta a expressão de revolta nos operários sentados no pátio da fábrica. Procuram estar activos porque o descanso não é coisa boa. Organizam jogos enquanto aguardam que o trabalho volte, que o salário venha. As mulheres são boas na arte. Cantam e dançam. Outros operários estão num bar em frente da fábrica e bebem cerveja. Falam de futebol e de política. Riem à socapa mas toda a alegria acaba em lamentos.

— Antes a greve era boa. Lutar contra o colonialismo e a liberdade valia a pena. Hoje não dá gosto nenhum. É difícil lutar contra o novo patrão, porque é compatriota, irmão.

— Quem pensa em fazer greve por aqui? E quem nos irá escutar? Quantas greves já fizemos e o que resolvemos? Desgastamo-nos à toa. A polícia descarregou a sua fúria sobre nós. Nossos companheiros foram feridos, maltratados. Mais uma greve para quê? Vamos antes fazer uma lareira para que o fogo devore as amarguras desta vida mal vivida. Vamos antes abandonar este covil de fantasmas e procurar emprego noutro lugar.

— Esse director é um demónio. Correm rumores de que ele comprou uma fábrica nova, algures. Com que dinheiro? Como pôde ele enriquecer em tão pouco tempo? Vimo-lo a entrar. Vinha com uma mão à frente e outra atrás. Cresceu e engordou. Agora tem uma nova fábrica. Como homem rico tem direito a tudo o que ele quer enquanto nós morremos de fome.

— Branco, preto, colono, compatriota, tudo é igual e tudo rouba. A injustiça é universal e tem livre trânsito. Tem estatuto. Não precisa de passaporte nem bilhete de identidade. Hoje fala-se de globalização, mas o mundo está globalizado desde o princípio dos

princípios, nas guerras, nos crimes e na negação dos direitos dos pobres.

— Nós, operários, somos carneiros para tosquiar a lã que servirá de agasalho no próximo Inverno. Somos pimenta para temperar os discursos dos políticos. Erva para o búfalo comer. Massa de voto. Obreiros para servir a abelha-rainha.

Os homens cansam-se de se lamentar. Esgotam o dinheiro para a cerveja. Vão ao canto mais próximo beber uma bebida fermentada qualquer, enquanto aguardam a noite para assaltar as mulheres desprevenidas, que regressam a casa com as carteiras cheias de moedas lá dos negócios da esquina.

David persegue-os até ao bar e chama-os à razão. Estar no bar nas horas de serviço é crime. Grita-lhes, insulta-os e chama-lhes bêbados. Reagem.

— Bêbados? Beber é algum mal? E o que nos resta na vida senão o mal? O senhor director e seus iguais sugaram tudo de bom que havia em nós. Nós, pobres, estamos cada dia mais pobres e o senhor cada dia mais rico. Todo o esforço para melhorar a vida, o senhor transformou em nada. O senhor é ladrão, feiticeiro. Manda-nos fantasmas quando quer. Expulsa-nos quando quer. Deixe-nos beber para acalmar a tristeza que nos deu.

Furioso, David manda instaurar um processo disciplinar a todos os operários que estiveram no bar. Expulsa-os por desobediência, embriaguez e desacato ao regulamento laboral.

As mulheres cansam-se de cantar e dançar, o estômago não cria mais energia para animar a dança. Abandonam o palco da fábrica e vão à esquina mais próxima, vender rebuçados, carvão e sexo.

David convoca-as para uma reunião e repreende-as. Diz que a conduta que levam não é digna de operárias e mães e que estão a transformar-se em putas.

Ofende-as. Elas revoltam-se. — Putas? Mas foi o senhor que nos prostituiu há muito tempo. Sugou-nos o suor e o corpo. Sugou-nos a alma e os sonhos. Deixa-nos vender o que temos para ganhar o pão. As nossas filhas deixaram a escola e estão na rua a desenrascar a vida. Estão no porto a caçar marinheiros, outras estão nos hotéis de luxo a oferecer serviços de cama aos ilustres visitantes que, em cada dia, são vomitados pelas barrigas dos aviões. Os nossos filhos fumam soruma para enganar a fome e treinam o manejo da faca e da pistola para matar. Não temem a morte, já foram assassinados pela sua mão, senhor director. Semeando terror em cidadãos inocentes, tentam recuperar à força o pão que o senhor lhes roubou.

Uma das mulheres entra em delírio.

— Minha filha está na prisão acusada de prostituição por sua culpa, senhor director. Mas ela não é puta. Ela é virgem, é santa, é pura. Ela nunca dormiu com um homem por prazer. Nunca soube o que é amor. Ela faz aquilo para alimentar o pai e a mãe, que trabalham sem salário, e para alimentar os irmãos que morrem de fome. Ela sacrifica a vida pela família. Sacrifica os sonhos para alimentar os sonhos da família. Sacrifica a sua juventude para que a vida não morra. Ela vai morrer de doenças de homens por sua culpa, senhor director. Agora está na prisão. Quando sair, será considerada cadastrada. Nunca mais terá nem emprego decente, nem marido decente, nem vida decente. A felicidade do meu lar foi destruída por sua culpa, senhor director.

David sente uma pontada no coração. Pensa na sua própria filha. A mesma história, o mesmo destino: dar a vida em salvação da família. Lembra-se do momento em que a arrastou para a iniciação ritual. Ela estava fraca, indefesa. Ele fechou os olhos e os ouvidos a todos os sentimentos, para sacrificá-la como

uma pecadora. Gostaria de poder dizer que toda a riqueza tem preço. A ascensão tem preço. Gostaria de poder dizer que também ele sacrificou os sonhos da filha. Desviou o destino da filha. Que se banhou no sangue da filha, para salvar-se dos seus pecados de homem. Que construiu sobre o corpo dela um altar móvel, para poder alcançar a sorte, a fortuna e a longa vida. Fica deprimido.

Regressa ao gabinete e manda chamar a mulher que delirou. Passa-lhe um cheque gordíssimo e pede-lhe para guardar segredo. Diz que é para tirar a filha da prisão. Diz que é por simpatia, piedade, solidariedade. Mentira. O depoimento da mulher obrigou-o a colocar a mão na consciência e a reconhecer a gravidade dos seus actos. É tarde de mais para voltar atrás!

Chama o juiz da empresa e manda instaurar processos disciplinares contra todas as mulheres que estiveram presentes no encontro. Expulsa-as por imoralidade e falta de assiduidade.

A fábrica dissolve-se. Em breve será privatizada.

XXXVII

Sentado no seu canto predilecto, David compõe odes de louvor a si mesmo. A vida corre-me bem. Sou perseverante e agressivo nos negócios, sou bem sucedido. O sangue quente e forte herdei-o do meu falecido pai. Sou um grande investidor.

Pensa na fábrica que acaba de inaugurar e nas precauções que tem que tomar para que os concorrentes não a destruam, para que os operários não se revoltam, para que prospere, para que os inimigos o temam.

Pensa em si. Esposas, tem já três. Vera, aquela que o representa na esfera pública. Cláudia, o seu prazer e o seu escudo, a que sempre o adverte dos ataques dos inimigos. Mimi, a que dá sorte. A relação com Suzy é puramente espiritual. É ela a raiz da vida, que extrai a seiva boa do mais profundo da terra.

Pensa em Vera, sua primeira esposa. Pensa nos filhos. Como será a vida se, um dia, se tornarem órfãos de mãe? Pensa no Clemente e na doença da loucura. A sua ausência pode ser um alívio para toda a gente. Há-de levá-lo para longe.

Pensa nos deuses protectores. Preciso de agraciá-los à medida das dádivas. Estes deuses cruéis gostam de sangue. Mesmo assim, oferecerei em sacrificio qualquer coisa que os deuses pedirem, mesmo que para isso tenha que subtrair uma ovelha do meu rebanho.

Lágrimas teimosas correm, no rosto gordo, antecipando o luto. Busca alicerces na memória do mundo. Consola-se. O sacrificio da vida é tão antigo como a idade da terra. Crucifica-se o único filho para redimir os pecados do mundo. Sacrifica-se a vida pela glória do imperador. Pela integridade da pátria. Pela fertilidade do solo e do gado. Pela colheita. Para que a chuva caia. Para que o negócio corra. Para que o amor não morra.

Chama Suzy e ordena em segredo: prepara as malas para a grande viagem.

XXXVIII

No sonho de Vera há uma imagem sem rosto que a desperta para outros universos. Ela vê um monte. Uma paisagem muito verde. Uma estrada. Um caminho serpenteado. No sonho feliz ela sobe o monte,

mas no momento em que vai atingir o cume o encanto se desfaz. Desperta bruscamente. A ansiedade mortal obriga-a a fazer todo o esforço do mundo para decifrar o enigma do sonho. Mas quem é esse ser sem rosto que penetra na profundidade da minha consciência e me leva a voar por universos tão maravilhosos para depois me abandonar nesta tristeza? Vera descobre e sorri: Xinhanganzima! Era ele, sim, mostrando a estrada, o caminho do monte. Ontem pensei muito nele. Adormeci pensando nele. Ele ouviu a minha chamada e veio. Será isto telepatia?

Vera entra no carro e percorre caminhos em busca da vida. Enquanto corre delira em voz alta: Xinhanga emitiu ondas telepáticas, ele chama-me, eu vou. Alguma coisa me diz que antes do pôr do Sol encontro a solução que procuro.

No coração do subúrbio, Xinhanganzima também aguardava Vera com ansiedade.

— Vieste.

— Sim, vim.

— Encontrei a pessoa que procuras.

— Como se chama?

— Moya.

Vera sorri mais feliz ainda. Moya é espírito. Ar fresco. Vento que traz as nuvens negras que fertilizam a terra. É vida, esperança, movimento. Vento que traz e varre todas as tempestades do universo.

— Onde vive?

Xinhanga explica. Setenta e cinco quilómetros de estrada. No Sul. Ultrapassa a vila. Ultrapassa as cascatas. Nos montes mais altos à esquerda da fronteira.

— A zona é quente, a guerra é forte. Como chegarei até lá?

— Reza. Invoca os espíritos do pai, da mãe, antigos, recentes, deuses da guerra e da paz, para que mandem chuva à estrada de fogo.

Vera vai à base do canhoeiro, altar dos deuses terrenos. Ajoelha. Fala. Reza com muita fé. A brisa da manhã refresca a terra. A esperança renasce, trazendo de volta a vontade de vencer.

Regressa a casa e leva Clemente por companhia. Como testemunha. Já é tempo de inteirar-se dos problemas da família. Ele é homem e tem que saber disto, para que um dia não venha a sofrer de consequências espirituais cujas origens desconhece.

Mãe e filho deixam a cidade com toda a segurança e aventuram-se para essas terras antes pacíficas, agora invadidas por guerreiros assanhados, que chacinam aldeias na esperança de resgatar a paz e a liberdade nas cinzas da vida.

Alcançam a vila, primeira etapa. No mercado da esquina há pão, bolachas e refrescos. Param e compram, a saída foi apressada e não prepararam provisões. Comem. Seguem uma viagem sem norte, cuja duração se desconhece. Compram mais bolachas, mais pão e frascos de água mineral. Retomam a marcha.

Uma cadeia de montes exhibe-se aos seus olhos. Como reconhecer aquele que procuramos? Será o mais alto? O mais distante?

Aproximam-se de uma mulher jovem, de criança às costas. A mulherzinha percebe-lhes as intenções. Gente rica só aparece no campo em busca de curandeiro. É a primeira a dirigir a palavra.

— Querem ir ao monte?

— Sabe onde é?

— De carro não se chega lá. Acho melhor que descansem primeiro e arrumem o carro em algum lugar.

— É longe?

— Não, nem tanto. O problema são as subidas e as descidas.

— Conhece algum sítio onde possamos deixar o carro?

— Não, não sei. Penso que não há.

— E agora?!

— Se me pagarem alguma coisa, podem guardar o carro na minha casa, e eu tomo conta. Carros destes atraem cobiças, e há muitos vagabundos por aqui.

Estacionam a viatura e começam a marcha sem fim. Passam horas a caminhar naquela paisagem de erva fresca, de silêncio e frescura, contemplando sempre aquela paisagem de montes e montanhas que crescem de altitude à medida que os olhos se aproximam. O vento oferece a sua frescura e os pássaros a canção da solidariedade para suavizar a marcha. Cruzam-se com uma mulher carregando um cesto pesadíssimo à cabeça. As duas mulheres saúdam-se, com a mesma surpresa nos lábios. Nas suas bocas a mesma pergunta. Para onde vai? Uma deixa o mato para ir procurar a vida no mercado da cidade. Outra deixa a cidade para ir procurar a vida no mato. Vera decide comprar tudo, apenas para ajudar a pobrezinha. Leva bananas, galinhas vivas, grãos de mapira, rapé, coisas que nem precisa. Aproveita a ocasião para perguntar o caminho do monte, e a mulher indica, de sorriso nos lábios:

— É ali.

A marcha é agora penosa com tanta carga. Que faremos disto tudo? Oferecer? E a quem, neste deserto humano? Caminham, repousam e voltam a marchar. O monte é inalcançável.

— Vamos regressar, meu filho. O que procuramos não se encontra. E o pior de tudo é que nem sabemos o que procuramos. Deixámo-nos levar por conversas de nada. Vasculhámos um mito que jamais existiu.

— Descansamos naquela sombra, mãe. Estou curioso por chegar à base do monte. Nunca estive num lugar assim.

Os pés de Vera, habituados ao automóvel, não su-

portam longas marchas a pé. Arrasta-os até à sombra. Sentam-se. De repente ouvem uma cantiga ao vento. É uma voz velha, cansada, gasta. A canção fala do monte e incita à marcha em direcção à vida e à felicidade. Vera e Clemente descobrem a velha que canta. Por que estará sozinha neste lugar? Terá sido abandonada pela família com esta guerra? Aproximam-se da mulher e ela pára de cantar. Sorri.

— Boas vindas ao paraíso — diz a velha.

— Podemos sentar-nos aqui, consigo?

— Claro, façam-me companhia. Há muito que não recebo visitas. E para onde se dirigem?

— Para o acaso. Não sabemos bem para onde vamos.

— Quem nesta vida sabe para onde caminha? E o que é a vida senão um grande acaso?

Clemente extasia-se. Gosta de tudo: da vegetação, do silêncio, da frescura e da sensação da liberdade.

— Mas o que vos fez chegar até aqui?

— Queremos subir ao monte.

— Porquê?

— Procuramos soluções para os problemas que nos atormentam. Procuramos espíritos mais antigos entre os antigos. Do século VI ou VII. Ou século I. Ou zero.

— E porquê os antigos?

— Dizem que são mais fortes, talvez!

A velha ri-se, divertida.

— Não é a idade que faz a força. Há espíritos antigos que são fracos e novos que são fortes. Há espíritos antigos cheios de ganância e maldade, e novos cheios de honestidade.

— E a senhora, será a pessoa que procuramos?

— Claro que não, Digamos que sou uma espécie de guarda dos caminhos. E ajudar-vos-ei a chegar lá desde que jurem que é por uma boa causa.

— Jurar?

— Jurar, sim. Todas as acções humanas devem assentar num juramento. É o ntumbunuco, a natureza.

— Por acaso sabe alguma coisa do espírito que procuramos?

A velha fica animada e conta histórias dos tempos em que os animais falavam. Fala dos montes que dão a vida e tiram a vida. Dos montes que protegem o amor e castigam o ódio. Dos montes que dão de comer a quem tem fome. Durante a escalada pode aparecer um cacho de banana — diz ela —, uma galinha assada, uma mesa posta com manjares dos deuses. Este presente é apenas para os que têm bom coração. Fala das águas dos montes que curam todas as doenças do mundo. Das grutas de esquecimento, que apagam as amarguras aos homens justos e eliminam a memória dos maus, que acabam morrendo, sem conseguir descobrir o caminho de regresso a casa. Fala da alma das pedras. Da linguagem das pedras. Das pedras que falam como trovoadas. Das pedras mágicas de alguns montes que dão poder, protecção, coragem e bravura a todos os que têm a sorte de as possuir. Das pedras que constroem. Das pedras que destroem. Fala dos guerreiros antigos que buscaram as forças nos montes. Dos deuses da chuva que residem nos montes ao lado das nuvens. Fala das pessoas que urinam ou defecam no solo do monte sem pedir licença e que mudam de sexo como castigo. Eu era homem — diz ela a rir —, fui castigada e fiquei mulher.

Clemente e Vera riem-se deliciados com as histórias. O cansaço desaparece por encanto, dando lugar à urgência de desvendar os mistérios do monte e viver as aventuras desse universo desconhecido. Vera agradece à velha e oferece todos os alimentos acabados de comprar. Oferece também o rapé.

— Basta-me apenas o rapé. Não como pão nem carne. Vivo de ar, de água e de raízes do campo.

Vera abre a malinha de mão de onde tira um lenço de seda que oferece à velha.

Mãe e filho começam então a escalada. Clemente corre e saltita como um cabritinho desmamado enquanto Vera, com o cesto à cabeça, escala devagar o dorso vertiginoso do monte. Do nada surge um vento terrível que fustiga apenas aos dois. Vera não consegue dar um passo em frente. Cai. O filho socorre a mãe e agarra-a com firmeza. Este vento tem algo de estranho — diz Clemente —, só fustigou a nós, às plantas não. O vento desaparece, a caminhada continua. O uivar feroz dos lobos e o choro das hienas formam agora a sinfonia da marcha. Eles resistem. Prosseguem. Encontram um bando de macacos saltitando nos ramos. Largam a brincadeira e atiram-se aos caminhanes como assaltantes à mão armada. Apalpam-lhes o corpo da cabeça aos pés como polícias em busca de algo nas partes mais escondidas do corpo. Estes macacos têm algo de estranho. Os macacos são família de gente, não maltratam nem matam. Saltam-lhes aos pés e brincam com os sapatos. Enquanto Vera treme de medo, Clemente diverte-se, tira as bananas do cesto e oferece. Mãe e filho descalçam-se para que os macacos não incomodem. O bando ganha um novo jogo. Correm para cima e para baixo brincando felizes com os seus novos brinquedos.

A caminhada íngreme está cheia de espinhos e pedregulhos. Caminham. Param. Sobem. Repousam e voltam a subir. Os pés descalços de ambos sofrem e Clemente já tem um dedo a sangrar, e, à medida que sobe, vai fazendo uma estrada de sangue. Mais adiante, a rua está bloqueada por uma serpente que se agita com a aproximação das presas. Abraçam-se. Estremecem. Vera arrepende-se e reza, este é o monte de ter-

ror e não das maravilhas acabadas de ouvir. Mas Clemente pára de tremer e sorri. Puxa o cesto da mãe e retira de lá as galinhas e oferece-as à serpente esfoameada. A serpente engole o petisco, abandona o local abrindo o caminho. Esta serpente tem algo de estranho. Parece-se mais com um mendigo à beira da estrada pedindo esmola. Mais uns passos em frente encontram um bando de pássaros desconhecidos em coro funesto. Clemente mete as mãos no cesto e tira a mapira que espalha pelo chão. Mãe e filho ficam a olhá-los a debicar os grãos até encherem o papo e levantarem voo. Estas aves têm um voo invulgar. Os pássaros comuns nunca fecham o caminho dos viajantes.

A poucos metros da meta Vera, já cansada, pensa em desistir. Mas desistir é regressar aos medos antigos. É valorizar a renda e desprezar a vida. É fracassar na luta contra a vergonha. É deixar os filhos nas garras de um louco. É melhor arrastar-se até às últimas consequências.

Alcançam o ponto mais alto do monte. Vêem cães ladrando, gatos correndo, panelas, pratos, potes. Galinhas cacarejando.

De uma caverna escondida entre as ervas surge alguém que os recebe. Vera tem uma nova surpresa. A pessoa à sua frente é uma mulher vulgar, muito vulgar, nem velha, nem nova. Traja com a simplicidade característica das mulheres do campo. Mas porquê viver nas cavernas se lá em baixo, a escassos quilómetros do monte, a civilização floresce? Vera sofre uma grande frustração. A pessoa que vê é demasiado jovem para ter vivido no século vi. Aproxima-se. Oferece a mão para a saudação. A mulher sorri, esquivando-se ao contacto físico.

— O meu nome é Moya, porque sou alma, vento e espírito. Vivo sobre os montes e sobre a água por-

que gosto da luz e do mar. Deste miradouro vejo a outra metade do arco-íris, mergulhada no fundo da terra. Eu sou azul e sou filha de Deus.

A mulher fala com a voz e com o corpo e o seu perfil projecta-se fluido, intemporal, como uma alma gravitando no cosmos.

— Mas como conseguiram chegar aqui?— pergunta a mulher.

— Procurámos. Perguntámos. Foi uma escalada difícil com tantos bichos medonhos.

— Que bom. Eu estava à vossa espera, eu sabia que viriam hoje. Está escrito nas linhas do destino que nos havíamos de reunir neste lugar, a esta hora. Mas antes de alongar a conversa gostaria de vos agradecer as prendas que me mandaram.

— Prendas?

— Sim. Os sapatos, o rapé, as galinhas, os cereais e o lenço.

— Mas!...

— Os bichos que encontraram são meus guardas. Vieram com tudo o que ofereceram e anunciaram a vossa chegada.

Mãe e filho trocam olhares pasmados e baixam o rosto. O rapé, a velha fumou, nós vimos. As galinhas, a serpente comeu. Vimos os macacos a descascar as bananas e a comê-las. Os cereais as aves bicaram.

A mulher levanta-se, vai a um canto e traz o cesto com todas as prendas. Vera olha para a mulher que se movimenta. Tem um caminhar ondulante como a fluidez do vento. Parece não ter corpo. Parece não ter ossos. Esquivou-se ao cumprimento quando lhe estenderam a mão, porque não tem existência real. Ela só pode ser uma miragem, uma projecção de imagens escondidas na consciência. Tem uma voz tão doce que encanta, que embala e adormece.

— Vejo em vós pessoas de coragem, capazes de

qualquer sacrifício pelo bem-estar de todos. Venceram a serpente, venceram as corujas, venceram os medos e abriram a estrada. Tomara que toda a gente se despidesse dos medos infundados, dos sentimentos fabricados, fortalecendo o espírito no sentido do universo, tal como os montes crescem para o alto. Olhem para a natureza. A árvore é feliz por ser árvore, o monte por ser monte. O ser humano quer ser animal, pedra, deus, quer ser tudo menos gente. É uma pena.

Vera tem pressa de dizer à mulher tudo o que sente, o que sofre. Ela não dá espaço. Fala. Não pergunta nada. Afirma. Parece que sabe tudo, que conhece tudo, que lê os pensamentos humanos como um livro aberto.

— Temos muito que falar, mas antes de tudo repousem.

Oferece água para beber, para o banho. Coloca uma esteira debaixo da sombra.

Mãe e filho adormecem, cansados, despertando pouco antes do pôr do Sol. A mulher empresta um espelho a Vera.

— Estás com um ar desmazelado, minha menina. Vai ao teu quarto e penteia-te.

Os dois são conduzidos a cavernas diferentes. Vera começa a pentear-se diante do espelho redondo, vulgar. Vê o seu rosto cansado e sorri. O espelho mágico acaba de confirmar que não há neste mundo mulher mais bela do que ela.

O rosto começa a sofrer transfiguração. Enruga-se, deforma-se e ganha a forma de serpente. O rosto de serpente desintegra-se, e o espelho não reflecte imagem nenhuma. Volta a reflectir o seu rosto já velho. Treme. Grita. O que quer isso significar? Que espelho é este? E que imagens diabólicas são estas?

Tenta largar o espelho, atirá-lo para longe, quebrá-lo, mas descobre que tem os movimentos presos.

Continua a olhar para o espelho. Toda ela treme convulsivamente, como uma vara de bambu abanando ao vento.

Surge a imagem de uma mulher nua. Ela alarga os olhos e descobre que é a sua imagem. Surge Clemente, também nu, e ambos caminham de mãos dadas. Vera fica apavorada. Nua ao lado do meu filho, não, meu Deus! Pensa melhor e conforta-se. Nudez nem sempre é amor e sexo. É também nascimento, morte, religião.

As imagens movimentam-se numa noite sem estrelas e as nuvens negras correm em direcção aos horizontes de morte. Da abóbada negra surge um serpentear medonho, o dragão celeste faz a sua aparição. Abre a boca e lança trovoadas mais mortíferas que as bombas de um *Mirage* ou supersónico. Mãe e filho correm para cá e para lá buscando abrigo. Não encontram. Desesperados olham para o céu. Vêem um monstro medonho surgindo do céu do espelho. Vêem dois olhos. Uma mão longa atirando-lhes uma azagaia incendiada. Vera debate-se como se na realidade estivesse à beira da morte. No momento fatal, Clemente apanha uma pedra e lança-a ao monstro que se estilhaça como pequenos pedaços de vidro. As imagens diluvianas apagam-se. No pequeno espelho surgem as imagens dos filhos mais pequenos. Brincam. Transfiguram-se lentamente. Emagrecem. As carnes desaparecem e ficam esqueletos em movimento.

Finalmente aparece Suzy com uma coroa de ouro, sentada num trono de ouro, segurando um ceptro de ouro. Tem um ventre inchado, está grávida. Mas o útero é de vidro. Vê-se um emaranhado de cobrinhas a correr felizes em direcção ao nascimento.

Vera fecha os olhos e grita. Pára de gritar e olha de novo para o espelho.

Apagam-se as imagens de terror e o espelho volta a ser o que sempre foi.

Desperta do pesadelo e olha para os lados. Anoi-teceu. Mas no interior da caverna as paredes luminosas brilham como cristal. Sente falta de ar. Abandona a caverna ao encontro da frescura da noite.

Procura um poiso e senta-se, eremita pela primeira vez. Não precisa de mais adivinhos para falsas explicações, as visões do espelho são fáceis de explicar. Ela é o centro do universo e todas as forças convergem nela. Empreendeu uma viagem longa em busca de si mesma. Encontrou-se. É ela a raiz e a solução.

Ela entende agora os pesadelos de Clemente. O céu negro, a trovoada. A chuva. O raio. O corpo caindo. Num dia de trovoada serão sacrificadas as primeiras vítimas. Quem serão?

Clemente nunca foi maluco. O que parecia pesadelos e loucura era transe de médium. O espírito possessor tentava transmitir mensagens que ninguém conseguia interpretar. Mesmo assim, a mensagem chegou aos destinatários. Fê-la meditar. Investigar. Lutar. Compreender. Subir ao monte para procurar a solução.

No interior da gruta, a mulher acende uma fogueira. Convida Vera a aquecer-se nela, porque a noite é demasiado fria. Mas Vera sente apenas calor. Muito calor. Precisa de toda a chuva do mundo para apagar as chamas que a devoram.

— Vem.

Ela obedece. Ergue-se e caminha. Penetra na gruta misteriosa, bastante aquecida pela fogueira.

— Fala-me de ti — diz a mulher —, fala-me também dos teus.

— Sou um ser sem alma. E casei com um monstro.

— Um monstro?

— Sim, um verdadeiro monstro.

— És corajosa. Eu nunca seria capaz de dar um nome tão pesado ao homem que amo.

— Já nem sei se amo. Faz-me passar por tantas

amarguras. Enganou-me por muito tempo, mas a máscara caiu. Ele é a pior coisa que conheci em todos os dias da minha vida.

— Chamas então monstro ao homem que te amou e te levou ao altar? Como chamarás àqueles que bebem sangue das vítimas, que degolam e mutilam milhões de animais e homens, com arcos, flechas, metralhadoras, baionetas, punhais? Que dizes então dos que fabricam pássaros de fogo, que vão pelos mares, vales, montanhas, largando fogos sem fim, transformando a terra num vulcão universal? Como chamarás então àqueles que fazem o mundo inteiro engolir fogo como pão de cada dia, e em nome da globalização fazem os povos abandonar os seus deuses para seguirem os mandamentos do deus da tecnologia, das bombas nucleares, dos órgãos de Stáline, senhores do fim do mundo e dos destinos dos homens de todo o planeta? Que pensas então dos que queimaram os nossos mutundos e as nossas magonas, fazendo acreditar que no ventre das mães existe apenas a escuridão e o feitiço, ensinando as crianças a comer granadas de mão, porque a macate, a matapa, a chima, são alimentos de estômagos inferiores, subdesenvolvidos e analfabetos? A nova geração come filmes de violência ao nascer do Sol. Comem um prato de mina antipessoal ao almoço e jantam com bolinhos de granada. Que dizer dos que ensinam que a pureza é não procriar nem tocar no corpo da mulher, para acabar a vida como cães abandonados porque priorizaram a carreira, a profissão em detrimento da continuidade da vida? Falas mal desse teu homem, teu negro. Que dirás então dos negros teus ancestrais que venderam os irmãos que se perderam nos mares da Europa, da América, em troca de aguardente, panos, missangas, futilidades que não valem sequer uma casca de amêijoia? Como julgas então os homens que instigam os povos a abandonar a enxada e as sementes

de pão, ensinando-lhes a semear as sementes do diabo, do género antipessoal e antitanque, eternas sentinelas que mutilarão os corpos deles próprios, dos filhos, dos netos e de todas as gerações que ainda hão-de nascer? Como chamarás ainda aos que te ensinaram a olhar para o céu como salvação enquanto te tiram a terra e a tradição, deixando-te na absoluta miséria, para depois te darem uma esmola tirada do teu próprio suor, dando-te lições de tecnologias básicas para aliviar a pobreza em nome da ajuda humanitária? Diz-me com franqueza, o que pensas dos que te trazem a civilização, obrigando-te a abandonar a natureza porque é selvagem, e colocam-te no paraíso do cimento e das estrelas do firmamento, para depois ficarem a desfrutar a riqueza do paraíso verde por ti renunciado? O que pensas ainda dos que, no mundo inteiro, em nome da paz, recrutam a juventude para batalhas universais, para lhes tirarem a vida, decepar os pés, as mãos, os olhos, deixando-os completamente inúteis e a rastejar como cobras, sem sonhos nem esperanças? O que pensas ainda dos que diariamente arrastam pessoas para o desterro, em nome da liberdade, da ordem e da nova consciência? O que pensas ainda dos que em nome de uma religião ou de uma raça promovem guerras e carnificinas para eliminar algumas espécies humanas colocadas no mundo pela mão do criador, para a perfeita harmonia da natureza? Comparando todos estes actos, o feitiço do teu homem é um jogo de crianças, muito insignificante. Os seus poderes não ultrapassam a família e a pequena empresa que ele dirige. Mais grave seria se tivesse poderes à escala de uma nação, ou de um império. Este feiticeiro é pequeno ainda e vieste em boa hora. De pequeno se torce o pepino.

A mulher puxa o frasco de rapé e toma uma pitada. Respira fundo porque acaba de empreender uma

grande marcha em torno do universo. Lá fora a manhã expulsa a madrugada e os pássaros, nos seus ramos, executam a sinfonia da eternidade. Os olhos de Vera percorrem o ambiente, as paredes da gruta. O rosto da mulher ganha a forma de alguém que viveu num paraíso distante e que assistiu ao momento da criação.

Vera quebra o silêncio e fala dos seus receios. Formula os seus desejos. Afirma-se disposta a fazer de tudo para expulsar o mal que a consome. Fala do regresso às raízes. Das invocações aos mortos. De magias e feitiços.

— Eu atravessei tantos perigos em busca do espírito do século vi, para a solução dos meus problemas.

A mulher ri-se.

— Sim, empreendeste uma viagem ao passado, à busca da tua existência. Os antepassados existem para ser amados, respeitados. Protegem-nos. Mas não exageremos. A obsessão pelos mortos é característica dos que temem a luta pela vida. Não responsabilizemos os mortos pelo fracasso dos vivos. A natureza deu-nos força para conduzir a dinâmica das nossas vidas. Os mortos foram pessoas como nós. Lutaram para sobreviver, uma vez ganhando outras perdendo. Nos antepassados devemos procurar a força e a inspiração para resistir e vencer.

Vera fica intrigada. Mas quem é esta mulher que revela todos os segredos do universo, sem sinais de ter frequentado uma escola? Deve ser uma imagem intemporal navegando num espaço sem princípio nem fim.

— Como vamos eliminar o mal que nos consome?

— Colocar-vos-ei num útero de água, a ti e aos teus. Mas o fogo do dragão do céu é muito forte e haverá luta. A vitória dependerá da vossa coragem e perícia. Quando o trovão ribombar, lutarão contra o dragão, numa luta desigual, de David e Golias. Esta

será a primeira etapa. Esta guerra exige perseverança, porque vai ser longa e difícil.

Clemente pára na entrada da caverna. Uma pedra solta-se do tecto e cede à força da gravidade. Vem caindo. Clemente estende a mão e colhe-a. Sorri. Uma pedra comum. Mas, no momento em que a segura, sente que irradia sobre o corpo e o espírito uma força indescritível. Fecha os olhos e aperta-a com força.

— A pedra é boa, mãe.

— Gostas dela? — pergunta a curandeira.

— Gosto muito.

— Ainda bem. Não a percas. Enquanto estiveres com ela estarás livre de todos os perigos do mundo e nenhum feitiço te afectará, jamais. Proteje com ela a tua mãe e os teus irmãos.

— Que pedra é esta?

— Uma pedra que recebi nos montes do rio Wussapa.

— Wussapa?

— Sim, em Dombe, onde se situa o santuário de todos os deuses dos bantus do Sul.

A curandeira concentra-se no trabalho e dá recomendações a Vera.

— Este pedaço de água é para dar de beber a todos os teus para fechar todas as portas do mal. Pega nesta porção de areia do monte, nesta erva e neste pedaço de raiz. Mete num balde de água e banha todas as crianças, a tua avó e a tua sogra. Esta é a primeira etapa. Suzy terá o seu tratamento na hora devida.

— Só isto?

— Só, e basta. Regressem em paz, que ninguém desconfiará. Mantenham a mesma calma de sempre.

— E se não der resultado, poderei procurá-la de novo?

— Não precisarão. No momento das dificuldades chamem por mim. Estarei lá em poucos segundos.

Não me verão, porque eu sou a água e o vento. Sou o simples ar que respiram. Regressem em paz que tudo correrá bem.

— Quanto devo pagar por este trabalho?

— Estamos a lidar com vidas. A vida não tem preço.

Vera surpreende-se. Nem ossos divinatórios, nem sangue de galo ou de galinha. Nem kufemba, nem preço. Apenas uma pedra, uma simples pedra, contra todas as forças do mal. Água. Um pedaço de areia. Seres inanimados contra a força do homem. Vera aprende a grande lição: a consciência é a maior arma contra a feitiçaria.

XXXIX

Nesta noite subirei à arena da morte. Nesta noite eliminarei algumas espécies fracas, inferiores e sem sombra, numa orgia excitante.

A mais de quatrocentos quilómetro de casa no império de Makhulu Mamba. David comanda um exército de homens nus, em direcção à floresta de todos os mistérios. Leva consigo Suzy, sua ajudante, para introduzi-la nos segredos da noite. Alcançam o primeiro alvo. Pronunciam encantamentos. Vencem o corpo, vencem o peso, vencem a força da gravidade. Assumem a forma da invisibilidade. Voam e penetram no impenetrável, na esfera interdita, superior, como verdadeiros donos do mundo.

— Makhulu Mamba, Nwamilambo, Domezulu, fazei com que esta noite seja a mais maravilhosa de todas as noites do mundo!

David delira enquanto se prepara para ir em bus-

ca do sangue que protegerá o seu império. Como caçador diabólico lança um grito horripilante. Esboça em seguida um sorriso canibal, a visão purpúrea do sangue à vista fá-lo babar-se abundantemente a ponto de molhar o peito e o ventre.

— Hoje seguro a lança para a minha primeira caça na floresta humana, no cumprimento do grande juramento. Chegou a minha vez de realizar o banquete supremo dos deuses devoradores de carne, invencíveis nos combates. Nesta noite sem lua eliminarei os primeiros dois, porque o senhor dos subterrâneos conferiu-me poderes para castigar os incautos que dormem como cadáveres.

Enganam-se os que julgam que o homem foi concebido apenas para caminhar sobre o solo. Com a árvore do mpfukwa, o homem floresce e voa sem asas sobre a noite e domina. A noite foi feita para os homens perfeitos. Os que dormem nada mais são senão simples ratos, sapos, seres mutilados, incompletos, vivendo uma vida sem emoção.

— Nesta noite dançarei sobre o fogo, rodeado por todos os nobres do reino da noite. Vibrarei na orgia majestosa em honra da minha vitória, e dormirei de uma só vez com todas as mulheres do mundo, incluindo a minha própria mãe, nesta noite do grande espírito, noite de Domezulu. Noé, no dilúvio de água, salvou apenas casais. Eu, no dilúvio de sangue que em breve correrá da minha lança, construirei o meu império, e, na hora de celebração do novo mundo, regarei o banquete com o dilúvio de vinho.

Termina o ritual de invocação. David segura a lança e voa, acompanhado pelo seu cortejo de homens bravos. É noite, todos dormem. A caça será boa e não haverá resistência.

Um cinzento grave cobre o céu de tormentos. O mundo incuba maldição, o ribombar de hoje vai matar alguém!

— Vera, meu anjo, escuta este tropel que vem de longe, escuta! Que horas são?

— Querida sogra, o que se passa? Estás bem de saúde?

— Tenho medo, sinto frio e vertigens.

— Que medo é esse? Que vertigens são essas se, ainda há pouco, não tinha nenhum sinal de mal-estar? Quer que a leve ao médico?

Vera procura descobrir as razões daquele mal-estar. Não encontra nenhuma. Já lá vão os tempos das rivalidades e tensões, e agora são amigas e até confidentes. A mudança repentina de estado de espírito e os medos sem fundamento só podem ser justificados pela idade.

A velha sogra devaneia, delira. Levanta-se e vai à janela. Não vê nada. Desequilibra-se, os pés trêmulos não a suportam e a lançam ao chão. Vera acode.

— Vou já buscar um médico.

— Não, não incomode ninguém por tão pouco. Isto passa. Mas que horas são?

— Vinte e uma horas.

— Vinte e uma? Que horror! Metemo-nos em conversa fiada e esquecemos a hora. Volta já para casa, Vera, as crianças estão sozinhas. Regressa imediatamente.

— Mas porquê tanto medo? Por que quer que a deixe assim, nesse mal-estar?

— Cala-te e ouve. O tropel escuta-se agora mais perto. Há vozes cantando. Tambores tocando. Parece uma marcha, parece uma banda, um desfile, não ouves?

Vera vai à janela e tenta escutar. Vê apenas o céu negro a ribombar e o chão a molhar-se no choro dos mártires.

— Não vejo mais para além da chuva.

— Seja lá o que for, sinto no ar o cheiro do sangue, de morte e de lágrimas. Vinte e uma horas! Tempo em que os feiticeiros se preparam para a grande farra. Disseste-me que David e a filha viajaram. Sabes para onde foram?

— Sei apenas que partiram à pressa, dizendo que iam trazer gado para as celebrações não sei de quê.

Ouve-se um violento estrondo de trovão. A velha estremece.

— É uma bomba — diz a velha. — É coisa do diabo, o inimigo cerca-nos. Vai tomar conta das nossas vidas, em breve estaremos mortos, Vera!

— Não compreendo como um simples trovão pode transtorná-la desse jeito!

— Sinto que chegou a hora fatal.

— Mas que hora fatal? Este é um trovão tão igual a tantos outros!

— Este não é o estrondo da criação, mas da destruição.

A velha segura a nora pelos ombros e sacode-a com uma violência desesperada. Com os olhos fora das órbitas, o semblante é de perfeita loucura. Será ela uma visionária? Profetiza? A história da humanidade está cheia de pessoas enlouquecidas que predizem o futuro. Seria este mais um caso? O estrondo ouve-se novamente, fazendo a velha mergulhar num pânico total.

— Não é nada, mãe, vai ver que isto passa.

— Pode ser. Eu e o Clemente somos os únicos desta família a partilhar do mesmo medo, da mesma loucura.

Vera desperta para a realidade. Clemente. As imagens no espelho. Os sonhos. Os pesadelos. A viagem através dos tempos. A ausência de David e Suzy. Abandona a sogra em delírio e chama por Clemente, mas este não responde, tendo já penetrado na outra

dimensão da vida. Puxa-o pelo braço e o arrasta até ao carro. Parece estar possesso, mas hoje não diz palavras desarticuladas nem grita como antes. A mão direita segura a pedra de Wussapa com punho firme, como um soldado em estado de alerta aguardando o ataque do inimigo.

Põe o carro em movimento máximo, a hora é morta e o trânsito frouxo. Passa os sinais amarelos e vermelhos, a urgência de chegar é enorme, tem de estar em casa antes que qualquer desgraça surja. Passam cinco minutos. Dez. A distância é de cinco minutos apenas, mesmo nas horas de ponta. Hoje demora a alcançar a casa, mas porquê? Não se dá conta de que está a seguir uma estrada sem rumo, muito menos imagina que caminha loucamente ao encontro do destino que a aguarda no fim da estrada. Vera reduz a marcha, trava. Lança os olhos para todos os lados, para identificar o lugar onde se encontram. Tudo é negro. Aqui e ali rectângulos brancos, alinhados, com cruzes erguidas. Estamos na planície do silêncio onde seres humanos dormem o sono que não acaba. Mas como vim parar aqui?

Mimi sente dores no ventre e rebola na cama. A barriga enorme move-se desarticuladamente. Com muita dificuldade arrasta-se para a casa de banho. Senta-se na pia e, no lugar de urina, sai-lhe um líquido viscoso com manchas de sangue. Uma onda de medo fá-la estremecer. Meu Deus, chegou a hora do parto. O fruto do amor vai agora conhecer a luz. Estou sozinha. Mas onde está o meu homem para me dar a mão nesta hora suprema?

David é um homem de boas tradições, sim. A esta hora deve estar em casa, saboreando o calor da família, dando amor aos filhos da esposa, porque esses

são mais filhos do que este bastardo que está para nascer. Por que não me visitou toda esta semana, sabendo que estou nos meus últimos dias? Por que finge dar-me muito amor, para depois abandonar-me quando mais preciso dele, porquê?

Ela sofre o primeiro golpe de amor, o primeiro ciúme. Mergulha no dilema de todas as mulheres que procuram construir o lar com um homem casado. Mas depressa se consola com a imagem do homem que lhe dá amparo, pão e abrigo. Esquece David e pensa em ir à maternidade a pé. Dá dois passos em direcção à porta e perde o equilíbrio porque lhe aparece uma dor mais forte. Lança uivos e percebe que sozinha não chegará a lado nenhum. Arrasta-se até ao telefone e disca o primeiro número que lhe aparece. Do outro lado da linha informam-na que David está de viagem e que a esposa não está em casa. Liga então para a tia Lúcia, mas ela também não está. Como último recurso decide pedir auxílio à secretária particular de David. Ambas se detestam, o que é comum nas mulheres que dormem com o mesmo homem. A secretária particular responde com desdém:

— O que queres?

— Estou a morrer. O bebé está para nascer. Estou sozinha, leva-me para a maternidade.

A secretária particular faz uma pausa e pensa: como eu, ela está sozinha. O mesmo acontecerá comigo na hora do meu parto. Decide esquecer o ciúme. A pessoa que lhe pede socorro é uma órfã de guerra, vítima da vida, apanhada nas margens do rio por um homem rico.

— Está bem, já vou aí. Tenta pelo menos abrir a porta. Que engraçado — ri-se —, vai ser bonito de ver. Uma grávida na última semana de gestação, a acompanhar outra grávida à maternidade e ambas

FACULDADE DE CIÊNCIAS
mulheres do mesmo homem. Em poucos minutos estarei aí, segura-te.

Vera tenta fugir do local sinistro. Põe de novo o carro em movimento, e este faz uma travagem brutal, sem nenhuma razão aparente. Consegue colocá-lo de novo em marcha, e este volta a parar poucos segundos depois, recusando qualquer comando. Ela pensa rápido, esforçando-se por compreender o mistério. Primeiro perdeu o caminho de casa, sem explicação lógica, indo parar no meio do cemitério. O *Mercedes* luxuoso, último modelo, com uma assistência impecável, nunca teve uma única avaria, e não é a primeira vez que o conduz. Pensa na aflição da sogra. A possessão de Clemente. A trovoada nunca vista. Tudo tem características de magia negra. Terá chegado a hora fatal?

Lança os olhos para a natureza que dorme na sua imperturbável serenidade. Não se vê nenhum corpo em movimento. Nem uma massa fluida com a transparência do vento. Olha para o céu, onde vê manchas claras e escuras estampadas sobre o cinzento. As manchas vão assumindo formas fantasmagóricas e parece que caminham para um alvo determinado. Talvez seja um OVNI, pensa Vera. Talvez estejamos a ser visitados por inteligências de outros planetas ou outras dimensões do universo. Tenta buscar coragem no abraço de Clemente, e sente-o rígido e frio como se a alma tivesse abandonado o corpo. Meu Deus, não!

Um ribombar estonteante seguido de um forte clarão transtorna o mundo cegando a vista. E sente que o corpo se imobiliza e gela. Como a mulher de Loth, sente-se transformada numa estátua de sal, porque os seus olhos testemunham o espectáculo da destruição. E sente que caiu num abismo terrível, arrastada pelos tentáculos do oculto.

O vidro dianteiro do *Mercedes* depressa se transforma num ecrã, de onde os ocupantes da viatura observam uma miragem pavorosa. Mãe e filho vêem uma enorme nuvem em movimentos serpenteados. Primeiro ganha a forma de cão. Evolui e agora tem a forma de leão. De dragão. Da cabeça horrorosa do dragão surgem duas fontes de luz, duas estrelas, ou dois preciosos diamantes, retirados do colar do demónio. Mas este dragão tem rosto humano, Vera e Clemente reconhecem-no. Não, não pode ser. Da boca do animal sai uma torrente de fogo e luz suficiente, para colocar em chamas todo o universo. A pata dianteira do dragão atira uma lança de fogo e esta vem caindo em direcção à tela onde mãe e filho assistem ao filme macabro.

— Mãe, vê o mesmo que eu?

— Aquela mão lançando fogo para os nossos olhos é a do teu pai, não é?

Clemente segura a pedra com firmeza, preparando-se para a luta desigual. Quem será o vencedor?

— Sejas tu quem fores, não me atingirás, nem a mim nem àqueles que eu amo — suspira Clemente.

David salta e corre, dominando os segredos da escuridão e das nuvens, mergulhando no mundo do êxtase e do absurdo. Sente que já não é um homem, mas um super-homem, com direito a pôr e a dispor da vida. Se Deus é o criador onnipotente, ele será o destruidor indomável, capaz de transformar o sangue em ouro. E recorda as frases que o encorajaram na noite do juramento:

Vence-me.

Vence também os leões.

E a terra será tua.

Mas a lança atirada há poucos momentos sobre a terra não atinge o alvo. No momento exacto em que ia penetrar a primeira vítima, embate numa pedra que a quebra maravilhosamente. Entra em pânico. Celebrou a sua ascensão a homem-deus muito antes da consumação de todos os actos. Vera, mulher fútil e com cérebro de galinha, ajudada pelos espíritos malditos do filho louco, conseguiu superá-lo. Urdiu sobre ela e sobre os filhos uma protecção de diamante.

A terra jamais será minha. Fui vencido. Para todas as maldições, no reino de Dumezulu não contam os vencidos. No vocabulário deste mundo não existem as palavras compaixão, humanidade, solidariedade. Neste universo de embriaguez de sangue, só se conhecem as palavras vitória, conquista, carnificina, dinheiro, diamante, dólar, libra esterlina, vítimas e deuses. Perdi o trono. Já não sou rei, sou vítima, minha pobre filha, vais morrer também. Por querer deixar de ser quem sou, submeti-me a ser o que nunca desejei: uma vítima. O banquete dos deuses, sempre inadiável, será à custa do meu próprio corpo. Estou arrependido. Pisei o risco, mas não apanhei o petisco. E vou morrer, arrastando também a minha filha mais querida.

— Mas de onde veio o espírito forte, que colocou as minhas vítimas numa arca de água que vence o escuro, transformando o fogo de dragão dos céus numa palhinha acesa que se apaga com um sopro de vento, quem?

Suzy, no seu silêncio, não aceita o fracasso do pai, muito menos o fim da sua vida. Incita o pai à bravura, colocando-lhe na mão uma nova lança.

— Homem cobarde, ergue-te e luta! A mãe, a avó e o Clemente não são os únicos seres ao teu alcance. Levanta os olhos para o infinito e vê as imagens que se projectam! Tens recursos intermináveis! Ergue-te e luta, grande herói!

David ganha moral e levanta os olhos, confiante. A imagem de um carrinho velho, rolando sob a chuva, chega-lhe aos olhos. Na abóbada negra imagens se projectam, vindas do chão. São duas mulheres, ambas grávidas, tentando vencer a barreira da invisibilidade causada pela chuva intensa.

Maldita chuva! Por que decidiu ela cair exactamente neste momento de urgência? A secretária particular respira fundo e amaldiçoa a hora em que aceitou socorrer aquela infeliz.

O *Volkswagen* vem da zona baixa e tenta subir a estrada montanhosa que vai dar à porta da maternidade. A viagem está difícil, a chuva é intensa, a estrada escorregadia, os pneus gastos, a subida íngreme, o motor velho e o nervosismo enorme.

Mimi está de pernas abertas e a cabecinha do bebé espregueada. Lança gritos infernais, deve ser das dores. Mas ela aponta o dedo para o céu através do vidro da frente. A secretária particular também vê. Uma mão enorme, gigantesca, lançando-lhes um punhal de fogo.

— Mimi, estarei a enlouquecer?

— Também eu. Vejo a mão de David atirando-nos lanças de morte. Reconheço a cicatriz no dedo médio. O risco negro no polegar. O anel de ouro com cabeça de dragão. E por que faz isto connosco, porquê? — diz Mimi.

— Bem dizia a minha mãe: filho bastardo em família de feiticeiro é carne para cão.

Em pânico, a secretária particular larga o volante e o carro começa a resvalar, sem norte. Vai até à berma da estrada e capota no aterro. A queda decepa os braços de Mimi, rasgando-lhe também o ventre, de onde a criança é projectada para longe, mas já morta. A se-

cretária particular fica com a cabeça esmagada, e o filho por nascer coloca a cabeça para fora, respira o cheiro do novo mundo e morre, sem suspirar nem chorar.

O cortejo macabro lança gritos de vitória, enquanto David dança à volta das vítimas recém-tombadas. No lugar de duas vítimas, David ofereceu quatro: duas mulheres jovens e belas, duas crianças na hora de nascer.

Vera e Clemente estão em casa, são e salvos.

— Que pesadelo terrível nós passámos. Sentes-te bem, Clemente?

— Melhor do que nunca. Sinto que cumpri a minha primeira missão. Finalmente acabei descobrindo a minha identidade.

— Mas que mau sonho!

— A mãe chama a tudo isto um simples sonho?

— Prefiro acreditar que tudo o que vivemos até ao momento não passa de fantasia. Achas que o teu pai era capaz de atirar-te uma lança de fogo?

— A partir do momento em que ganhei consciência de mim mesmo, pressenti que o meu pai desejava a minha morte. As visões que ambos tivemos são iguais às que sempre tive em dias de trovoadas.

— Mas falavas de uma criança mutilada caindo do céu. Isso não tem nada a ver com o que se passou connosco.

— Houve gente morta, sim.

— Como? Onde?

— Enquanto a mãe fechava os olhos afastando-os do terrível, as imagens projectavam-se no espaço.

— E quem são essas pessoas?

— Um dia saberá.

— Mas será justo acusar de assassinio um homem que nem sequer está presente?

— O assassinato por feitiçaria tem um modo de se camuflar.

XL

Clemente dialogava com a sua alma, que o incita à acção. Só pode agir quem está armado. Aproxima-se da mãe e dá-lhe um abraço e comunica-lhe a sua decisão.

— Mãe, eu quero servir a Deus como curandeiro. Vera, apanhada de surpresa, fica boquiaberta.

— O quê?

— Quero aprender todos os segredos da magia, do antifeição. Faça-o por mim, por ti, por toda a família.

— Enlouqueceste?

— A magia negra impera. Por todo o lado há crimes rituais, incesto, mutilações, mortes, desespero. Gente de todos os estratos sociais busca alicerces na magia negra, para subir na vida sacrificando os parentes, os amigos e até desconhecidos.

Vera sente-se responsável por aquela decisão. Condena-se. Censura-se. Uma boa mãe não leva os filhos por caminhos escuros. A visita à senhora do monte influenciou negativamente o pensamento de Clemente. Tenta persuadir.

— Ser curandeiro é viver coisas do tempo que o vento levou. É dizer não à ciência, será que não percebes?

Existe razão nos receios de Vera. Ser curandeiro é desprestigiante nas nossas mentes alienadas. É invocar conhecimentos e tradições que se pretendem banidas desde os tempos da inquisição europeia. É resgatar o ser e o saber de um povo desprezado.

É dominar o conhecimento sobre a vida e sobre a morte. É ser procurado às escondidas por pessoas que recusam a sua identidade, mas que recorrem às raízes do seu ser quando a vida aperta. É arriscar-se a ser hostilizado e condenado pelos senhores do mundo.

— Mãe. Se os que cuidam da vida no céu têm um lugar ao sol, porquê hostilizar os que cuidam da vida na terra? Ensinaram-nos a rejeitar até a cor da nossa pele. O nosso ser e o nosso conhecimento tornaram-se folclore aos nossos próprios olhos.

— Pensa bem, meu Clemente.

— Ficarias mais feliz se eu decidisse ser médico. Mas eu quero ser nyanga. Nyangas e médicos estão juntos na luta pela saúde do mundo. Ficarias ainda mais feliz se eu decidisse ser padre. Nyangas e padres são ambos médiuns, estabelecendo a comunicação entre os deuses e os homens, ambos lutando pela preservação da vida. Não há razão para lutarmos uns contra os outros como soldados inimigos trajando uniformes invisíveis.

Vera perde as palavras. Oferece ao filho uma expressão ausente como a das pedras.

— Quero ser missionário dos espíritos. Pregarei a boa nova para que as pessoas não se deixem arrastar como cegos nos abismos da magia. Hei-de fazer conferências na rádio, televisão e escolas, para que todos saibam procurar a chave certa nos momentos de aflição. Depois da minha formação vou construir um grande templo, e abrir as portas para consolar todos aqueles que sofrem.

— Os teus nomes determinaram a tua personalidade. És mesmo o Clemente, cheio de misericórdia. És Mungoni, o guerreiro!

— Um curso de curandeiro vai de três a cinco anos, tempo de uma graduação em qualquer acade-

mia do mundo. Terás orgulho de mim, juro-te. Reza por mim. Vou partir antes do pôr do Sol, adeus.

— Para onde vais?

— Para o monte. Regressarei em breve, o tempo passa depressa.

Aquela partida sabe-lhe a dor de parto. É difícil ver um filho a separar-se da gente. Há sempre o receio de que o filho se magoe pela estrada fora, sem preparação para a vida, sem segurança, sem formação nenhuma.

David recebe uma carta de despedida com poucas palavras. Faz cara de preocupado, mas no fundo sorri. É bom que o filho tenha partido, porque atrapalha.

XLI

Encostada à janela, Vera persegue a chave da felicidade perdida no cantos mais escondidos do horizonte. Reprime a dor e as lágrimas. Sonha. A sogra espia-a em cada passo.

— Bom dia, minha Vera!

A voz cai-lhe na alma atormentada como uma gota de água fresca.

— Dormiste bem, minha Vera?

Ela relaxa os músculos, o corpo. Cerra as pálpebras e mergulha no interior do seu ser e as lágrimas correm dos olhos fechados. Dentro da alma deve ser negro. Dentro da alma deve haver uma ferida do tamanho do mundo. A sogra segura-lhe a mão e faz uma carícia. Ela abre os olhos e lança-os para o mar, para o infinito. Vê bandos de gaivotas voando no céu. Velas dos barcos explodindo ao vento. Mulheres entretidas na pesca do camarão.

— Das cem ovelhas de Cristo perdeu-se uma —

diz a sogra. — Ele largou o rebanho e procurou a ovelha perdida, por vales e montes. E encontrou. Não se deixou morrer por a ter perdido. Dos quatro filhos que tens, um partiu em busca de um caminho enquanto outra perdeu o caminho. A busca da ovelha perdida é agora a tua razão de viver. Vamos, põe um sorriso nesse rosto. Põe um manto de seda sobre a podridão que arruína a tua vida e não deixes que ninguém espreite. Não dês ao mundo razões para zombarem de ti. Vai à rua e brinca como as crianças e fecha os olhos para a realidade que morde.

— É tão difícil, mãe! — responde Vera com voz amarga.

É difícil, sim, reconhece a sogra. Por vezes o lar são duas almas inimigas presas por um juramento, que se detestam, partilhando o mesmo tecto, a mesma cama, a mesma mesa. São dois caminhos, duas visões do mundo, dois destinos antagónicos, que se martirizam, cada um tentando persuadir o outro sobre a verdade do seu mundo.

— Lava essa máscara de tristeza que te afunda a alma. Olha para a criança que ri. Para a flor que desabrocha. Para as folhas que dançam. Para a vida que passa. Vence a tristeza e sorri, minha Vera!

Vera sorri. Marido e mulher estão a par das traições de um e de outro, mas cada um se esforça por ignorar as realidades que estão à vista.

David traiu a mulher, os colegas, os operários e a própria filha. Está mais preparado que nunca para trair o mundo. A única traição de Vera foi consultar curandeiros para resolver os problemas da família. O crime de Vera é grave porque as mulheres devem ser especializadas em fidelidade e os homens em traição.

No caminho de Vera a luz enfraquece. Como um caracol, vive dentro de sua concha e demite-se de

tudo o que a rodeia. Abandonou os perfumes, os cremes, as sedas, o cabeleireiro. Nunca mais renovou o seu guarda-roupa. Sente-se à beira da loucura. Emagrece.

— Apece-me pegar numa arma de fogo — diz Vera —, num machado, e rebentar com o jardim zoológico nas traseiras da casa e acabar com todo este tormento.

— E o que ganhas com isso? — A sogra reprova. — Derrubar mutundos e templos ndaus é provocar fúria de consequências imprevisíveis. Não queremos novas vítimas.

— Queria tanto vencer este mal.

— Vitória é violência. Não vale a pena. É melhor convencer do que vencer. O convencido enterra as armas e abandona a guerra. O vencido resiste, regenera-se, vinga-se.

Derrubar a casa é eliminar os efeitos deixando as causas, raízes espinhosas que germinarão na próxima estação. Não há vitória na vida. A vitória não é alcançada pelos mortais. Não há conquista na vida. A ilusão da conquista é um jogo aliciante em que os humanos se envolvem desde o princípio do mundo. David, animado com ideais de conquista, caminha em passos rápidos para o poder. Comprou uma fábrica, terras, propriedades, e a política é a sua nova ambição. As eleições estão à porta e ele sonha com um lugar ao sol, no parlamento ou na prefeitura. Prepara novos rituais e vítimas a oferecer aos deuses da vitória. Vera está cada dia mais desesperada.

— Mãe, como vencer este mal?

— Reza. Reza muito. Reza ao amanhecer, ao anoitecer. Reza nos teus sonhos, na tua vigília, nos teus devaneios. Reza. Busca alento no poder da invocação. A oração tem poder libertador, sabias, Vera?

A mulher tem três mortes longas e uma vida curta, diz a avó Inês. Na primeira e última morte, mulher noiva e mulher cadáver, vestem-se de branco, de renda e seda, com véu de tule cobrindo o rosto. Em ambas as mortes há muitas lágrimas, muitas canções e emoções. Há flores de todas as cores e beijos de adeus para sempre, amor da minha alma. A segunda morte ocorre quando o corpo da mulher se torna semente, desce à terra e se semeia, incha, explode e sangra, multiplicando-se em muitos outros seres ganhando uma nova razão de existência. Vivo apenas pelos meus filhos — dizem as mães —, não existo.

Vida tem a mulher no ventre da mãe e na infância de sonhos — diz a sogra. Tinha, porque agora não tem. Nesta era da tecnologia, a ecografia mostra o sexo do feto. Então as mães desalojam as raparigas do universo uterino. Abortam. Dão aos pequenos seres uma morte piedosa para evitar o suplício de amanhã, verdadeiras activistas da paz. Mas a sociedade condena o aborto porque o considera crime. Que autoridade tem o mundo para condenar a mulher por querer evitar uma dor que só ela vive e sente?

O planeta Terra encontra-se envolvido num conflito sem fim. A vida colocou o homem e a mulher como eternos rivais, digladiando-se na arena da vida. Estamos na era atômica, o mundo está quase a desabar. Outro aviso ao criador: se tiver que reconstruir o Éden que todos os seres sejam completos, incluindo a humanidade. Que sejam hermafroditas. Masculino e feminino no mesmo ser, para se atingir a perfeição suprema e com ela a paz por todos desejada, sem disputas, nem desilusões, nem desgostos de amor.

Mas é bom ser mulher — diz Vera no seu delírio —, sentir a dor de parto. Colocar o recém-nascido no peito. Participar na multiplicação da humanidade. Se a maternidade não fosse bela, não teria dor nenhuma e a vida só se torna gostosa quando a morte existe.

XLIII

Faz hoje doze meses que Clemente saiu de casa para ser curandeiro. Nunca deu sinal de vida. Por onde andarás, meu Deus, este filho que nunca mandou uma cartinha de saudade? Vera pega numa folha de papel e escreve um poema: Clemente, onde quer que estejas, saiba que te amo muito. Recorda o correio de saudade dos velhos tempos. Procura uma garrafa, enfia o poema dentro dela. Fecha-a com uma rolha. Prepara-se para ir ao mar para entregar a mensagem às ondas que a farão chegar aos cantos mais secretos do mundo onde Clemente se encontra.

A avó Inês desperta com saudades do mar. Pede a Vera que a leve à beira do mar para uma prece. Vera faz-lhe a vontade e caminham a pé. Pelo caminho fala das maravilhas do mar.

— O mar é um mundo, Vera. No mar há vida. Há montanhas, plantas, vento e peixe. Há vida humana nas profundezas. No mar vive Deus. O mar é um paraíso. O mar é azul, não é, Vera?

— Sim, é.

— Azul é a minha cor preferida.

— Ai é?

— É. Sabe porquê?

— Não.

— Azul é a cor da nobreza. É a maior cor da natu-

reza. É a cor do céu e do mar. É a cor dos espíritos das águas. Deus é azul, sabias, Vera?

Vera diverte-se com a comparação. No céu azul vive o deus dos brancos e no mar azul vive o deus dos bantus. Sem dúvida, Deus é azul. Ri-se. A avó Inês é sempre assim. Diz palavras desconexas. Anedotas. Diz verdades e fantasias à mistura. Gracejos. Ela celebra a vida com sorrisos. Tem a sua maneira de gozar a beleza da última idade.

— Pensei que Deus fosse branco.

— Nem branco, nem preto, mas azul. De que estava eu a falar?

— Do mar.

— Sim, o mar. O mar atrai, chama. O mar embala e mata. O mar acolhe e cospe. Conforta. A brisa do mar refresca o corpo e a mente, cura as doenças nervosas, tranquiliza. Que seria da nossa vida sem o mar?

— Não sei, não sei.

— Os meus irmãos atiraram-se às ondas do mar como quem se atira aos braços da mãe e repousaram eternamente. Na nossa casa, o mar é cama e sepultura. Nunca houve campas.

Na memória de Vera começam a gravitar histórias de espíritos emergindo das águas. De gente vivendo no fundo do rio ou do mar. De rituais à beira do mar para resgatar gente raptada pelas ondas. De gente que venera o mar e lhe atribui onipotência e onnipresença. Nas bermas dos mares e dos rios se realizam a maior parte das cerimónias de iniciação do oculto. Baptismos. Celebrações de graduação espiritual. Funerais no alto mar. Fantasmas do mar. Monstros do mar. Crocodilos do rio Zambeze que falam a linguagem humana, que comem gente em sacrifício e raptam outra para os rituais das águas. Tribos que não comem peixe porque é a personificação dos espíritos. Ngungunhana não comia peixe. Muitos changanes e

ngunis não comem mariscos, porque tudo o que vem das águas é sagrado.

Chegam ao mar. A velha descalça-se e mergulha nas águas ribeirinhas. Diz palavras de encantamento que só ela entende. A voz cansada e vagarosa faz ressonância nas ondas.

De repente a velha extasia-se.

— Vera, Vera, não vejo nada. De repente o Sol se apagou. Vejo apenas a noite, o mar cinzento e as estrelas.

Vera corre em socorro da avó que avança enlouquecida em direcção às águas profundas.

— Vera, ouves essas batucadas que vêm do fundo do mar? Vês aquele fogo sobre o mar? Vês aqueles lençóis brancos estendidos a secar sobre as ondas? Vês aquela gente, dançando no alto mar à volta do fogo?

— Avó, vamos para casa.

— Eles falam do Clemente, Vera. Eles chamam pelo Clemente. Estão a dar notícias do Clemente.

— Eles?

— Os ngunis. São eles, reconheço-os.

Vera luta por arrastar a velha que se afoga. A velha é muito mais forte do que pensava. Grita por ajuda. Dois pescadores vêm e ajudam-na. A velha entrou no delírio, vítima da sua própria invocação.

Já em casa e em segurança, Vera pede à avó Inês que lhe fale das visões sobre o mar.

— Clemente está vivo e vai entrar no fundo do mar. Os ngunis chamam-no.

Vera recorda o passado da família da avó Inês. Gente morrendo no mar. Desaparecendo no mar. Gente com espíritos do mar. Gente que afirma ter vivido muitos anos no fundo do mar. As palavras da velha são delírio mas podem ser profecia.

A velha fala dos segredos do mar. Ensina as pala-

vras mágicas para invocar os deuses do mar. Conta todas as histórias sobre a vida no fundo do mar.

Vera regressa ao mar e se abeira. Atira a garrafa de saudade que as ondas arrastam. Ensaia as palavras de invocação acabadas de aprender. Grita-as. De repente sente uma dor forte do lado esquerdo do corpo como se acabasse de ser agredida por um bastão. No cérebro correm-lhe estrelas. Desaparece-lhe o Sol e vem a noite e a Lua. Os olhos abrem-se para horizontes nunca antes imaginados. Vê fogos, danças, movimentos e roupas a secar sobre as ondas. E vê a imagem do filho no fundo do mar falando de amor e de saudade.

— Clemente!

Ela corre em direcção ao filho, para tomá-lo nos braços e matar a saudade. Corre na estrada de água como se estivesse no asfalto negro. Os pescadores largam o trabalho e socorrem a mulher do ricaço gordo que se afoga. Amarram-na e levam-na para casa. Vera acaba de entrar na loucura total.

XLIV

Sentado à beira do lago, Clemente celebra o seu primeiro aniversário de iniciação espiritual. Olha em volta. Aldeia rural. Casas rústicas de adobe e palha. Pássaros dançando a melodia feliz. Águas azuis correndo serenas. Frescura da natureza. Está numa aldeia de mestres e estudantes. Uma academia. Um convento. Todos os colegas recebem visitas de amigos e família orgulhosos da formação dos filhos, menos ele. O mundo de onde vem é hostil ao seu próprio saber, às suas próprias instituições de formação superior.

Mas ele gosta de estar ali, porque é amado e respeitado.

Foi um ano de aprendizagem e adaptação à vida. Nunca antes se imaginara a viver numa palhota sem conforto nem electricidade. Cortar lenha como um camponês. Andar descalço. Comer à mão. Dormir e despertar à hora dos pássaros. Aquecer-se na fogueira quando tem frio. Sente que o esforço vingou. Descobriu que a vida tem mais encantos nas coisas simples. Nunca sequer pensara na hipótese de fazer estudos superiores baseados na memória, sem compêndios nem manuais. No mundo da grande magia a escrita não é permitida, porque um livro de magia nas mãos dos insensatos pode constituir perigo para a tranquilidade pública.

Sente-se realizado com os seus estudos. Já sabe muito sobre o espiritismo ndau. Conhece já a língua, os ritos, os símbolos e as magias. Vasculhou as matas e conheceu a alma dos animais e plantas. Descobriu a alma das pedras e das águas. Aprendeu, com distinção, as lições sobre as verdades grandes e pequenas, segredos grandes e pequenos. O ano que segue será dedicado aos estudos nguni, na escola do fundo do mar.

Causa-lhe arrepios imaginar-se no fundo do mar, na forte impulsão que fará o seu corpo, tão leve como o peixe. Pensa no frio que o vai gelar. Nas algas que terá que comer. Nas cavernas marinhas onde terá que viver. Nos tubarões de que terá que fugir. No sal que vai queimar a sua pele sem escamas.

Os mestres de espíritos dizem que todo o homem é peixe, porque vem do ovo, do ventre, do oceano placentário. Viver no fundo do mar não é mistério, dizem eles, mas uma readaptação do corpo à vida uterina, cuja fórmula pertence aos grandes segredos que não devem ser revelados nunca.

Pensa na família. Se partir para o fundo do mar viverei mais dois anos de saudade. Pensa no pai que engordou. Nos irmãozinhos que cresceram. Na mãe violentada psicologicamente até atingir a loucura. Na Suzy usada e abusada sexualmente em cada noite.

Olha para a sua imagem reflectida no lago. Uma névoa ofusca a vista. Esfrega os olhos para clarear a vista e volta a espelhar-se. Vê o pai gritando e sangrando. Vê a Suzy correndo apavorada pela estrada fora. Vê a bisavó sorrindo para ele. Vê a mãe surgindo do fundo do lago, correndo de braços abertos ao seu encontro. Dá um mergulho ao encontro da mãe atraído pela saudade. Grita. O mestre espiritual corre em seu socorro, mergulha e salva-o, porque se afoga. Trá-lo de volta à terra e reanima-o.

A consciência de Clemente desperta para a realidade. Lembra-se dos pesadelos dos dias de trovoadas. Lembra-se das visões que ele e a mãe tiveram com os poderes paranormais emprestados pela senhora do monte. Alguma coisa de grave está para acontecer. Desesperado clama por ajuda.

— Mestre, que significam estas visões?

— Que chegou a hora de agir. Corre, vai e resgata a felicidade que te foi roubada na flor da vida. Levanta-te e arma-te para a guerra. Nesta noite o inimigo dormirá um sono que não acaba. Vai!

Clemente ergue-se num salto e prepara as armas. Num saco coloca corais, conchas, estrelas-do-mar, ossos de peixes pré-históricos, sebos de animais marinhos, raízes e folhas de plantas aquáticas. Leva animais terrestres cujos nomes não se podem revelar. Leva também uma lança de cabo curto do tempo dos guerreiros de Shaka. Leva no peito a inspiração, a coragem e a certeza de vencer.

Vai à base da árvore sagrada e reza:

— Espíritos da terra e do mar, espíritos do pai e da

mãe, despertai. Senhora dos montes, senhora de todos os poderes, vinde em meu auxílio. Deuses do céu e da terra, defuntos antigos e recentes, ajudai-me, dai-me vitória nesta guerra.

A senhora do monte surge como uma brisa e sussurra-lhe com doçura.

— Chegou a hora, o fruto está maduro. Vai, todos os espíritos estão contigo. Diz a todos os ímpios o que não gostam de ouvir. Esfrega-lhes pimenta nos olhos e ensina-os a ver o que não sabem ver. Muda o curso das suas vidas e mostra-lhes a razão e a sua face de cão, e de traição. Os bons espíritos lutam pelo homem justo. Traz a cabeça do tirano como troféu.

XLIV

Clemente sai de Sábie por volta das quinze horas. Caminha longa distância a pé no carreiro de sol e poeira até à estrada. Apanha boleia de camião até ao terminal dos autocarros. No lugar do autocarro vem outro camião que carrega pessoas, animais, carvão e lenha. Não se incomoda com o desconforto.

Chega à porta de casa. Transpira. Um frio repentino gela os ossos. É do medo. Respira fundo e ganha coragem. Olha para o relógio. Falta pouco para a meia-noite e tudo está em silêncio. O guarda, desesperado, ronda todos os cantos da casa. Mal vira as costas, Clemente salta as grades e entra como um ladrão. O cão excita-se, pressente que alguma coisa se passa, mas no lugar de ladrar abana a cauda e encolhe-se no seu canto. O guarda pára diante do portão. Pelas costas, Clemente sopra-lhe um pó branco. Ele vira-se para entender o que se passa. Vai a tempo de ver um

vulto e compreender que é uma invasão, mas não consegue agir, porque uma vertigem repentina o deruba e cai como um fardo.

Clemente corre para um canto e acende carvão que, já rubro, é distribuído em quatro panelinhas de barro, onde coloca incenso que arde provocando uma terrível fumaça, como se um nevoeiro repentino tivesse atingido a casa mais rica da avenida. Coloca uma panelinha ao nascente, para os espíritos dos vivos. Outra ao poente, para os espíritos dos mortos. Outras ao norte e ao sul para os espíritos ausentes e presentes.

Espalha os corais, as conchas, pedras marinhas e estrelas-do-mar pelo perímetro do grande quintal. Vai à base da árvore e acende uma fogueira de lenha. Ajoelha-se e reza. Segura o galo negro, símbolo dos grandes combates. Ergue-o à altura da testa e separa a cabeça e o corpo com a forças da mãos. Pronuncia rezas, encantamentos, invocações enquanto o corpo é regado de sangue. Da fogueira acesa a mamba negra ergue-se e assobia em movimentos de vitória. No lugar de cada concha, de cada pedra marinha, vultos ganham forma e movimento. São guerreiros ngunis, deuses da terra e do mar, da floresta, do céu, do subterrâneo, que ouviram o chamamento e vieram ao combate.

Vai à porta da cozinha e abre-a sem dificuldades. Entra no corredor. Coloca debaixo da porta do pai, da bisavó e dos irmãos a droga que faz dormir o sono das pedras. Entra no quarto de Suzy que dorme um sono tranquilo. Sopra-lhe nas narinas a droga do sono. Espalha sobre o corpo uma solução purificante e protectora que elimina todos os feitiços. Penteia-lhe o cabelo com um pente de espinhos de ouriço, para lavar o cérebro e eliminar as loucuras da mente. Asperge-lhe o líquido no rosto. Os olhos de Suzy acen-

dem como faróis adormecidos há séculos. Obriga-a a beber o líquido que lava todos os feitiços ingeridos.

— Clemente!

— Fala baixo!

— Onde andaste durante este tempo?

Os dois irmãos abraçam-se com muito carinho e muita saudade. Clemente conta as suas aventuras. Diz coisas maravilhosas de que ela nunca ouviu falar. Fala de amores, paixões e sonhos. Fala do mar, dos montes e de aventuras sem fim.

— Fala-me de ti, Suzy. Fala-me dos teus sonhos, teus planos, teus amores e paixões.

Suzy desperta. Não consegue ter uma ideia exacta do que a sua vida é. Sente calor e frio. Vergonha. Nojo de si própria. Descobre em si a serpente do paraíso traindo a sua própria criadora. Sente o corpo a arder num fogo invisível. A sua vida é um vazio sem sonhos nem realizações, cheia de histórias macabras.

— Clemente, diz-me. Como pude chegar a este ponto?

— És vítima. Não tens culpa de nada, foste coagida. És menor de idade.

— Que espécie de pai temos nós, Clemente?

— Suzy, minha Suzy. Gostaria de levar-te a um mundo onde não há maldade, onde possas dormir, sonhar e viver, porque compreendo o que tu és, quem tu és, e o que queres ser. Gostaria de te libertar de todos os pesadelos deste mundo.

— Quero sair daqui.

— Foge. Vai a casa da avó Júlia e esconde-te. Depois levo-te a um lugar seguro.

— Agora?

— Daqui a pouco. Quando o Sol nascer fugimos. Agora dorme, que é muito tarde.

Clemente diz umas tantas palavras de embalar e Suzy dorme como uma pedra. Olha para o relógio.

São quase duas da madrugada, altura em que os feiticeiros regressam dos voos nocturnos. Hoje a casa está vedada e não entrará nenhum. Vai ao quarto de hóspedes, para repousar um instante e aguardar a hora. Vera está deitada na sua cama de louca, amarrada, amordaçada, para que não fuja de noite enquanto todos dormem. Dorme um sono atormentado, lê-se na expressão do rosto. Clemente suspira de mágoa e desamarra-a. Cuida do seu corpo para que os feiticeiros se afastem.

— Minha mãe! Amarrada como gado, és a próxima vítima para o sacrifício.

Vera não responde, mergulhada no seu sono de louca. Apenas ouve uma voz falando-lhe ao ouvido.

— Desperta, mãe, e escuta os segredos do meu coração. Venho de longe, trago felicidade e paz na ponta da minha lança. Quando decidi servir a Deus como curandeiro, vi a cor do teu rosto: vermelho. Cansado. Contrariado. Desanimado. Aprendi a abrir caminhos e a varrer espinhos. Estou aqui, mãe, para concluir a missão por ti iniciada.

Quando a voz cessa, o vazio e o silêncio despertam os sentidos de Vera. Ganha a sensação de estar a regressar de um mundo sem história, nem memória.

Quatro horas da manhã. Clemente bate à porta do pai. David desperta e olha para relógio. Corre para o quarto da filha.

— Desperta que está na hora. O que te deu hoje para dormires tanto?

— Adormeci tarde.

— Porquê?

— Estava a pensar. De repente deu-me vontade de experimentar a vida de toda a gente. Ter um namorado. Casar. Ter filhos.

— Casar? Não és feliz aqui?

— O pai casou com a mulher que quis. Teve os filhos que quis. Está a viver a vida que quer.

David enerva-se. Não esperava ouvir revelações àquelas horas da manhã.

— É justo. Se um dia decidires casar, não me traga um branco como genro. Que seja um negro, mas daqueles que compreendem as nossas tradições.

— Nem negro nem branco. Apetece-me um monhé, só para ver como é.

— Mas o que te deu para agir desse modo?

— Apetece-me ter a minha vida.

David grita obscenidades que Suzy retribui com lágrimas nos olhos. Olha para o pai e se assusta. O homem adorável de há poucas horas é agora um fantasma, um monstro medonho.

— Falei de casamento por brincadeira e eis que o senhor me agride. Vivi sempre neste mundo de silêncio e obediência, desempenhando papéis obscuros que não têm nada a ver com a minha idade. Que espécie de pai é este que nem deixa sonhar?

— Se me desobedeces deserdo-te.

— Não me fale de herança, pai, porque esse dinheiro me pertence. Fez de mim seu alicerce. Usou-me. Conseguiu tudo o que queria porque assentou o seu altar sobre o meu corpo. Não brinque, pai. Não me ameace. Quando o Sol nascer irei ao banco levantar todo o dinheiro que quero, porque hoje vou mudar de vida.

David usa a sua força de homem. Agride. Suzy defende-se como uma louca. Arranha, rasga, sangra e solta-se. Armada com um bibelô de porcelana atinge a cabeça do pai, ferindo-o. Desesperada, Suzy sai de casa e corre pela estrada fora. David, de roupa coberta de sangue, percorre a estrada fria, perseguindo a filha. Ela é leve, voa, David não a alcança. Clemente vai à casa dos fundos e abre a porta do zoo.

David regressa a casa transtornado e corre para o ritual da manhã. Um guerreiro bravo vigia a porta aberta. Apanha um susto terrível, quem é este homem e de onde vem? Recua. Foge. Vai buscar as chaves do carro e corre para a garagem. Abre a porta do *Mercedes-Benz*. A mamba negra enrolada no volante ergue-se ameaçadora. David tenta fugir, mas a cabeça da mamba cai-lhe nas costas como um açoite de cavalo-marinho. Lança um grito desesperado, as mambas não batem, mordem, que espécie de mamba é esta? Corre para a esquerda, para a direita, para dentro de casa, para o quintal. A cobra persegue-o por todo lado e chicoteia-o implacavelmente. Nos seus olhos, a cobra cresce e se alonga, ganhando o comprimento do mundo. Grita, uiva, despertando as crianças, a vizinhança, atraindo a atenção dos viandantes da estrada grande. Pede a todos que o salvem da cobra. Em vão. Decide sair de casa e fugir a pé pela rua fora. Corre para o portão. No momento de abrir uma mão forte impede-o, obrigando-o a voltar atrás. Abre os olhos rubros e vê: a casa está rodeada de guerreiros ngunis, ferozes como leões. Deus meu, mas quem armou este exército, quem armou esta cilada, este cerco?

Já não consegue mais fugir, as pernas cansaram-se. Senta-se na entrada da casa. Entra em delírio e confessa em voz alta todos os roubos, crimes, traições, planos.

Na casa dos fundos a serpente tira a cabeça para o ar fresco e experimenta a liberdade. A coruja saboreia a frescura e voa feliz rondando a casa. A serpente, na sua marcha, arrasta a caveira sua companheira até à entrada principal onde David chora as suas mágoas.

Os trabalhadores da madrugada passam e olham. Não se espantam. Comentam. Onde há riqueza em demasia há segredos e mistérios. As mulheres, desfilando na estrada grande, param, olham, murmuram, criam fantasias, gritam, insultam. Gozam do espectá-

culo, e decifram enigmas antigos. De um lado o baú da vida e do outro o baú da renda, o que escolhes? Vale mais a vida que a renda.

Por todos os cantos vem gente para assistir ao incrível e em pouco tempo o palácio de Vera e David é rodeado por uma multidão assanhada, histérica, exigindo a morte dos feiticeiros. Os operários da fábrica dissolvida armam-se com paus e pedras dispostos a fazer justiça pelas próprias mãos. Ninguém impede um cidadão de ter em sua casa animais de estimação — diz o chefe da polícia. Também não há lei que impeça o povo de abater um animal perigoso para a tranquilidade pública, diz o povo. Deixem-nos ao menos matar a serpente.

As pessoas precipitam-se para o quintal, para o jardim. A polícia distribui bastonadas para impor a ordem, mas a sua acção não surte efeitos. Gente sangrando, ferida na confusão. Gritos. Sirenes. Ambulâncias transportando feridos. O chefe da polícia pede reforço da polícia de intervenção rápida para conter a histeria popular e evitar vítimas, na casa assombrada há velhos e crianças. A polícia de intervenção chega rápido e prepara gás lacrimogéneo para dispersar a confusão. O povo furioso desfaz a serpente em papas numa fracção de segundos. O mocho pia desesperadamente e desaparece no arvoredo. Fica apenas a caveira com o seu sorriso eterno. O povo dispersa, saciada a sanha.

XLVI

Da sua varanda Vera tem momentos de lucidez. Assiste à manifestação popular com um sorriso de júbilo. No seu delírio de louca, dialoga com Clemente, com

a mulher do monte, a cozinheira, o jardineiro. Celebra o amanhecer. Tudo nasce e tudo morre, e o que não morre tem mistério. Os problemas naturais não necessitam de soluções sobrenaturais. Os que amam a riqueza escalam o céu com pernas de pau, porque pensam que as estrelas são diamantes. E quando caem ao solo, desiludidos, consolamo-los a rir com palavras de dor.

Clemente aproxima-se do pai, desesperado. Abraça-o.

— Meu Clemente!

— Querido pai!

Abraçam-se com fúria e emoção. Choram. Largam-se. Reidentificam-se. Os olhos silenciosos de cada um tentam compreender, interpretar ou adivinhar o que vai na alma do outro.

— Feliz regresso, meu filho. Vieste num dia tão mau!

— Vim quando soube do sucedido. Vim para dizer que o compreendo. Que o estimo e admiro. Compreendo também a mãe e a Suzy. Vim para dizer que perdoou tudo, tudo!

— Onde estavas?

— A estudar. Estou a aprender magia. Quero especializar-me em antifeitiço.

— Tens alguma coisa a ver com tudo isto?

— Sou Mungoni, o pai sabe disso. Venho de longe. Sou a encarnação dos espíritos ngunis. Usei as armas de Dumezulu, a trovoadas, para castigar todos os que provocam a ira dos deuses!

David não acredita no que ouve. É demasiado humilhante um pai ser castigado pelo filho. Recupera a sua máscara de arrogância. Do fundo da alma surge-lhe o fogo devorador. O peito é uma caldeira de rai-va prestes a explodir.

— Traíste-me!

— Libertei-te!

A consciência do mal cai-lhe nos ombros com o peso do mundo. Este soldado com que se debate é o próprio filho. Um filho que perdoa ao pai. Que ama a mãe. Que protege os irmãos. Que assume o papel de pai e defende com unhas e dentes a felicidade da família. Este filho não nasceu de mim, ele veio do azul, do alto. Suspira fundo e liberta a raiva, como um balão perdendo o ar. Só lhe resta pedir perdão.

— Vieste em boa hora. Fazes de mim um homem orgulhoso e feliz. A família precisa de ti, Clemente, não a abandones agora. Cuida dela como sempre fizeste.

— Porquê essa linguagem de despedida, pai?

— O feitiço suportou o meu sonho. O feitiço afundou-o. Chegou o fim do meu império.

David entra em delírio e lança-se nos braços do filho como uma criança perdida.

— Meu Clemente, tu que te especializaste em assuntos da vida e da morte, diz-me se há alguma verdade em tudo o que andei a acreditar durante anos. Fala-me da eleição espiritual. Será que existe? O meu avô morreu em negócios spiritistas. Meu pai também. Sinto que vou morrer assim. Makhulu Mamba, meu sumo sacerdote, matou sete filhas. Eu preparava-me para matar a tua mãe na próxima lua cheia.

— Pai. O seu conflito explica-se com três palavras apenas: a natureza, o bem e o mal. Cada um escolhe a renda ou a vida, de acordo com as marcas da sua natureza.

David faz uma pausa de silêncio para ganhar fôlego. Lança os olhos para a janela e segura-se ao filho com o maior pavor de sempre.

— Clemente, meu Clemente, vês o mesmo que eu? Ouves o mesmo que eu? Ouves?

— Sim, pai.

Um exército fantasma desafia a natureza em pleno

dia. À frente do comando, Makhulu Mamba, no seu cavalo cor da lua, empunha o arco e a flecha em posição de ataque.

— Defende-me, meu filho, antes que o pior aconteça.

— É um exército numeroso, pai.

— Eles farão de mim o seu xigono, porque falhei. Serei o escravo da noite. Carregar lenha, limpar a casa quando os outros dormem, será a minha eternidade. Filho, faz alguma coisa por mim. Não vieste aqui para me ajudar?

— Vim, sim, para assistir ao seu funeral, segundo me segredaram os meus espíritos. Gostaria de deixar o destino seguir o seu curso, mas a situação me comove. Para quem vive no sobrenatural, terá de sobrenatural a morte e a eternidade. Ser xigono é o seu destino, pai, mas vou interceder por si para evitar o terrível fim.

David olha de novo para a janela e fica petrificado. Makhulu Mamba agora empunha a flecha em posição de morte, enquanto os tambores rufam cada vez mais alto, saudando antecipadamente a recepção do novo membro do exército das sombras. Clemente larga o pai que cai sobre o solo como um fardo. Mete a mão no bolso. No exacto momento em que a flecha está a uns centímetros do alvo, esta quebra-se maravilhosamente, contra-atacada por uma pedra, a mesma pedra de Wussapa que os salvou da morte na noite de Domezulu. O exército de Makhulu Mamba dispersa porque descobre que o alvo é invulnerável.

Clemente ajoelha-se e ampara o pai que se baba. Leva-o nos seus braços, para a cama. Sob o olhar sereno da mãe, Clemente faz os possíveis para reanimar aquele corpo atormentado.

David agarra-se desesperadamente ao filho e solta o último suspiro.

Venci.

Venci os leões.

Julguei que a terra era minha.

Mas não venci a mim mesmo. Não venci os meus leões interiores que me devoravam a consciência. Todo o vencedor é vencido pelos seus crimes. A terra jamais será propriedade humana.

XLVII

Morreu de medo, num estado de absoluta loucura, explica Clemente a Suzy.

— A sociedade devia celebrar, porque em breve vai enterrar um cão.

— Estás ainda com raiva, doce irmãzinha. Tudo o que o pai fez, fê-lo para melhorar a vida. E fê-lo por nós. Que culpa teve ele de se cruzar com o diabo no caminho?

— Admiro-te, irmão. Tens uma capacidade de perdoar que eu não terei nunca.

— Perdoá-lo-ás com o tempo. Amaste-o loucamente como pai e como homem, desde a mais tenra infância. Nas suas crenças e extravagâncias apenas cumpria a sua senda.

A wu dlhawi kule, u dlhawa kola, xivanza nyongueni: o que te mata não está longe, está aqui, perto de ti (só te trai em quem confias).

Assimilado: Estatuto dos indígenas fiéis ao regime durante o colonialismo português.

Bantu: povo.

Candomblé: culto dos negros yonuba — Brasil.

Canhi: fruto do canhoeiro.

Canhoeiro: árvore do canho (árvore sagrada).

Changane: grupo étnico do Sul de Moçambique.

Chima: papas grossas de milho.

Chope: tribo do Sul de Moçambique.

Cobra mamba: cobra negra venenosa.

Halacavuma: pangolim.

Hamba kufuma: ovelha oferecida na cerimónia da coroação.

Kufemba: diagnóstico e expulsão dos maus espíritos.

Kuyambala mavala, kuveleka wukossi: vestir é cor, fantasia, ter filhos, é riqueza.

Lobolo: preço da noiva.

Macate: pão de milho.

Mafurreira: árvore de mafurra.
Magona: cabaças com unguentos espíritos.
Mambo: rei, Deus.
Mhamba: sacrifício.
Mandiqui: tremores de transe.
Mapira: sorgo.
Matapa: folhas de mandioqueira.
Maticado (de maticar): cimentado.
Monhé: indiano.
Mpfukwa: espírito ressuscitado.
Msaho: festival.
Munhandzi: óleo extraído da mafurra.
Mutundo: baú de curandeiro.
Ncanhi: canhoeiro.
Ndau: grupo étnico do centro de Moçambique.
Ndawuwe: obrigado.
Ndingue: grande.
Ndomba: palhota sagrada, templo.
Ngalanga: tipo de dança.
Nguni: grupo étnico.
Nhancuave: noviça.
Nhangarume: espírito ervanário.
Ntumbuco: Ntumbunuco; natureza.
Nyamayavu: carne para manjares de feiticeiros.
Pfukar: ressuscitar.
Quimbanda: culto bantu.
Shaka: nome de rei zulu.
Soruma: cannabis.
Tsonga: etnia do Sul de Moçambique.
Xigono: fantasma.
Xihuhuro: vento em remoinho.
Xingombela: tipo de dança dos namorados.
Zulu: grupo étnico.